

Julho 2021

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

---

# O Poder Decisório e Participativo dos Pais na Escola: um estudo de caso

---

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI  
PARA A OBTENÇÃO DE  
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

**DE**

Ana Rita Moreira da Cunha

**ORIENTAÇÃO**

Professora Doutora Maria Ivone Couto Monforte das Neves



PAULA  
FRASSINETTI



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

# **O Poder Decisório e Participativo dos Pais na Escola: um estudo de caso**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação  
de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de mestre em  
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ana Rita Moreira da Cunha

Porto

2021



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

# **O Poder Decisório e Participativo dos Pais na Escola: um estudo de caso**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Ana Rita Moreira da Cunha

Sob orientação de Professora Doutora Maria Ivone Couto Monforte das Neves

Porto

2021



## Agradecimentos

Ao longo deste percurso, repleto de altos e baixos, não podia deixar de dar o meu agradecimento às pessoas que marcaram e ainda marcam a minha vida.

Talvez comece pelos meus pais, que fizeram os possíveis para que eu pudesse ingressar na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e terminasse este meu caminho. Depois, obviamente, tenho a agradecer às minhas irmãs por estarem sempre do meu lado e me acompanharem nas noites mal dormidas.

Quando entrei para a Escola, efetivamente, tive pessoas que estiveram do meu lado em todos os momentos e, por isso, em primeiro lugar, quero agradecer à minha madrinha e irmã de praxe, *Marta Sampaio* e *Diana Miranda*, que nunca me deixaram desamparada e sempre estiveram comigo, para o bem e para o mal.

Seguidamente, quero agradecer à minha tuna, à *Educatuna*, por todos os momentos que me proporcionaram e por todas as amizades criadas. Agradeço, do fundo do coração, a todas as pessoas que acreditaram em mim e me deram, acima de tudo, muitas alegrias.

E falando de surpresas... Este ano, a pandemia roubou, em grande parte, as pessoas, os momentos, no entanto acredito que foi um ano de mudança na minha vida. Aprofundei amizades e quero, neste caso em específico, agradecer à minha *Jéssica Queirós*, à minha amiga, à minha companheira, à minha parceira. Sabes que és e sempre serás um pilar na minha vida. Obrigada pelas nossas conversas pela noite fora, por todo o apoio e dedicação.

Continuando neste âmbito, não podia deixar de referir os meus 25 meninos, do 1º CEB, que tanto significaram para mim. Com eles cresci, com eles aprendi, com eles ri e com eles chorei. Não podia estar mais grata por me ter cruzado com eles na minha caminhada. Além disso, claramente, sinto uma enorme gratidão pela minha querida professora cooperante, *Bianca Almeida*. A ela devo muito, foi e é um exemplo a seguir, ensinou-me tanto, mas tanto. Obrigada por todas as oportunidades que me deu e me dá, é uma inspiração e uma força. Aliado a este percurso quero realçar o professor *João Gouveia*, o meu supervisor, que tantas dores de cabeça me deu, mas acima de tudo ensinou-me muita coisa e sempre esteve disposto a ajudar e a partilhar os seus saberes, contribuindo para um crescimento pessoal e profissional.



No contexto profissional, quero deixar o meu obrigado às minhas companheiras de trabalho que me aturam dia após dia e me ouvem e apoiam incondicionalmente. Obrigada, *Ana Pacheco* e *Sofia Magalhães*.

Por fim, e sempre em primeiro lugar, o meu enorme obrigada à professora *Ivone Neves*, por me ter acompanhado ao longo destes dois anos, sendo minha orientadora de relatório. Tenho a noção de que, imensas vezes, liguei o “complicómetro”, porém estive sempre do meu lado e me ajudou. Obrigada pela dedicação, pela exigência e por acreditar que eu era capaz. Fico grata por todos os ensinamentos que me deu. Este percurso fez muito sentido, ao seu lado.

Findo assim o meu percurso e agradeço a todos os que se cruzaram no meu caminho!



## Resumo

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB, inserido no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Neste sentido, esta investigação designa-se “O Poder Decisório e Participativo dos Pais na Escola: um estudo de caso”.

Assim, este estudo decorreu numa instituição de 1º CEB, de cariz particular, situada no distrito do Porto. Este teve como questão de partida base perceber a importância do poder decisório dos pais na escola. Para isso, foi utilizada uma metodologia qualitativa, onde se recorreu à análise documental, à entrevista e ao inquérito por questionário. Desta maneira, entrevistaram diversos sujeitos participativos, sendo eles: o presidente da CONFAP, a diretora da instituição, a professora cooperante e o Representante de Pais da turma onde se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB.

Neste sentido, foi possível concluir que, grande parte dos Encarregados de Educação [EE] refere possuir poder de decisão. No entanto, estes confundem o poder de decisão com o poder de participação, uma vez que, a grande maioria dos EE afirmam que a escola ouve as suas opiniões e que podem influenciar as decisões. Além disto, é possível constatar que, alguns EE referem o poder de decisão através do Representante de Pais, do contacto com a direção e professores. Dado que, esta última percentagem de EE é reduzida, foi possível verificar que, efetivamente, os pais não possuem poder de decisão na escola, mas sim espaço de participação para manifestar as suas opiniões. No que concerne aos benefícios que advêm deste tipo de participação é possível constatar que, os sujeitos participativos conseguem encontrar essas vantagens, sendo elas tanto para a Comunidade Educativa, como para os alunos. Desta forma, destacam-se a garantia dos direitos dos alunos, tanto na sua aprendizagem como na adequação do ensino e uma melhoria do envolvimento das famílias com a escola.

**Palavras-Chave:** Relação Escola-Famílias-Comunidade; Envolvimento parental; Poder decisório dos Pais



## Abstract

This internship report was developed in the context of the Supervised Teaching Practice in Primary School, part of the Master's Degree in Pre-school Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education of the Escola de Educação Paula Frassinetti. In this sense, this research is called "The Decision Making and Participatory Power of Parents at School: a case study".

Thus, this study took place in a private institution of 1st CBE, located in the district of Porto. The basic question was to understand the importance of parents' decision-making power at school. To this end, a qualitative methodology was used, using document analysis, interview and questionnaire survey. In this manner, several participatory subjects were involved, including the president of CONFAP, the director of the institution, the cooperating teacher and the Parents' Representative of the class where the Supervised Teaching Practice in 1st cycle of basic education was developed.

In this sense, it was possible to conclude that a large part of the Parents and Guardians (PG) report having decision-making power. However, they confuse the power of decision with the power of participation, since the great majority of the PG claim that the school listens to their opinions and that they can influence the decisions. In addition, it is possible to note that some of the PG refer to the power of decision through the Parent Representative, the contact with the direction and teachers. Since this last percentage of the PG is small, it was possible to verify that, in fact, parents do not have decision-making power in the school, but they do have a space for participation to express their opinions. Regarding the benefits that arise from this type of participation, it is possible to see that participatory subjects manage to find these advantages, both for the educational community and for the students. In this way, we highlight the guarantee of the rights of students, both in their learning and in the adequacy of teaching, and an improvement in the involvement of families with the school.

**Keywords:** School-Families-Community Relationship; Parental Involvement; Parental Decision-making Power



## Índice

Índice de Tabelas .....	ix
Índice de Gráficos.....	x
Lista de Acrónimos e Siglas .....	xi
<b>PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>1</b>
Capítulo I: Relação Escola-Famílias-Comunidade.....	1
1. Importância da tríade: Relação Escola-Famílias-Comunidade.....	1
2. Enquadramento Legal .....	4
3. Papel da Escola .....	6
4. Papel das Famílias .....	8
5. Papel da Comunidade .....	11
6. Papel da Criança .....	13
Capítulo II: O papel decisório e participativo dos EE.....	16
1. Vantagens na Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	16
2. Obstáculos na Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	18
3. Participação Parental.....	21
4. Estratégias de Envolvimento Parental .....	24
5. Órgãos de gestão da Escola e as suas funções .....	27
6. Papel das Associações de Pais .....	30
7. A decisão dos Pais na Escola .....	32
<b>PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>35</b>
Capítulo III: Apresentação dos dados.....	35
1. Outros estudos desenvolvidos no âmbito da temática .....	35
2. Caracterização do Projeto de Investigação .....	37
3. Estudo de Caso.....	37
4. Problemática .....	38
5. Objetivos e Pergunta de Partida.....	38



6. Preocupações éticas .....	39
7. Contexto da Investigação .....	39
7.1 Caracterização do Contexto .....	39
7.2 Caracterização dos Sujeitos.....	40
8. Metodologia de Investigação .....	41
9. Instrumentos e técnicas de investigação .....	42
9.1. Análise Documental .....	42
9.2. Entrevista.....	43
9.3 Inquérito por questionário .....	45
Capítulo IV: Análise e discussão dos dados .....	47
1. Análise dos dados da entrevista ao presidente da CONFAP .....	47
1.1. Perceção sobre as Associações de Pais .....	49
1.2. Poder de decisão dos Pais na Escola .....	50
1.3. Estreitar a relação Escola-Famílias-Comunidade .....	51
1.4. Síntese .....	52
2. Análise dos dados da entrevista à diretora da instituição .....	52
2.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	54
2.2. Perceção sobre as Associações de Pais .....	55
2.3. Poder de decisão dos Pais na instituição .....	56
2.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola.....	56
2.5. Síntese .....	57
3. Análise dos dados da entrevista à professora cooperante .....	58
3.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	59
3.2. Representante de Pais.....	61
3.3. Poder de decisão dos Pais na instituição .....	61
3.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola.....	62
3.5. Síntese .....	62



4. Análise dos dados da entrevista ao Representante de Pais .....	63
4.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	64
4.2. Representante de Pais.....	65
4.3. Poder de decisão dos Pais na instituição .....	66
4.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola.....	66
4.5. Síntese .....	67
5. Análise dos dados dos inquéritos por questionário aos EE .....	68
5.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade .....	71
5.2. Papel dos EE na Instituição.....	71
5.3. Importância da Associação de Pais na instituição.....	73
5.4. Poder de decisão das famílias na instituição .....	73
5.5. Benefícios do poder de decisão para as famílias.....	74
5.6. Síntese .....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	81
APÊNDICES .....	I

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Tipologias de envolvimento parental (Adaptado Simões, 2013) .....	23
Apêndice 7- Tabela 2: Dimensões de análise à entrevista do presidente da CONFAP .....	XXXVII
Apêndice 9 - Tabela 3: Dimensões de análise da entrevista à diretora da Instituição... LII	
Apêndice 11 - Tabela 4: Dimensões de análise da entrevista à Professora Cooperante .....	LXVI
Apêndice 13 - Tabela 5: Dimensões de análise da entrevista ao Representante de Pais .....	XCII
Apêndice 27 - Tabela 6: Dimensões de análise do Inquérito por Questionário aos EE .....	CII



## Índice de Gráficos

Gráfico 1: Habilitações Literárias dos inquiridos.....	40
Gráfico 2: Atividade Profissional dos inquiridos .....	41
Apêndice 14 - Gráfico 3: Género dos inquiridos.....	XCVII
Apêndice 15 - Gráfico 4: Idade dos inquiridos .....	XCVII
Apêndice 16 - Gráfico 5: Grau de parentesco em relação ao aluno .....	XCVII
Apêndice 17 - Gráfico 6: Existência de vantagens no envolvimento parental .....	XCVIII
Apêndice 18 - Gráfico 7: Existência de um papel ativo dos EE na instituição .....	XCVIII
Apêndice 19 - Gráfico 8: Promoção da participação das famílias na instituição ...	XCVIII
Apêndice 20 - Gráfico 9: Frequência da participação das famílias na instituição ....	XCIX
Apêndice 21 - Gráfico 10: Atividades em que os EE participam.....	XCIX
Apêndice 22 - Gráfico 11: Existência de constrangimentos na relação Escola-Famílias .....	XCIX
Apêndice 23 - Gráfico 12: Importância da eleição de um Representante de Pais na escola .....	C
Apêndice 24 - Gráfico 13: Existência de uma AP na instituição .....	C
Apêndice 25 - Gráfico 14: Existência de poder de decisão na instituição .....	C
Apêndice 26 - Gráfico 15: Existência de benefícios na tomada de decisão dos pais na escola .....	CI



## **Lista de Acrónimos e Siglas**

- AP - Associação de Pais
- CEB - Ciclo do Ensino Básico
- CONFAP - Confederação Nacional das Associações de Pais
- Dec.- lei – Decreto-lei
- DGE - Direção-Geral da Educação
- EE - Encarregados de Educação
- Instituição X - Instituição onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB
- MEC - Ministério da Educação e Ciência
- PAA - Plano Anual de Atividades
- PE - Projeto Educativo
- RI - Regulamento Interno
- RP – Representante de Pais
- Turma Y- Turma onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB



# PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## Capítulo I: Relação Escola-Famílias-Comunidade

No presente capítulo, denominado Relação Escola-Famílias-Comunidade, irá ser abordado a importância da tríade enunciada, bem como o enquadramento legal, no que concerne à participação e envolvimento dos EE no contexto educativo. Para além disto, ainda vai ser exposto o papel da escola, das famílias, da comunidade e também da criança, nesta mesma relação. É de ressaltar que, a articulação entre a escola e as famílias é uma realidade que muitos estudiosos e educadores reconhecem como “(...) imprescindível, pese embora as dificuldades em concretizá-la, tendo em vista o êxito do percurso educativo das crianças, dos adolescentes e dos jovens (...)” (Nunes, 2004, p. 25).

### 1. Importância da tríade: Relação Escola-Famílias-Comunidade

De modo a iniciar o enquadramento teórico desta investigação é importante compreender, em primeiro plano, em que consiste a relação Escola-Famílias-Comunidade, bem como a sua importância para todos os intervenientes.

Efetivamente, o debate sobre a relação Escola-Famílias-Comunidade tem sido alvo de vários estudos, ao longo do tempo. No entanto, durante diversos anos, a escola constituiu-se como um espaço isolado e posto de parte face à comunidade, uma vez que só competia a esta a função de instruir alunos, tornando-se uma “(...) sociedade dentro da sociedade geral.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 146). Assim, a relação existente entre a escola e a comunidade revelou-se com um registo negativo. Por outro lado, a escola e as famílias, compartilham funções sociais e educacionais, na medida em que contribuem, ativamente, para a formação de cidadãos responsáveis pela transmissão e construção de conhecimentos (Bastos & Neves, 2019). Parece claro que, estes contextos devem ser aliados e parceiros imprescindíveis, compondo uma equipa que se rege pelas mesmas normas e princípios estabelecidos, de modo que caminhem na mesma direção, atingindo os objetivos propostos: o sucesso escolar e social das crianças e jovens (Loureiro, 2017). Assim sendo, conclui-se que, uma das muitas vantagens que tem sido salientada assenta nesta ideia, de que a relação existente entre a escola e as famílias favorece um melhor aproveitamento e sucesso escolar dos alunos (Loureiro, 2017).

Ainda relativamente à relação estabelecida entre a escola e as famílias, os pais são os primeiros educadores da criança e, no decorrer da sua escolaridade, são os principais



responsáveis, tanto pela educação como pelo bem-estar da mesma. Por outro lado, os professores são “(...) parceiros insubstituíveis na assunção dessa responsabilidade.” (Marques, 2001, p. 12), e, como tal, devem “(...) unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um mesmo bem comum para os alunos.” (Marques, 2001, p.12). Do mesmo modo, o desenvolvimento da criança está muito condicionado por estes dois contextos em que cresce e se desenvolve. Assim, é essencial a cooperação entre as famílias e a escola, no sentido de trabalharem para um relacionamento recíproco, de forma a produzirem melhores contextos de aprendizagem para os jovens (Diogo, 1998).

Com efeito, um dos aspetos a ter em conta no que se refere a esta tríade é a noção de que, a sociedade revela heterogeneidade, de uma forma global (Carneiro et al., 2019). Considera-se, por isso, que se está perante uma sociedade multicultural “(...) composta por pessoas de diferentes religiões e crenças, níveis socioeconômicos díspares e regimes políticos diversos.” (Carneiro et al., 2019, p.8). Neste sentido, num estudo realizado em três escolas portuguesas concluiu-se que, no que respeita ao envolvimento parental nos diferentes grupos sociais, esta participação é desigual, mostrando que o envolvimento dos pais depende da posição social destes, registando-se “(...) maior alheamento das famílias com menores recursos culturais e económicos.” (Marques, 1988, p.10). Ainda assim, corroborando com as conclusões acima apresentadas, todos os alunos e pais são iguais perante a escola, sendo que a realidade contraria esta conclusão (Silva, 2003). Há, portanto, a necessidade de realizar uma prática educativa que seja diferenciadora e multicultural, contemplando soluções para o insucesso escolar e que combata as desigualdades socioculturais existentes, “(...) porque a escola tem o dever de findar com ações de discriminação e promover uma cidadania abrangente e igualitária (...)” (Carneiro et al., 2019, p. 10).

Além disto, é essencial que os professores estejam conscientes de que, nas suas salas, têm alunos que não aprendem todos do mesmo modo, que não vivem na mesma realidade familiar, cultural e económica e, neste âmbito, devem “(...) intervir de forma a garantir as condições essenciais ao sucesso educativo de cada um deles e assegurar a integração dos mesmos.” (Carneiro et al., 2019, p. 8). Nesse sentido, para que a relação entre a escola e as famílias seja uma ligação efetiva, é fundamental que a escola crie oportunidades que permitam a participação das famílias, possibilitando o seu envolvimento nas atividades. Em contrapartida, as famílias deverão adotar uma postura de disponibilidade, para que esta relação seja mantida (Loureiro, 2017).



A respeito da relação Escola-Famílias, importa refletir sobre os conceitos de pai-professor e o professor-pai (Silva, 2006b). Na ótica deste autor, os pais-professores são entendidos como sendo “(...) dirigentes associativos dos pais em contexto escolar (líderes de associações de pais, por exemplo) ou representantes parentais em órgãos das escolas ou outros e que acontece desempenharem a profissão docente.” (Silva, 2006b, p. 270). Por outro lado, os professores-pais são aqueles docentes que são pais, mas que não são “(...) dirigentes associativos ou representantes dos pais em contexto escolar.” (Silva, 2006b, p. 270). Ainda sobre o mesmo autor, este apresenta duas dimensões: a individual e a coletiva, sendo que a dimensão de atuação individual dos pais é vista, por muitos especialistas, como representando já um envolvimento, uma vez que esta corresponde à defesa dos interesses particulares dos educandos e pode ocorrer tanto em casa como na escola. Pelo contrário, a dimensão coletiva é associada ao conceito de participação, pois corresponde a situações onde se defende os interesses gerais através da liderança de uma associação de pais, por exemplo, ou até mesmo da representação do conjunto dos pais num órgão da escola (Silva, 2006b).

Num olhar sobre a comunidade é importante salientar o papel que a mesma desempenha na relação que envolve a escola e as famílias. Assim, são diversos os estudos realizados tanto em Portugal como no resto do mundo, que demonstram que uma colaboração entre a escola, as famílias e a comunidade acarreta várias vantagens (Villas-Boas, 2009). Contudo, apesar da legislação em vigor incentivar o envolvimento parental e da temática ser já, em diversas circunstâncias, discutida na formação contínua de professores, as dificuldades prevalecem. Além disso, considera-se que, os docentes são o elemento-chave para o desenvolvimento da tríade referida, tendo que existir uma formação inicial de professores que prepare os mesmos para colaborar com outras instituições e que modifiquem as suas atitudes perante o envolvimento parental (Villas-Boas, 2009).

Em suma, a ação participativa dos pais e dos professores depende, na sua maioria, da relação que existe entre estes (Picanço, 2012). Assim, o envolvimento de todos os intervenientes deverá favorecer uma reflexão sobre os diversos aspetos tanto pedagógicos como psicológicos dos educandos, com a finalidade de melhorar o desempenho escolar dos mesmos (Picanço, 2012).



## 2. Enquadramento Legal

Quando se refere a relação Escola-Famílias-Comunidade é inevitável perceber a evolução que existiu ao nível do enquadramento legal, para se compreender, nos diversos documentos, as funções que as famílias desempenham.

Assim, surge um Decreto-Lei [Dec.- lei] que afirma que os conselhos, tanto de ano como de turma, reúnem-se para tratar de questões de cariz disciplinar, sendo os mesmos presididos pelo presidente do Conselho Pedagógico que engloba dois representantes dos alunos e ainda, um representante dos Encarregados de Educação, contudo este último possui um voto não deliberativo (Dec.- lei n.º 769-A/76). Não obstante, os pais são ouvidos e têm uma presença nos conselhos (Dec.- lei n.º 769-A/76). Para além disso, é referido que o Conselho Diretivo das escolas “(...) manterá estreitos contactos de cooperação com as associações de estudantes e de encarregados de educação.” (Dec.- lei n.º 769-A/76).

Neste seguimento, a Lei de Bases do Sistema Educativo, de 14 de outubro de 1986, “(...) estabelece o quadro geral do sistema educativo” (Lei n.º 46/86), compreendendo diversas valências sendo elas a Educação Pré-Escolar, a Educação Escolar e a Educação Extraescolar. No que se refere à relação escola-famílias na Educação Pré-Escolar, esta complementa a ação educativa da família, estabelecendo-se uma relação de cooperação. Ainda assim, a valência acima mencionada não é de carácter obrigatório, sendo facultativa, cabendo à família um papel essencial neste processo de Educação Pré-Escolar. Na Educação Escolar, mais concretamente no Ensino Básico, esta é universal, de carácter obrigatório e gratuito com uma duração de nove anos, sendo que um dos objetivos do Ensino Básico é “Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;” (Lei n.º 46/86).

Posteriormente, o Dec.- lei n.º 372/90 afirma que “A Lei n.º 7/77, de 1 de fevereiro, bem como a legislação que se lhe seguiu, constitui um marco em matéria de regulamentação da atividade das associações de pais e encarregados de educação.” (Dec.- lei n.º 372/90). Deste modo, as Associações de Pais, visam defender e promover os interesses dos associados, no que respeita à educação e ao ensino dos educandos, quer sejam alunos da Educação Pré-Escolar, Ensino Básico ou Secundário, público, particular ou cooperativo (Dec.- lei n.º 372/90). Assim, e segundo o artigo 3º do mesmo Dec.- lei, os pais e os Encarregados de Educação têm o direito de “(...) constituir livremente



associações de pais ou de se integrarem em associações já constituídas, de acordo com os princípios de liberdade de associação.” (Dec.- lei n.º 372/90).

Mais tarde, surge outro documento legislativo que converge com o Dec.- lei anterior e da Lei de Bases do Sistema Educativo, onde é reconhecido o direito dos pais e alunos participarem na vida da escola (Dec.- lei n.º 115-A/98). Assim sendo, este direito dos pais concretiza-se através “(...) da organização e da colaboração em iniciativas visando a promoção da melhoria da qualidade e da humanização das escolas, em ações motivadoras de aprendizagens e da assiduidade dos alunos em projetos de desenvolvimento socioeducativo da escola.” (Dec.- lei n.º 115-A/98).

Em seguida, é sublinhada a importância da participação de todos os intervenientes no processo educativo, nomeadamente “(...) dos professores, dos alunos, das famílias, das autarquias e de entidades representativas das atividades e instituições económicas, sociais, culturais e científicas, tendo em conta as características específicas dos vários níveis e tipologias de educação e de ensino;” (Dec.- lei n.º 75/2008).

Para finalizar, sucede um documento legislativo, que veio aprovar o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres dos alunos do Ensino Básico e Secundário, mas também o compromisso dos pais/Encarregados de Educação e dos membros da comunidade educativa na sua educação e formação (Lei n.º 51/2012). No que concerne aos pais/Encarregados de Educação, a estes é incumbida a responsabilidade de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos e também de promoverem o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos. Ainda assim, cabe a estes a responsabilidade pelos deveres dos seus filhos, em especial no que diz respeito à assiduidade, pontualidade e disciplina (Lei n.º 51/2012).

Em suma, pode-se considerar a participação dos pais e Encarregados de Educação na legislação como uma evolução ao longo dos tempos, tendo estes uma maior presença. Assim, de seguida, irá ser abordado o papel das famílias, das próprias escolas, da comunidade e da criança no processo de envolvimento parental.



### 3. Papel da Escola

Na relação Escola-Famílias intervêm diversos atores sociais, que estão envolvidos no processo educativo. Assim, irá ser, em primeiro lugar, abordado o papel que as escolas têm nesta relação.

Realmente, são diversas as perspetivas apresentadas por diferentes investigadores sobre esta temática, porém todas elas se complementam. Sendo assim, as escolas “(...) são sistemas sociais, locais onde os indivíduos agem de modos mais o menos interdependentes e predizíveis (...) Estes sistemas sociais são dotados de histórias e de culturas.” (C. Carvalho et al., 2006, p. 41). Além disto, a escola tem como missão “(...) ser verdadeiro laboratório de cidadania e de participação responsável, contribuindo para criar homens e mulheres coautores da sua própria aprendizagem.” (Pereira, 2011, p.70). Do ponto de vista de outro autor, a escola é “(...) (sempre) um lugar de construção social, de auto-organização e de autoconhecimento, de mobilização, de reconstrução e recontextualização reflexiva, onde se gera ressonância positiva, se produzem dinâmicas transformacionais.” (Elias, 2016, p. 66). Neste âmbito, a educação para a cidadania “(...) não é responsabilidade exclusiva dos contextos escolares, mas de toda a sociedade e, como tal, deve ser partilhada por vários agentes e instituições.” (Sanches, 2012, p. 28).

Na mesma linha de pensamento, a vertente escola “(...) inclui todas as atividades levadas a cabo na escola, individuais ou coletivas, por iniciativa dos professores, dos pais ou dos alunos.” (Silva, 2002, p. 98). Estas iniciativas são, por exemplo, uma reunião do docente com os pais, ou uma reunião do docente com o pai de um aluno. Ainda assim, existem atividades que constituem a relação Escola-Famílias que são mais visíveis como, por exemplo, a participação dos Encarregados de Educação nos órgãos da escola ou na Associação de Pais (Silva, 2002).

De um ponto de vista mais atual, a escola tem vindo a ser chamada a renovar as suas interações com a sociedade, que “(...) se pretende educativa e educadora.” (Loureiro, 2017, p.3). Assim, procura-se que a escola seja um local de aprendizagem mais próxima dos contextos reais de cada aluno, para que se possa proporcionar mais oportunidades e possibilidades socioeducativas e para que os mesmos compreendam qual é o seu lugar no mundo, a sua ação cívica, bem como a sua participação enquanto cidadãos (Loureiro, 2017).



Neste seguimento, entende-se que a escola e os professores enfrentam desafios audazes, que passam, designadamente, por tornar a escola

(...) um lugar mais atraente para os alunos, e simultaneamente, fornecer-lhes ferramentas para desenvolver a autonomia e a responsabilidade pela exigência, estimular o rigor intelectual e o espírito crítico, promover a qualidade das relações interpessoais e a vontade de uma participação cívica ativa, comprometida e positiva (Pereira, 2011, p. 71).

Complementando esta perspetiva, uma das responsabilidades que é incumbida à escola perante as famílias é a de estabelecer uma comunicação “(...) em áreas como a progressão da aprendizagem e os currículos, pelo que as obrigações básicas da escola se reportam às redes, aos meios e processos de comunicação utilizados para o efeito.” (Diogo, 1998, p. 138). Para isso, este órgão deve adotar um modelo mais aberto, de forma a aceitar novos desafios e conflitos, como forma de mudança e progresso (Sousa & Sarmiento, 2010). Neste sentido, compete-lhe “(...) incentivar e promover esse envolvimento, estabelecendo canais diversificados de comunicação e colaboração que funcionem em regime permanente de confiança mútua e, através de estratégias adequadas e significativas para as famílias (...)” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 147). Deste modo, irão ser desenvolvidas relações positivas entre estes dois intervenientes aos quais compete a formação das crianças e jovens, bem como a responsabilidade na educação (Sousa & Sarmiento, 2010).

Em suma, a escola, como um microssistema da sociedade, não reflete apenas as transformações atuais, mas também lida com diferentes pedidos de um mundo globalizado (Dessen & Polonia, 2007). Por isso, surge a necessidade das escolas “(...) promoverem aprendizagens significativas e culturalmente pertinentes, entender a diversidade dos alunos como uma condição e não como um problema e, finalmente, entender as escolas como espaços capazes de promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos (...)” (Neves, 2016, p.19).



## 4. Papel das Famílias

Como foi anteriormente mencionado, a relação entre a escola e as famílias refere-se a vários intervenientes e, neste tópico, irá ser abordado mais um deles. Assim sendo, é indispensável falar do papel das famílias neste envolvimento.

Por isso, o termo da relação Escola-Famílias engloba todo o tipo de interações e de indivíduos que integram neste campo (Silva, 2002). No que se refere aos atores que interagem nesta relação, o mesmo autor remete para o conceito de família, pois não inclui apenas os pais, mas também os irmãos, os avós, ou outros parentes que sejam membros da família com um papel presente na escola, bem como com a própria criança (Silva, 2002). Além disto, o mundo em que se vive caracteriza-se por atravessar momentos de mudança, que criam novos cenários sociais, que levam a alterações na estrutura, na organização das famílias, bem como nas expectativas e nos papéis que os membros da mesma desempenham (Loureiro, 2017).

Neste âmbito, o conceito de família foi sofrendo algumas alterações e, desta forma, pode-se distinguir vários tipos de famílias. Neste seguimento, pode-se identificar em quase todas as sociedades uma família nuclear, que é constituída por dois adultos a viverem juntos no mesmo agregado doméstico com os filhos (Giddens, 2009). Ou seja, apresenta uma estrutura triangular: pai, mãe e filhos (Leandro, 2001), onde os dois adultos são de géneros diferentes (M. O. Dias, 2011). Este tipo de família para muitos já não é um modelo de referência, embora continue presente (M. O. Dias, 2011).

Por outro lado, existem outras formas de organização familiar, como é o exemplo da homoparentalidade, por isso muitos casais homossexuais têm optado por serem mães e pais “(...) num contexto de identidades não heterossexuais já estabelecidas (...)” (Gato, 2015, p. 80). Ou seja, estas famílias são constituídas por dois indivíduos do mesmo género, com filhos ou não (M. O. Dias, 2011).

Ainda assim, pode-se constatar outro tipo de família, a família monoparental. Esta é considerada uma família nuclear com uma estrutura bipolar, quer no caso do divórcio ou separação, quer no caso de mãe solteira (Leandro, 2011).

Seguidamente, apresenta-se a família recomposta que é constituída por laços conjugais após um divórcio ou separação, onde é frequente existir filhos de casamentos ou ligações diferentes (M. O. Dias, 2011).



Nesta linha, emergem as famílias adotivas que aparecem quando há “(...) a existência de paradoxos como ruptura e vínculo, luto e investimento libidinal.” (Machado et al., 2015, pp. 443-444). Esta modalidade só é possível, quando acontece uma descontinuidade com a família biológica da criança. Neste caso, os pais adotivos assumem um papel fundamental na reconstrução da identidade desta, pois é importante a construção simbólica da sua história de vida e das descontinuidades dadas pela família adotiva (Machado et al., 2015).

Por último, é apresentado uma definição de família de acolhimento, sendo esta vista como famílias que, por um período de tempo, prestam cuidados a uma criança que, não têm nenhuma função específica, no que se refere à família biológica, a não ser para manter contacto com esta, sempre que necessário (Martins, 2005). Estas funções tanto podem ser exercidas por membros da família como por desconhecidos, através de um processo supervisionado (Martins, 2005).

Porém, o conceito de família vai mais além da sua própria tipologia. E, por isso, é encarado como um espaço educativo por excelência, um núcleo para o desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo das crianças (Diogo, 1998). Ou seja, a família revela-se “(...) um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado.” (Diogo, 1998, p.37). Deste modo, a família apresenta-se como “(...) a matriz da aprendizagem humana, repleta de significados e práticas culturais singulares, geradoras de modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.” (Loureiro, 2017, p. 2).

Outra perspetiva que corrobora com as referidas anteriormente é a de que a família é definida como sendo “(...) um grupo, mais ou menos nuclear, de indivíduos unidos por laços habitualmente de sangue, constituindo-se como o primeiro contexto onde a criança constrói as suas primeiras experiências de interação, isto é, onde a criança desenvolve a sua socialização primária.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p.145). E, por isso, a família é também vista como a primeira instituição social que procura assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros, incluindo a criança (Dessen & Polonia, 2007). Portanto, esta tem um impacto significativo e uma forte influência, no que concerne ao comportamento das crianças que aprendem diferentes formas de existir, de observar o mundo que a rodeia e de construir relações sociais (Dessen & Polonia, 2007).



No que se refere ao papel das famílias, muitas vezes, o insucesso escolar dos alunos não se apresenta apenas como um problema social, mas também como um problema cultural, pois a família, “(...) de algum modo, não incute na criança a valorização da escola e o necessário interesse pelo estudo.” (Villas-Boas, 2002, p. 59). Não obstante, aos pais enquanto colaboradores e/ou parceiros é lhes atribuído o direito de atuarem ao nível do processo educativo escolar, através “(...) da negociação implícita ou explícita entre os diversos actores em cena, que tende a definir os parâmetros e as regras (...) de interação (...)” (Silva, 2003, p. 56). Este envolvimento pode ser feito individualmente ou com foco na intervenção coletiva e com o apoio da instituição (Silva, 2003). Assim, os pais e/ou educadores são vistos como “(...) coprodutores e não como meros consumidores da educação.” (Silva, 2003, p. 57). Seguindo esta mesma linha de pensamento, os pais, enquanto família, precisam de interagir de forma contínua com a escola e esta será a única forma de se criar uma rede de comunicação com a capacidade de “(...) conferir uma vida saudável ao mundo da criança.” (Marques, 1988, p. 33).

Em síntese, o envolvimento dos pais confere-lhes poder, dá-lhes influência e permite-lhes obter um maior conhecimento das suas competências e dos seus papéis, de forma a ajudarem os seus educandos a crescer (Marques, 1988). Assim, o papel dos pais deve ser visto como sujeitos atentos, que se envolvem na vida escolar dos seus filhos (Sousa & Sarmiento, 2010).



## 5. Papel da Comunidade

Tal como se tem vindo a referir, as aprendizagens dos alunos dependem, em grande parte, das interações que se estabelecem quer na escola, nas aulas, como também com o exterior, onde a comunidade assume parte importante.

Olhar a comunidade como um ator social no âmbito da relação Escola-Famílias “(...) constitui algo raro, se não mesmo inédito.” (Silva, 2009, p. 28). Porém, ao longo do tempo, tem vindo a ser sublinhado que esta relação não se pode dissociar da interação com a comunidade (Silva, 2009). Assim, é de frisar que a criação de laços entre a escola e a comunidade local “(...) gera benefícios aos moradores e à própria comunidade escolar, para além de restabelecer a relação de respeito e confiança com a escola e promover a sua valorização junto da sociedade.” (Santos et al., 2009, p. 131).

Nesta perspetiva, quando existe um vínculo participativo entre as famílias e a escola, esta última consegue responder às necessidades tanto dos alunos como da comunidade, “(...) sendo ao mesmo tempo, uma ajuda para superar dificuldades, preconceitos e estereótipos, que estes frequentemente experienciam.” (Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades [CREA], 2017, p.7), da Universidade de Barcelona

Neste sentido, importa recordar o projeto INCLUD-ED, que decorreu entre 2006-2011, com a coordenação do CREA. Esta investigação identificou cinco tipos de participação educativas da comunidade e o impacto destas para a educação dos alunos. Sendo elas: a participação informativa, a consultiva, a decisiva, a de avaliação e a educativa.

Abordando um pouco cada uma das participações, pode-se afirmar que a participação informativa e consultiva são os tipos de participação mais comuns nas escolas. Neste sentido, as famílias são convocadas para reuniões mais informais, sendo designada uma participação informativa onde não está implicada a tomada de decisões por parte dos pais, uma vez que simplesmente lhes é transmitida uma informação que os docentes decidiram. Por outro lado, a participação consultiva ocorre através dos órgãos da escola, onde as famílias estão representadas (CREA, 2017).

No que se refere à participação decisiva, esta consiste na participação das famílias e da comunidade nos processos de tomada de decisões sobre assuntos relacionados com a escola, como por exemplo, questões sobre as atividades letivas e não letivas, projetos,



entre outros. Este tipo de participação é fundamental para a criação de aberturas, para que as famílias e também a comunidade se expressem, debatam ideias e cheguem a consensos, ouvindo as diferentes opiniões (CREA, 2017).

A participação de avaliação envolve as famílias e os membros da comunidade na avaliação dos processos educativos dos alunos, como questões do currículo, mas também de aprendizagem e da escola. Estas avaliações permitem “(...) a otimização diária das ações, que são realizadas nas aulas e na escola.” (CREA, 2017, p. 5).

Por último, a participação educativa, visa que as famílias e a comunidade educativa participem no processo de aprendizagem dos alunos tanto em aulas, como em atividades fora do horário letivo, bem como na sua formação. Neste tipo de participação é possível angariar mais recursos humanos que sirvam para apoiar a aprendizagem dos alunos, proporcionando ações inclusivas que contribuem, efetivamente, para um melhor rendimento e convivência escolar (CREA, 2017).

Em suma, a participação decisiva, avaliativa e educativa têm um grande impacto na aprendizagem e nos resultados dos alunos, já que estes aprendem em espaços diversificados e através de diferentes interações. Assim, a participação das famílias e da comunidade na organização da escola e até mesmo nos processos educativos melhora a relação entre estes três agentes. Ainda assim, são fortalecidas relações de solidariedade, cumplicidade e amizade que irão beneficiar os alunos, as respetivas famílias e a comunidade (CREA, 2017).

A este propósito, alguns autores propõem três áreas de boas práticas para envolver os pais e a comunidade na escola (Santos et al., 2009). Assim sendo, destacam-se, em primeira instância, o desenvolvimento do marketing da escola através, por exemplo, da criação de um Website para a escola, ou de outros instrumentos que esta considere serem apropriados (Santos et al., 2009). De seguida, é feita uma alusão ao encorajamento da utilização de diversas estruturas da escola pela comunidade fora dos horários escolares, constituindo uma boa prática para a gestão de recursos, mas também uma ótima forma de criar oportunidades de interações entre a escola e a comunidade (Santos et al., 2009). Por último, a criação de projetos com a intervenção da comunidade local, como é o exemplo de palestras ou ações ambientais, incentivados através da definição de objetivos no Projeto Educativo e no Plano Anual de Atividades (Santos et al., 2009).



## 6. Papel da Criança

Na tríade Escola-Famílias-Comunidade, importa relevar o papel e a importância que é atribuída à criança. Deste modo, entende-se que a relação entre a escola e as famílias como um suporte à criança que frequenta a escola (Rocha, 2005). Na mesma linha de pensamento, a escola constitui-se como um dos “(...) contextos centrais de análise, sendo encarada como espaço socializador das crianças em diferentes dimensões. Nos contextos específicos da sua ação, as crianças atuam, decidem, participam, influenciam e partilham relações de interdependência com adultos e outras crianças.” (Trevisan, 2016, p.100). Ainda assim, no ambiente educativo, onde se reconhece os alunos como protagonistas do processo educativo e os professores como indivíduos capazes de proporcionar os resultados necessários à aprendizagem destes, a relação pedagógica terá de ser configurada (Trindade, 2009).

A este propósito, pode-se considerar que a criança “(...) constitui um ser em desenvolvimento, como qualquer indivíduo adulto, empreende ações e desenvolve intervenções juntamente com os pares e os adultos.” (Samagaio, 2016, p.9).

Importa também compreender o conceito de participação, que é entendido como

(...) um processo de socialização consciente e dentro de uma relação dialógica entre adulto e criança. A partir das interações entre os adultos e os seus pares e das experiências quotidianas é normal que a participação da criança se vá ampliando e o seu desenvolvimento e responsabilidade crescendo (Freire, 2011, p. 20).

Neste sentido, a ligação que se estabelece entre a criança e o adulto consiste numa relação entre dois indivíduos que possuem experiências e níveis de maturidade diversos e perspetivas, bem como olhares diferentes sobre o mundo (Sarmiento & Marques, 2007). Desta maneira, o conceito de participação infantil começa a ser efetuado a partir da instância em que a infância “(...) se consagra como um grupo social a quem são reconhecidos direitos e que convertem a criança num ator social.” (Freire, 2011, p. 17). Por isso, nas últimas décadas tem-se assistido “(...) a um reforço de posições, teóricas e da ação de movimentos sociais, na defesa do paradigma que defende a ideia das crianças como actores sociais e da ideia da infância enquanto grupo com ideias próprias.” (Tomás & Gama, 2011, p. 2).

Desta forma, a função dos alunos dentro de uma comunidade educativa não se cinge meramente à recetividade, visto que estes são chamados a desempenhar um papel



ativo “(...) participando com a sua opinião, com a sua atitude e com as suas sugestões pessoais e de grupo em tudo aquilo que se relaciona com a sua formação (...)” (Diez, 1994, p. 96). Além disto, as crianças não podem ser entendidas como sujeitos que agem e reagem em função dos processos de socialização, mas sim como indivíduos que socializam entre si e que “(...) reconstroem significações de vida em que vivem.” (Sarmiento, 2008, p. 147).

No âmbito da participação infantil, pode-se considerar que existe uma participação efetiva por parte das crianças, quando há

(...) um clima positivo no compartilhar experiências e perícia com as crianças, quando se aprende com as crianças e se encontram maneiras de as ajudar a tomar decisões e a implementar o que foi decidido, quando se ajudam as crianças e os adultos a compreenderem os seus direitos e as suas responsabilidades e quando o adulto partilha o poder com as crianças, trabalhando para que haja respeito pelos direitos dos cidadãos mais jovens (Freire, 2011, p. 21).

É neste campo de ação que, quando se refere que a criança deve ser ouvida e ter uma participação, implica que “(...) o processo deva ser considerado no contexto escolar e na relação com os restantes actores do espaço educativo.” (Tomás & Gama, 2011, p. 3). Desta forma, a participação da criança pode efetuar-se “(...) em sociedade, com os seus pares e com os adultos e são vastos os espaços e tempos onde a participação se pode desenvolver de forma deliberada, organizada e ponderada.” (Freire, 2011, p.19). Do mesmo modo, a criança pode intervir na escola, se esta “(...) se converter num espaço singular e capaz de garantir a verdadeira participação da criança pela adopção de estratégias que assegurem a sua efectiva valorização como actor social e como cidadão.” (Freire, 2011, p. 19). Neste sentido, é através do jardim de infância que a criança vai aprender a viver em grupo, a trabalhar com os outros, a gerir os problemas de forma participativa e a ser autónoma nas suas tarefas, recorrendo ao adulto, como mediador, sempre que considerar pertinente (Vasconcelos, 2007).

Posto isto, a participação das crianças permanece com foco central de cidadania, dado que respeita não só ao direito em si, mas também a possibilidade de esta se sentir parte de um coletivo e de ter a oportunidade de ser ouvida (Trevisan, 2012). Nesta mesma ótica, é importante criar-se contextos pedagógicos propícios a uma participação cívica ativa, ou seja, criar espaços onde “(...) seja possível reflectir, discutir e pôr em prática os direitos das crianças, através de dimensões tão importantes como a responsabilidade, a



solidariedade, a justiça, a inclusão e a interculturalidade.” (Tomás & Fernandes, 2013, p. 213).

Em suma, a sociologia da infância “(...) trouxe um contributo inovador e específico para o entendimento da diversidade de crianças e de diversidade de infâncias, questionando normas e padrões existentes.” (Vasconcelos, 2015, p. 30). Consequentemente, a construção “(...) de uma imagem da criança como sujeito activo de direitos implica a utilização de metodologias que promovam a sua participação.” (Fernandes, 2009, p. 340). Para além disto, a intervenção da criança não obedece a lógicas de demonstração, pelo contrário, deve reger-se por lógicas de “(...) descoberta, de discussão, de confronto e negociação, nos processos de construção do conhecimento.” (Tomás & Fernandes, 2013, p. 214). É nesta medida que importa, por sua vez, questionar as crianças sobre aquilo em que “(...) querem participar, como e a partir de que motivações” (Trevisan, 2016, p. 101).



## Capítulo II: O papel decisório e participativo dos EE

Além da reflexão anteriormente apresentada, neste capítulo irá ser abordado o poder decisório e participativo dos EE. É de notar que, sempre que se referir pais, este conceito é extensível aos EE. Neste ponto, é de realçar a importância do poder dos EE na escola. Assim, pretende-se fazer uma reflexão sobre estas questões, valorizando e percebendo a relevância destes intervenientes na mesma. Posto isto, ao longo deste capítulo, abordam-se as vantagens e os obstáculos do envolvimento parental, bem como a participação parental e as estratégias favoráveis ao mesmo. Termina-se com uma reflexão relativa aos órgãos de gestão da escola, o papel das Associações de Pais e, por último, o poder de decisão dos pais na escola.

### 1. Vantagens na Relação Escola-Famílias-Comunidade

Identificados os diferentes intervenientes no processo educativo, considera-se pertinente perceber as vantagens desta tríade.

Assim, o sucesso educativo de crianças e jovens está relacionado com a forma como a escola e a família trabalham para um bem comum (Sousa & Sarmiento, 2010). Desta forma, sabendo-se que o envolvimento das famílias está diretamente relacionado com a ideia que estas possuem da escola é fundamental promover esta colaboração. Neste contexto, a vivência da escola, mas também das famílias “(...) será francamente melhorada e facilitada se houver um verdadeiro espírito de colaboração em torno da vida escolar das crianças, uma vez que terá um impacto muito positivo na sua integração, motivação e desempenho.” (Sousa & Sarmiento, 2010, pp. 148-149).

Por outro lado, muitos professores não consideram que a participação dos pais no contexto escolar traga vantagens, uma vez que estes receiam que o envolvimento das famílias lhes possa retirar o poder e que seja uma forma de controlo e de fiscalização (Marques, 1988). Contudo, e segundo o mesmo autor, estudos realizados sobre a temática demonstram que, o envolvimento das famílias “(...) está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos.” (Marques, 1988, p. 9) e, à vista disso, quando as famílias participam nas atividades da escola, quando acompanham os seus educandos e ajudam no trabalho dos seus filhos, estes obtêm melhores resultados, do que os restantes colegas que têm os pais afastados de todas as atividades (Marques, 1988). Neste sentido, “(...) quanto mais estreita a relação entre escolas e famílias, maior o sucesso educativo



das crianças e jovens.” (Silva, 2008, p. 116). Desta forma, muitos são os autores que partilham as mesmas ideias sobre as vantagens da relação Escola-Famílias-Comunidade.

Portanto, no que toca aos alunos, com o envolvimento dos pais na escola, estes ficam favorecidos, visto que a comunicação entre os professores e os Encarregados de Educação aumenta as expectativas dos pais, que começam a valorizar a escola e a própria educação (Marques, 2013). Do mesmo modo, os alunos também se sentem motivados e adquirem uma atitude positiva em relação à escola (L. Sousa, 1998), tendo melhores hábitos de estudo e, conseqüentemente, aumentam o seu desenvolvimento académico (Fernández et al., 2011). Assim, conclui-se que existe uma correlação positiva entre o envolvimento parental e o sucesso educativo dos alunos (Silva, 2008).

No que concerne às famílias, os pais ao se sentirem apoiados pela escola, ficam mais motivados e com uma autoestima mais elevada, sentindo-se valorizados (L. Sousa, 1998; Silva, 2008). Ainda assim, estes beneficiam, pois aprendem competências educativas e percebem um pouco aquilo que podem fazer tanto em casa como na escola, em prol da educação dos seus educandos (Marques, 2013).

No mesmo sentido, os professores também usufruem de vantagens nesta relação, já que ao estarem perante atitudes positivas dos pais, no fornecimento de informação sobre os alunos, sentem o seu trabalho mais facilitado e uma maior satisfação, tornando-se mais competentes e eficientes (L. Sousa, 1998; Fernández et al., 2011; Silva, 2008). Assim, podem apoiar-se nestes para a realização de atividades, contribuindo para melhores aprendizagens (Marques, 2013).

Relativamente à escola, esta ao aproximar-se dos diversos atores irá melhorar os seus padrões de qualidade educativa (L. Sousa, 1998), apresentando um ensino mais centrado na criança (Fernández, 2011).

Por fim, referindo a comunidade, esta presencia uma cooperação com a escola, símbolo de identidade social (Silva, 2008). Ainda assim, é notório o desenvolvimento de valores de igualdade e democracia, para além de uma melhoria da qualidade de opções e da coordenação dos seus serviços (L. Sousa, 1998).

Em suma, pode-se concluir que, “(...) a concretização de uma relação de parceria entre a escola, as famílias e a comunidade, consubstancia uma realidade da qual são evidentes os benefícios para todos os intervenientes.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 149).



## 2. Obstáculos na Relação Escola-Famílias-Comunidade

No presente ponto irá ser referido os obstáculos que estão relacionados com a tríade Escola-Famílias-Comunidade.

Um dos pressupostos que importa relevar é o de que as escolas e as famílias são estruturas distintas e com funções diversificadas. Desta forma, as crianças na família são tratadas como indivíduos, na escola são elementos de um grupo (Davies et al., 1989). Para além do mais, enquanto as relações da escola com a criança “(...) tendem a ser transitórias, interpessoais e racionais, as relações da família com a criança tendem a ser prolongadas, pessoalizadas e emocionais.” (Davies et al., 1989, p.43). Por isso, as famílias têm, muitas vezes, a opinião de que aos professores e à escola é incumbida a responsabilidade total de educar os filhos, “(...) delegando neles todas as competências para o efeito e demitindo-se da sua responsabilidade de primeiros e permanentes educadores.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 150).

Na mesma visão, os pais ao terem uma maior intervenção na área pedagógica conduz a alguns riscos e dificuldades (J. Lima, 2002). Assim, existem alguns aspetos que os docentes mais se opõem, como a possibilidade dos pais se pronunciarem acerca da retenção escolar dos seus filhos, bem como “(...) emitirem pareceres sobre a avaliação do desempenho do pessoal docente, de se pronunciarem sobre a organização das turmas ou de zelarem pelo cumprimento dos programas (...)” (J. Lima, 2002, p. 153). Deste modo, continua a ser muito difícil envolver os pais no processo educativo, principalmente aqueles que estão mais afastados e as razões são a falta de tempo (Picanço, 2012), pois as reuniões de pais ou o horário de funcionamento das escolas coincide com horários laborais (Loureiro, 2017).

Por outro lado, existe afastamento cultural e pobreza (Picanço, 2012), ou seja, as famílias que se encontram num nível socioeconómico mais baixo possuem dificuldades em colaborar com a escola, no sentido em que têm limitações quando se trata de perceber como podem auxiliar os filhos no processo educativo, bem como ajudá-los nos trabalhos de casa (Loureiro, 2017).

Num olhar por parte dos professores, estes adotam uma atitude defensiva do seu estatuto profissional onde, por exemplo, inconscientemente, utilizam expressões para a sua defesa utilizando uma linguagem profissional, que nem sempre é acessível e entendida por todas as famílias (Villas-Boas, 2009). Ainda assim, os docentes apresentam



preferência pelos pais de classe média, visto que possuem uma competência científica muito semelhante à sua, sendo educadores que estão atentos à criança e ao seu desenvolvimento, bem como conhecem a importância do brincar, da leitura e dos jogos (Villas-Boas, 2009). Deste modo, as expectativas dos professores relativamente à participação dos pais “(...) têm sempre como base um modelo ideal de família que, em sintonia cultural com a escola, compreende o seu funcionamento e tem facilidade em participar (...)” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 150). Portanto, a ausência dos outros pais na escola é interpretada, pelos professores, como desinteresse pela vida escolar dos alunos (Sousa & Sarmiento, 2010).

É ainda de realçar outro constrangimento que se prende com o facto dos professores possuírem uma imagem negativa do papel parental, porque consideram que muitos dos problemas que os alunos possuem deve-se ao seu ambiente familiar (Villas-Boas, 2009). Por isso, os docentes que possuem uma opinião negativa sobre as competências educativas dos pais tendem a encarar a participação destes como uma ameaça ao seu trabalho (Sousa & Sarmiento, 2010). Desta maneira, apresentam relutância à participação das famílias continuando receosos em lhes abrir as portas considerando que “(...) a escola está ameaçada simultaneamente pela indiferença de uns e pela presença muito forte de outros.” (Villas-Boas, 2009, p.6).

Para além de todas as dificuldades apresentadas referentes aos pais, à escola e aos professores, deve-se ainda ter em conta as dificuldades do lado do aluno. Este, enquanto elemento e canal de comunicação indireta entre a escola e as famílias, tanto pode colaborar no desenvolvimento desta relação de forma positiva, como pode, pelo contrário, desvirtuar as mensagens, traduzindo-se na satisfação dos seus interesses (Sousa & Sarmiento, 2010).

A este propósito, convoca-se outro autor que identifica quatro obstáculos ligeiramente diferentes dos referidos anteriormente, sendo eles: “(...) a tradição de separação entre a escola e as famílias, a tradição de culpar os pais pelas dificuldades dos filhos, as mudanças na estrutura das famílias e os constrangimentos culturais.” (Marques, 2001, p. 23).

No que concerne à Comunidade, pode-se afirmar que se devia “abrir a escola ao meio” (Canário, 2008, p. 110), no sentido da abertura da escola, ao invés do fecho em si mesma. Não obstante, considera-se que esta iniciativa pode ser perigosa, uma vez que pressupõem a criação de pontes (Canário, 2008). Porém, o mesmo autor questiona os



leitores sobre “Por que é que os cidadãos que não têm filhos não haveriam de ter interesse nas escolas e nas instituições educativas e não podem ter um papel importante a desenvolver?” (Canário, 2008, p.111). Por isso, é necessário que ocorra a mudança, ao mesmo tempo, tanto na escola como na comunidade (Canário, 2008).

Em suma, os pais reconhecem a importância do papel que as escolas desempenham no envolvimento das famílias, no entanto constatam que, “(...) os esforços para melhorar o desempenho da criança, serão muito mais eficazes se as escolas souberem cativar as famílias.” (Loureiro, 2017, p. 11).



### 3. Participação Parental

Relativamente à temática do envolvimento parental, é imprescindível compreender, primeiramente, em que consiste este conceito.

Importa dizer que, frequentemente, usam-se os conceitos de envolvimento e participação como sinónimos, porém existem algumas diferenças que os distinguem. Assim, por envolvimento entende-se “(...) o apoio directo das famílias aos seus educandos” (Silva, 2003, p. 83). Este apoio assume-se através de uma base individual, onde o espaço privilegiado é a casa, contudo pode ir mais além, por exemplo, nas reuniões na escola. Por outro lado, o termo participação engloba a integração em órgãos da escola, Associações de Pais ou outros órgãos do sistema educativo. Assim, “No primeiro caso predomina o trabalho directo junto dos filhos; no segundo, uma tarefa de representação de duas categorias sociais: directamente, a dos outros pais; indirectamente, a dos alunos.” (Silva, 2003, p. 83).

Por outro lado, o envolvimento dos pais na educação dos alunos começa em casa, quando estes proporcionam um ambiente seguro e saudável, experiências de aprendizagem, apoio e uma atitude positiva no que se refere à escola (Đurišić & Bunijevac, 2017). No mesmo sentido, outro autor converge com esta abordagem considerando o envolvimento parental com uma relação mais impactante no sucesso escolar dos alunos. Trata-se do envolvimento que existe no contexto de casa. O mesmo é “(...) explicado pelas figuras parentais que permitem a compreensão dos propósitos, objectivos e significados do desempenho académico, que comunicam as expectativas sobre o envolvimento e que esboçam estratégias (...)” (Toren citado por Loureiro, 2017, p. 5).

Conclui-se assim que, a parceria Escola-Famílias-Comunidade tem, quase sempre, o foco “(...) na intenção de melhorar o desempenho e os resultados escolares de todas as crianças e jovens, particularmente das mais pobres, das que revelam maiores dificuldades de aprendizagem e das que pertencem a grupos minoritários.” (Patacho, 2021, p. 170).

Abordando as tipologias de envolvimento parental, diversos investigadores apresentam propostas distintas umas das outras.

Assim, a participação parental, de acordo com Heleen (citado por M. Dias, 2005), considera que é importante levar os pais a inserirem-se e decidirem em que nível



envolvimento se querem integrar conforme as suas motivações e interesses. É possível, então, segundo esta autora, encontrar cinco níveis de envolvimento parental:

1. Educação de pais: sendo este o nível mais baixo, onde o objetivo seria os pais escolherem a forma como podiam colaborar com a escola;
2. Apoio à escola: este nível pressupunha que os pais e os professores, em conjunto, melhorassem a escola e criassem estruturas de apoio aos alunos;
3. Defesa de pontos de vista: este nível implicava uma certa pressão da parte dos pais sobre quem tomava as decisões. Esta pressão poderia ser exercida individualmente através de contactos, ou por grupos de pais organizados, como é o caso das Associações de Pais.
4. Co-Produção: abrangia todo o tipo de atividades realizadas pelos pais em casa ou na escola, para melhorar a aprendizagem dos seus educandos.
5. Participação e tomada de decisões: propunha que os pais tivessem um poder deliberativo na escola, influenciando as decisões que fossem tomadas (Heleen, citado por M. Dias, 2005).

De outra forma, são elencados, por outro autor, três patamares um pouco distintos dos referidos anteriormente, sendo eles:

1. Mera receção de informação: onde os pais são encarados como meros recetores de informação e onde se estabelece uma distância em relação ao estabelecimento escolar.
2. Presença nos órgãos de gestão da escola: neste patamar os pais encaram-se como parceiros na administração da instituição. Ou seja, podem entrar na escola e ter presença em alguns dos seus órgãos, deixando de ser apenas observadores.
3. Envolvimento significativo na vida da sala de aula: em que os pais são verdadeiros parceiros ativos, participam na conceção, na planificação, execução e avaliação das diversas áreas do currículo “(...) com um envolvimento real e significativo na sala de aula (...)” (J. Lima, 2002, p. 148).

Assim, está-se perante três patamares onde o conceito de democracia é ligeiramente diferente, uma vez que, no primeiro ponto, trata-se de uma democracia de disseminação de informação. No segundo, este conceito vai um pouco mais longe



abrangendo os órgãos de gestão da escola. Por último, no terceiro patamar, trata-se de uma democratização e partilha de saberes na sala de aula (J. Lima, 2002).

Não obstante, mais investigadores definiram outras tipologias de envolvimento parental que se encontram enunciadas na tabela seguinte:

<b>Don Davies (1987)</b>	<b>Joyce Epstein (1987)</b>	<b>Ramiro Marques (1999)</b>
1. Tomada de decisões.	1. Obrigações da família, em casa.	1. Comunicação Escola-Família.
2. Co-produção.	2. Obrigação da escola face à família.	2. Interação Escola-Família.
3. Defesa de pontos de vista.	3. Envolvimento familiar na instituição escolar.	3. Parceria Escola-Família.
4. Escolha da escola pelos pais.	4. Envolvimento familiar no processo educativo.	
	5. Envolvimento familiar na tomada de decisões na escola.	
	6. Interação da família e da escola com a comunidade.	

*Tabela 1: Tipologias de envolvimento parental (Adaptado Simões, 2013)*

Com base nas tipologias apresentadas, esta investigação irá dar ênfase ao envolvimento das famílias na tomada de decisão dos pais na escola. Desta forma, torna-se imprescindível compreender que esta deve incluir os pais nas suas decisões, através da eleição de líderes e representantes de pais.



#### 4. Estratégias de Envolvimento Parental

Neste ponto, tendo em consideração aquilo que são os obstáculos à relação Escola-Famílias-Comunidade, elencados pelos diversos autores, irão ser expostas algumas estratégias de envolvimento parental, que visam a superação das dificuldades apontadas anteriormente.

São vários os investigadores que remetem para estratégias de envolvimento parental, tendo como base os obstáculos apresentados anteriormente. Mas antes é fundamental referir que “Vivemos tempos de mudança. Esta não pode deixar de afetar duas instituições sociais centrais da nossa sociedade, a Escola e Família, assim como a relação entre ambas.” (Silva, 2006a, p.1), pois a “(...) adoção de estratégias que permitam aos pais acompanharem as atividades curriculares da escola, beneficiam tanto a escola quanto a família.” (Dessen & Polonia, 2007, p. 29).

Neste seguimento, o envolvimento das famílias na escola está relacionado com resultados positivos dos alunos, incluindo o seu sucesso académico, assiduidade, bom comportamento, entre outros (Bento et al., 2016). Por isso, estes motivos são “(...) suficientemente fortes para justificar o investimento na construção de uma relação de cooperação entre os agentes educativos, pelo que é preciso encontrar estratégias de incentivo à participação de todos os pais no percurso escolar.” (Bento et al., p.610).

Neste sentido, suportado nas tipologias de Epstein (2011) foi desenvolvido um estudo intitulado “Uma visão Prospectiva da Relação Escola/Família/Comunidade” cujas conclusões apontam que, qualquer professor pode incentivar um maior envolvimento dos pais, tanto ao nível de sala de aula, como de escola. No entanto, essa mudança só poderá acontecer quando esta parceria for assumida pela escola. Para além disto, considera-se que um maior envolvimento das famílias na escola deve ser salvaguardado pela possibilidade de todos participarem, garantindo uma diversidade de propostas e condições que permitam todo um envolvimento (L. Carvalho et al., 2000).

Outro estudo realizado numa escola pública, na área de Lisboa, desenvolvido em 2009, teve como principal objetivo saber até que ponto a mediação realizada por professores influenciou positivamente o envolvimento parental das famílias face à escola (Nunes et al., 2009). Deste modo, completando o estudo anterior, os pais consideraram que a comunicação entre a escola e a família melhorou, em especial no que se refere à qualidade e frequência dos contactos. Ainda assim, constatam que existiu uma maior



aprendizagem conjunta entre os pais e os professores e que os primeiros se sentiram mais integrados na escola. Porém, para que estes resultados fossem visíveis,

(...) muito contribuiu a atenção prestada pelos professores à comunicação, ao envolvimento e à ajuda ao longo de toda a intervenção, nomeadamente a prestação de informação atempada sobre a actividade escolar dos filhos, e as indicações que permitiram às famílias ajudarem os filhos em casa, bem como a proximidade, afetividade e informalidade na interrelação (Nunes et al., 2009, p. 2190).

Efetivamente, é de notar que as estratégias de envolvimento parental acarretam benefícios diretos na aprendizagem dos alunos, não obstante existem práticas que são irrelevantes, no que se refere à melhoria do rendimento escolar dos alunos (Marques, 2001). Embora a participação dos pais nos órgãos da escola possa ter efeitos positivos nos alunos, como é o exemplo do aumento da segurança, esta forma de intervenção não acarreta benefícios concretos na aprendizagem dos discentes (Marques, 2001).

As famílias são fundamentais para o sucesso educativo dos alunos e a escola também assume um papel fulcral, no modo como se relaciona com as famílias e como partilha responsabilidades pela educação dos alunos (Santos et al., 2009). Assim, as estratégias de envolvimento parental podem passar, por exemplo, por ações de sensibilização e formação, apoios mais diretos e individualizados (Avelino, 2005). Acresce também pequenas estratégias que tragam os pais para a escola, como é o exemplo de reuniões de pais diversificadas por ano, por turma, por tema, entrevistas individuais no início do ano letivo e quando for relevante, festas, convívios, visitas de estudo, teatros, jogos, exposições e campanhas (Avelino, 2005).

Corroborando com o autor acima mencionado, podem-se destacar outras estratégias. Como é o exemplo da promoção de uma relação de proximidade e continuidade com as famílias, a calendarização de reuniões com os pais, o envolvimento dos pais nas atividades realizadas na escola e a colaboração dos pais no acompanhamento dos alunos com dificuldades de aprendizagem (Santos et al., 2009).

Por outro lado, deve ter-se em conta a forma como se envolve os pais de classes sociais mais desfavorecidas. As estratégias passam por realizar uma comunicação mais direta através de visitas a casa, ou então reuniões com os pais em pequenos grupos. Assim, o sucesso dos filhos traz mais ânimo para os pais e, conseqüentemente, estes ficam mais motivados a participarem nesta dinâmica (Loureiro, 2017).



Contudo, alguns professores não estão preparados e têm poucas orientações para trabalhar com as famílias (Loureiro, 2017), porém é importante investir em formações e estratégias adequadas para este fim, de modo que a vivência de parcerias se vá desenvolvendo pouco a pouco (Villas-Boas, 2009). Na mesma linha de pensamento, os professores não conseguem sozinhos ultrapassar os obstáculos que estão subjacentes ao envolvimento parental, no entanto podem mudar de atitude acreditando que este envolvimento traz benefícios, pedindo às escolas a criação de espaços que possam receber os pais. Ainda assim, são consideradas as práticas de envolvimento mais eficazes e mais benéficas, as práticas de comunicação (Marques, 2001).

Desta forma, cabe aos professores e a toda a comunidade educativa onde se insere a família promover a mudança, para se contribuir para um bem-estar tanto presente como futuro das crianças (Loureiro, 2017). Para além da formação dos professores, do apoio na construção de parcerias e da legislação, pretende-se que “(...) o envolvimento parental e o contributo da comunidade sejam uma constante na vida das nossas escolas.” (Villas-Boas, 2009, p.13). Neste sentido, “(...) os professores e o pessoal auxiliar necessitam de ser encorajados e aceder a formação adequada, no sentido de poderem assumir um papel mais activo em relação à participação dos pais considerando-os parceiros no processo de desenvolvimento da criança.” (Sanches, 2012, p. 91).



## 5. Órgãos de gestão da Escola e as suas funções

Quando se aborda a temática da escola surgem questões sobre os órgãos desta e as suas respetivas funções. Para além disso, torna-se também fundamental referir os Agrupamentos de Escolas, bem como a autonomia dos mesmos.

Assim sendo, no que respeita à gestão da escola esta

(...) constitui um dos domínios da política educativa onde ocorrem transformações mais profundas, pelo menos do ponto de vista legislativo, após o restabelecimento do regime democrático em 1974, tendo adquirido, desde o início, uma importante dimensão simbólica, em especial junto dos professores e dos sindicatos. (Barroso, 2011, p. 27).

Ademais, a imagem da organização escolar é relativamente pouco comum e pouco abordada ou estudada, porém grande parte dos estudos realizados fazem referência à mesma e nomeiam-na como um exemplo (L. Lima, 1998). Assim, tanto a administração como a gestão das escolas assumem-se como fulcrais para alcançar as metas e progredir para um aperfeiçoamento do sistema educativo (Dec.- lei n.º 137/2012).

Desta forma, primeiramente, erguem-se os Agrupamentos de Escolas que, consideram-se ser “(...) uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis e ciclos de ensino, a partir de um projecto pedagógico comum (...)” (Dec.- lei n.º 115-A/98).

Posto isto, a administração e a gestão dos Agrupamentos de Escolas e escolas não agrupadas é assegurada pelos próprios órgãos e, por isso, os órgãos da direção, administração e gestão são o Conselho Geral, o diretor, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo (Dec.- lei n.º 75/2008). Esta designação de órgãos mantém-se no Dec.- lei n.º 137/2012 de 2 de julho, onde se declara que o Conselho Geral é o órgão de direção responsável “(...) pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa (...)” (Dec.- lei n.º 137/2012). No que se refere ao diretor, este é considerado o órgão de administração e gestão do Agrupamento de Escolas ou escola não agrupada, no que concerne às áreas pedagógicas, administrativa, financeira, cultural e patrimonial (Dec.- lei n.º 137/2012). Seguidamente, é apresentado o Conselho Pedagógico que é o órgão “(...) de coordenação e orientação educativa da escola, nomeadamente, nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal



docente e não docente.” (C. Castro, 2007, p. 99). Por fim, o Conselho Administrativo é considerado o órgão deliberativo nas matérias administrativo-financeira da escola (C. Castro, 2007; Dec.- lei n.º 137/2012).

Efetivamente, o Conselho de Escolas é um órgão consultivo do Ministério da Educação e Ciência [MEC] que garante condições para uma participação mais efetiva das escolas, no que se refere ao desenvolvimento da política educativa a aplicar a vários níveis de ensino, desde a Educação Pré-Escolar ao Ensino Secundário. Deste modo, o Conselho de Escolas tem como missão representar junto do MEC os estabelecimentos de educação da rede pública das valências acima mencionadas. Assim, este órgão é composto no máximo por trinta conselheiros eleitos e deve assegurar a representação adequada das escolas, de acordo com a sua distribuição territorial por quadro de zona pedagógica. Por fim, o Conselho de Escolas é constituído por um presidente, uma comissão permanente e um plenário (Decreto Regulamentar n.º 5/2013).

No âmbito da autonomia das escolas, este termo emerge a partir dos finais dos anos de 1990 associado ao reforço das competências da gestão das escolas, “(...) com incidência na redefinição do perfil funcional dos diretores (e as suas atribuições), e na participação e envolvimento dos alunos e das suas famílias, bem como da sociedade local.” (Barroso, 2017, p. 25). Desta forma, este conceito transforma-se num dos principais referenciais para a mudança na Educação.

Portanto, o Ministério da Educação pretende reforçar a autonomia das escolas promovendo a celebração de contratos de autonomia, na sequência de uma avaliação externa das escolas. Deste modo, constata-se que este contrato é entendido como um acordo celebrado entre a escola, o Ministério da Educação e Ciência, a Câmara Municipal e outros parceiros da comunidade, onde são definidos objetivos e se estabelecem as condições que viabilizam o desenvolvimento do Projeto Educativo da escola (Dec.- lei n.º 137/2012).

De facto, ressaltando a temática da Municipalização das Escolas, surge a Lei n.º 50/2018 de 16 de agosto que aborda, efetivamente, este conceito. Neste seguimento, os Órgãos Municipais adquirem novas competências e, por isso, ao nível da Educação compete a estes órgãos participar no planeamento, na gestão, mas também na realização de investimentos nos estabelecimentos públicos de educação e de ensino integrados na rede pública referente aos segundos e terceiros Ciclos do Ensino Básico, bem como o Ensino Secundário e o Profissional (Lei n.º 50/2018).



Nesta continuidade, compete aos órgãos municipais da rede pública de Escolas:

- a) Assegurar as refeições escolares e a gestão dos refeitórios escolares; b) Apoiar as crianças e os alunos no domínio da ação social escolar; c) Participar na gestão dos recursos educativos; d) Participar na aquisição de bens e serviços relacionados com o funcionamento dos estabelecimentos e com as atividades educativas, de ensino e desportivas de âmbito escolar; e) Recrutar, selecionar e gerir o pessoal não docente inserido nas carreiras de assistente operacional e de assistente técnico (Lei n.º 50/2018).

Por fim, compete-lhes

- a) Garantir o alojamento aos alunos que frequentam o ensino básico e secundário, como alternativa ao transporte escolar; b) Assegurar as atividades de enriquecimento curricular, em articulação com os agrupamentos de escolas; c) Promover o cumprimento da escolaridade obrigatória; d) Participar na organização da segurança escolar (Lei n.º 50/2018).



## 6. Papel das Associações de Pais

A propósito da temática a ser abordada, considera-se fulcral perceber o papel e a função das AP, de forma a clarificar o modo como estas podem intervir de forma decisória na escola.

Com efeito, as AP têm sido pouco estudadas pelos especialistas da relação Escola-Famílias, no entanto estas representam um dos atores sociais que podem ter um papel central nesta relação (Silva, 2003). Dessa maneira, e tal como é realçado no Enquadramento Legal deste Relatório, são apresentadas diferentes formas da participação dos pais na vida da escola e, de entre todas, destacam-se as AP. Estas representam “(...) um espaço privilegiado de construção e planeamento dessa intervenção colaborativa, desejavelmente de todos os pais/encarregados de educação.” (Martins & Sarmiento, 2013, p.170). Assim sendo, as AP, como missão principal, visam uma representação e defesa “(...) dos legítimos interesses dos pais na escola, aproximando as duas entidades e constituindo um meio que a escola tem à disposição para potenciar a relação escola/comunidade” (Santos et al., 2009, pp. 131-132).

Neste sentido, é imprescindível referir a Confederação Nacional das Associações de Pais [CONFAP] que tem como principal finalidade

(...) congregar, coordenar, dinamizar, defender e representar, a nível nacional, o movimento associativo de pais e intervirá como parceiro social junto dos órgãos de soberania, autoridades e instituições de modo a possibilitar e facilitar o exercício do direito de cumprimento do dever que cabem aos pais e encarregados de educação (...) (CONFAP, 2020a).

Ainda assim, as AP visam defender e promover os interesses dos associados, no que concerne à educação e ensino dos alunos tanto da Educação Pré-Escolar como do Ensino Básico e Secundário, público, privado ou cooperativo (CONFAP, 2020b). Além disto, esta Confederação também enumera alguns objetivos das Associações de Pais, sendo eles: desenvolver ações conjuntamente com os professores e direções das escolas, de modo a promover a formação tanto dos pais, como das crianças e jovens; promover atividades de apoio à família e a sua participação na vida escolar dos alunos; colaborar com todos os intervenientes no processo educativo como forma de aumentar o sucesso escolar dos alunos, sendo essa colaboração recíproca e realizada de múltiplas formas (CONFAP, 2020b).



Recorda-se que, o conceito de escola foi sofrendo algumas alterações nas últimas décadas, pois passou-se de uma escola autocentrada e completamente desligada de toda a comunidade envolvente, para um conceito de escola muito mais amplo e aberto, que integra elementos da própria comunidade, incluindo aqueles que fazem parte de diversos órgãos, como as Assembleias de Escolas, Conselhos Pedagógicos, entre outros, e os pais e Encarregados de Educação (Silva, 2008). Neste ponto de vista, as Associações de Pais “(...) não podem mais, em rigor, ser consideradas como elementos estranhos à escola.” (Silva, 2008, p. 129). Assim, é fulcral que se estimule a criação de AP, pois estas têm um papel fundamental: o de contribuir para a generalização do envolvimento de todos os pais, independentemente da sua classe, etnia ou até mesmo género (Silva, 2008). Este órgão possui um papel educativo e não apenas corporativo ou em prol de alguns alunos e famílias, o que significa que a escola e a AP devem trabalhar em conjunto, para que “(...) a construção de uma ponte entre culturas não seja apenas mais uma manifestação retórica. O seu papel deve corresponder a uma forma de exercício da cidadania.” (Silva, 2008, p. 129).

Desta forma, são apontadas outras vantagens das AP, pois podem não só contribuir de forma decisiva para melhorar a participação parental nas escolas, como também atuam numa base de prevenção de problemas, ajudando a resolver algumas dificuldades dos professores e da própria escola, nomeadamente, no que se refere ao comportamento de determinados alunos e ao seu desempenho escolar (Martins & Sarmiento, 2013).

Neste seguimento, foram identificadas duas áreas onde se pode desenvolver boas práticas na relação da escola com as Associações de Pais, significando que se deve potenciar e incentivar as AP, bem como disponibilizar recursos escolares, com vista a um bom funcionamento deste órgão (Santos et al., 2009). Na primeira área, considera-se que as escolas beneficiam com o dinamismo das Associações de Pais e, por isso, devem ser incentivadas sobretudo se este dinamismo ocorrer de forma colaborativa e alinhado com aquilo que são as preocupações da escola (Santos et al., 2009). A segunda área, prende-se com os recursos escolares que a escola pode disponibilizar para o bom funcionamento das Associações de Pais. Assim, a escola pode fornecer um espaço para reuniões, entre outras facilidades (Santos et al., 2009).

Em suma, julga-se ser fundamental que a escola contribua “(...) para a formação das AP e que, em permanência, facilite a sua ação e acolha de forma positiva e construtiva as suas intervenções e contributos.” (Martins & Sarmiento, 2013, p. 170).

## 7. A decisão dos Pais na Escola

Dada a temática desta pesquisa é fundamental ser abordado a importância da decisão dos pais na escola. Neste sentido, e baseado nas tipologias de envolvimento parental apresentadas anteriormente, o foco deste tópico será o envolvimento das famílias na tomada de decisões na escola.

Um dos projetos que se relaciona diretamente com a participação dos pais na tomada de decisões é o projeto EQuaP, uma parceria com o programa Erasmus+, tendo decorrido de 2014 a 2017. Este abrangeu educadores e professores de Educação de Infância, de serviços públicos e privados, investigadores e responsáveis políticos de onze parceiros de sete países Europeus. Este projeto é de âmbito internacional e tem por base a ideia de que a participação dos pais e o envolvimento dos mesmos devem ser reconhecidos como chave para a construção de uma Educação de Infância de qualidade. Assim, este tem como principal objetivo contribuir para uma melhor qualidade dos serviços de educação e cuidado na Primeira Infância, através de práticas que tornam as famílias que acompanham as crianças, coautores de um projeto educativo em colaboração com professores e outros profissionais. Deste projeto surgiu a Toolbox que, pode ser considerada pelas equipas educativas, um instrumento de formação que tem por base a ideia de que a participação acontece em diversos parâmetros. Após a adaptação e experimentação das práticas que foram observadas, noutros países, estas foram consideradas inovadoras e pertinentes para serem adaptadas. Deste modo, foram verificadas e testadas vinte e cinco práticas de envolvimento, sendo selecionadas quinze para incluírem a Toolbox. Na sua generalidade, esta obteve um resultado positivo devido ao seu poder inspirador para os grupos de trabalho envolvidos a nível de autoformação e reflexão, experimentação de novas práticas de envolvimento familiar, entre outros (Equipa Coordenadora do projeto EQUAP, 2017).

Este projeto identificou 4 áreas de foco: parceria e partilha do poder de decisão, comunicação, aprender acerca das famílias e parcerias de cooperação e colaboração com a comunidade. De entre estas áreas, foi eleita uma delas, onde a parte empírica se irá focar, de modo a dar resposta à pergunta de partida deste Relatório. Assim sendo, foi escolhida a área parceria e partilha do poder de decisão que,

(...) contempla indicadores relacionados com a promoção da participação das famílias em atividades do jardim-de-infância, com o envolvimento de cada família em processos de tomada de



decisão, com a incorporação e respeito pelos objetivos específicos das famílias, com o fortalecimento e reforço de práticas parentais e com o envolvimento dos pais e de outros familiares no cuidado e aprendizagem das crianças (Gomes et al., 2017, p. 266).

Neste seguimento, a constante aproximação das famílias à escola, participando ativamente, quer no desenvolvimento de atividades educativas, quer na partilha de responsabilidades na tomada de decisões tem sido alvo de estudos publicados, pois o envolvimento das famílias na escola, para além de um direito, constitui-se uma responsabilidade e um dever (Martins & Sarmiento, 2013).

Neste âmbito, a liderança educativa de uma escola não é realizada apenas por uma só pessoa. Ou seja, a acompanhar o líder existem equipas que trabalham em conjunto e os pais podem fazer parte delas (Marques, 2001). Para isso, e na elaboração desta parceria entre os pais e a escola, é necessário que exista igualdade e respeito mútuo, pois a parceria significa mesmo isso, que as pessoas decidam trabalhar em conjunto para atingirem bons resultados, que sozinhos não seriam capazes (Marques, 2001). Com esta parceria, pretende-se um maior envolvimento dos pais nos processos de tomada de decisões e a Associação de Pais pode ser uma forma de descoberta desses pais, interessados em se envolverem em parcerias com a escola (Marques, 2001).

Na mesma linha de pensamento, e tendo por base o envolvimento como um dever, a família é a “(...) primeira das instâncias educativas” (Miguéns, 2005, p.9) e emerge como um fator determinante nos resultados dos alunos, pelo que a escola deve envolver os pais, incentivar a sua participação e trabalhar com eles de forma colaborativa. Assim, quando este envolvimento é efetivo é possível esperar que os pais ajudem os seus filhos a realizar escolhas, isto é, trajetos educativos mais informados e intencionais (Miguéns, 2005).

Por outro lado, esta participação não se consegue de imediato e, por isso, deve começar-se por um nível de participação planeada para incluir os pais na escola através de “(...) atividades culturalmente compatíveis, como noites musicais, concursos de culinária e produção de materiais.” (C. Carvalho et al., 2006, p. 52). Num nível mais avançado, a participação dos pais pode ser potenciada nas atividades da vida quotidiana, com por exemplo na sala de aula, nos recreios, entre outros (C. Carvalho et al., 2006).

Para além destas iniciativas, a participação dos pais deve restringir-se a questões “(...) de política educativa e a todas as questões que não interfiram com a autonomia pedagógica dos professores.” (Marques, 2001, p. 114), ou seja, os pais não devem



participar nas tomadas de decisão relativas às metodologias de ensino e processos de avaliação, visto que estas são do encargo dos docentes. No entanto, os pais podem participar, no que concerne a outros aspetos, como é o exemplo dos transportes escolares, do calendário e horários dos alunos, a segurança dos mesmos, entre outros. Do mesmo modo, as famílias também podem participar nos órgãos que apoiam a direção da escola, a tomar decisões sobre a melhoria do processo educativo, como no Conselho de Escola, ou noutros órgãos que possuam a mesma finalidade (Marques, 2001).

Além de tudo isto, são colocados diversos desafios no que respeita à tomada de decisão dos pais na escola. Nestes pode-se destacar:

(...) a) incluir os representantes de todas as condições socioeconómicas e de todos os grupos étnicos existentes na escola; b) providenciar formação aos representantes para que a sua ação se baseie nos contributos de todas as famílias e na devolução de informação igual a todas as famílias; c) incluir os estudantes nos grupos que tomam as decisões (Patacho, 2021, p. 174).

Em suma, fornecer aos pais confiança e poder pessoal é um passo importante no processo de participação e decisão deles na escola, pois muitos destes sentem-se incapazes ou até já viveram experiências negativas de exclusão ou preconceito (C. Carvalho et al., 2006). Contudo, quando os pais se sentem preparados para um maior envolvimento, a sua disposição para participar nas decisões da escola é fundamental para melhorar a vida destes (C. Carvalho et al., 2006).



## PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO

### Capítulo III: Apresentação dos dados

#### 1. Outros estudos desenvolvidos no âmbito da temática

Para a realização do estudo empírico foi fundamental recorrer a estudos já desenvolvidos de modo a ser possível retirar algumas conclusões sobre os mesmos, analisando-os e relacionando-os com a temática em análise.

Deste modo, foi realizado um estudo para o relatório de Mestrado em Educação Pré-Escolar, onde se centrou em três educadoras em contexto de jardim-de-infância e em três Encarregados de Educação das crianças do jardim-de-infância da região de Santarém (Correia, 2015). Assim, foram elaboradas duas entrevistas semiestruturadas com dois guiões de entrevista diferentes, pois destinavam-se a diferentes entrevistados, os Encarregados de Educação e as educadoras. Com este estudo, concluiu-se que o envolvimento parental, para os entrevistados, é bastante importante e benéfico tanto para as crianças, como para os pais e educadores. Este envolvimento parental, significa “(...) vontade, interesse e participação dos pais na vida escolar dos filhos, e a ligação que fazem com a escola e a restante comunidade (...)” (Correia, 2015, p.39), o que quer dizer que tudo isto é um conjunto de diferentes interações existentes entre a comunidade escolar e as famílias, que pressupõem a participação destas na educação das crianças. Neste estudo, é de salientar também a importância que é dada às conversas informais entre os educadores e as famílias, no que respeita ao desenvolvimento das crianças e o modo como decorreu determinado dia para a mesma (Correia, 2015).

Ainda assim, foi elaborada outra investigação onde utiliza o inquérito por questionário como metodologia, tendo como principal objetivo conhecer a opinião das famílias, dos educadores de infância e também do grupo de crianças dos quatro anos, no que respeita à relação escola-famílias (F. Castro, 2018). Para além disto, ainda foi utilizada uma entrevista-conversa às crianças, com a finalidade de se compreender a opinião das crianças face à sua participação na relação em questão e também, métodos de observação. As conclusões desta pesquisa referem-nos que, o envolvimento parental traz não só benefícios para as crianças, como para os pais, para os educadores e para a própria instituição.

Noutro estudo desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico em contexto de educação de infância, realizou-se uma



entrevista a três educadoras de salas distintas e foram entregues inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação, tendo-se obtido 37 inquiridos. Já no 1º ciclo do Ensino Básico, participaram neste estudo dez professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e os Encarregados de Educação da turma na qual decorreu o estágio aos quais foram entregues inquéritos por questionário (Abreu, 2016). Além disso, ainda foi realizada uma entrevista ao professor cooperante da turma. Em ambos os estudos é possível verificar que, tanto os Encarregados de Educação, como os professores estão em sintonia quando afirmam que consideram que é necessário que haja uma boa relação entre a escola e as famílias para se promover novas aprendizagens nas crianças e para que tenham um sucesso no seu percurso educativo.

Ao nível de projetos desenvolvidos neste âmbito, o projeto *A PAR* é um programa de prevenção primária e de capacitação familiar e é dirigido para famílias com crianças em idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos. Com este programa espera-se contribuir para um desenvolvimento das competências pessoais e sociais das famílias, bem como das suas competências parentais. Este programa foi implementado em Portugal e acompanhado desde 2008 a 2010 por uma investigação financiada pela FCT (Fundação da Ciência e Tecnologia), com o objetivo de perceber o impacto que este programa tinha nos seus beneficiários, para uma eventual replicação noutros contextos a nível nacional, de modo a influenciar a qualidade da educação das crianças. Neste projeto foram avaliadas 220 famílias e as respetivas crianças, comparando-as com 212 famílias e as respetivas crianças que não participaram no projeto. É de notar que, as famílias pertenciam a um estatuto social semelhante entre elas e todas as crianças foram agrupadas por idade e género. Após a elaboração do projeto chegou-se à conclusão que, as famílias que participaram no *A PAR*, em comparação com as famílias e crianças que não participaram, obtiveram mais benefícios a nível da interação entre pais e filhos, sentindo-se uns modelos para os mesmos. No que se refere às crianças que participaram no *A PAR*, comparando com as crianças que não participaram também foram observados ganhos significativos como por exemplo na auto estima, nomeadamente ao nível cognitivo, maior desenvolvimento da literacia, no que se refere à compreensão verbal, ao vocabulário, à consciência fonológica e da escrita do seus nomes e, por último, um maior desenvolvimento cognitivo ao nível da perceção visual, do conceito numérico, do raciocínio e da perceção visual (*A PAR*, n.d).



Em suma, é possível constatar que, em todos os estudos, se salienta a importância do envolvimento parental para um melhor desenvolvimento da criança e também para os benefícios que esta relação traz tanto para as crianças, como para os educadores e para as famílias. Não obstante, é necessário que estas estejam incentivadas, motivadas e informadas para poderem participar e envolverem-se em todas as atividades que são elaboradas pela instituição, pois só assim poderão participar no desenvolvimento das crianças e alargar as aprendizagens dos seus educandos (F. Castro, 2018).

Desta forma, e neste mesmo capítulo, irá ser apresentada a metodologia de investigação a utilizar no presente Relatório de Estágio, enumerando os seus métodos e instrumentos para a recolha de dados, assim como a descrição do processo de intervenção.

## **2. Caracterização do Projeto de Investigação**

A presente investigação foi realizada no ano letivo 2020/2021, com a finalidade de compreender o papel decisório e participativo dos EE na escola. Neste sentido, foi necessária a colaboração dos EE de duas turmas de uma instituição educativa, do setor privado, localizada no distrito do Porto, onde se denominou por instituição X. Contou-se também com a contribuição do presidente da CONFAP, da diretora da instituição X, da professora cooperante e do Representante dos Pais da turma Y.

Ao longo deste capítulo irá ser apresentada a problemática em questão, os objetivos e a pergunta de partida, as preocupações éticas, mas também a caracterização do contexto e dos sujeitos participativos da pesquisa. Por fim, irá ser feita uma breve referência aos instrumentos e técnicas utilizados neste trabalho.

## **3. Estudo de Caso**

Para esta pesquisa escolheu-se a estratégia de investigação o estudo de caso que permite “(...) explorar a complexidade de determinados contextos, utilizando uma variedade de fontes de dados.” (Gonçalves et al., 2021, p. 18). Quando esta abordagem é efetuada corretamente torna-se num método importante para a investigação, uma vez que garante a obtenção de uma grande variedade de vertentes dos acontecimentos que ocorrem e que são observáveis (Gonçalves et al., 2021). Trata-se, por isso, de uma “(...) investigação naturalística, em que se estuda o sujeito no seu ambiente quotidiano, sem qualquer intervenção do investigador (...)” (A. Sousa, 2009, p. 138).



## 4. Problemática

Para este estudo foi eleita a temática relação Escola-Famílias-Comunidade, mais concretamente, o poder participativo e decisório dos pais nas escolas. Nesta perspetiva, e tendo por base o quadro legislativo, abordado em tópicos transatos, é possível perceber que as famílias possuem o direito de participar nas dinâmicas que acontecem no espaço educativo. Além disto, também se pode constatar que a relação entre todos os intervenientes possuiu os seus obstáculos, mas também as suas vantagens. Porém, os pais têm o direito a ter um papel ativo e importante na determinação e intervenção nas escolas. Ainda assim, o poder decisório dos pais também se torna fulcral, na medida em que advoga uma escola que vai ao encontro das necessidades dos alunos e, para isso, é importante ouvir as famílias nas suas opiniões e sugestões. Considera-se que, neste âmbito, existe pouca produção científica e, por isso, surge o interesse de aprofundar mais estas abordagens, mas também porque se considera ser uma temática que, enquanto futura profissional de educação, é fundamental dinamizar e implementar nas escolas. Neste sentido, torna-se importante atribuir voz aos pais e contar com o seu papel interventivo nas dinâmicas da escola. Assim, é necessário auscultar, em particular, os EE e outros parceiros educativos que, de forma, direta ou indireta, interferem nas dinâmicas escolares.

## 5. Objetivos e Pergunta de Partida

Para se dar início a esta pesquisa foi essencial a elaboração de diversos objetivos, mas também de uma pergunta de partida que sustentasse este estudo “(...) primeiro fio condutor da investigação.” (Quivy & Campenhoudt, 2017, p. 44). Com a redação da pergunta de partida, “(...) o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor.” (Quivy & Campenhoudt, 2017, p. 44).

Assim, a pergunta elaborada foi: “Percecionar qual a importância da decisão dos pais na escola.”

Do mesmo modo, foram definidos objetivos sendo eles:

- Analisar o papel da Associação de Pais/Representantes de Pais;
- Identificar que tipos de dificuldades ou constrangimentos os EE têm na participação das dinâmicas Escola-Famílias-Comunidade;
- Identificar os benefícios para a escola do poder de decisão dos pais.



## 6. Preocupações éticas

Dado que, a presente investigação contou com a participação de diversos intervenientes. Nesse sentido, constituiu uma preocupação ter alguns cuidados, no que concerne ao tratamento dos dados. Assim, é de salientar que, no que respeita ao anonimato e proteção dos dados de todos os participantes, estes foram garantidos e informados sobre os objetivos deste estudo.

## 7. Contexto da Investigação

### 7.1 Caracterização do Contexto

A instituição caracterizada neste Relatório de Estágio localiza-se no distrito do Porto. É uma instituição de ensino particular e cooperativo, aqui designada por instituição X. É uma instituição que possui diversas valências: Creche, Educação Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos e, por último, Ensino Secundário.

No que respeita aos docentes, encontram-se a cumprir funções de docência: Educadores de Infância, coadjuvados por dois Professores de Enriquecimento Curricular, sendo eles de expressão musical/dramática e inglês; Professores do 1º CEB, contando que uma parte deles são titulares de turma, outros são de áreas coadjuvadas e Professores de sala de estudo. Para além disto, a instituição tem ao serviço alguns colaboradores que funcionam como técnicos especializados em áreas como a Psicologia, a Nutrição, a Terapia da Fala e a Educação Especial. O Serviço de Educação e Apoio Especializado é constituído por Psicólogas da Educação e docentes de Educação Especial.

Abordando a principal missão da instituição, o Projeto Educativo [PE] refere que a mesma dá relevância à qualidade no sucesso que permita, através da exploração de diversas potencialidades, a construção de um mundo melhor. Por isso, oferece aos alunos inúmeras atividades de complemento ou enriquecimento curricular (PE, 2015 - 2019).

Desta forma, a instituição operacionaliza um projeto integrado e sequencial que se desenvolve ao longo de todas as valências. Assim sendo, na Creche e na Educação Pré-Escolar, as ofertas educativas englobam, nas diferentes faixas etárias, diversas áreas, nomeadamente a Expressão Motora, a Expressão Musical, Dramática, entre outras. No 1º CEB, as atividades de Enriquecimento Curricular estão inseridas no horário letivo dos alunos e estes beneficiam de Filosofia para Crianças, Projetos Interdisciplinares e Inglês.

Relativamente à prática pedagógica preconizada na instituição, esta está assente na construção do conhecimento e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, pretendendo a articulação entre diversos modelos educacionais que conduzem o aluno à aquisição de capacidades, atitudes e conhecimentos. Assim, não existe um modelo de intervenção único, mas o recurso a metodologias baseadas numa perspetiva construtivista onde os modelos têm como base a consciência de que a criança é a principal construtora de novas capacidades e atitudes baseadas em experiências e conhecimentos existentes (PE, 2015 - 2019).

## 7.2 Caracterização dos Sujeitos

Abordando a caracterização dos sujeitos em estudo, estes são as famílias dos alunos de duas turmas da instituição X, onde participaram 30 inquiridos. Assim sendo, constata-se que os EE dos alunos encontram-se, na sua maioria, na faixa etária entre os 36 e os 45 anos existindo uma minoria que se encontra entre os 46 e os 55 anos. Para além disto, estes sujeitos têm um nível elevado de literacia, pois muitos deles têm uma formação em contexto de Ensino Superior, destacando-se a Licenciatura com 57% dos inquiridos. Porém, alguns dos EE possuem Mestrado (20%), Doutoramento (7%) ou Pós-graduação (10%), restando uma percentagem mínima destes com apenas Ensino Secundário e Bacharelato. Nenhum dos inquiridos se encontra com uma habilitação literária de Ensino Básico, como se pode comprovar no gráfico seguinte:

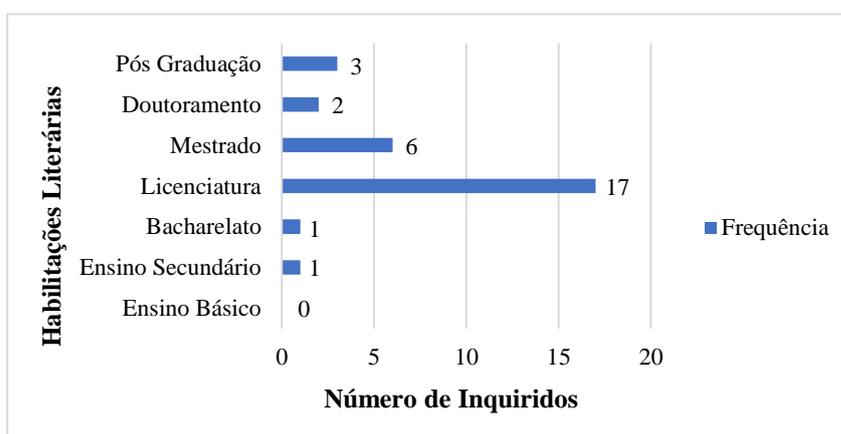


Gráfico 1: Habilitações Literárias dos inquiridos

Ainda assim, e de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2011), as profissões são agrupadas por áreas. Neste caso, e baseado nas categorias elencadas por este Instituto, uma parte dos EE auscultados exerce o seu emprego em áreas como Especialistas das atividades intelectuais e científicas, seguindo-se os Técnicos e

profissões de nível intermédio. Como é possível observar no gráfico que se segue, alguns inquiridos responderam “Outra”. Não obstante, a sua atividade profissional incide sobre as atividades intelectuais e científicas:

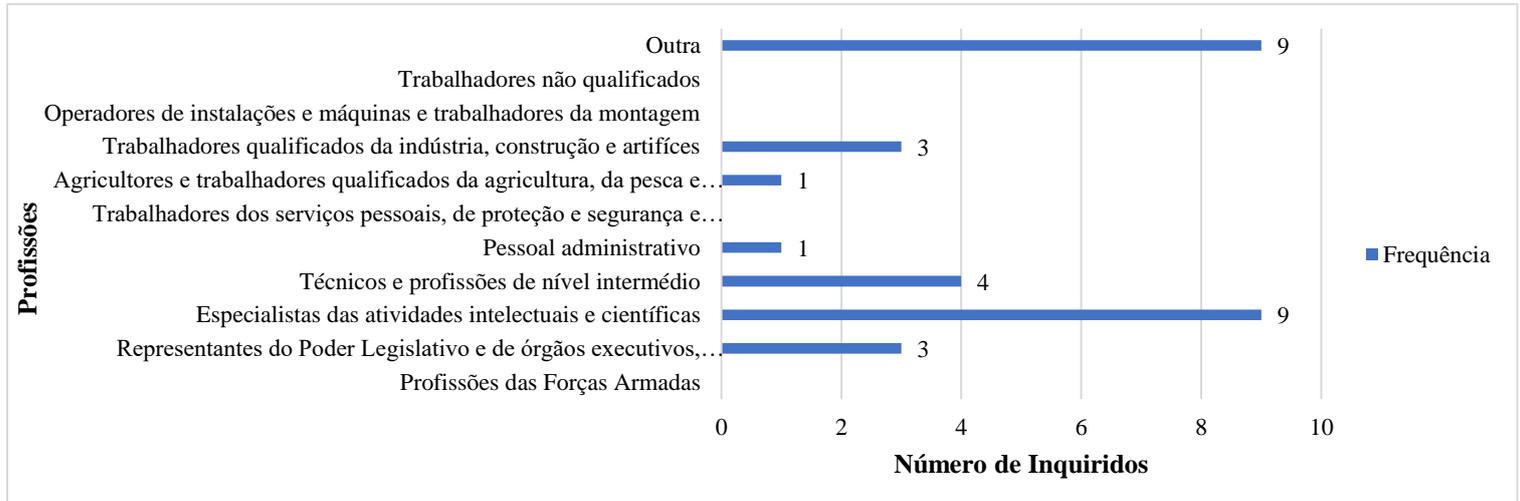


Gráfico 2: Atividade Profissional dos inquiridos

## 8. Metodologia de Investigação

A investigação empírica “(...) é uma investigação em que se fazem observações para compreender melhor o fenómeno a estudar” (Hill & Hill, 2009, p. 19) e, por isso, é que tanto as ciências naturais, como as ciências sociais recorrem a ela, pois as observações efetuadas podem ser utilizadas para construir explicações ou teorias (Hill & Hill, 2009). Desta forma, e segundo o mesmo autor, o objetivo desta investigação é “(...) contribuir para o enriquecimento do conhecimento na área em que se escolheu fazer a investigação.” (Hill & Hill, 2009, p.21).

No âmbito da metodologia de investigação pode-se destacar a metodologia quantitativa e qualitativa. Estas metodologias não apresentam o mesmo campo de ação. Enquanto a primeira obtém dados descritivos através de métodos estatísticos, a segunda é um procedimento mais intuitivo, mais maleável e adaptável (Bardin, 2011).

No que respeita à metodologia qualitativa, metodologia adotada neste estudo, esta é vista como “(...) uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenómenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.” (Esteban, 2010, p. 127). Deste modo, utiliza-se a expressão investigação qualitativa como “(...) um termo genérico que agrupa diversas



estratégias de investigação que partilham determinadas características.” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 16). Neste sentido, os dados recolhidos são designados por “(...) qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas (...)” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 16).

Para além disto, recorre-se a esta pesquisa, porque existe um problema ou uma questão para ser explorada, precisa-se de uma compreensão mais complexa e detalhada da questão, porque pretende-se compreender os contextos em que os participantes de um estudo abordam uma temática (Creswell, 2014).

## **9. Instrumentos e técnicas de investigação**

Neste tópico, referente aos instrumentos e às técnicas de investigação, note-se que após definir a amostragem que vai ser estudada, é necessário “(...) escolher os métodos apropriados para coletar e analisar os dados.” (Flick, 2013, p.58). Assim, para esta investigação irão ser analisados, em primeiro plano, os documentos relevantes da instituição: o Projeto Educativo, o Regulamento Interno [RI] e o Plano Anual de Atividades [PAA]. Posteriormente, e para dar resposta aos objetivos propostos, foi realizado um inquérito por questionário aos EE de duas turmas da instituição X em que irá ser publicado numa plataforma *online*. Ainda assim, foram realizadas quatro entrevistas: presidente da CONFAP, diretora da instituição, professora cooperante da turma Y e Representante de Pais da turma Y.

### **9.1. Análise Documental**

A análise documental foca-se no trabalho com documentos, normalmente textos e tem como principal objetivo “(...) dar forma conveniente e apresentar de outro modo a informação, facilitando a compreensão e a aquisição do máximo de informação com a maior pertinência.” (A. Sousa, 2009, p. 262).

Assim, os documentos em análise para esta investigação são o PE, o RI e o PAA. É de notar que, o PE disponibilizado e em vigor é referente aos anos de 2015-2019, já o PAA e o RI são relativos ao ano de 2020. Neste sentido, após uma análise dos documentos acima mencionados, foi possível verificar que, em diversos momentos, os pais são chamados a colaborar com a instituição. Assim, a estes é reconhecido o direito de participarem na vida da instituição (RI, 2020). Além disto, é acrescentado que o direito de participação dos pais e dos Encarregados de Educação na instituição é feito através da organização e da colaboração em iniciativas que promovem a melhoria da qualidade e



humanização da mesma. Para isso, são elaboradas ações motivadoras de aprendizagem e de comparência dos alunos e em projetos de desenvolvimento socioeducativos, nomeadamente, através da Associação de Pais e da assembleia da instituição (RI, 2020).

Para além daquilo que são os direitos e os deveres dos EE, esta instituição encara a relação pais, crianças e docentes como sendo uma relação aberta, onde se dá espaço à construção de confiança e participação, condição fundamental para uma ação educativa de sucesso e qualidade (PE, 2015-2019). Do mesmo modo, concordam que, os pais e EE devem ser colaboradores ativos no processo educativo dos seus educandos, integrando e dinamizando atividades, projetos e participando nos órgãos representativos e associativos da escola (PE, 2015-2019).

No PE (2015-2019) são elencados diversos objetivos e estratégias aos quais a instituição quer dar resposta e, por isso, considera-se pertinente a abordagem daqueles que se relacionam com o envolvimento parental. Portanto, dois dos objetivos propostos por esta instituição são: valorizar o papel das famílias como principais responsáveis pela educação dos seus educandos e promover momentos de participação e envolvimento das famílias nas diversas atividades (PE, 2015-2019). Para que tais objetivos sejam cumpridos, foram estipuladas metas que, referente ao primeiro objetivo seriam aplicar, anualmente, um inquérito por questionário de satisfação aos EE e realizar uma reunião de pais por período. Para o segundo objetivo, foi definido integrar, no mínimo uma atividade no PAA que fosse proposta e dinamizada pelos EE e/ou pela AP; divulgar, no mínimo, três trabalhos por período referentes aos clubes que são dirigidos pelos alunos; realizar, no mínimo, uma ação de sensibilização, por ano letivo, sobre temáticas relacionadas com o papel das famílias no sucesso escolar dos alunos (PE, 2015-2019).

## **9.2. Entrevista**

A entrevista é uma técnica de pesquisa que tem vindo a ser utilizada, já há algum tempo, na pesquisa social (Batista et al., 2017). A este propósito, a entrevista consiste “(...) numa conversa informal, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (...)” (Bogdan & Biklen, 2013, p.134) e, por isso, é caracterizada “(...) por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores.” (Quivy & Campenhoudt, 2017, p. 192). Neste sentido, ainda é apresentada outra definição onde a entrevista “(...) fornece dados básicos para a compreensão das relações entre os atores sociais e o fenómeno, tendo como objetivo a compreensão detalhada das crenças, atitudes,



valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos” (Silva et al., 2006, p. 247). No que se refere à sua função, a entrevista é utilizada “(...) para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 134).

Nesta lógica, uma das etapas mais importantes da entrevista é a sua preparação que exige alguns cuidados, como o seu planeamento, a escolha do entrevistado e a sua disponibilidade, as condições favoráveis que garantam ao entrevistado a confidencialidade dos dados e da sua identidade e, por último, a sua preparação específica, no que se refere ao formulário com as questões importantes (Batista et al., 2017). Ainda assim, o planeamento da atuação de situações de contacto, a escolha de uma roupa neutra e a pontualidade também irão ajudar a garantir a qualidade de uma entrevista (Duarte, 2004). Outro fator fundamental para uma boa entrevista é o espaço onde esta ocorre, pois deve ocorrer num local “(...) preferencialmente neutro, ou pelo menos de fácil controlo do informador.” (Guerra, 2008, p.60).

Por último, é possível distinguir os tipos de entrevista: entrevistas estruturadas e entrevistas semiestruturadas. Assim, a entrevista estruturada desenvolve-se “(...) a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados” (Batista et al., 2017, p. 29). Neste tipo de entrevista preconiza-se a rapidez, uma preparação menos exaustiva do pesquisador, baixo custo e a possibilidade de análise estatística dos dados, pois as respostas obtidas são padronizadas (Batista et al., 2017). Pelo contrário, a entrevista semiestruturada combina tanto as perguntas fechadas como abertas, dando liberdade ao entrevistado de se posicionar favoravelmente ou não sobre o tema, sem se prender à questão formulada (Batista et al., 2017).

Assim, todas as entrevistas realizadas nesta pesquisa serão entrevistas semiestruturadas, organizadas numa tabela onde consta a designação de cada bloco, os objetivos do mesmo e as questões a serem colocadas, estando estas numeradas. Desta forma, a primeira entrevista, realizada ao Presidente da CONFAP<sup>1</sup>, encontra-se organizada por blocos. Assim sendo, o bloco A designa-se por Enquadramento da Entrevista, de seguida encontra-se o bloco B, intitulado, as Associações de Pais que tinha como objetivo analisar o papel das mesmas na Escola atual, bem como identificar as

---

<sup>1</sup> Confrontar apêndice 1 – Guião de entrevista ao presidente da CONFAP



dificuldades ou constrangimentos dos pais na relação Escola-Famílias. Seguidamente, surge o bloco C, o Poder e Tomada de Decisão dos Pais na Escola, que visa identificar os benefícios que a Escola tem no poder de decisão dos pais. Por último, é apresentado o bloco D e E, ou seja, os desafios das AP e o remate da entrevista. A transcrição desta conversa poderá ser confrontada no apêndice 6.

No que concerne às restantes, estas apresentam a mesma tipologia e foram realizadas à diretora da instituição<sup>2</sup>, à professora cooperante da turma Y<sup>3</sup> e ao Representante dos Pais da turma Y<sup>4</sup>. Desta maneira, os blocos presentes nestas entrevistas são o bloco A, Enquadramento da Entrevista, o bloco B que se refere à relação Escola-Famílias-Comunidade, para se analisar o papel das Associações de Pais ou Representantes dos Pais [RP] na Escola. De seguida, emerge o bloco C, designado Poder e Tomada de Decisão dos Pais na Escola, tendo como objetivo identificar os tipos de dificuldades ou constrangimentos que os pais possuem na relação com a Escola e, por outro lado, identificar os benefícios que a escola tem com o poder de decisão dos pais. Por fim, manifesta-se o bloco D e E, sendo eles os Desafios da Tomada de Decisão dos Pais na Escola e o Remate da Entrevista. Todas estas entrevistas foram realizadas *online*, pela plataforma zoom e a suas transcrições podem ser consultadas nos apêndices 8, 10 e 12.

### 9.3 Inquérito por questionário

Efetivamente, elaborar um questionário é bastante fácil, mas não é tão fácil elaborar um bom questionário (Hill & Hill, 2009). Por isso, este instrumento de recolha de dados “Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões (...)” (Quivy & Campenhoudt, 2017, p. 188). Na mesma linha de pensamento, outro autor ainda completa a mesma ideia afirmando que “A metodologia de inquérito consiste em formular uma série de perguntas directamente aos sujeitos, utilizando como instrumentos entrevistas, questionários ou testes.” (A. Sousa, 2009, p. 153).

Assim, o inquérito é utilizado quando a investigação procura estudar as opiniões, as atitudes ou os pensamentos de uma população (A. Sousa, 2009). Por isso, o objetivo

---

<sup>2</sup> Confrontar apêndice 2 – Guião de entrevista à diretora da instituição X

<sup>3</sup> Confrontar apêndice 3 – Guião de entrevista à professora cooperante da turma Y

<sup>4</sup> Confrontar apêndice 4 – Guião de entrevista ao Representante de Pais da turma Y

do inquérito é “(...) obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise e fazer comparações.” (Bell, 2010, p. 26), o que permite estudar um fenómeno tal como ele ocorre e como é representado num determinado momento, uma vez que temos acesso a informação atual e atualizada (M. I. Dias, 1994).

Para se garantir a viabilidade do inquérito, este tem que implicar a garantia de determinados pressupostos no que se refere aos inquiridos. Deste modo, por um lado, é necessário que se assuma uma atitude cooperativa, isto é, que aceitem responder de forma voluntária. Por outro lado, é imprescindível que, ao responderem, digam o que efetivamente pensam, sabem ou querem, podendo assim, se expressar (Afonso, 2014).

Neste sentido, o inquérito por questionário foi colocado *online* para os EE de duas turmas da Instituição X responderem<sup>5</sup>. Portanto, foram obtidas trinta respostas ao inquérito. Desta forma, este instrumento de análise está estruturado em blocos, englobando a Identificação dos Inquiridos, a Participação dos Pais nas Escolas e o Poder e Tomada de Decisões dos Pais nas Escolas. Por fim, estes inquéritos visam analisar o papel das AP ou Representantes dos Pais, bem como identificar as dificuldades ou constrangimentos dos EE na parceria com a escola. Por último, irão ser identificados os benefícios que advêm do poder decisório dos pais na escola.

---

<sup>5</sup> Confrontar apêndice 5 – Guião do inquérito por questionário aos EE



## Capítulo IV: Análise e discussão dos dados

Iniciando a análise de conteúdo dos dados recolhidos, pode-se constatar que esta procura conhecer aquilo que está por trás das respostas que se debruça. Assim, a análise de conteúdo “(...) visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.” (Bardin, 2011, p. 46). Neste sentido, ao se apresentar os dados por categorias, o investigador está a realizar análise de conteúdo (Ribeiro, 2008). Por isso, a categorização é “(...) uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos.” (Bardin, 2011, p. 145). Portanto, tem como objetivo fornecer uma representação mais simplificada dos resultados obtidos em bruto (Bardin, 2011).

Posto isto, e tal como se tem vindo a referir ao longo deste estudo, irão ser analisados os dados referentes às quatro entrevistas, bem como os inquéritos por questionário realizados aos EE. Portanto, nos tópicos seguintes irão estar patentes a análise destes instrumentos pela ordem apresentada. Importa ainda ressaltar que, no final de cada análise de dados, irá constar uma síntese parcial, de forma a ser possível realizar uma comparação entre todos os dados obtidos.

Ainda assim, no que se refere à organização das entrevistas, estas são todas diferentes e realizadas a intervenientes distintos. Nesse sentido, a sua análise irá ser feita por uma sequência lógica, iniciando com a do presidente da CONFAP, de seguida a da diretora da Instituição X, a da professora cooperante da turma Y e, por fim, a do Representante de Pais da turma Y.

### 1. Análise dos dados da entrevista ao presidente da CONFAP

Tal como referido anteriormente, irá ser analisado a entrevista ao presidente da CONFAP. Deste modo, foram criadas quatro categorias, de forma a obter resposta às finalidades propostas para esta investigação, sendo elas: i) Perceção sobre as Associações de Pais; ii) Poder de decisão dos Pais na Escola; iii) Estreitar a relação Escola-Famílias-Comunidade. De maneira a salvaguardar a privacidade do inquirido, intitulou-se o mesmo como E1. Por isso, na tabela seguinte, irá ser possível observar, referente a esta entrevista, as dimensões de análise a que se propõem estudar.

**Tabela 2: Dimensões de análise à entrevista do presidente da CONFAP**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
Perceção sobre as Associações de Pais	Sustentada numa base legal	-
	Parceiro da escola	Defender os interesses dos alunos Promover o debate entre os EE e os seus representantes
	Perspetivas do futuro	Ser um conselheiro
	Finalidades das AP	Colaborar com a escola Comunicação com as famílias Representar os pais
	Benefícios das AP	Melhoria das condições físicas da escola Apoio alimentar aos alunos Apoio na organização de horários e funcionamento da escola Atividades de Enriquecimento Curricular Envolvimento com a comunidade
	Reconhecimento das AP	Reconhecimento social das AP Reconhecimento das escolas Reconhecimento por parte das famílias Reconhecimento por parte dos parceiros
	Desafios das AP	Fomentar o envolvimento parental Reconhecimento político de tempo para as AP Compromisso e confiança com os EE Os Pais serem associados às AP
Poder de decisão dos Pais na Escola	Abstenção dos pais na decisão	-
	Integração em órgãos de gestão da escola	Papel dos pais no Conselho Geral Papel dos pais no Conselho de Turma
	Benefícios do poder decisório dos pais na escola	Maior tranquilidade Auscultar as famílias
Estreitar a relação Escola-Famílias-Comunidade	Incentivar o compromisso e participação	-
	Aceitar da diferença	Escola inclusiva perante a comunidade e os pais



As famílias aceitarem que a escola está a fazer o melhor

Aumentar a comunicação com as famílias

Aumentar a confiança e estabelecer uma relação mais consolidada

## 1.1. Perceção sobre as Associações de Pais

A primeira categoria apresentada nesta entrevista surgiu com o objetivo de compreender em que consistiam as Associações de Pais, objetivo proposto para este estudo. Através daquilo que foram as respostas deste entrevistado, é possível constatar que esta organização se baseia e é sustentada numa base legal. Além disto, considera-se que seja um parceiro da escola, onde defende os interesses dos alunos e onde se promove o debate entre os EE e os Representantes de Pais, tal como se pode verificar por estes discursos:

“(…) estando juntos e debatendo em conjunto também conseguem alcançar os seus objetivos e defender os interesses dos seus filhos, (…) defender uma boa escola, uma boa organização, bons recursos, boas metodologias, bom serviço e boa pedagogia.” (E1, p. XXXVII)

“(…) os pais em conjunto (…) debatem sobre as questões da escola, conversam, dialogam, cooperam com a própria escola, com as direções de escola e com a aprovação da escola (…)” (E1, p. XXXVII)

Ainda assim, são elencadas algumas finalidades das AP, a título de exemplo, pode-se referir o facto de facilitar a comunicação com as famílias, bem como representar os pais, sendo este o primeiro objetivo:

“(…) Esse é o primeiro objetivo, representar os pais.” (E1, p. XXXVIII)

Neste sentido, e confirmando o testemunho do presidente da CONFAP, uma das principais missões das AP consiste, efetivamente, na representação dos pais na escola, estreitando a relação entre estes dois intervenientes (Santos et al., 2009).

No que concerne aos benefícios das AP para as escolas, o entrevistado refere que foi com o Movimento Associativo que se iniciou a preocupação com determinadas questões relacionadas com as instituições. Neste âmbito, pode-se realçar a melhoria das condições físicas da escola, o apoio alimentar aos alunos, o apoio na organização de horários e funcionamento da escola, a iniciação às Atividades de Enriquecimento Curricular e, por último, um envolvimento com a comunidade.



Além dos pontos acima mencionados, foi declarado que existe reconhecimento das Associações de Pais, no entanto essa percepção pode variar mediante os intervenientes em questão. Ou seja, no que se refere ao reconhecimento social, a CONFAP tem uma enorme responsabilidade de facilitar e conseguir que as AP tenham o seu lugar nas instituições. Por outro lado, nas escolas, torna-se mais fácil, pois existe a vontade de pertencer a uma AP, como se comprova:

“Ao nível de escola é mais fácil com as Associações de Pais, existe essa vontade própria de estarmos cá todos para o mesmo (...)” (E1, p. XXXIX)

Ademais, e abordando o reconhecimento por parte das famílias e dos parceiros, o entrevistado considera que o reconhecimento dos primeiros não é muito visível e que, relativamente aos parceiros, dependia bastante:

“(...) nós temos um reconhecimento por todos os parceiros da importância da intervenção dos pais, de fazerem parte, de participarem, de discutirem, de fazer parte da solução, muito mais visível do que se calhar o reconhecimento das próprias famílias, que é um bocadinho paradoxal, mas é verdade porquê? (...) as famílias ainda estão um bocadinho afastadas daquilo que é o sistema educativo e a vida escolar (...)” (E1, p. XXXIX)

Por fim, quando se aborda os desafios das AP, o presidente da CONFAP reconhece que é necessário fomentar o envolvimento parental, que deve existir compromisso e confiança com os EE, bem como estes serem associados. Outro desafio seria um maior reconhecimento político de tempo para as Associações de Pais.

## **1.2. Poder de decisão dos Pais na Escola**

Tratando outra categoria em análise, esta relaciona-se com o poder de decisão dos pais na escola, ao qual o entrevistado admite que os pais não querem decidir, apenas querem fazer parte da decisão e influenciá-la, como se observa:

“Nós não queremos decidir, mas queremos fazer parte da decisão e acho que neste momento, sendo um direito que temos (...) tenho falado muito com pais e quando falo com eles temos que assumir isto como um dever (...)” (E1, p. XLI)

“(...) queremos, de alguma forma, influenciar a decisão, de forma fundamentada, argumentando com factos, com aquilo que sejam as opiniões e sugestões (...)” (E1, p. XLI)

Por outro lado, existem órgãos nos quais os pais se podem recorrer, de forma a marcar a sua presença com a sua opinião, como é o exemplo do Conselho Geral, onde se decide o Projeto Educativo. Porém, o que acontece, em alguns casos, é que a decisão já está tomada, apenas vai ser apresentada:



“O que acontece às vezes é que vem já uma decisão ou é apresentada ao Conselho Geral como se fosse para informar uma decisão que o Conselho Pedagógico teve quando aquela decisão devia ser do Conselho Geral.” (E1, p. XLII)

Ainda assim, outro órgão a que se dá relevância é o Conselho de Turma, onde se decide ou analisa o funcionamento da turma e os pais nem são convocados para este. E, à semelhança do Conselho Geral, existe alguma relutância quanto à presença destes nestas reuniões, pois alega-se que estas são para avaliações:

“Em muitas escolas o que se passa (...) é que reúnem os Conselhos de Turma e dizem que é para fazer a (...) avaliação e, por isso, os pais não podem estar, não é verdade, porque o Conselho de Turma de certeza que quando reúne fala do comportamento, fala na generalidade na avaliação da turma e aí os pais deviam estar, não devem estar quando for a avaliação no final.” (E1, p. XLII)

Noutro ponto de vista, além de se ouvir os pais, começa-se a possuir uma noção da importância e da necessidade de se arguir os alunos. Assim, compreende-se que “(...) o bem-estar das crianças e jovens se relaciona estritamente com a natureza dos direitos que lhes cabem e com o modo como estes são ou não garantidos, desde os de sobrevivência, desenvolvimento, à provisão e participação.” (Trevisan, 2016, p. 1).

Ainda na mesma categoria e, para finalizar, o entrevistado é questionado sobre os benefícios do poder decisório dos pais na escola, ao qual este refere maior tranquilidade e estabilidade entre todos os intervenientes e refere a relevância de auscultar as famílias.

### **1.3. Estreitar a relação Escola-Famílias-Comunidade**

Na última categoria, referente a esta entrevista, alude-se a alguns pontos que são fundamentais para um estreitamento da relação Escola-Famílias-Comunidade. Portanto, é de referir, em primeiro plano, três palavras que o entrevistado realça: compromisso, confiança e participação:

“(...) é confiança, é o compromisso e é a participação. Eu tenho que participar, mas tenho que confiar (...)” (E1, p. XLIII)

Mais adiante, é revelado que é fundamental aceitar a diferença tanto para uma escola inclusiva perante a comunidade e as famílias, como as famílias aceitarem o trabalho que é desenvolvido pela escola. Ainda assim, e relacionado com as três palavras referidas anteriormente, é necessária uma boa comunicação com as famílias, de modo a aumentar a confiança e estabelecer uma relação mais consolidada.

“(...) eu julgo que precisamos de acreditar um bocadinho mais no outro, compromisso, confiança e esta participação em que haja de facto comunicação de informação (...)” (E1, p. XLIII)



## 1.4. Síntese

Terminada a análise do primeiro entrevistado, existem algumas ideias que importa sublinhar. Assim sendo, é possível concluir que, de um modo geral, a entrevista enfatiza a importância da relação Escola-Famílias-Comunidade.

Em primeiro lugar, aponta que as finalidades das AP visam uma melhoria e apoio à escola, aos alunos e a todos os intervenientes do processo educativo. Mais à frente, retrata que os pais não querem decidir, apenas querem fazer parte da decisão participando com as suas opiniões, direito que lhes assiste. E, por isso, pretendem influenciar a decisão, de uma forma fundamentada e argumentando com as suas sugestões. Não obstante, e mesmo com essa abstenção de poder de decisão, os pais podem ter voz em diversos órgãos presentes na escola. Tal como nos demonstra um autor, a participação na tomada de decisões pode ser realizada “(...) através da participação em Associações de Pais, Conselhos Pedagógicos e Conselhos Consultivos.” (Nunes, 2004, p. 59). Neste ponto, reforça-se ainda a ideia de ouvir as opiniões dos alunos, que ainda é bastante escassa. Porém, é fundamental que essa prática se enraíze, já que o Conselho de Turma possui alunos e as escolas Associações de Estudantes. Esta visão surge “(...) da mudança de uma perspectiva paradigmática que considerava as crianças como objectos de intervenção, sem acção política, para uma perspectiva paradigmática que considera as crianças como actores sociais com direitos (...)” (Tomás & Gama, 2011, p. 2).

Para terminar, expõem-se algumas ideias que deviam ser tidas em conta para um estreitamento da relação Escola-Famílias-Comunidade. Neste sentido, a resposta do entrevistado vai de encontro a três palavras essenciais, sendo elas o compromisso, a confiança e a participação. Ainda assim, importa aceitar a diferença, ou seja, incluir e possuir uma escola inclusiva perante diversos intervenientes e aumentar a comunicação entre a escola e as famílias, de maneira a aumentar a confiança e a consolidar esta relação.

## 2. Análise dos dados da entrevista à diretora da instituição

À semelhança daquilo que acontece com a entrevista transata, a presente análise refere-se à entrevista elaborada à diretora da instituição, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB. Neste seguimento, o entrevistado é designado como E2, de maneira a salvaguardar a sua identidade e privacidade. Neste contexto, foi realizada uma análise de conteúdo da entrevista e definidas categorias de estudo: i) Relação Escola-Famílias-Comunidade; ii) Associações de Pais; iii) Poder de decisão dos

Pais na instituição; iv) Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola. Desta forma, é possível confirmar as dimensões de análise deste instrumento em estudo na seguinte tabela:

**Tabela 3: Dimensões de análise da entrevista à diretora da instituição**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Papel da escola na Relação Escola-Famílias-Comunidade	Relação complexa Aproximar os pais dos valores da escola Trabalho em equipa
	Participação dos pais nas dinâmicas da escola	No PAA e sugestões de melhoria Na partilha de saberes Festividades/Dias temáticos Na elaboração do PE e RI Nas situações de aprendizagem do contexto educativo
	Estratégias de envolvimento parental	Momentos formais bem planificados Partilha de experiências
	Dificuldades na relação das famílias com a instituição	Falta de envolvimento das famílias Diferenciação de valores Falta de comunicação entre os membros da família
Perceção sobre as Associações de Pais	Existência da AP	Apenas Representante de Pais
	Vantagens da AP	Apoio para a escola Trabalhar para um fim comum
Poder de decisão dos Pais na instituição	Inexistência do poder de decisão	Oportunidade de participação e opinião Complexidade na participação dos pais nos órgãos Existência de limites para a tomada de decisão
Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola	Desafios da escola	Conhecer o papel de cada interveniente Confronto de valores entre a escola e a família
	Desafios dos pais	Tempo para participar na escola



## 2.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade

Iniciando a análise da entrevista ao E2, nesta primeira categoria, é possível constatar que a diretora considera que a relação que se estabelece entre a escola e as famílias é bastante complexa e que exige muito de toda a Comunidade Educativa. Este testemunho enquadra-se numa visão que retrata que “(...) a relação entre a escola e as famílias constitui uma relação complexa.” (Silva, 2002, p. 97):

“A relação Escola-Família e Família-Escola é uma relação muito complexa. É algo que exige muito da Comunidade Escolar ou das pessoas que vivem no [C], os professores, as direções.” (E2, p. LII)

E, por isso, deve-se aproximar os pais dos valores que a escola preconiza, pois estes quando inscrevem os filhos têm conhecimento do Projeto Educativo e, à partida, identificam-se com este. Além disto, é fundamental que exista um trabalho em equipa, já que a escola tem a competência de Educar e não o pode fazer sozinha, daí ter que existir uma boa articulação entre a escola e as famílias.

“(...) a escola não tem só a competência de instruir, mas sim a competência de Educar e a questão de Educar não podemos fazê-lo sozinhos (...) e tem que haver um trabalho muito articulado entre a escola e a família devido aos valores que cada área tem.” (E2, p. LII)

Assim, tanto à escola como às famílias cabem “(...) as responsabilidades específicas de que não podem alhear-se, mas para que a educação conduza ao progresso harmonioso dos educandos, família e escola devem assumir os seus papéis, numa linha de cooperação mútua (...)” (Nunes, 2004, p. 32).

Referindo uma subcategoria criada, que espelha a participação dos pais nas dinâmicas que decorrem na escola, o entrevistado refere que os pais participam cada vez mais, não só em momentos festivos, mas também noutros aspetos referentes à escola.

“Os pais participam e eu acho que cada vez mais participam, não só em festividades, como no Plano Anual de Atividades, mas eles participam muito também numa forma muito de organização, de partilhar, às vezes, pontos de melhoria.” (E2, p. LII)

Além disto, é referido que as famílias podem participar com a partilha de ideias ou saberes, das suas vivências, mas também participar, de forma prática, nas situações de aprendizagem do contexto educativo. Ainda assim, intervêm na elaboração do PE e RI, sendo ouvidos nas suas opiniões e, por fim, envolver-se em festividades ou dias temáticos que auxiliam a obter uma relação de confiança.



No que concerne às estratégias de envolvimento parental, o entrevistado afirma que se deve investir em momentos formais bem planejados, de forma a acolher bem as famílias. Além destes, é de referir a partilha de experiências.

“Pronto, (...) momentos formais bem planejados, bem pensados como envolver as famílias, acolher bem as famílias, haver um clima de respeito muito grande, acho que é importante e a diferenciação de papéis que também acho que é importante.” (E2, p. LIII)

Quando se aborda as dificuldades na relação das famílias com a instituição, a diretora informa que, de um modo geral, estas estão relacionadas com a falta de envolvimento das famílias. Do mesmo modo, existem problemas na visão que se tem sobre os valores que são diferentes de ambas as partes.

“Portanto, estas são as dificuldades é realmente a visão dos valores que são, às vezes, muito diferentes, é a colaboração, é a falta de envolvimento.” (E2, p. LIV)

Ainda sobre as famílias, é alegado que há falta de comunicação entre os seus membros, principalmente nas famílias monoparentais.

“(...) as famílias monoparentais, a falta de comunicação entre os membros da família, entre pai e mãe traz muita dificuldade à Escola, muitas vezes às próprias crianças que têm, lá está, padrões diferentes de atuação e a Escola exige uma maneira de estar e de aprendizagem desta maneira, depois o pai tem outra maneira, depois a mãe tem outra maneira e depois esta falta de articulação é muito complexo para a Escola (...)” (E2, p. LIV)

## **2.2. Perceção sobre as Associações de Pais**

Numa segunda categoria, que relata as Associações de Pais, é importante referir que a instituição não possui AP, existe apenas Representantes de Pais.

“(...) nós temos o Representante de Pais de cada turma e temos o Representante de Pais depois de cada valência, de cada ciclo. Portanto há reuniões trimestrais, portanto por períodos letivos aliás (...). Pronto e fazemos então, as reuniões em que eles fazem o levantamento dos pontos fortes que veem na Escola e os pontos de melhoria.” (E2, p. LIV)

Não obstante, o entrevistado reconhece as vantagens de ter uma AP referindo que esta é um apoio para a escola e que era algo que iria ajudar bastante na partilha de tarefas com a mesma. Ainda assim, informa que uma AP é fundamental para que se trabalhe para um fim comum.

“(...) sobretudo esta envolvimento dos pais e trabalharem para um projeto de vida comum era importante que houvesse e acho que a Associação de Pais pode ser muito útil nisso.” (E2, p. LV)



### 2.3. Poder de decisão dos Pais na instituição

Aludindo ao poder de decisão dos pais na instituição, o entrevistado julga que estes não possuem poder de decisão, apenas que existe a oportunidade das famílias participarem e darem a sua opinião.

“O poder de decisão, eu para ser muito sincera acho que eles não têm poder de decisão, eles têm poder de participação, de opinião.” (E2, p. LV)

Declara ainda que, a decisão é incumbida a outros órgãos e que a intervenção dos pais nos diversos órgãos que compõem a escola pode ser um pouco complexo, já que existem limites para a tomada de decisões, podendo ser até perigoso para a escola esta forma de participação.

“Enquanto às vezes passou-se por uma visão de escola que os pais tinham que fazer parte dos órgãos e acho que isso é preciso ter um bocadinho de cuidado, é um bocadinho complexo.” (E2, p. LV)

“(…) a tomada de decisões aí, porque se nós também deixarmos, são campos muito pantanosos, se nós também não criarmos algum limite poderá ser perigoso para a escola, portanto é como em tudo na vida, tem que haver regras.” (E2, p. LVI)

### 2.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola

No que concerne à última categoria desta análise, a diretora da instituição é questionada sobre os desafios que são colocados perante a tomada de decisão dos pais na escola. Esta considera que existem desafios para a escola, onde todos devem conhecer o seu papel e outro desafio é os valores que são partilhados entre a instituição e as famílias, comprovado no seu testemunho:

“Primeiro é realmente o grande desafio é conhecer o papel de cada um, de cada interveniente, isto é um grande desafio para nós, saber até onde o outro pode ir e que eu posso ir.” (E2, p. LVI)

“Depois tem a ver com os valores que partilhamos, também é importante, também é um grande desafio.” (E2, p. LVI)

Numa visão sobre os desafios da tomada de decisão para os pais, este baseia-se no tempo que as famílias têm para poderem participar.

“(…) outro grande desafio, às vezes é o tempo que a família tem para poder participar na escola, também é um grande desafio para eles (…)” (E2, p. LVI)

Este último desafio é apresentado como uma barreira para a participação dos pais nas dinâmicas da escola, pois a organização do tempo familiar é considerada uma condicionante para algumas famílias (Loureiro, 2017).



## 2.5. Síntese

Realizando uma síntese sobre a entrevista à diretora da instituição X e encontrando pontos de concordância e discordância com a entrevista do presidente da CONFAP, é possível constatar que um dos pontos em comum é o facto de ter que existir uma relação muito articulada entre a escola e as famílias. Esta é uma relação “(...) que tem invariavelmente sido considerada importante para todos os actores directa ou indirectamente ligado à educação.” (Silva, 1997, p. 77).

Ainda assim, e do ponto de vista da diretora, os pais podem participar de diversas formas na vivência da instituição, como é o exemplo da colaboração na elaboração do PE, do RI e na partilha de atividades para o PAA. Além disto, podem envolver-se na partilha de saberes e em diversas situações de aprendizagem. Referindo as estratégias de envolvimento parental preconizadas pela instituição, estas baseiam-se em momentos formais bem planejados, isto é, reuniões de pais, para promover a participação das famílias. Neste sentido, é possível averiguar que uma das formas de comunicar com os pais é através das reuniões com os mesmos, no entanto a preparação das mesmas “(...) é crucial para um bom desempenho.” (Marques, 2001, p. 50).

Além disto, é referido alguns constrangimentos na relação da escola com as famílias e, neste sentido, indo ao encontro de um dos objetivos propostos nesta investigação, é de realçar a falta de envolvimento das famílias, a falta de comunicação entre os membros da mesma e, por fim, a visão sobre os diferentes valores. Neste sentido, pode-se verificar que “(...) Um dos problemas é que as escolas e as famílias são estruturas diferentes e com algumas funções diferenciadas.” (Davies et al., 1989, p. 43).

No que concerne às Associações de Pais, a instituição não possui AP, no entanto substitui esse órgão por um Representante de Pais. Porém, o E2 consegue elencar benefícios que vão de encontro aos referidos pelo E1. Desta maneira, ambos concordam que existem vantagens em ter uma AP ao serviço da escola, pois esta poderá ser um parceiro para a instituição, auxiliando em tudo o que for necessário. Além disto, é referido que tanto a escola como as famílias devem entender-se e serem bons aliados.

Relativamente ao poder de decisão dos pais na escola, no olhar do E2, os pais não possuem poder de decisão, mas sim poder de participação, o que corrobora com a visão do E1, alegando que estes não querem decidir, mas sim fazer parte da decisão, recorrendo às suas opiniões. Outro fator de concordância entre estes dois entrevistados é o facto de

ambos concordarem com a ideia de se ouvir a opinião dos alunos. No entanto, um dos pontos de discórdia encontrados está relacionado, exatamente, com o poder de decisão dos pais, já que o E1 afirma que estes podem ter uma participação e uma voz em alguns órgãos. Contudo, a diretora da instituição admite que a participação dos pais em diversos órgãos da escola pode ser complexo. Recordando que o conceito de escola tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, crê-se que esta está mais “(...) aberta e integrado membros da própria comunidade, incluindo como membros de pleno direito em órgãos vários (Assembleia de Escola, Conselho Pedagógico, ...)” (Silva, 2008, p. 128).

Por fim, relativamente aos desafios da tomada de decisão dos pais na escola, a diretora faz a distinção entre desafios para a escola e para os pais. Neste seguimento, no que se refere à escola esta tem o desafio de conhecer os papéis de cada interveniente, mas também os valores que são partilhados. Esta é uma perspetiva que coincide com a ideia de que “Quando os valores da escola coincidem com os valores da família, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade.” (Marques, 2001, p. 21). Já do lado dos pais, estes possuem o desafio do tempo, o tempo que necessitam para participar nas dinâmicas da escola.

### 3. Análise dos dados da entrevista à professora cooperante

Neste tópico irá ser feita uma análise, por categorias, da entrevista realizada à professora cooperante da turma Y. Nesta entrevista intitulou-se o entrevistado como E3, de maneira a garantir o anonimato dos dados e a sua privacidade.

Assim sendo, este instrumento de investigação está organizado nas seguintes categorias: i) Relação Escola-Família-Comunidade; ii) Representante de Pais; iii) Poder de decisão dos Pais na instituição; vi) Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola. Neste sentido, será apresentada, de seguida, a tabela das dimensões de análise.

**Tabela 4: Dimensões de análise da entrevista à professora cooperante**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
	Relação Professor-Profissionais	Relação entrelaçada
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Importância da relação Escola-Famílias-Comunidade	Aumentar a confiança
		Respeitar os papéis de cada interveniente
		Primordial
		Saber comunicar



	Desvantagens da participação dos pais nas escolas	Inexistentes
	Vantagens da participação dos pais nas escolas	Partilha de saberes dos pais na sala de aula <i>Feedback</i> contínuo aos pais
	Relação Escola-Famílias-Comunidade na instituição	Famílias Exigentes
	Participação dos pais nas dinâmicas da escola	Pouca participação ativa Projeto “Em família há mais saberes” Controlo do trabalho dos alunos Intervenção quando a escola falha
	Estratégias de envolvimento parental na instituição	Projetos Palestras
Representante de Pais	Funções do RP	Representar os pais Facilitar a comunicação entre a escola e as famílias Participar em reuniões de RP
Poder de decisão dos Pais na instituição	Oportunidade de decisão dos pais na escola	Os pais têm oportunidade de decidir
	Formas de participação dos pais nas tomadas de decisão	Não participam na parte financeira Participação através do RP Alertar para questões pedagógicas e internas com alunos
	Benefícios da intervenção dos pais nas decisões da escola	Benefícios para a Comunidade Educativa Benefícios para os alunos
Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola	Desafios dos pais	Desbloquear os seus medos

### 3.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade

Começando a análise à entrevista da professora cooperante, e na primeira categoria, é possível constatar que esta realça a relação existente entre Professor-Profissionais. Assim, esta deve ser uma relação entrelaçada, com uma comunicação clara.



No que respeita à importância da tríade Escola-Famílias-Comunidade, o entrevistado considera que esta é primordial e é muito importante, para que haja comunicação entre a escola e as famílias.

“Primordial, porque qualquer elemento que vá sabotar esta relação põem em causa o aluno, até porque isto anda muito à volta daquilo que é a inteligência emocional da pessoa e do próprio professor que também tem que ter maturidade.” (E3, p. LXVI)

Dando ênfase à relevância da relação entre a escola e as famílias, constata-se que “(...) a escola depara-se com a necessidade de romper com a chamada “escola tradicional”, centrada em si mesma, e a permanência de uma verdadeira relação de parceria com a família (...)” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 142).

Neste sentido, deve existir uma ligação de confiança, bem como devem assumir cada um o seu papel.

“Tem que ser sobretudo uma relação de confiança.” (E3, p. LXVI)

“Têm é que assumir papéis diferentes e respeitar os papéis e o limite dos papéis de cada um.” (E3, p. LXVI)

Neste olhar, todos “(...) têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário para a construção de um programa educativo escolar de qualidade.” (Marques, 1997, p. 39).

Referindo, então, as desvantagens e vantagens da participação dos pais nas escolas, a professora julga que não encontra desvantagens, apenas vantagens, desde que esse envolvimento seja equilibrado. Nesse sentido, crê que um dos benefícios é a partilha de saberes dos pais na sala de aula, pois esta é apologista disso mesmo. Do mesmo modo, expõe a sua visão sobre oferecer *feedback* contínuo aos pais:

“E sou apologista dos pais na sala, sou apologista de mostrar aos pais o que se faz na sala e sou apologista de dar *feedback* contínuo aos Pais, sobretudo de alunos que têm dificuldades, sejam elas cognitivas, sejam elas de comportamento.” (E3, p. LXVII)

Descrevendo a relação existente entre a escola e as famílias na instituição, o E3 acredita que, na mesma, possuem famílias exigentes e letradas. Nesse seguimento, declara que existe pouca participação ativa por parte das famílias. Não obstante, a professora informa que, na instituição, possuem um projeto que, com a pandemia não permitiu desenvolver, mas que o ano passado decorria e que os pais vinham à escola e faziam atividades com os alunos. Por outro lado, a mesma refere que os pais controlam bastante



as notas dos testes ou os trabalhos dos alunos e que intervêm quando sentem que a escola está a falhar.

“Agora a participação ativa de enviar atividades e de fazer, não é que tínhamos muito.” (E3, p. LXVII)

“(...) os pais controlam muito as notas dos testes, correções de testes, correções de cadernos, se fazem ou não os trabalhos de casa (...)” (E3, p. LXVIII)

No entanto, a instituição promove a participação dos pais através de estratégias de envolvimento parental e o entrevistado indica duas: apresentação de projetos de final de ano e palestras sobre diversos temas. Contudo, afirma que esta última só obtém mais adesão quando são cerimónias formais e de cariz político.

### **3.2. Representante de Pais**

Nesta categoria sobre o Representante de Pais, a professora é questionada sobre as funções deste, ao qual responde que tem que ser uma pessoa que sabe representar:

“É uma pessoa que está sobretudo confiante no [C], que é um Representante que também sabe representar (...)” (E3, p. LXVIII)

Do mesmo modo, refere que o RP facilita a comunicação entre a escola e as famílias, bem como participa em reuniões de RP, juntamente com a coordenação.

### **3.3. Poder de decisão dos Pais na instituição**

Abordando outra categoria designada de poder de decisão dos pais na instituição, o entrevistado declara que os pais têm sempre oportunidade de decidir, desde que seja em prol da melhoria e bem-estar do aluno.

“Sim, têm sempre, sempre que a janela de oportunidade for em direção à melhoria e bem-estar do aluno.” (E3, p. LXIX)

Mesmo as famílias possuindo este poder de decisão, a professora crê que estes não participam na parte financeira, ou seja, existem aspetos nos quais os pais não participam. Neste âmbito, a participação das famílias deve abranger questões de política educativa e não deve interferir com a autonomia pedagógica dos professores (Marques, 2001).

Por outro lado, há formas de participação dos pais na tomada de decisão e são enumeradas a participação através do RP e quando alertam para questões pedagógicas e até mesmo internas com os alunos.

“(...) através dos Representantes de Pais, eles deixam-nos logo uma bateria de sugestões e algumas delas nós acolhemos sempre no ano seguinte.” (E3, p. LXIX)



Por fim, são referidos os benefícios desta intervenção por parte dos pais que assentam em vantagens para a Comunidade Educativa, onde há harmonia, e para os alunos que lhes permitem um bem-estar emocional.

### **3.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola**

Na última categoria, desafios da tomada de decisão dos pais na escola, o entrevistado relata que os pais têm o desafio de desbloquear medos.

“Os pais, desbloquear medos dos próprios pais, os pais têm muito medo que os alunos sofram, não conseguem ver os alunos a chorar. Os alunos que às vezes chegam-nos com pouca capacidade de resiliência (...)” (E3, p. LXX)

### **3.5. Síntese**

Em conformidade com a análise das restantes entrevistas, neste tópico irá ser elaborado uma síntese sobre a entrevista à professora cooperante, bem como tentar encontrar pontos em comum ou de discórdia entre esta e as restantes entrevistas.

Neste sentido, o E3 acrescenta uma ideia que nas entrevistas transatas não é visível, pois este dá importância à relação do professor com outros profissionais. Do mesmo modo, considera a tríade Escola-Famílias-Comunidade como algo primordial. Relatando as vantagens e desvantagens elencadas pela professora cooperante, esta não vê desvantagens, mas encontra vantagens no que se refere à partilha de saberes dos pais.

No que concerne à relação Escola-Famílias-Comunidade na própria instituição, o E3 afirma que possuem famílias bastante exigentes e letradas e que a participação dos pais nas dinâmicas da escola é escassa, possuindo pouca participação ativa. Esta informação vai ao encontro das dificuldades elencadas pela diretora da escola, onde declara que existe falta de envolvimento das famílias. Por outro lado, acrescenta formas das famílias participarem que não são visíveis no E2, sendo que refere um projeto e a intervenção dos pais no controlo dos trabalhos dos alunos e quando a própria instituição falha. Este olhar leva a crer que os pais desejam envolver-se no apoio realizado em casa, no processo educativo (Marques, 2001). Mais além, as atividades que são realizadas pelos pais em casa ou na escola, tendo em vista a aprendizagem dos alunos, enquadra-se numa das tipologias apresentadas nesta investigação, a Co-produção (Heleen, citado por M. Dias, 2005, p.45). No que consta às estratégias de envolvimento parental, estas também são distintas das apresentadas pela diretora, enunciando os projetos, mais uma vez, e as palestras realizadas na escola. Referindo o Representante de Pais, e corroborando com as

informações do E2, a professora também declara que possuem RP e que este deve saber representar e facilitar a comunicação entre a escola e as famílias.

No que toca ao poder de decisão dos pais na instituição, a professora discorda das visões apresentadas pelo E1 e o E2, pois estes últimos julgam que os pais não possuem poder de decisão, mas sim de opinião e participação. No entanto, o E3 afirma que os pais têm poder de decidir, sempre que tiver em vista a melhoria e o bem-estar do aluno. Porém, não intervém na parte financeira. Ainda neste âmbito, relata que os pais têm formas de participar na tomada de decisões, tal como o E1 demonstra. Contudo, apresentam formas distintas de o fazer. Ao passo que o E1 aborda os órgãos da escola, ou seja, os diferentes Conselhos, o E3 refere a participação dos pais através do RP e na intervenção para questões pedagógicas e internas com os alunos. Quanto aos benefícios desta intervenção, o entrevistado 3 e 1 corroboram nos seus olhares, declarando que se encontram benefícios para a Comunidade Educativa e para o aluno, existindo maior tranquilidade. Conclui-se assim que, a existência de uma parceria entre a escola, as famílias e a comunidade, acarreta benefícios evidentes para todos os intervenientes do processo educativo (Sousa & Sarmiento, 2010).

Por último, e abordando os desafios deste poder e tomada de decisão dos pais na escola, a professora cooperante apresenta uma visão de que é necessário desbloquear medos, os medos dos pais. Já o entrevistado 2 refere que é fundamental conhecer o papel de cada interveniente, concordando também com a opinião da professora cooperante que reflete sobre respeitar e assumir papéis diferentes.

#### **4. Análise dos dados da entrevista ao Representante de Pais**

A última entrevista em análise é a do Representante de Pais, onde foi designado por E4, de modo a garantir o anonimato dos dados e respetiva privacidade. Nesta entrevista foram encontradas as seguintes dimensões de análise: i) Relação Escola-Famílias-Comunidade; ii) Representante de Pais; iii) Poder de decisão dos Pais na instituição; iv) Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola. Todas estas categorias podem ser visualizadas na tabela seguinte.

**Tabela 5: Dimensões de análise da entrevista ao Representante dos Pais**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
Relação Escola- Famílias- Comunidade	Importância da relação Escola- Famílias-Comunidade	Comunicação entre a escola e as famílias Adaptação das necessidades ao contexto educativo
	Vantagens da participação dos pais na escola	Alinhamento e informação
	Desvantagens da participação dos pais na escola	Comunicação excessiva Exigências dos pais
	Estratégias de envolvimento parental na instituição	Participação em eventos Falta de comunicação entre a escola e as famílias
Representante de Pais	Funções do RP	Facilitar a comunicação da escola com os pais Representar os pais
Poder de decisão dos Pais na instituição	Oportunidade de decisão dos pais na escola	Os pais têm oportunidade de decidir
	Benefícios da intervenção dos pais nas decisões da escola	Minimiza o número de reclamações Alinhamento com o Projeto Educativo Compromisso entre a escola e as famílias
Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola	Desafios da escola	Envolver todos os decisores Desafios das novas tecnologias/ <i>Internet</i>

#### **4.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade**

A primeira categoria, à semelhança das entrevistas passadas, é a relação que existe entre a escola, as famílias e a comunidade. O Representante de Pais da turma Y alude à importância desta relação, afirmando que se deve manter uma interação entre a escola e as famílias numa base diária, ou seja, manter a comunicação entre os dois intervenientes. Pois “A chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação.” (Marques, 1997, p. 39).

Refere ainda as vantagens e desvantagens da participação dos pais na escola. Assim, relata que uma das vantagens desta intervenção é o alinhamento e a informação.



“O alinhamento e a informação para perceber se toda a gente está alinhada no que se está a passar, inclusive nesse caso gestão de expectativas, porque não só por parte dos pais, como também por parte da Escola.” (E4, p. XCIII)

Por outro lado, as desvantagens assentam na comunicação que pode ser excessiva e as exigências dos pais.

“(…) a comunicação a mais, ou seja, também está muito aberto, também pode criar um problema, porque essa abertura é demasiada, (…) se a frequência for falar com os pais uma vez por trimestre, a coisa dá, mas se começarmos a ser abertos falar todos os dias ou todos os meses afogamo-nos na própria melhoria.” (E4, p. XCIII)

“(…) a desvantagem acho que acima de tudo é, pelo mesmo motivo, as exigências que nós fazemos e as expectativas, neste caso, gorarem, quando na realidade pode não haver esse alinhamento.” (E4, p. XCIII)

Seguidamente, é abordado a tríade na instituição, onde o E4 refere algumas estratégias de envolvimento parental. Desta forma, enuncia a participação em eventos. No entanto, aponta este tópico como algo negativo, visto que existem eventos onde quase ou ninguém irá conseguir comparecer, porém são bastante interessantes. Este facto deve-se à falta de comunicação entre a escola e as famílias, onde os eventos não são realizados em cooperação com os pais e, por isso, as iniciativas lançadas pela escola não têm muita adesão da parte dos mesmos.

“(…) as iniciativas todas que a escola está a lançar, eu não vejo nenhuma, comigo pelo menos, que tenha sido feita em cooperação com os pais, nenhuma (…) E acho que o facto (…) se isso acontecer é muito mais difícil cativar os pais.” (E4, p. XCIV)

## 4.2. Representante de Pais

No que diz respeito ao Representante de Pais, o E4 refere as suas funções neste cargo. Neste sentido, considera que facilita a comunicação entre a escola e os pais, encaminhando, por vezes, estes últimos.

“Tenho um problema grande que é meter a calda na fervura, como é que eu vou fazer isso com um pai? Porque está alguém a ferver e quer ser satisfeito.” (E4, p. XCIV)

“Também tento encaminhar as pessoas e no caso de ser grave inclusive dou importância no tempo, ou seja, existe a secretaria quando não é grave ou alguma coisa simples vá amanhã ou depois vê-se, mas tem que tratar.” (E4, p. XCIV)

Outra das funções apresentadas pelo Representante de Pais é o saber representar, tentando perceber se determinada situação é um caso isolado ou se realmente representa a turma.

“Eu tenho que perceber, eu sei mais ó menos o projeto da escola inclusive se for uma coisa grave eu posso ter que ir ver. Mas antes disso tudo, eu tenho que



perceber se aquilo é um caso isolado (...) Ou se é um caso que representa a turma.” (E4, p. XCIV)

### **4.3. Poder de decisão dos Pais na instituição**

Nesta categoria relacionada com o poder de decisão dos pais na instituição, o E4 comunica que os pais têm oportunidade de decidir, desde que o número de pais seja significativo e que essa decisão não se descentre do Projeto Educativo da Escola. Uma vez que “Uma escola projeta-se e desenvolve-se através do seu projeto educativo de escola: através da caracterização das suas potencialidades, da definição das suas metas e finalidades e da definição das suas estratégias de ação.” (Neves, 2016, p. 25).

“(...) se essa decisão que foi tomada é importante e é unanime para os pais, sem nunca fugir ao Projeto Educativo da escola.” (E4, p. XCV)

Quanto aos benefícios da intervenção dos pais nas decisões da escola, o Representante de Pais declara que, em primeiro plano, irá minimizar o número de reclamações. Por outro lado, existe um alinhamento com o Projeto Educativo, não o decidindo, mas ajudando a tratar algumas questões. E, por fim, confessa que existe um compromisso entre a escola e as famílias.

“Na realidade ter uma amostragem que seja significativa, não muito grande se não é impossível gerir, mas que seja a voz daquilo que acontece na escola. E acho que isto também ajuda não só para a questão de não haver problemas e do alinhamento, mas também na questão de fazerem inclusive, criarem um compromisso para até que as coisas andem mais rápido.” (E4, p. XCV)

### **4.4. Desafios da tomada de decisão dos Pais na Escola**

A última categoria em análise é os desafios da tomada de decisão dos pais na escola. Efetivamente, a escola contemporânea encontra-se “(...) perante novos desafios que exigem respostas adequadas por parte dos agentes educativos.” (Pereira, 2011, p. 69). Neste sentido, E4 refere que é importante envolver todos os decisores, sejam eles os Pais, ou outros.

“(…), nós temos que ter um plano obrigatoriamente como a escola (...) um Plano Pedagógico e etc., mas tem que navegar à vista no contexto e envolver todos os decisores. Estamos a falar, neste caso, no caso dos pais, obrigatoriamente, mas eu tenho a certeza que a escola envolve os decisores políticos, políticos locais, do Ministério e afins.” (E4, p. XCV)

Este desafio proposto pelo RP corrobora com um dos principais desafios elencados na parte teórica deste relatório, onde é referido que se deve incluir todos os representantes das famílias, independentemente do seu estatuto socioeconómico ou etnia (Patacho, 2021).



“Eu acho que no final, estando todos juntos, ou a representação ser junta, ter um conselho acho que ajuda em relação a isso nos pais e no poder que eles têm em relação à escola e os desafios que existem na Educação, na *internet*, na segurança das crianças.” (E4, p. XCVI)

#### 4.5. Síntese

Em modo síntese e encontrando pontos de concordância e discórdia entre as quatro entrevistas em análise é possível constatar que na importância da relação Escola-Famílias-Comunidade, o E4 está de acordo com o E3, onde afirma a importância da comunicação entre a escola e as famílias. Efetivamente, possui-se a noção de que “(...) a escola e a família partilham um projeto comum - a educação dos alunos, projeto demasiado complexo e difícil para ser levado em braços apenas por um setor (...)” (Pereira, 2011, p. 69).

No entanto, quando, mais adiante, se aborda as vantagens e desvantagens da participação dos pais na escola, o E4 encontra desvantagens ao invés do E3. Assim sendo, as desvantagens elencadas são a comunicação excessiva e as exigências dos pais. Este último facto encontrado como uma desvantagem para o E4 vai ao encontro de uma das visões apresentadas pelo E3, quando este declara que as famílias da instituição são bastante exigentes e letradas. Por outro lado, o E4 acresce com uma vantagem ainda não enunciada, sendo esta o alinhamento e a informação.

No que se refere à relação entre a escola, as famílias e a comunidade na instituição, mais concretamente, as estratégias de envolvimento parental, o E4, mais uma vez, concorda com o E3 que relata a participação em eventos, contudo com pouca adesão. O Representante de Pais ainda acrescenta a falta de comunicação entre a escola e as famílias e como esse fator pode interferir na participação dos pais, pois existem eventos que não são realizados em colaboração com os mesmos. Este olhar sobre a participação dos pais na escola faz repensar a análise feita pelo E2 e E3, já que referem que existe pouca participação e envolvimento ativo por parte das famílias, talvez o motivo seja elencado pelo E3.

Relativamente às funções do Representante de Pais, objetivo incitado para esta investigação, o E4 refere duas que corroboram com as apresentadas pelo E3. Desta maneira, é referido que este órgão facilita a comunicação entre a escola e os pais, bem como tem que saber representar estes últimos.



Quanto ao poder de decisão dos pais na instituição, o RP refere que os pais têm oportunidade de decidir concordando com o E3, mas discordando com a visão exposta pelos E1 e E2. No entanto, existe a ideia de que “(...) as nossas sociedades democráticas devem assentar na garantia de que todos os cidadãos tenham a oportunidade de influenciar as decisões que afetam direta ou indiretamente as suas vidas e que normalmente são tomadas nas instituições.” (Patacho, 2021, p. 166). No que toca aos benefícios desta intervenção, o E4 descreve a minimização do número de reclamações, o alinhamento com o Projeto Educativo e, por último, o compromisso entre a escola e as famílias. Esta última evidência alude a uma ideia apresentada pelo E1, pois este refere que se deve auscultar as famílias e o E4 concorda com este conceito, já que afirma que tem que haver uma amostragem significativa, mas que seja a voz da escola, isto é, ouvir as famílias. Neste sentido, numa parceria entre a escola e as famílias, “(...) parte-se do princípio de que todas as ideias devem ser ouvidas com atenção e que as pessoas necessitam de concordar em alguns passos comuns em ordem a alcançarem os seus objetivos comuns.” (Marques, 2001, p. 113).

Para finalizar, e referindo os desafios da tomada de decisão dos pais na escola, o E4 expressa a sua opinião exibindo que um dos desafios da escola é envolver todos os decisores, sejam eles os pais, os decisores políticos ou o Ministério. Este é um ponto que, curiosamente, é referido pelo E2, mas do olhar dos pais. Isto é, o desafio dos pais em possuírem tempo para participar e estarem envolvidos.

## **5. Análise dos dados dos inquéritos por questionário aos EE**

Após uma visão sobre as opiniões de diversos intervenientes, tendo como recurso a entrevista, neste tópico irá ser feita uma análise dos inquéritos por questionário aos EE de duas turmas da instituição X. Os dados obtidos desta análise irão, posteriormente, ser confrontados com as informações obtidas pelas entrevistas. Assim sendo, importa referir que foi elaborada uma análise de conteúdo, criando-se uma grelha com as dimensões de análise dos inquéritos. Neste sentido, foi fundamental questionar os inquiridos acerca do seu género, idade, habilitações literárias, grau de parentesco em relação ao aluno e atividade profissional.

Desta forma, no que concerne aos dados dos inquiridos, estes foram um total de 30, sendo que 73,3 % são do género feminino (n = 22) e 26,6% do género masculino (n



= 8)<sup>6</sup>. Além disto, e observando as idades dos participantes, é possível verificar que existe uma prevalência num dos intervalos das faixas etárias, registando-se cerca de 90% com idades compreendidas entre os 36 e os 45 anos ( $n = 27$ ) e restando uma percentagem mínima de 10% com idades entre os 46 e os 55 anos ( $n = 3$ )<sup>7</sup>. Quanto ao grau de parentesco em relação ao aluno, comprova-se que o que prevalece é “Mãe”, com 76,6% ( $n = 23$ ) e 23,3% é “Pai” ( $n = 7$ )<sup>8</sup>. Com a obtenção destes dados podemos observar uma incoerência, pois os números de inquiridos referentes ao género e ao grau de parentesco deviam ser iguais. No entanto, observa-se que isso não acontece existindo um inquirido categorizado como “Mãe” e um a menos como “Pai”.

Relativamente às habilitações literárias dos inquiridos, constata-se que estas são bastante heterogéneas, predominando a Licenciatura com maior número de inquiridos, 57% ( $n = 17$ ), seguindo-se o Mestrado com uma percentagem de 20% ( $n = 6$ ). Ainda assim, restam algumas percentagens em formação ao nível de Pós-Graduação, 10%, ( $n = 3$ ), Doutoramento, 7%, ( $n = 2$ ) e Bacharelato e Ensino Secundário com 3,3% cada um ( $n = 1$ ).

Por último, no que respeita à atividade profissional exercida por cada inquirido, a sua maioria, trabalha em áreas relacionadas com Atividades intelectuais e científicas, 30%, ( $n = 9$ ). Segue-se os Técnicos e profissões de nível intermédio, 13,3%, ( $n = 4$ ) e depois os Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices, 10%, ( $n = 3$ ). Posteriormente, restam uma minoria que a sua profissão se insere noutra categoria. Ainda sobre a atividade profissional, é de frisar que alguns inquiridos, 30%, ( $n = 9$ ), responderam a opção “Outra”, no entanto foi possível comprovar que a sua atividade profissional incide, exatamente, em áreas de Especialistas das atividades intelectuais e científicas.

Após os dados pessoais dos inquiridos, é de ressaltar que, seguidamente, irá ser apresentada a tabela com as dimensões de análise deste instrumento de investigação. De forma a manter o anonimato dos inquiridos e a salvaguardar a privacidade dos dados dos mesmos, estes foram intitulados como I1 até I30.

---

<sup>6</sup> Confrontar apêndice 14 – Gráfico 3: Género dos inquiridos

<sup>7</sup> Confrontar apêndice 15 – Gráfico 4: Idade dos inquiridos

<sup>8</sup> Confrontar apêndice 16 – Gráfico 5: Grau de parentesco em relação ao aluno

**Tabela 6: Dimensões de análise dos inquéritos por questionário aos EE**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Vantagens do envolvimento parental	Desenvolvimento e aprendizagens das crianças Desenvolvimento emocional das crianças Sinalização de dificuldades dos alunos Estreita a relação Escola-Famílias Integração e adaptação na relação Escola-Famílias Acompanhamento/Continuidade em casa por parte dos pais
	Ouvidos pela escola	Valorização da opinião das famílias
Papel dos EE na instituição	Envolvimento e participação	Participação através da Representação de Pais Colaborar nos trabalhos Nas atividades e projetos da instituição Contacto/Relação com a instituição
	Pouca relação Escola-Famílias	Desvalorização da opinião das famílias Poucas reuniões
	Constrangimentos na relação Escola-Famílias na instituição	Relação unilateral
Importância da Associação de Pais na instituição	Muito importante	Comunicação Escola-Famílias
	Pouca	-
	Desconhecida	-
Poder de decisão das famílias na instituição	Ouvir as opiniões das famílias	Através do Representante dos EE
	Relação/Contacto das famílias com a escola	Corpo docente Direção
Benefícios do poder e tomada de decisão para as famílias	Garantir os direitos dos alunos	Aprendizagens dos alunos Adequação do ensino
	Envolvimento das famílias com a escola	Reciprocidade Controlo/Pressão sobre os membros



## 5.1. Relação Escola-Famílias-Comunidade

Mencionando a primeira categoria apresentada, abordando a relação Escola-Famílias-Comunidade, os inquiridos, na sua totalidade, 100% (n=30)<sup>9</sup>, consideram que o envolvimento parental acarreta vantagens para todos os intervenientes no processo educativo. Desta forma, justificam as suas respostas afirmando que uma das vantagens é o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, o desenvolvimento emocional das mesmas, a sinalização de dificuldades dos alunos, estreita a relação Escola-Famílias, existe uma integração e adaptação na relação acima referida e, por último, existe um acompanhamento em casa por parte dos pais, tal como se verifica:

“É dos aspetos mais fundamentais, para que os educandos atinjam os patamares mais elevados na aprendizagem das matérias curriculares.” (I1, p. CII)

“(…) ajuda a sinalizar dificuldades dos alunos.” (I25, p. CIII)

“A educação tem de ser totalmente integrada entre escolas e pais para ser bem-sucedida.” (I24, p. CIV)

“Porque há um maior conhecimento e proximidade do aluno.” (I13; I14, p. CIV)

Neste caso, mais uma vez, pode-se recordar que a relação entre a escola, as famílias e a comunidade acarreta benefícios para todos os intervenientes (Sousa & Sarmiento, 2010). Além disto, nota-se uma melhoria dos resultados escolares dos alunos em que os pais apoiam no processo educativo, em casa (Marques, 2001).

## 5.2. Papel dos EE na Instituição

Relativamente ao papel dos EE na instituição, os inquiridos foram questionados sobre se tinham ou não esse papel ativo na escola, no qual 86,6% (n = 26) declaram que possuem esse papel, porém 13,3% (n = 4) afirma que não têm esse papel ativo<sup>10</sup>.

Isso significa que, a maioria, considera que são ouvidos na escola e que há uma valorização das suas opiniões.

“Damos a nossa opinião em diversos temas e somos também chamados a intervir.” (I4, p. CIV)

“Os EE colaboram em algumas iniciativas proposta pelo [C] e a opinião dos EE é tida em conta pela direção (…)” (I18, p. CV)

Relativamente ao envolvimento e participação dos pais nas dinâmicas da instituição, a maioria das famílias, 83,3% (n = 25), julgam que a instituição promove a sua participação, mas uma minoria discorda com esta opinião, 16,6% (n= 5), declarando

<sup>9</sup> Confrontar apêndice 17 – Gráfico 6: Existência de vantagens no envolvimento parental

<sup>10</sup> Confrontar apêndice 18- Gráfico 7: Existência de um papel ativo dos EE na instituição



que a Escola não promove a sua participação<sup>11</sup>. Acrescentam ainda que, participam através do RP, colaboram nos trabalhos, nas atividades e nos projetos desenvolvidos pela instituição e que possuem um bom contacto com a mesma.

“Seja diretamente ou indiretamente através dos seus representantes.” (I9, p. CV)

“Somos várias vezes envolvidos, quer no âmbito mais geral por exemplo a nível do projeto [X], como a nível mais individual na colaboração e partilha de experiências na turma.” (I7, p. CV)

“Temos contacto regular com o [C] e com a professora titular.” (I2, p. CVI)

Já os inquiridos que discordam com este envolvimento, declaram que existe pouca relação da escola com as famílias, e existem poucas reuniões, como se verifica:

“Poucas ou nenhuma ideias ou sugestões acabam por serem implementadas.” (I12, p. CVI)

“Poucas reuniões.” (I27, p. CVI)

Neste âmbito surge outra pergunta que aborda a frequência com que os EE participam na escola e as respostas foram bastante díspares, pois consideram, em grande parte, que participam “algumas vezes”, 60% (n = 18), depois segue-se “muitas vezes” e “raramente”, cada uma com uma percentagem de 16,6% (n = 5), seguidamente “poucas vezes”, 6,6% (n = 2) e, por fim, com 0% “nunca”<sup>12</sup>. Além disto, emerge a questão sobre em que tipo de atividades os EE participam e, neste caso, também houve opiniões bastante distintas, porém uma delas sobressai, que incide nas reuniões de pais, 56,6% (n = 17). De seguida, surgem os espetáculos, 16,6% (n = 5), a exposição de trabalhos, 13,3% (n = 4), seminários e palestras, 3,3% (n = 1). Ademais existia “outra opção” e alguns inquiridos (n = 3) selecionaram-na, justificando que participavam em exposições de trabalhos, espetáculos e reuniões de pais (n = 1) e que participam em atividades de sala de aula (n = 2)<sup>13</sup>.

Abordando outra categoria, constrangimentos na relação Escola-Famílias, na instituição, a maioria dos inquiridos, 93,3%, (n = 28) afirma que não existem obstáculos, contudo uma pequena percentagem de EE, 6,6%, (n = 2), declara que eles existem<sup>14</sup>. E, dessa forma, justificam as suas respostas expondo que existe uma relação muito unilateral por parte da direção:

“Uma relação muito unilateral da parte da direção.” (I14, p. CVI)

---

<sup>11</sup> Confrontar apêndice 19- Gráfico 8: Promoção da participação das famílias na instituição

<sup>12</sup> Confrontar apêndice 20 – Gráfico 9: Frequência da participação das famílias na instituição

<sup>13</sup> Confrontar apêndice 21 – Gráfico 10: Atividades em que os EE participam

<sup>14</sup> Confrontar apêndice 22 – Gráfico 11: Existência de constrangimentos na relação Escola-Famílias



Outra das questões efetuadas foi a importância da eleição de um Representante de Pais e, neste caso, 90% (n = 27) dos EE reflete que é fundamental e eleição de um RP. Por outro lado, 10% (n = 3) declara que não é relevante essa eleição<sup>15</sup>.

### 5.3. Importância da Associação de Pais na instituição

Entrando noutra categoria, que retrata a importância da Associação de Pais, em primeiro lugar, foi importante questionar os inquiridos sobre a existência de uma AP, na instituição. As respostas obtidas pelos inquiridos foram que 50% (n = 15) consideram que existe uma AP e 50% (n = 15) consideram que não existe uma AP<sup>16</sup>. Consequentemente, as respostas sobre a relevância deste órgão foram bastante diversas, uma vez que, uma parte dos EE, crê que é muito importante e facilita a comunicação entre a escola e as famílias.

“Máxima.” (I1, p. CVII)

“Como interlocutor para os problemas de índole geral.” (I25, p. CVII)

Por outro lado, alguns inquiridos dão pouca importância à AP e outros desconhecem a sua existência.

“Pouca, acho que não tem expressão na vida ativa do [C].” (I14, p. CVII)

“Desconheço.” (I3; I10, p. CVII)

### 5.4. Poder de decisão das famílias na instituição

Na presente categoria, os inquiridos foram interrogados sobre se consideravam que possuíam algum poder de decisão na instituição e cerca de 60%, (n = 18), responderam que tinham poder de decisão e, ao invés disso, 40%, (n = 12), responderam que não tinham esse poder<sup>17</sup>. Além disso, alguns EE relatam que a escola ouve as opiniões das famílias e não possuem, propriamente, poder de decisão, mas influenciam-na, tal como se verifica “Os pais podem e devem tentar influenciar a tomada de decisões e, quando for possível, participar na tomada de decisões.” (Marques, 1988, p. 21).

Do mesmo modo, outros inquiridos afirmam que esse poder de decisão pode ser efetuado através do RP, ou então, na relação das famílias com a escola, aquando do contacto com o corpo docente e a direção.

“Penso que muitas decisões relativamente aos educandos são discutidas com os pais, fazendo-os sentir à vontade para decidirem por si.” (I2, p. CVII)

---

<sup>15</sup> Confrontar apêndice 23 – Gráfico 12: Importância da eleição de um Representante de Pais na escola

<sup>16</sup> Confrontar apêndice 24 – Gráfico 13: Existência de uma AP na instituição

<sup>17</sup> Confrontar apêndice 25 – Gráfico 14: Existência de poder de decisão na instituição



“Não é propriamente poder de decisão, mas sim poder de influência, uma vez que todos os anos existem reuniões de pais com os responsáveis do [C], onde são alertados aspetos evidenciados pelos pais e que a direção leva em conta.” (I17, I 18 p. CVIII)

“Participando em vários projectos e também sendo ouvidos através dos representantes dos pais.” (I7, p. CVIII)

“Através dos contactos com os docentes e a direção.” (I25, p. CVIII)

## 5.5. Benefícios do poder de decisão para as famílias

Na última categoria desta análise, e tentando responder a outro objetivo deste relatório, foi questionado os EE sobre se achavam que existiam benefícios para as famílias na tomada de decisão destes na escola. Os dados obtidos demonstram que 90%, (n = 27), dos inquiridos julgaram existir benefícios e cerca de 10% (n = 3) dos EE creem não existir<sup>18</sup>.

Neste seguimento, as vantagens apontadas pelos EE são garantir os direitos dos alunos, ou seja, a sua aprendizagem e a adequação do ensino. Da mesma forma, acham que melhora o envolvimento das famílias com a escola, há maior reciprocidade e, por último, há maior controlo sobre diversos membros.

“Beneficiam na medida em que conseguem influenciar a melhoria das condições e ensino dos seus filhos.” (I30, p. CIX)

“Ensino adequado.” (I3, p. CIX)

“Envolvem-se na educação do filho.” (I10, p. CIX)

“Havendo reciprocidade ambos beneficiam.” (I5, p. CX)

“Têm o poder de exercer maior pressão sobre a direção.” (I26, p. CX)

## 5.6. Síntese

Para finalizar a análise de dados, irá ser realizada uma síntese final que visa a comparação de dados obtidos nas entrevistas e nos inquéritos elaborados aos EE.

Assim, foram algumas as vantagens apresentadas pelos EE, no que concerne ao envolvimento destes na escola, elencando o desenvolvimento das aprendizagens e emocional das crianças, bem como a sinalização das dificuldades dos alunos e, neste último ponto, há uma concordância com a professora cooperante, E3, que alega que é importante oferecer aos pais um *feedback* contínuo, principalmente daqueles alunos com dificuldades.

No que se relaciona com o papel dos EE na instituição, alguns inquiridos consideram que participam, na sua maioria, algumas vezes, e em reuniões de Pais. Este

---

<sup>18</sup> Confrontar apêndice 26 – Gráfico 15: Existência de benefícios na tomada de decisão dos pais na escola



facto vai ao encontro daquilo que é a opinião da professora cooperante e da diretora, quando afirmam que os pais possuem pouca participação ativa. Além disto, tal como referido acima, os pais participam bastante em reuniões, estratégia promovida pela diretora da instituição como forma de envolver os EE. Por outro lado, nota-se pouca adesão dos pais, no que respeita às palestras e seminários, o que corrobora com a informação obtida por parte do RP, ao expor que essas atividades não são elaboradas em colaboração com as famílias e, por isso, poderão ter menor adesão.

Além disto, os EE acham que as suas opiniões são tidas em conta e que possuem um papel ativo na instituição, já que participam através do Representante de Pais, colaboram nos trabalhos, nas atividades e nos projetos da instituição. Estes factos concordam com a opinião da professora, que declara que uma das formas de participação das famílias é através dos projetos e das palestras.

Quanto aos constrangimentos encontrados pelos EE na relação Escola-Famílias na instituição, estes são distintos das da diretora da instituição, pois estes relatam que existe uma relação bastante unilateral entre as famílias e a direção, ao passo que a diretora revela que existe pouco envolvimento das famílias nas atividades, falta de comunicação entre os membros da família e a diferenciação de valores que são partilhados.

No que respeita às Associações de Pais, pode-se concluir que a instituição não possui Associação de Pais, no entanto tanto a maioria dos EE, como o presidente da CONFAP, como a diretora da instituição concordam que esta é muito importante e traz benefícios para todos os intervenientes, nomeadamente, na comunicação que se estabelece entre a escola e as famílias.

Tocando no poder de decisão das famílias na instituição, alguns EE concordam que possuem poder de decisão e que ele pode ser efetuado através do RP, tal como concorda a professora cooperante e o Representante de Pais. Além disto, os EE acrescentam que podem possuir poder de decisão através do corpo docente e da direção. Nesta visão, deve-se “(...) incluir as famílias de todos os ambientes como participantes em decisões escolares, servindo a comunidade como representantes de líderes, incentivando e apoiando no fornecimento de informações àqueles que representam.” (Pereira, 2011, p. 73). Por outro lado, alguns EE julgam que não possuem poder de decisão, o que leva a um ponto comum com o presidente da CONFAP e a diretora da instituição.

Para finalizar, e abordando os benefícios do poder de decisão para as famílias, os EE, o E1, o E3 e o E4 encontram benefícios com esta intervenção, referindo uma melhoria do envolvimento das famílias com a escola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentadas as sínteses parciais importa agora, em jeito de reflexão final, recordar a questão de partida proposta para este estudo: perceber qual a importância do poder decisório dos pais na escola. Assim sendo, foram delineados objetivos que orientam esta pergunta destacando-se: i) Analisar o papel da Associação de Pais/Representante de Pais; ii) Identificar que tipos de dificuldades ou constrangimentos os EE têm na participação das dinâmicas Escola-Famílias-Comunidade; iii) Identificar os benefícios para a escola do poder de decisão dos pais. Deste modo, e com o auxílio de alguns instrumentos de investigação, a análise documental, a entrevista e o inquérito por questionário, foi possível obter algumas conclusões que irão ser espelhadas neste mesmo tópico.

Porém, antes destas serem analisadas, é de realçar as dificuldades sentidas ao longo desta investigação. Em primeiro lugar, é de ressaltar as entrevistas que, dado o ano atípico em que se vive, tiveram que ser realizadas de forma *online*, através de uma plataforma. Considera-se que isso foi um obstáculo, já que, em algumas vezes, a *internet* falhava e dificultava a comunicação com o entrevistado. Por outro lado, os inquéritos por questionário realizados aos EE também foram realizados *online* e o maior obstáculo encontrado foi obter um número de respostas significativas por parte das famílias que pudessem ser viáveis neste estudo. Além disto, importa referir o tempo que os inquiridos demoraram a responder, o que interferiu com a análise dos dados do presente trabalho. Contudo, julga-se que este instrumento de recolha de dados foi bastante importante e eficaz, visto que permitiu uma visão geral daquilo que eram as opiniões dos EE.

No que concerne à análise documental, é possível constatar que através dos documentos analisados, os pais são chamados a participar e a colaborar com a instituição em diversos momentos. Além disto, a relação entre os pais, as crianças e os docentes é vista como uma ligação aberta, havendo espaço para a confiança e participação, fator essencial para uma ação educativa de sucesso. Neste sentido, o sucesso educativo das crianças “(...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 148). Da mesma forma, os EE são encarados como colaboradores ativos no processo educativo dos educandos participando, por exemplo, em órgãos representativos e associativos da escola.

Após se ter refletido sobre os diferentes instrumentos de análise de dados, é fundamental recordar as principais conclusões a que se chegaram, através desta pesquisa.



Assim sendo, é importante realçar o papel dos EE na instituição, onde foi possível verificar que os pais participam, algumas vezes, nas dinâmicas da instituição, o que corrobora com as informações obtidas através das entrevistas realizadas à professora e à diretora da instituição, quando alegam que os pais possuem pouca participação. Contudo, para além de existirem estratégias diversificadas, todas elas visam “(...) melhorar a qualidade da escola e facilitar o aproveitamento escolar dos alunos.” (Marques, 1988, p. 27). É de notar que, este facto vai ao encontro da visão do RP, que declara que as dinâmicas que são programadas não são realizadas em colaboração com os pais e, por isso, o número de adesão é menor. Verifica-se um maior envolvimento por parte dos pais nas reuniões de pais, estratégia de envolvimento parental utilizada pela diretora da instituição. Esta estratégia é uma das destacadas por diversos autores (Marques, 1988; Avelino, 2005; Santos et al., 2009; Loureiro, 2017), já que aumenta a confiança mútua e aprofunda a relação entre a escola e os pais (Marques, 1988).

Analisando os constrangimentos na relação Escola-Famílias-Comunidade, na instituição, os EE constataam que existem poucos, mas alegam que existe uma relação unilateral entre a direção e as famílias. Por outro lado, a diretora apresenta uma visão um pouco distinta declarando que as principais dificuldades são a falta de envolvimento das famílias nas dinâmicas da escola, a falta de comunicação entre os membros da família e a diferenciação dos valores que são partilhados por ambos os intervenientes. E, por isso, “(...) não se pede aos pais que se tornem professores, nem aos professores que assumam o papel de pais.” (Marques, 1997, p. 39). Noutro ponto de vista, e recordando a professora cooperante, esta afirma não existirem desvantagens.

No que diz respeito às Associações de Pais, pode-se concluir que a instituição não possui AP, não obstante colmata essa inexistência com o Representante de Pais, que é alguém que facilita a comunicação entre a escola e as famílias e sabe representar uma turma. Com efeito, “(...) a AP representa uma oportunidade de os encarregados de educação construir e desenvolverem uma participação estruturada, mais esclarecida e mais eficaz no sentido de se fazerem ouvir e de defenderem os seus interesses.” (Sousa & Sarmiento, 2013, p. 177). Contudo, são encontrados benefícios das AP por parte da diretora da instituição e do Presidente da CONFAP, elencando que é um órgão muito importante e que, à semelhança do RP, facilita a comunicação entre a escola e as famílias.

Quanto ao poder decisório dos pais na escola, cerca de 60% (n = 18) dos EE declaram que possuem poder de decisão quando são auscultados pela escola e através do



Representante de Pais, tal como informa a professora cooperante e o RP. Este é um facto que confirma a opinião de que se deve “Incluir as famílias em todas as decisões da escola e promover a emergência de líderes e representantes de famílias.” (Patacho, 2021, p. 174). Assim sendo, tanto a professora cooperante como o Representante de Pais informam que os pais têm poder de decisão. Neste sentido, e na opinião da professora cooperante, os EE têm a oportunidade de decidir, desde que tenha em vista a melhoria e o bem-estar do aluno. Contudo, declara ainda que os mesmos não participam na parte financeira, concluindo-se assim, que existem aspetos onde os pais não participam. Nesta visão, a participação das famílias deve englobar questões de política educativa, mas não deve interferir com a autonomia pedagógica dos professores (Marques, 2001). Do mesmo modo, o Representante de Pais afirma que os EE têm poder de decisão, desde que o número de pais seja significativo e que a decisão não fuja do Projeto Educativo da escola. Pelo contrário, 40% (n = 12) dos EE responde que não têm poder de decisão, tal como refere o presidente da CONFAP e a diretora da instituição. Ambos refletem que os pais não possuem poder de decisão e o presidente da CONFAP declara que os pais não querem decidir, apenas fazer parte da decisão intervindo com as suas opiniões, direito que lhes é atribuído nos diversos órgãos presentes na escola, por exemplo. Porém, a diretora da instituição, afirma que a decisão é incumbida a outros órgãos e que esta intervenção dos pais nos órgãos da escola pode ser complexa, já que existem limites para a tomada de decisões, sendo até perigoso para a escola. No entanto, os pais “(...) têm o direito e a responsabilidade de tomar decisões acerca da educação dos seus filhos.” (Sequeira et al., 1990, p.25).

Contudo, é possível confirmar que tanto os EE, como a professora cooperante, o presidente da CONFAP e o Representante de Pais encontram benefícios para este tipo de intervenção. Nestes destacam-se vantagens, um pouco distintas, mas que se complementam. Assim, é enunciado benefícios tanto para os alunos, como para a Comunidade Educativa, ressaltando a garantia dos direitos dos discentes, um maior envolvimento da escola com as famílias e, conseqüentemente, maior tranquilidade para todos os intervenientes. Desta forma, “Quando a escola consegue envolver esses pais no processo de tomada de decisões, torna-se fácil criar parcerias escolares capazes de ajudarem a melhorar a educação.” (Marques, 2001, p. 114).

Por fim, é possível observar que, a maioria dos pais refere que possuem poder de decisão. No entanto, é possível verificar que os EE confundem poder de decisão com o



poder de participação, já que, grande parte destes, alegam influenciar a decisão e que são auscultadas pela escola. Ainda assim, os restantes pais julgam possuir poder de decisão através do RP e do contacto com a direção e professores. Porém, essa percentagem é mínima, o que reflete que, efetivamente, não existe poder de decisão dos pais na escola, mas sim poder de participação e opinião, corroborando, então, com a visão da diretora e do presidente da CONFAP. O que discorda com a opinião da professora cooperante e do RP. Este modo de participação, e recordando o projeto INCLUD-ED, abordado no enquadramento teórico desta investigação, constata-se que o envolvimento dos pais é considerado uma participação informativa e consultiva, pois as famílias são consultadas para reuniões, mas não está implicado o poder de decisão dos pais na escola. Além disto, referindo o projeto EQuaP, a instituição enquadra-se na área aprender acerca das famílias, onde há conhecimentos dos “(...) valores, crenças, preconceitos e práticas de cada família e comunidade à individualização das relações e serviços prestados, ao conhecimento das comunidades onde as crianças vivem, e à promoção de oportunidades para que as famílias aprendam e se apoiem mutuamente.” (Gomes et al., 2017, p. 266).

Ademais, verifica-se que, mesmo não existindo esse poder de decisão por parte dos pais, estes em consonância com a professora cooperante, RP e presidente da CONFAP conseguem elencar alguns benefícios desse poder decisório, destacando-se vantagens para a Comunidade Educativa e para os alunos, mais concretamente, uma garantia dos direitos dos discentes e um maior envolvimento da escola com as famílias, resultando numa maior tranquilidade para todos os que intervêm nesta relação. Por isso, a ideia das parcerias é ajudar a melhorar a educação, portanto, pretende-se com estas “(...) um maior envolvimento dos pais nos processos de tomada de decisões.” (Marques, 2001, p. 113).

Relativamente a esta pesquisa, julga-se que foi bastante interessante e pertinente, já que aborda uma visão distinta sobre a relação Escola-Famílias-Comunidade, que até então não se tinha estudado. Conclui-se assim que, esta investigação poderia ter uma continuidade, na medida de compreender, efetivamente, quais são as formas de participação na tomada de decisão das famílias na escola, envolvendo vários intervenientes: as famílias, a escola e a Associação de Pais/Representante de Pais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, D. (2016). *A relação escola-família como potenciadora do sucesso educativo*. (Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.
- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Fundação Manuel Leão.
- A PAR. (n.d.). *Investigação*. Consultado em 6/12/2019, <https://a-par.org/investigacao/>
- Avelino, O. (2005). Participação dos pais na vida da escola e no acompanhamento dos filhos – A importância da sintonia e da coerência. In Concelho Nacional de Educação (Ed.), *Educação e família, seminários e colóquios* (1ª ed, pp. 73-78). <https://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/seminarios-e-coloquios/757-educacao-e-familia>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, LDA.
- Barroso, J. (2011). Conhecimento e ação pública: as políticas sobre a gestão e autonomia das Escolas em Portugal (1986-2008). In J. Barroso & N. Afonso (Org.), *Políticas Educativas- Mobilização de conhecimento e modos de regulação* (Capítulo I, pp. 27-58). Fundação Manuel Leão.
- Barroso, J. (2017). Centralização, descentralização, autonomia e controlo. In L.C. Lima & V. Sá (Org.), *O Governo das escolas* (1ª ed, pp. 23- 40). Edições Húmus.
- Bastos, T, & Neves, I. (2019). A relação envolvimento parental- sucesso escolar da criança. In *Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias educativas (CAFTe): II Seminário Internacional* (pp. 210-222). CIEE, FPCE e UPorto.
- Batista, E., Matos, L. & Nascimento, A. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11, (3), 23-38. <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/666>
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. <https://soclogos.files.wordpress.com/2014/09/como-realizar-um-p-de-investigac3a7ao-bell.pdf>
- Bento, A., Mendes, G. & Pacheco, D. (2016). Relação Escola-Família: Participação dos Encarregados de Educação na Escola. In CIAIQ2016 (Ed.), *Atas - Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 603- 612). CIAIQ 2016.



- Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Canário, C. (2008). Escola/Família/Comunidade para Uma Sociedade Educativa. In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Escola/Família/Comunidade*, seminários e colóquios (1ª ed., pp. 105-113). CNE.
- Carneiro, I., Neves, I. & Trevisan, G. (2019). O contexto sociocultural dos alunos e as práticas pedagógicas do professor de 1º e 2º ciclos do Ensino Básico em Portugal. *Revista Liberato, Novo Hamburgo*, 20, (33), pp. 1-112, <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2767/1/584-1375-1-PB.pdf>
- Carvalho, C., Boléo, M. & Nunes, T. (2006). *Cooperação família-escola: Um Estudo de Situações de Famílias Imigrantes na sua Relação com a Escola*. ACIME- Alto-comissário de Famílias Imigrantes na sua Relação com a Escola.
- Carvalho, L., Reis, A., Fernandes, E., Morais, I., Campos, J. & Cruz, L. (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: estratégias de envolvimento parental*. <http://www.fersap.pt/images/documentos/Estrategias-de-Envolvimento-Parental.pdf>
- Castro, C. (2007). *Administração e Organização Escolar: O direito Administrativo da Escola*. Porto Editora.
- Castro, F. (2018). *Estratégias promotoras do envolvimento parental em contexto de creche e jardim-de-infância*. (Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.
- Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades [CREA]. (2017). Módulos de Formação. In Direção Geral de Educação (Ed.), *Participação Educativa da Comunidade: Formação em Comunidades de Aprendizagem* (Módulo 8). [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EPIPSE/modulos\\_included/modulo\\_8\\_-\\_participacao\\_educativa\\_da\\_comunidade.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EPIPSE/modulos_included/modulo_8_-_participacao_educativa_da_comunidade.pdf)
- Confederação Nacional das Associações de Pais [CONFAP]. (2020a). *Quem Somos*. Consultado em 23/10/2020, <http://www.confap.pt/conteudo/a-confap/quem-somos/quem-somos>
- Confederação Nacional das Associações de Pais [CONFAP]. (2020b). *Porquê e como construir uma Associação de Pais*. Consultado em 23/10/2020, <http://www.confap.pt/conteudo/como-construir-associacao-pais/porque-como-construir-uma-associacao-de-pais>



- Correia, V. (2015). *Envolvimento parental-estratégias de envolvimento parental*. (Relatório de Estágio em Educação Pré-Escolar). Instituto Politécnico de Santarém, Santarém.
- Creswell, J. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (3ª ed.). Penso.
- Davies, D., Fernandes, J., Soares, J., Lourenço, L. Costa, L., Villas-Boas, M., ... Vilhena, M. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: realidade e perspectivas*. Livros Horizonte.
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17, (36), 21-32. <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>
- Dias, M. (2005). *Como abordar... A construção de uma escola mais eficaz*. Areal Editores.
- Dias, M. I. (1994). *O inquérito por questionário: Problemas teóricos e metodológicos gerais*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/104265/2/193141.pdf>
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica- o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, (19), 139-156. <https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/140>
- Diez, J. (1994). *Família-Escola, uma relação vital*. Porto Editora.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola- Família: A Caminho de Uma Educação Participada*. Porto Editora.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, (24), 213-225. <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>
- Đurišić, M. & Bunijevac, M. (2017, Setembro 25). Parental Involvement as a Important Factor for Successful Education. *CEPS Journal*, 7, (33), 137- 153.
- Elias, F. (2016). As linhas com que se pode coser a escola para se aprofundarem os caminhos de futuro da descentralização. In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Processos de Descentralização em Educação* (pp. 61-82). [https://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios\\_e\\_coloquios/processos\\_de\\_descentralizacao\\_em\\_educacaofinal.pdf](https://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios_e_coloquios/processos_de_descentralizacao_em_educacaofinal.pdf)
- Epstein, J. (2011). *School, Family, and Community Partnerships: Preparing Educators and Improving Schools*. <https://1lib.eu/book/3559625/1e4560?regionChanged=&redirect=147155716>



- Equipa Coordenadora do projeto EQUAP. (2017). *Introdução*. Consultado em 17/11/2020, <http://toolbox.equap.eu/pt/introducao/?fbclid=IwAR3u4TpHi8vdgvBFtxGfW3SxYrdLWLVEanLPGQNT1MQvbcYmcLUffFUmCRY>
- Esteban, M. (2010). *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. AMGH Editora Ltda.
- Fernandes, N. (2009). *Infância, Direitos e Participação. Representações, Práticas e Poderes*. Edições Afrontamento.
- Fernández, S., Guzmán, A. & Núñez, C. (2011). *El Éxito Escolar ¿Cómo pueden contribuir las familias del alumnado?*. [https://www.researchgate.net/publication/324775243\\_EL\\_EXITO\\_ESCOLAR\\_Como\\_pueden\\_contribuir\\_las\\_familias\\_del\\_alumnado](https://www.researchgate.net/publication/324775243_EL_EXITO_ESCOLAR_Como_pueden_contribuir_las_familias_del_alumnado)
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia prático para iniciantes*. Penso.
- Freire, I. (2011). Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. *Eduser - Revista De Educação*, 3, (2), 17- 26. <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/33>
- Gato, J. (2015). Famílias formadas por lésbicas e gays: as mães, os pais, os filhos e outros. In O. Monteiro & C. Maia. (Coord.), *A Família Portuguesa no Século XXI*. (1ª ed., pp. 79-85). Edições Parsifal.
- Giddens, A. (2009). *Sociologia*. (9ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, M., Neves, I. & Silva, B. (2017). Qualidade na educação de infância através do envolvimento parental- Projeto EQUaP. *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*, (5), 264-268. <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2545/1/2675-10113-2-PB.pdf>
- Gonçalves, S., Gonçalves, J. & Marques, C. (2021). *Manual de Investigação Qualitativa – conceção, análise e aplicações*. Pactor.
- Guerra, I. (2008). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso*. Princípia.
- Hill, M. & Hill, A. (2009). *Investigação por questionário*. (2ª ed.). Sílabo.



- Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*.  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOEpub\\_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOEpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt)
- Leandro, M. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Universidade Aberta.
- Lima, L. (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*.  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12031>
- Lima, J. (2002). A presença dos pais na escola: aprofundamento democrático ou perversão pedagógica? . In J. Lima (Org.), *Pais e professores: um desafio à cooperação* (1ª ed., pp. 133- 173). Edições ASA.
- Loureiro, M. (2017). Relação Família- Escola: Educação dividida ou partilhada?. *Revista de Psicologia*, 3, (1), 1-16. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1162.pdf>
- Machado, R., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. (2015). Parentalidade Adotiva: Contextualizando a Escolha. *Psico*, 46, (4), 442-451.  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v46n4/05.pdf>
- Marques, R. (1988). *A escola e os pais- Como colaborar?* (1ª ed.). Texto Editora.
- Marques, R. (1997). Envolvimento dos pais e o sucesso educativo para todos: o que se passa em Portugal e nos Estados Unidos da América. In D. Davies, R. Marques & P. Silva (Org.), *Os professores e as Famílias – a colaboração possível* (2ª ed.). Livros Horizonte.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. (1ª ed.) Editorial presença.
- Marques, R. (2013). *A Articulação da Escola com as Famílias*. Consultado em 23/09/2020,  
<https://pt.scribd.com/document/178899839/A-articulacao-da-escola-com-as-familias-Autor-Ramiro-Marques>
- Martins, M., & Sarmiento, T. (2013). Associações de Pais e Participação Coletiva: Oportunidade Perdida?. *Gestão e Desenvolvimento*, (21), 167-184.  
<https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/246>
- Martins, P. (2005). O acolhimento familiar como resposta de protecção à criança sem suporte familiar adequado. *Revista infância e juventude*, (4), 63-84.  
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5664>



- Miguéns, M. (2005). Nota Prévia In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Educação e Família*, seminários e colóquios (1ª ed, pp. 9-12). <https://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/seminarios-e-coloquios/757-educacao-e-familia>
- Neves, I. (2016). *Supervisão E Formação De Profissionais De Educação Reflexivos: Estudo De Caso Num Estágio De Um Curso De Formação Inicial De Educadores De Infância* (Tese de Doutoramento). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Nunes, M., Cipriano, P., Ribeiro, G., Melo, S., Alves, T., Elisabete, C., ... Canhoto, D. (2009). Relação Escola-Família: Mediação Intercultural Catalise da Acção. In Universidade do Minho. Centro de Investigação em Educação (Ed.), *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 2184-2197). Universidade do Minho.
- Nunes, T. (2004). *Colaboração Escola-Família para uma escola culturalmente heterogénea*. ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Patacho, P. (2021). *Pensar a Educação – Escola, Justiça Social e Participação*. (1ª ed.). Porto Editora.
- Pereira, M. (2011). Escola-família: aprendendo juntas... um compromisso de futuro *Revista EDUSciense*, 1, 69-77. <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/2847>
- Picanço, A. (2012). *A Relação entre Escola e Família - As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem* (Tese de Mestrado em Supervisão Pedagógica). Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (7ª ed.). Gradiva.
- Ribeiro, J. (2008). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde* (2ª ed.). Legis Editora/Livpsic.
- Rocha, C. (2005). Relação escola-família: Da inevitabilidade implícita à inevitabilidade da sua explicitação. In S, Stoer & P. Silva (Org.), *Escola-Família: Uma relação em processo de reconfiguração* (pp. 138-143). Porto Editora.
- Samagaio, F. (2016). Considerações sobre a importância da família na socialização: o que dizem as crianças?. *IS working paper*, 3º Série (21), 2-22. [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2462/1/wp21\\_160524120431.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2462/1/wp21_160524120431.pdf)



- Sanches, M. (2012). *Educação de Infância como Tempo Fundador: Repensar a Formação de Educadores para uma acção educativa integrada* (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Santos, Á., Bessa, A. Pereira, D., Mineiro, J., Dinis, L. & Silveira, T. (2009). *Escolas do Futuro- 130 Boas Práticas de Escolas Portuguesas*. Porto Editora.
- Sarmiento, T. (2008). Boas Práticas Escola /Família/Comunidade. In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Escola/Família/Comunidade*, seminários e colóquios (1ª ed., pp. 143-147). CNE.
- Sarmiento, T. & Marques, J. (2007). A participação das crianças nas práticas da relação das famílias com as escolas. In P. Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares. Um caleidoscópio de olhares* (1ª ed., pp. 67-89). Profedições, Lda.
- Sequeira, A., Abreu, I. & Escoval, A. (1990). *Ideias e Histórias: Contributos para uma Educação Participada*. Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, G., Macêdo, K., Rebouças, C. & Souza, Â. (2006, Janeiro). Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *Online Brazilian Journal of Nursing*. 5, (2), 246-257.
- Silva, P (1997). A formação de professores, a relação Escola-Família e o sucesso educativo. In D. Davies, R. Marques & P. Silva (Org.), *Os professores e as Famílias – a colaboração possível* (2ª ed.). Livros Horizonte
- Silva, P. (2002). Escola- família: tensões e potencialidades de uma relação. In J. Lima (Org.), *Pais e professores: um desafio á cooperação* (1ª ed., pp. 97-132). Edições ASA.
- Silva, P. (2003). *Escola- Família, uma Relação Armadilhada- Interculturalidade e relações de poder*. Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2006a). Editorial: Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares. *Interações*, 2, (2), 1-8. <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/288>
- Silva, P. (2006b). Pais-Professores: Reflexões em torno de um estranho objeto de estudo. *Interações*, 2, (2), 268-290. <https://core.ac.uk/download/pdf/143398461.pdf>
- Silva, P. (2008). O contributo da escola para a actividade parental numa perspetiva de cidadania. In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Escola/Família/Comunidade*, seminários e colóquios (1ª ed., pp. 115-140). CNE.
- Silva, P. (2009). Crianças e comunidades como actores sociais: uma reflexão sociológica no âmbito da interação entre escolas e famílias- A comunidade como actor social. In T.



- Sarmento (Coord.), *Infância, Família e Comunidade: As crianças como actores sociais* (pp. 28-35). Porto Editora.
- Simões, G. (2013). *Formação Parental em contexto escolar: Promoção da construção de pontes entre Escola e Família* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. (2ª ed.). Livros Horizonte.
- Sousa, L. (1998). *Crianças (con)fundidas entre a escola e a família: Uma perspetiva sistemática para alunos com necessidades educativas especiais*. Porto Editora, Lda.
- Sousa, M., & Sarmento, T. (2010). Escola- Família- Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento* (17/18), 141-156. [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17\\_18\\_141.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17_18_141.pdf)
- Tomás, C. & Fernandes, N. (2013). Participação e acção pedagógica: a valorização da(s) competência(s) e acção social das crianças. *Educativa*, 16, (2), 201-216. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/32674>
- Tomás, C. & Gama, A. (2011). *Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar* In Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Ed.), *II Encontro de Sociologia da Educação: Educação, Territórios e (Des)Igualdades* (pp. 1 – 22). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Trevisan, G. (2012). Infância e cidadania. In L. Dornelles & N. Fernandes (Ed.), *Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras* (pp. 84 – 105). [http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/Ebook\\_Final.pdf](http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/Ebook_Final.pdf)
- Trevisan, G. (2016). A participação das crianças em contextos de vida quotidianos: interrogações e possibilidades In A. Bastos & F. Veiga (Org.), *A análise do bem-estar das crianças e jovens e dos direitos da criança* (pp. 93-108). [https://www.researchgate.net/publication/326490197\\_A\\_participacao\\_das\\_crianças\\_em\\_contextos\\_de\\_vida\\_quotidianos\\_interrogacoes\\_e\\_possibilidades](https://www.researchgate.net/publication/326490197_A_participacao_das_crianças_em_contextos_de_vida_quotidianos_interrogacoes_e_possibilidades)
- Trindade, R. (2009). *Escola, Poder e Saber: A relação pedagógica em debate*. Livpsic.
- Vasconcelos, T. (2007). A Importância da Educação na Construção da Cidadania. *Saber (e) Educar* (12), 109 – 117.



[http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/714/2/SeE12A\\_ImportanciaTeresa.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/714/2/SeE12A_ImportanciaTeresa.pdf)

Vasconcelos, T. (2015). Do discurso da criança “no” centro à centralidade da criança na comunidade. *Investigar em Educação*, (4), 25-42,

<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/96/95>

Villas-Boas, A. (2002). O desenvolvimento da literacia: factores familiares e factores linguísticos. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (1), 59-77.

<https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2002.3200>

Villas-Boas, M. (2009). *A relação Escola-Família-comunidade inserida na problemática da formação de professores.*

<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/adelinavillasboas.pdf>

## **Decretos-Lei**

Decreto-lei nº 769-A/76 de 23 de outubro. Diário da República nº 249/79 – I Série. Ministério da Educação e Investigação Científica.

Decreto-lei nº 372/90 de 27 de novembro. Diário da República nº 274/90 – I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº 115-A/98 de 4 de maio. Diário da República nº 102/98 – I Série A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de abril. Diário Da República nº79/08- I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de julho. Diário da República nº 126/2012- I Série. Ministério da Educação e Ciência.

Decreto Regulamentar nº 5/2013 de 29 de agosto. Diário da República nº 166/2013- Série I. Ministério da Educação e Ciência.

Lei nº 46/86 de 14 de outubro. Diário Da República nº 237/86- I Série. Ministério da Educação e Investigação Científica.

Lei nº 51/2012 5 de setembro. Diário da República nº 172/12- I Série. Assembleia da República.

Lei nº 50/2018 de 16 de agosto. Diário da República nº 157/2018- I Série. Assembleia da República.



## APÊNDICES

### Apêndice 1: Guião de entrevista ao presidente da CONFAP

Entrevistado: Presidente da CONFAP

Objetivos:

- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais na Escola atual;
- Identificar quais as dificuldades ou constrangimentos dos pais na relação Escola-Famílias;
- Identificar os benefícios que a escola tem no poder de decisão dos pais.

Designação do Bloco	Objetivos	Formulário de Perguntas
<b>Bloco A: Enquadramento da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Agradecer a disponibilidade;</li><li>- Enquadrar a entrevista;</li><li>- Garantir a confidencialidade dos dados.</li></ul>	Desde já quero agradecer a do Sr. Presidente Jorge Ascensão para a realização desta entrevista que tem por base a relação Escola-Famílias-Comunidade, mais especificamente, a decisão dos pais nas escolas e o papel das Associações de Pais. Aproveito, deste modo, para lembrar que, toda a informação aqui declarada servirá, exclusivamente, para fins académicos e respeitará a confidencialidade dos dados e, por isso pergunto:  1. Dá autorização para a gravação desta entrevista?
<b>Bloco B: Associações de Pais</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender o que são as AP;</li><li>- Perceber quais os objetivos das AP;</li><li>- Analisar os benefícios das AP para as escolas;</li><li>- Perceber se as AP são tidas em conta nas escolas;</li></ul>	2. O que considera serem as Associações de Pais? 3. Qual ou quais são os objetivos das Associações de Pais? 4. Acredita que a existência das Associações de Pais traz benefícios para a escola? E para os alunos e pais? Se sim, quais? 5. Considera que as Associações de Pais, de uma forma geral, são ouvidas e reconhecidas pelos diversos atores sociais na escola?
<b>Bloco C: Poder e tomada de</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Perceber se os Pais têm oportunidade de decisão nas escolas;</li></ul>	6. Em relação ao poder e tomada de decisão dos pais na escola, considera que os pais têm a oportunidade de decidir?



<b>decisão dos pais na escola</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar os benefícios que a escola tem no poder de decisão dos pais;</li><li>- Compreender o que tem que melhorar nas Escolas e Famílias, para que a relação entre estes intervenientes se aprofunde.</li></ul>	<p>7. Considera que a Escola beneficia com a intervenção dos pais nas decisões? Que benefícios?</p> <p>8. Por fim, o que acha que tem de melhorar nas escolas, ou até mesmo junto das famílias e comunidade para que a relação Escola-Famílias se aprofunde e traga ainda mais vantagens para todos os intervenientes?</p>
<b>Bloco D: Desafios das AP</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Recolher informações para complementar as questões.</li></ul>	<p>9. Quais são os desafios das Associações de Pais perante as Escolas?</p> <p>10. Gostaria de acrescentar alguma coisa, ou enunciar algo que não tenha referido?</p>
<b>Bloco E: Remate da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Agradecer a colaboração do entrevistado para a realização da entrevista.</li></ul>	<p>Damos então por terminada a entrevista. Queria agradecer, mais uma vez, a sua colaboração para a realização da mesma, pois foi bastante importante o seu contributo para o estudo em questão.</p>

## Apêndice 2: Guião de entrevista à diretora da instituição X

### Guião de Entrevista

Entrevistado: Diretora da Instituição X

Objetivos:

- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais;
- Identificar as dificuldades ou constrangimentos da participação dos pais na relação Escola-Famílias-Comunidade;
- Identificar os benefícios do poder de decisão dos pais na escola.



Designação do Bloco	Objetivos	Formulário de Perguntas
<b>Bloco A:</b> <b>Enquadramento da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Agradecer a disponibilidade;</li><li>- Enquadrar a entrevista;</li><li>- Garantir a confidencialidade dos dados.</li></ul>	Desde já quero agradecer a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que tem por base a relação Escola-Famílias-Comunidade, mais especificamente, a decisão dos pais nas escolas. Aproveito, deste modo, para lembrar que, toda a informação aqui declarada servirá, exclusivamente, para fins académicos e respeitará a confidencialidade dos dados e, por isso, pergunto: 1. Dá autorização para a gravação desta entrevista?
<b>Bloco B:</b> <b>Relação Escola-Famílias-Comunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender o papel da escola na relação Escola-Famílias-Comunidade;</li><li>- Compreender a importância da relação Escola-Famílias-Comunidade;</li><li>- Compreender a relação entre as Famílias e a instituição X;</li><li>- Compreender em que momentos é que os pais participam na escola;</li><li>- Percecionar que tipo de estratégias de envolvimento parental são colocadas em prática.</li></ul>	2. Na sua opinião, qual é o papel da escola na relação Escola-Famílias-Comunidade? 3. Considera que os pais participam ativamente nas dinâmicas que acontecem na escola? Se sim, em que momentos? 4. Que estratégias a instituição X mobiliza para promover o envolvimento parental? 5. Que dificuldades ou constrangimentos encontra na relação entre as famílias e a instituição X?
<b>Bloco C: Poder e tomada de decisão dos pais na escola</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais na instituição X;</li><li>- Perceber se os pais têm poder de decisão na instituição X;</li><li>- Compreender de que forma os pais participam nas tomadas de decisão da escola.</li></ul>	6. Na instituição X, existe ou já existiu alguma Associação de Pais? 7. Consegue indicar algumas das suas vantagens? 8. De que forma os pais têm poder de decisão na instituição X? 9. Considera que é importante criar espaços para ouvir as opiniões ou sugestões das famílias? 10. Em caso afirmativo de que forma isso acontece na instituição X?



<b>Bloco D: Desafios da tomada de decisão escola</b>	- Recolher informações para complementar as questões.	11. Quais são os desafios que se colocam às escolas, mas também aos pais no que se refere à tomada de decisão destes últimos na escola? 12. Gostaria de acrescentar alguma coisa, ou enunciar algo que não tenha referido?
<b>Bloco E: Remate da entrevista</b>	- Agradecer a colaboração do entrevistado para a realização da entrevista.	Damos então por terminada a entrevista. Queria agradecer, mais uma vez, a sua colaboração para a realização da mesma, pois foi bastante importante o seu contributo para o estudo em questão.

### Apêndice 3: Guião de entrevista à professora cooperante da turma Y

#### Guião de Entrevista

Entrevistado: Professora cooperante da turma Y

Objetivos:

- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais;
- Identificar as dificuldades ou constrangimentos da participação dos pais na relação Escola-Famílias- Comunidade;
- Identificar os benefícios do poder de decisão dos pais na escola.

<b>Designação do Bloco</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Formulário de Perguntas</b>
<b>Bloco A: Enquadramento da entrevista</b>	- Agradecer a disponibilidade; - Enquadrar a entrevista; - Garantir a confidencialidade dos dados.	Desde já quero agradecer a disponibilidade da professora para a realização desta entrevista, que tem por base a relação Escola-Famílias-Comunidade, mais especificamente, a decisão dos pais nas escolas. Aproveito, deste modo, para lembrar que, toda a informação aqui declarada servirá exclusivamente para fins académicos e respeitará a confidencialidade dos dados e, por isso, pergunto:  1. Dá autorização para a gravação desta entrevista?



<p><b>Bloco B: Relação Escola- Famílias- Comunidade;</b></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender o papel da escola na relação Escola-Famílias-Comunidade;</li><li>- Compreender a importância da relação Escola-Famílias-Comunidade;</li><li>- Percecionar as vantagens e desvantagens da participação dos EE na Escola;</li><li>- Compreender a relação entre as famílias e a instituição X;</li><li>- Compreender em que momentos é que os pais participam na escola;</li><li>- Percecionar que tipo de estratégias de envolvimento parental são colocadas em prática.</li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>2. Na sua opinião, qual é o papel da escola na relação Escola-Famílias-Comunidade?</li><li>3. Considera importante essa relação? Porquê?</li><li>4. Consegue eleger algumas vantagens na participação dos pais nas escolas? E desvantagens?</li><li>5. Como classifica a relação entre os pais e a escola na instituição X?</li><li>6. Considera que os pais participam ativamente nas dinâmicas que acontecem na escola? Em que momentos?</li><li>7. Que estratégias a instituição X mobiliza para promover o envolvimento parental?</li></ol>
<p><b>Bloco C: Poder e tomada de decisão dos pais na escola</b></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais na instituição X;</li><li>- Perceber se os pais têm poder de decisão na instituição X;</li><li>- Compreender de que forma os pais participam nas tomadas de decisão da escola;</li><li>- Identificar os benefícios que a escola tem no poder de decisão dos pais.</li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>8. Pelo que fui pesquisando, apercebi-me de que a turma tem um Representante de Pais, que funções ele desempenha?</li><li>9. Em relação ao poder e tomadas de decisão dos pais na escola, crê que os pais têm a oportunidade de decidir?</li><li>10. De que forma é que os Encarregados de Educação/pais participam na tomada de decisão?</li><li>11. Considera que a escola beneficia com a intervenção dos pais nas decisões? Que benefícios acarreta?</li></ol>
<p><b>Bloco D: Desafios da tomada de decisão escola</b></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Recolher informações para complementar as questões.</li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>12. Quais são os desafios que se colocam às escolas, mas também aos pais no que se refere à tomada de decisão destes últimos na escola?</li><li>13. Gostaria de acrescentar alguma coisa, ou enunciar algo que não tenha referido?</li></ol>



<b>Bloco E: Remate da entrevista</b>	- Agradecer a colaboração do entrevistado para a realização da entrevista.	Damos então por terminada a entrevista. Queria agradecer, mais uma vez, a sua colaboração para a realização da mesma, pois foi bastante importante o seu contributo para o estudo em questão.
--	--	---

#### Apêndice 4: Guião de entrevista ao Representante dos Pais da turma Y

##### Guião de Entrevista

Entrevistado: Representante dos Pais

Objetivos:

- Analisar o papel das Associações de Pais/Representantes de Pais;
- Identificar que tipos de dificuldades / constrangimentos os pais têm na relação Escola-Famílias;
- Identificar os benefícios que a escola tem no poder de decisão dos pais.

Designação do Bloco	Objetivos	Formulário de Perguntas
<b>Bloco A: Enquadramento da entrevista</b>	- Agradecer a disponibilidade; - Enquadrar a entrevista; - Garantir a confidencialidade dos dados.	Desde já quero agradecer a sua disponibilidade para a realização desta entrevista, que tem por base a relação Escola-Famílias-Comunidade, mais especificamente, a decisão dos pais nas escolas. Aproveito, deste modo, para lembrar que, toda a informação aqui declarada servirá exclusivamente para fins académicos e respeitará a confidencialidade dos dados e, por isso pergunto: 1. Dá autorização para a gravação desta entrevista?
<b>Bloco B: Relação Escola- Famílias- Comunidade;</b>	- Compreender a importância da relação Escola-Famílias-Comunidade; - Percecionar as vantagens e desvantagens da participação dos pais nas escolas;	2. Considera importante a relação que se estabelece entre as famílias e a escola? Porquê? 3. Consegue enunciar algumas vantagens na participação dos pais nas escolas? E desvantagens? 4. Considera que, a instituição X promove estratégias e diferentes formas de cativar as famílias a participarem



	<ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender em que momentos é que os pais participam na escola;</li><li>- Percecionar que tipo de estratégias de envolvimento parental são colocadas em prática.</li></ul>	na vida escolar dos alunos? Quer referir algumas atividades que trazem os Pais à Escola?
<b>Bloco C: Poder e tomada de decisão dos pais na escola</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar as funções das Associações de Pais/Representantes de Pais na instituição X;</li><li>- Perceber se os pais têm poder de decisão na instituição X;</li><li>- Compreender de que forma os pais participam nas tomadas de decisão da escola;</li><li>- Identificar os benefícios que a escola tem com o poder de decisão dos pais.</li></ul>	<p>5. Falando um pouco sobre o seu papel como Representante de Pais da turma Y, que funções desempenha?</p> <p>6. Na sua ótica, considera que os pais têm algum poder de decisão na escola? De que forma o fazem?</p> <p>7. Considera que a escola beneficia com a intervenção dos pais nas decisões? Que benefícios acarreta?</p>
<b>Bloco D: Desafios da tomada de decisão escola</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Recolher informações para complementar as questões.</li></ul>	<p>8. Que desafios são colocados às escolas, mas também aos pais, no que se refere à tomada de decisão destes últimos na escola?</p> <p>9. Gostaria de acrescentar alguma coisa, ou enunciar algo que não tenha referido?</p>
<b>Bloco E: Remate da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Agradecer a colaboração do entrevistado para a realização da entrevista.</li></ul>	Damos então por terminada a entrevista. Queria agradecer, mais uma vez, a sua colaboração para a realização da mesma, pois foi bastante importante o seu contributo para o estudo em questão.

## Apêndice 5: Guião do Inquérito por Questionário aos EE

### Inquérito por questionário

No âmbito de um estudo para o Relatório de Estágio em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e como estagiária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti na instituição X, surge o presente Inquérito por Questionário. Este estudo tem por base a temática relação Escola-Famílias-Comunidade, designadamente,



sobre o poder e papel decisão dos pais na Escola. Neste sentido, considero fundamental auscultar as famílias para perceber a sua opinião sobre o tema referido. Por fim, quero ressaltar que, todas as informações aqui prestadas irão ser utilizadas para fins académicos do Relatório de Estágio, zelando sempre pela proteção de dados.

### **Instruções de Preenchimento**

Coloque um X no  adequado, dando resposta às questões abaixo mencionadas.

## **1. Identificação dos inquiridos**

### 1.1. Género:

Feminino	<input type="checkbox"/>
Masculino	<input type="checkbox"/>

### 1.2. Idade:

Inferior a 25	<input type="checkbox"/>
Entre 26 e 35	<input type="checkbox"/>
Entre 36 e 45	<input type="checkbox"/>
Entre 46 e 55	<input type="checkbox"/>
Entre 56 e 65	<input type="checkbox"/>
Acima dos 66	<input type="checkbox"/>

### 1.3. Habilitações Literárias:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>



#### 1.4. Grau de Parentesco em relação ao aluno:

Pai	
Mãe	
Avô	
Avó	
Outro	

#### 1.5. Atividade Profissional:

Profissões das forças armadas	
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	
Técnicos e profissões de nível intermédio	
Pessoal administrativo	
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	
Trabalhadores não qualificados	
Outra	

## 2. Participação dos Pais nas Escolas

2.1. Acha que o envolvimento parental acarreta vantagens tanto para a escola, como para as famílias e educandos?

Sim	
Não	

2.1.1. Justifique a resposta anterior.



2.2. Na sua opinião, os EE têm um papel ativo na vida da instituição X?

Sim	
Não	

2.2.1. Justifique a resposta anterior.

2.3. Considera que a instituição X promove a participação das famílias na escola?

Sim	
Não	

2.4. Com que frequência é chamado a participar na escola?

Muitas vezes	
Algumas vezes	
Poucas vezes	
Raramente	
Nunca	

2.5. Em que tipo de atividades participa?

Exposições de Trabalhos	
Espetáculos	
Seminários ou Palestras	
Reuniões de Pais	
Outras. Quais? _____	

2.6. Considera existir algum tipo de dificuldade na relação que se estabelece entre as Famílias e a Escola?

Sim	
Não	

2.6.1. Se sim, qual/quais?



### 3. Poder e Tomada de Decisões nas Escolas

3.1. Julga ser fundamental a eleição de um Representante dos Pais junto da Escola?

Sim	
Não	

3.2. Existe alguma Associação de Pais na instituição X?

Sim	
Não	

3.2.1. Que importância lhe atribui?

3.3. Sente que as famílias têm algum poder de decisão na instituição X?

Sim	
Não	

3.3.1. Se sim, de que forma?

3.4. Crê que a Escola beneficia com as tomadas de decisão dos Pais?

Sim	
Não	

3.5. E as famílias que benefícios têm com esta forma de participação?

4. Quer acrescentar alguma sugestão/comentário?

Obrigada pela sua participação!

A estagiária finalista



## **Apêndice 6: Transcrição da Entrevista ao Entrevistado 1- presidente da CONFAP**

Entrevistador: Iniciando, então, a nossa entrevista, num primeiro bloco, no que se refere às Associações de Pais, eu gostaria de lhe perguntar o que é que considera serem as Associações de Pais?

E1: Bom, as Associações de Pais são exatamente isso que o próprio nome indica, não é? Nós temos uma lei, a lei 372/90 que sustenta a constituição de Associações de Pais, ou seja, os pais com filhos numa escola, quando a lei foi feita, estamos a falar por edifício escolar e é isso que se pretende, porque agora, muitas vezes, chama-se escola ao Agrupamento, mas, portanto, Agrupamento de Escolas têm “x” Escolas. Em cada uma delas, os pais podem e devem associar-se e eu não digo que deve ser obrigatório, porque tudo o que é obrigatório não é tão consciencializado é imposto, mas devem ter, de facto, essa consciência da importância de se associarem, desde logo, porque conseguem perceber melhor as coisas e porque estando juntos e debatendo em conjunto também conseguem alcançar os seus objetivos e defender os interesses dos seus filhos, que isso é que importa, os interesses dos seus filhos é defender uma boa escola, uma boa organização, bons recursos, boas metodologias, bom serviço e boa pedagogia. E é isto que nós procuramos enquanto Associações e a Associação é exatamente, isto é, os pais em conjunto, unidos na sua diferença, debatem sobre as questões da escola, conversam, dialogam, cooperam com a própria escola, com as direções de escola e com a aprovação da escola, porque o objetivo não é combater, ou não é, de alguma forma, nem sequer é fiscalizar a própria escola, mas é acompanhar a escola e ajudar a promover, como eu dizia à bocadinha, uma melhor pedagogia, um melhor serviço, melhores recursos. Isto é feito em conjunto, a Associação de Pais não está desligada da escola e daquilo que é o objetivo da escola. A Associação de Pais faz parte, aquilo que eu digo, o sentimento de pertença que a Associação de Pais deve ter da escola e a escola também deve ter esse sentimento de pertença dos próprios pais. Portanto, a Associação é isso tem fins, os fins são muito sintetizados na lei: defender os interesses dos associados, portanto que é o interesse ao fim ao cabo dos filhos e dos pais, mas isso passa por toda esta panóplia, que houve toda uma evolução ao longo destes quarenta e cinco anos da CONFAP, mas até já havia Associações antes. Todos nós temos a nossa vida, muitas vezes, necessidade de criarmos uma Associação com um determinado objetivo, com determinado fim para poder, não só envolver mais pessoas nesses objetivos que é importante, envolver mais pais nos objetivos, mas também para, muitas vezes, chamarmos à atenção das autoridades e quem



tem competência para, de facto, fazer aquilo que é necessário nesse objetivo. Estou-me a lembrar da Associação que se criou quando foram os incêndios, das Associações que se criam nas comunidades por isto ou por aquilo, as Associações que existem de comunidades diferentes de imigrantes, de mulheres, de homens. Portanto, normalmente, há ali um objetivo, há ali uma preocupação que às vezes sozinhos é sempre mais difícil e perante as dificuldades somos mais facilmente levados a desistir, não temos força. Enquanto Associação há um que um dia está mais desanimado, o outro está mais animado e todos juntos conseguimos continuar a evoluir. Neste momento, também a Associação de Pais no fundo é também o parceiro da própria escola naquilo que é a informação, a capacitação como nós chamamos dos próprios pais. Muitas vezes há reações dos pais por desconhecimento, por desinformação, nós queremos ajudar e, por isso, é que isto veio evoluindo, as Associações de Pais hoje, eu tenho incentivado muito a criarem os seus Conselhos Consultivos envolvendo os pais, Representantes de Turma, porque hoje temos pais Representantes de Turma que, muitas vezes, não estão a exercer a sua função como deve de ser e a Associação de Pais também deve ter essa responsabilidade, de ajudar os pais Representantes de Turma a exercerem essa função, de colaborarem com eles, com os pais do Conselho Geral e, portanto, há toda uma responsabilidade muito importante. Hoje, uma Associação de Pais ainda não tem o reconhecimento, e fico feliz por ter começado por aí, porque uma Associação de Pais é diferente, eu enquanto pai ou enquanto mãe tenho a responsabilidade titular de educador do meu filho, de o acompanhar, mas a Associação de Pais tem, para além disso, enquanto Associação, toda a responsabilidade de envolver, de informar, de esclarecer, de formar também, colaborar e cooperar, porque todos queremos que aquela escola seja o melhor possível para os nossos filhos. E é esse o principal objetivo com que as Associações devem estar. Eu costumo dizer que, quem não está com este objetivo ou está lá só por causa do filho, não deve estar nas Associações de Pais, eu espero que estejam e, cada vez mais, que evoluam nesta forma de estar, mas provavelmente não temos todos a mesma forma de ver as coisas, e só pelo seu filho como uma questão egoísta não vale a pena, isso enquanto pai e enquanto mãe exerce essa função e tem as suas responsabilidades perante a escola. Mas nós tentamos também muito para aquelas cujos pais têm alguma negligência, aquilo que eu chamo os pais fantasma, pais virtuais, e que não têm nada a haver, muitas vezes, com a condição socioeconómica, mas que se limitam a levar o filho à escola e a ir buscar o filho à escola e que depois não acompanham a vida escolar que é outra coisa, não conhecem a escola, não se dão a conhecer à escola e às vezes nós na Associação de Pais estamos lá também por estas



crianças que estão um pouco mais, se me permite um termo, um pouco mais abandonadas, ou não são tão acompanhadas. Há alguma negligência familiar, muitas vezes, e às vezes há a impossibilidade, também temos famílias que têm horários de trabalho, hoje a condição profissional é de facto muito heterogénea, é turnos, é horário de sol a sol quase, são horários que nos obrigam a estar fora do país, a viajar. Portanto, há muitas crianças, de facto, cujas famílias não têm exatamente a mesma possibilidade de fazer o acompanhamento de todo o sistema e nós, Associação de Pais, estamos lá também por essas, isso é muito importante. Temos uma base legal jurídica que sustenta, já com muitos anos, como disse desde 90, existimos há mais, antes do 25 de abril já havia Associações de Pais. Mas é esta consciência por parte de algumas famílias, de alguns pais, de algumas mães, que entendem que nós temos que associar para sermos mais fortes e para melhor exercermos aquilo que é a nossa missão e é isto que nós somos, como eu costumo dizer, às vezes, é um conjunto de carolas, alguns meios tolos, parece que não temos mais nada que fazer e às vezes acusam disso e etc., mas pronto é este espírito de cidadania também é o exercício de cidadania é um exercício cívico que tem vindo a crescer e bastante, hoje já com algum reconhecimento, mas o que ainda é preciso aprofundar. Julgo que nós vamos chegar um dia, para terminar esta questão, um dia vamos chegar ao ponto que eu espero já não é para mim, mas que eu espero que seja tão natural ter uma Associação de Pais na Escola como ter uma direção. Obviamente com funções apenas de colaborar, cooperar, ser um conselheiro. Já há diretores que sentem esta necessidade e, portanto, promovem e ajudam a promover, porque de facto ainda temos uma cultura de participação cívica muito baixa na nossa sociedade e temos ainda muita gente que acha que a escola é só lá levar o filho e ir buscar e ele tem é que tirar boas notas e, portanto, ir uma, duas ou três vezes por ano a uma reunião que nos chamam. Mas não se envolvem na construção deste projeto e na melhoria deste projeto, a não ser quando lhes acontece alguma coisa diretamente com os filhos e aí lembram-se que se calhar poderíamos ter evitado, se tivéssemos participado desde início. É isto, a Associação de Pais é exatamente isto, o exercício da cidadania, esta consciência cívica para cooperar, colaborar e melhorar toda a vivência escolar dos nossos filhos e também para que todos nós estejamos mais informados, mais esclarecidos naquilo que cada um pode fazer nessa melhoria.

Entrevistador: Uma segunda questão que eu penso que já respondeu, mas se quiser acrescentar alguma coisa, que era então, qual é que era ou quais são os objetivos das Associações de Pais nas Escolas.



E1: Sim, já fui dizendo, mas posso sintetizar em duas ou três coisas. Primeiro é envolver-se, fazer parte, sentir a escola, estar informado, perceber as coisas, ajudar a melhorar aquilo que é preciso, mas a principal e a primeira função que uma Associação de Pais deve ter é ter os pais envolvidos no processo educativo escolar e acompanharem a vida escolar dos filhos, ou seja, nós temos que comunicar com os pais, é verdade que às vezes mandamos *e-mails*, queremos que eles venham a reuniões e eles não aparecem, tudo bem, desde que apareça mais um já valeu a pena. E isto, cada vez, aparecem mais, portanto, fazer estas reuniões de informação, de auscultação dos pais, auscultar também, nós estamos a representar pais e, por isso, nós temos que representar aquilo que é a opinião dos pais, temos que os ouvir e muitas vezes, os pais “ah porque a Associação”, mas eles é que não aparecem às reuniões e a Associação também não pode ir a casa de cada um ouvir o que eles têm para dizer, nem respondem, muitas vezes, mas isto tem vindo de facto a crescer bastante. Esse é o primeiro objetivo, representar os pais. Para representar os pais temos que os auscultar, temos que os ouvir e temos também que informar e esclarecer. E depois nesta representação de pais, então colaborar, estabelecer uma parceria leal, transparente, exigente, rigorosa com a própria escola e aí trabalharem em conjunto, às vezes, quem está nas escolas também são mães e pais, os profissionais da escola e, às vezes, também parece que têm algum receio. Nós pais também fomos evoluindo naquilo que é o nosso conhecimento, a nossa capacidade, somos muito heterogéneos, portanto, temos desde as profissões mais indiferenciadas, mais se quisermos de mão-de-obra às profissões mais intelectuais, nós temos tudo no movimento Associativo de Pais e isto é uma riqueza que a escola pode aproveitar. Este envolvimento dos pais e a representatividade dos pais é fundamental, de forma legítima, nós, eu não o disse não sei se vai perguntar ou não, mas as Associações de Pais não é um grupo de pais que se cria, que se junta, agora somos a Associação de Pais, não é assim. Nós temos uma lei que nos exige eleições, que nos exige a apresentação de contas, nos exige relatório de atividades. Nós temos a mesma legitimação que tem o Presidente da República ou um governo ou qualquer entidade que é eleita para representar os cidadãos. Temos é funções, obviamente, âmbitos diferentes e responsabilidades diferentes. Portanto, estamos a representar os pais da escola e, por isso, é que é importante ouvi-los e envolvê-los e eles têm que perceber isso, esse é o primeiro ponto. O segundo ponto do objetivo é colaborar com a escola na melhoria da situação e aqui tem que haver respeito mútuo, não somos só nós que temos que respeitar, tem que haver um respeito mútuo e que tem vindo a ser também conquistado e a evoluir. Julgo que cada vez mais também com uma postura que



os próprios pais vão tendo nesta perspetiva. Nós não estamos lá para reivindicar, não somos só um sindicato, somos para dizer aquilo que achamos que não está bem, aquilo que achamos que devem melhorar e que estamos disponíveis para colaborar nessa melhoria, dentro daquilo que são as nossas possibilidades.

Entrevistador: Acredita que a existência das Associações de Pais nas escolas trazem benefícios para as mesmas, mas também para os alunos e para os próprios pais? Considera que há estas vantagens?

E1: Sem dúvida, se não, não estava cá. Não estaria cá tantos anos. Sem uma Associação de Pais, a escola perde, não tenho qualquer dúvida disso. Perde toda ou uma grande parte da qualidade. A escola na sua essência tinha o seu ensino, tinha a transmissão de informação, praticamente, os alunos não tinham acesso a livros, não tinham acesso à *internet* que têm hoje, etc. Hoje é muito mais desafiante esta responsabilidade pedagógica na transmissão do conhecimento, mas depois há toda uma parte que os pais começaram por intervir nas Associações de Pais e que trouxe, obviamente, vantagens para todos. A melhoria de condições com muitos pais a angariarem financiamento e a disponibilizarem mão-de-obra para melhorar condições, condições de salas, condições de recreios, condições de casas de banho. Continuamos a fazer isto, mas fomos evoluindo para além dessas condições, que eram necessidades praticamente necessidades básicas, que as instalações não tinham que, entretanto, foram melhorando também com a evolução da nossa sociedade. Mas evoluímos também para colaborar nas atividades lúdicas, nomeadamente festas de fim de ano, festas de final de período, angariar mesmo algum financiamento para alguns equipamentos de melhoria, etc., também fomos evoluindo para isso. Fomos nós que estivemos na linha da frente na necessidade de a escola melhorar o apoio alimentar a alunos que tinham dificuldades alimentares, foi connosco que começou a haver esta discussão e esta necessidade. Como foi connosco que começou a haver a necessidade da escola, numa escola que passa a ser uma escola só de alguns de uma escola para todos, acompanhando esta evolução da alimentação também, a necessidade das próprias famílias, não podiam, obviamente, estar com os filhos ou de manhã quando a escola só funcionava de manhã à tarde e, portanto, partiu-se para aquilo que são as Atividades de Enriquecimento Curricular, também foi o movimento Associativo que esteve na frente disso. E, portanto, fomos evoluindo em todo este acompanhamento do que é o sistema, das necessidades do próprio sistema, não só físicas, às vezes infraestruturas como disse de atividades lúdicas, mas também da própria organização da



escola, discutindo aquilo que são os horários, discutindo todo um conjunto, estivemos nas discussões do currículo, etc. Portanto, tudo aquilo, a questão da sexualidade que existiu há uns tempos, depois passou de existir. Nós temos estado e se as Associações de Pais não estivessem nestas discussões com as direções de escola, algumas têm vários patamares, como é óbvio vários níveis de intervenção diferentes, algumas discutem a própria avaliação. Ou seja, se nós não estivéssemos lá a discutir, por exemplo, naquela turma não faz sentido na disciplina X, Y ou Z, a turma não consegue, não é possível, quer dizer, no fundo também estamos ali a acompanhar, é preciso ver, avaliar o que se está a passar. O que não pode ser um problema de todo dos alunos, estar atentos também na própria constituição de turmas, não se pode ter turmas de nível 1, e nível 2 e nível 3, não havendo um plano e um projeto de intervenção direcionado para uma organização desse género. Admito que se possa haver mesmo numa perspetiva de ajudar mais quem precisa e, portanto, nós temos todo este tipo de intervenção é a mesma coisa que neste trabalho que está a fazer, se não houvesse um acompanhamento de alguém que vai olhar para o trabalho que se está a desenvolver, provavelmente, não havia tanta preocupação em estarmos a conversar, a ir buscar aquilo ou ir buscar aqueloutro, mas nós temos que melhorar, porque há alguém que está a olhar de fora, não está lá só para nos criticar, está para nos ajudar, mas nós queremos desde logo mostrar que temos capacidade para isso. As Associações de Pais também fazem muito isto. A escola sabe que há um olhar de fora, que é um olhar que quer ajudar, mas os próprios responsáveis dentro da escola, logo à partida, querem fazer o melhor possível, porque sabem que se não o fizerem alguém de fora vai exigir e eles têm que mostrar capacidade, que são uma escola com qualidade e que as famílias podem confiar. Portanto, esta parceria é muito isto, é muito este crescimento em conjunto. Portanto, não tenho dúvida nenhuma, eu costumo dizer que a promoção de sucesso, hoje chama-se promoção de sucesso, dantes era combate ao insucesso, o abandono em si tem baixado, mas se olharmos para os alunos que têm melhor rendimento escolar, naquilo que é o seu objetivo, são os alunos cujas famílias acompanham a Escola, estão mais presentes. Ou então, têm capacidade para completar as fragilidades da escola, falamos de explicações, falamos de acesso à informação, falamos de viagens, falamos de um conjunto de coisas. E, portanto, das duas uma, ou acompanham mais presente a escola ou têm capacidade para complementar a fragilidade da escola ou as duas em conjunto. E, no movimento Associativo, nós temos esta presença, ou seja, estamos numa procura de ajudar, de forma preventiva, algumas fragilidades que podem ser corrigidas. Há questões naturais, a educação passa muito pela relação, há dificuldades



muitas vezes no relacionamento, no entendimento daquilo que é um Professor e uma turma, um Assistente Operacional, o que for, um psicólogo, e nós podemos também fazer parte e fazemos parte, muitas vezes desse olhar que ajuda a corrigir, que ajuda a gestão da escola a corrigir alguns pontos, por isso também estamos no Conselho de Turma, por essas razões. Portanto, não tenho dúvida absolutamente nenhuma e só por isso é que ele subsiste, o movimento Associativo de Pais, obviamente que depende essencialmente da vontade dos pais estarem associados e quererem intervir, como é óbvio. Mas se a escola e o sistema se fechasse completamente à nossa participação, nós seríamos um movimento que estaria simplesmente circunscrito ao exterior da escola e que não podia olhar para dentro e isso nos traria um sistema muito mais retrogrado, mas este valor acrescentado que nós trazemos também fez com que o próprio sistema, os decisores políticos, os diretores, as autarquias percebessem a importância de nós estarmos envolvidos e para as famílias estarem envolvidas e fazerem uma intervenção mais fundamentada, esclarecida e mais digamos maturada, se quisermos, se tendem em Associação ainda melhor, porque discutem entre si, no fundo crescemos também. E isto ajudou, não tenho dúvida nenhuma, que ajudou todo o sistema educativo a evoluir desde logo na parte social como falei, mas também na parte pedagógica, ou seja, nós sabemos que estamos a fazer um trabalho que tem que ter qualidade, porque está a ser olhado, não está só a ser olhado, dantes não era tanto assim, mas agora está a ser olhado, a ser visto e, portanto, criou na escola esta consciência de que de facto tem que ser uma escola com qualidade. O facto de ser uma escola pública, estamos a falar aqui essencialmente da escola pública, também há na privada, mas a privada como sabe pagar para ter clientes, sabe que tem que prestar o serviço que o cliente quer e a pública muitas vezes tem aquela ideia de que nós estamos cá somos serviço público, quem quer, quer, quem não quer que arranje outro, às vezes havia, hoje já não há tanto essa ideia. Hoje a escola pública já sabe que não, eu estou cá sou um serviço público porque é do público que está a ser financiado, mas é um serviço público que tem que ter qualidade, porque quer-se um serviço público de qualidade e as famílias procuram qualidade. Portanto, eu quero a escola A ou escola B e já vou procurando e não estou a falar de ranking que isso é outra coisa, mas estou a falar da qualidade de facto do serviço. Se os professores de facto comunicam, se há *feedback*, se os alunos gostam de lá estar, se o ambiente escolar é um ambiente escolar com condições, tudo isto. E isto só evoluiu muito graças às Associações de Pais, muito graças à intervenção dos pais e desta consciência de comunidade que envolve toda uma escola. A escola está inserida na comunidade, é como eu costumo dizer é a instituição mais



importante de complemento à Educação juntamente com a família, portanto são duas instituições que estão condenadas a entender-se, não há hipótese, têm mesmo que se entender, para o bem dos nossos filhos, das nossas crianças e das gerações e estão envolvidas numa comunidade que faz parte de todo o processo educativo, porque eles andam aí, na rua, nos cafés, etc., portanto estão envolvidos. E isto só funciona de facto se houver este compromisso e esta cumplicidade e portanto eu podia responder só que não tenho dúvidas nenhuma àquilo que está a dizer e não tenho, mas depois está a procurar enquadrar e isto é muito complexo em termos de educação, mas procurar enquadrar isto a importância não só com as festas que fazemos, isso é talvez o mínimo neste momento, o menos importante para nós, o mais importante para nós de facto é acompanhar e ajudar a que a escola, todo o contexto escolar, tenha qualidade e os nossos filhos se sintam bem lá e portanto que é a única forma de estarem motivados para aprender e não tenho dúvida nenhuma, que se não fosse assim estaríamos muito mas muito mais para trás, reparemos nós que já estamos a discutir o modelo de sala de aula, um dia há de vir a mudar e depois já ninguém se lembra que foi com a CONFAP que começamos a discutir a necessidade de alterar e de revolucionar o modelo de sala de aula, estamos a falar também que foi a CONFAP que começou a falar do acesso ao Ensino Superior e na necessidade de alterar o paradigma de acesso ao Ensino Superior. Isto um dia vai-se mudar e toda a gente se esquece, parece que a escola ou que as famílias não fazem parte deste processo, toda a gente vai acabar por esquecer mais tarde ou mais cedo, embora esteja mais o menos escrito da importância que Associações de Pais, porque a CONFAP é a representação das Associações de Pais, tiveram nesta evolução também pedagógica, do modelo, dos currículos e da avaliação. Nós estamos a obrigar sobretudo os especialistas que têm essa obrigação a discutir isto, mas a discutir no sentido que e na consciência de que é preciso mesmo começar a mudar alguma coisa. E, portanto, foi assim com a alimentação como lhe disse, foi assim com a escola a tempo inteiro na questão das AEC'S, foi assim com a questão da monodocência e pluridocência, foi assim com os horários. Esta evolução deve-se muito à intervenção parental, nomeadamente e sobretudo a intervenção parental através das Associações de Pais, não tenho dúvida nenhuma que se não fosse assim estaríamos ainda muito mais para trás num sistema cristalizado, um pouco estagnado naquela atitude pela cultura do povo que temos aqui em Portugal, naquela coisa de ir para a sala de aula seguir o manual, sair da sala de aula e depois e portanto a própria sociedade também nos obrigou aqui um bocadinho a pensar tudo isto e a envolver. Mas sim, a Associação de Pais é como digo, o próximo passo é que exista uma Associação de Pais como existe uma



direção e outra qualquer, mas os pais perceberem isso. Existe porque os pais entendem que quando eu matriculo o meu filho devia haver duas preocupações essenciais ao matricular o nosso filho: uma delas já existe, portanto eu quero ir lá matriculá-lo, inscrevê-lo, vou saber quais são os professores, qual é o horário, muito bem. A outra devia ser, quem é, onde está a Associação de Pais, quero-me inscrever e quero participar na Associação. Esta é o que nós ainda temos que continuar a trabalhar para que também aconteça quando vamos matricular o filho na escola.

Entrevistador: Muito obrigada. Neste seguimento, eu queria-lhe perguntar se considera então que as Associações de Pais, de uma forma geral, são ouvidas e são reconhecidas pelos diversos atores sociais na escola.

E1: Sim, de uma forma geral são. Esse é um dos caminhos em que nós evoluímos bastante e temos vindo a evoluir bastante. Não somos ouvidos pelo que ditamos, dificilmente a Ana ouve-nos a gritar, às vezes lá se vê os pais fecharam, os pais isto, os pais aquilo, nós não somos apologistas do fecho de escolas, pelo contrário, nós existimos para ter uma escola de qualidade aberta, a funcionar, uma escola fechada é uma escola sem qualidade e portanto não é o nosso princípio e por norma uma Associação de Pais não fecha escolas, os pais podem desesperar e fazer, mas isto para dizer que somos ouvidos cada vez mais e sem precisarmos de gritar. E eu julgo que, ainda há dias dizia isso numa reunião aos meus companheiros, o trabalho que a CONFAP tem vindo a fazer, sempre fui defensor disso, a CONFAP tem a grande responsabilidade política no bom sentido da palavra, de facilitar e de conseguir que as Associações de Pais tenham o seu espaço nas escolas e tenham o seu reconhecimento social. E isso consegue-se quando nós aparecemos na comunicação social e quando estamos aqui a conversar, de uma forma sempre pela positiva, sem deixar de perceber o que é preciso melhorar e de exigir com todo o rigor. E eu não tenho dúvidas, já lhe dizia há bocadinho que nós já temos casos de diretores que nos ligam a pedir para ajudar a criar uma Associação de Pais. Percebem a importância de ter uma Associação que faça com que os pais discutam entre si sem estarem a criar, muitas vezes, problemas por desconhecimento, por falta de informação, às vezes por ignorância. E, portanto, se houver uma Associação ajudar-nos a todos a evoluir e a melhorar. E, portanto, sim tem havido ao nível do Ministério, a CONFAP é muito ouvida, depende obviamente dos governantes, há governantes que ouvem mais, outros ouvem menos, mas eu já atravessei várias áreas políticas e disponibilizam inclusivamente os próprios contactos para quando for necessária uma comunicação. Há



esta preocupação de perceber, não é sempre, mas na grande maior parte dos casos de perceber o que é que nós pensamos, o que é que nós temos a sugerir e as escolas também já sabem que a Associação de Pais, por exemplo agora houve muitas situações com o ensino à distância que não correram muito bem. As Associações de Pais questionam a direção e a direção ah pois e tal e houve situações em que se corrigiu a forma de atuar e foi só a Associação de Pais que falou, só, entre aspas. O que significa que de facto quando já há esta consciência, uma Associação de Pais não é um pai ou uma mãe que anda ali, no início podia ser assim, não hoje uma Associação de Pais de facto está ali, comunica, informa os pais e representa os pais todos independentemente de quem tiver votado ou não, isso faz parte da democracia. E, portanto, temos essa legitimidade, mas sim muito mais do que antigamente e continuo a dizer que é preciso continuar a crescer e a evoluir nesse sentido. Eu costumo dizer o seguinte e isto responde muito à sua pergunta. Nós temos neste momento o reconhecimento muito mais notado, se quisermos, um reconhecimento muito mais visível por parte dos parceiros e os parceiros são as escolas, são as autarquias, o Ministério, outras entidades que nos contactam, a Gulbenkian, o Conselho Nacional de Educação. Quer dizer, nós temos um reconhecimento por todos os parceiros da importância da intervenção dos pais, de fazerem parte, de participarem, de discutirem, de fazer parte da solução, muito mais visível do que se calhar o reconhecimento das próprias famílias, que é um bocadinho paradoxal, mas é verdade porquê? Porque as famílias ainda estão um bocado afastadas daquilo que é o sistema educativo e a vida escolar, ainda estão muitas delas, isto agora com novas mães e novos pais mais novos, cujos pais já foram acompanhando e que também vão agora acompanhando de forma mais atenta e mais próxima da evolução destas coisas. É óbvio que quando entram, eu já tenho mães e pais no movimento associativo, já com menos vinte e tal, trinta anos do que eu, portanto já cá estão há uns anitos. Portanto, isto são mães e pais que já têm aquela curiosidade em perceber se não há uma forma de ajudarem os filhos dentro das escolas com as Associações de Pais. Mas há esse reconhecimento da parte dos parceiros muito relevante e que é estimulante também e encorajador e obviamente que eu acho que temos que continuar a trabalhar muito, também são muito mais famílias a trabalhar muito para que as próprias famílias percebam como é importante. Se eu não posso fazer parte da direção e outros pais podem, às vezes a gente diz que não pode, mas pode, eu costumo dizer que gosto daqueles que nunca têm tempo. Quem não tem tempo é quem se ocupa sempre a fazer alguma coisa e tem vontade de fazer alguma coisa. Quem tem tempo é porque, normalmente, não tem essa



disponibilidade. Eu gosto daqueles que não têm tempo. E julgo que ainda temos que evoluir um bocadinho nessa vontade de facto, de participar. Mas sim, as escolas, as autarquias não tanto. Nós temos aqui um problema, depois pode ou não servir para a sua tese, mas nós também temos o problema de que a Educação não deixa de ser uma atividade da Economia e da Sociedade com muita relevância depois naquilo que é um objetivo de um político, que são os votos. Tem a ver com o poder e etc. Nas autarquias, e agora têm descentralização, depende muito do presidente ou do vereador da Educação. Esta relação e este reconhecimento de que falava e até alguma lealdade e transparência que nos políticos é muito difícil. Ao nível do Governo, como é uma coisa que está mais supra, nós temos mais essa facilidade e ao nível das autarquias depende muito. Nós temos federações que no fundo agregam as Associações das próprias escolas e algumas com imensas dificuldades em trabalhar com as autarquias, porque a autarquia percebe que está ali, apesar de ser informal, está ali um poder informal e a autarquia tem medo destes poderes informais muito organizados e muito informados, muitas autarquias têm medo disso, algumas até por incompetência dos próprios, mas têm esse medo e nós percebemos isso. E às vezes até procuram fazer aquilo que eu chamo dividir para reinar, muitas delas já fazem isso ao nível das direções de escola, porque às vezes as próprias direções de escola colaboram, comunicam entre si e, portanto, também criam ali algum poder informal e às vezes interessa aqui dividir, porque a autarquia aqui não deixa de ter um poder formal e não deixa de ter um poder estrutural e até financeiro muitas vezes que ajuda a conseguir objetivos na Educação e às vezes joga-se com isso. E, portanto, se me perguntar há essa facilidade? Ao nível autárquico é muito díspar, é muito díspar e eu conheço perfeitamente algumas que esse relacionamento existe porque há sintonia entre os interlocutores e até há algum digamos aproveitamento dos próprios objetivos que têm e isso ok, desde que ajudem a Educação para nós está bem. Depois alguns de facto há esse receio e há também alguns menos em que há de facto este respeito institucional, ou seja, há este respeito pela função de cada um, concorde-se ou discorde-se, há debate, atira-se para cima da mesa, procura-se arranjar soluções em conjunto e isso sim era o que devia acontecer, ao nível autárquico é mais complicado, devo reconhecer. Ao nível de escola é mais fácil com as Associações de Pais, existe essa vontade própria de estarmos cá todos para o mesmo, vamos embora, não está tudo perfeito, mas na grande maioria que foi assim que me perguntou, mas na generalidade sim, nas autarquias é mais difuso. Ou seja, nós estamos também é preciso perceber que nós estamos a começar a dar o passo da descentralização na área da Educação também e isso traz muitas questões, traz muitas



questões porque obviamente quem está no poder, quer lá estar o tempo que for necessário e aqui há alguma, aquilo a que eu chamei, em certa altura, e já tenho e julgo que já tenho tempo para poder dizer isto, a primeira vez que eu disse isto disseram que era uma palavra forte e eu não percebo porquê, se calhar por ser de famílias mais humildes, acho que não tem mal nenhum, disseram-me que era uma palavra forte e depois a gente percebe. Eu achei aquilo a instrumentalização da Educação e que existe mais ao nível autárquico ainda, do que a qualquer outro nível, esta tentativa de instrumentalizar, ou porque se apoia para ter um aliado, eu vou-te ajudar mas tu tens que me ajudar, ou porque não se entende e portanto há ali uma dificuldade em caminhar nos objetivos que deviam ser os únicos e os principais e pronto existem essas dificuldades, mas isto vai dificultar depois a Ana a escrever as coisas, mas em resumo sim evoluiu muito esse reconhecimento, depois há algumas diferenças de acordo com o ambiente que estivermos a falar.

Entrevistador: Passando então para um segundo bloco, o poder e tomada de decisão dos pais na escola e em relação a este tema, considera que os pais têm alguma oportunidade de decidir ou intervir em decisões da escola?

E1: Bom, os pais têm a oportunidade de intervir, de decidir não é a nossa competência. É como digo, se um dia a Associação de Pais for um órgão com responsabilidades próprias dentro da própria escola, julgo que nunca será nem é esse o nosso objetivo. Nós não queremos decidir, queremos, de alguma forma, influenciar a decisão, de forma fundamentada, argumentando com factos, com aquilo que sejam as opiniões e sugestões, para influenciar a decisão e perceber, também queremos perceber, sendo a decisão, aquela que nós propomos ou outra, perceber as decisões que são tomadas sempre no intuito de responderem às necessidades e às expectativas dos nossos filhos. E obviamente de quem lá trabalham, e estamos a falar daqui da nossa representação e, portanto, também não queremos ter a decisão. Agora nós fazemos parte dos órgãos de gestão, mas estamos em minoria, agora não há sequer nenhum grupo com maioria no Conselho Geral que é o órgão máximo da decisão. O que está a acontecer é muito curioso é que há alguma usurpação de funções entre órgãos, ou seja na escola nós temos a direção, temos o Conselho Administrativo, que tem a ver com a parte prática, aquilo que nós chamamos a secretaria, tem o Conselho Pedagógico que é o órgão que estrutura todo o processo pedagógico da escola e temos o Conselho Geral que é a nossa Assembleia, isto fazendo uma comparação, o Conselho Geral é a Assembleia da República, a direção da escola seria o Governo, o Conselho Pedagógico há de ser um órgão que ajuda ou tipo uma



Comissão da área das Finanças. Aqui temos a questão do Pedagógico e a parte administrativa tem a ver com toda a organização documental, dá esse apoio administrativo à própria escola. Nós estamos representados no Conselho Geral e podemos estar no Conselho Pedagógico, logo aqui há diferenças. Portanto, dantes estávamos com um ou dois membros, agora poderemos estar a convite do diretor, há diretores que convidaram, que acham que a opinião dos pais e há outros que não convidaram e eu julgo que é um erro, porque os pais podendo e sendo convidados podiam dar uma sugestão, uma opinião e uma visão de quem às vezes está dentro. Aquele receio que lhe falava há bocado, de haver aqui alguma confusão às vezes entre papéis fez com que alguns diretores achem que não é preciso, os pais não percebem nada de pedagogia, bem há pais que percebem mais de pedagogia do que os próprios professores. Aliás o professor António dizia-me isso ele estudou pedagogia em França etc., e ele dizia mesmo isso, mas isso vale o que vale. Agora nós decidir não decidimos, somos quatro ou cinco, alguns alunos no Conselho Geral que é no fundo o único órgão em que estamos de decisão em que podemos e devemos que é o que eu tenho dito mesmo que a gente saiba professores, com auxiliares, com a comunidade, depois temos lá a autarquia e temos parceiros que por vezes funcionam todos em [C] quase, mas nem sempre. Nós já temos pais que são presidentes do Conselho Geral e temos pais e mães que são presidentes dos seus Conselhos Gerais, isto também é possível. Agora, podemos lá estar, dar a nossa opinião, fica registado em ata, dizemos o que é que pensamos, estamos em acordo, estamos em desacordo, porque é que não estamos e isso influencia obviamente se não naquela numa próxima votação provavelmente quem vem com propostas para o Conselho Geral já vai conhecendo a opinião dos pais e vai percebendo também e importa que aquilo que estamos a fazer responda às preocupações dos pais e é como eu digo, é um processo muito lento e também não é muito uniforme em todo o país nem tinha que o ser. E, portanto, nesse órgão que é o Conselho Geral e que tem a responsabilidade de decidir o projeto educativo, de decidir toda a gestão estratégica do agrupamento, sob proposta do Conselho Pedagógico, sob proposta da direção, sob proposta de quem for, mas é ali que deve ser decidido. O que acontece às vezes é que vem já uma decisão ou é apresentada ao Conselho Geral como se fosse para informar uma decisão que o Conselho Pedagógico teve quando aquela decisão devia ser do Conselho Geral. E isto acontece porquê? Acontece porque o diretor mantendo assente efetivo no Conselho Geral, pode estar presente e devem-se contar pelos dedos os Conselhos Gerais onde o diretor não faça questão de estar presente sabendo nós que é o diretor que tem uma parte importante na avaliação dos docentes. Portanto, julgo



que está tudo dito. Nós sempre entendemos que isto deviam ser órgãos independentes e que o diretor só devia lá estar na parte em que o Conselho Geral disser quero que o diretor venha cá prestar o seguinte esclarecimento, como se faz na Assembleia da República. Vai lá alguém para prestar esclarecimentos, uma Comissão qualquer presta esclarecimentos e depois vem embora. Nós já estivemos na Comissão da Educação, chegamos lá, dizemos e depois vimos embora, porque a decisão é deles. E, portanto, e isso era uma forma mais democrática das coisas trabalharem, mas lá está os poderes muitas vezes formais ou informais aqui sobrepõem-se e nós ainda temos que evoluir muito nessa cultura democrática, não tenho dúvidas nenhuma. A democracia ainda está muito condicionada pelo exercício do poder de quem tem poder, em qualquer lado, nas empresas, em qualquer lado até nas famílias sabemos que é assim. E, portanto, não é que nós queiramos decidir, mas que as coisas funcionem com transparência e com toda a amplitude democrática que devem ter, em que as pessoas participam de forma livre, de forma descomplexada sem receio de decisão, participam, dão opinião e depois aceita-se a decisão democrática. Era assim que devia ser e nós estamos lá para isso e é isso que queremos. Depois também estamos no órgão de Conselho de Turma. O Conselho de Turma é outro, repare o Conselho de Turma que é um órgão que decide ou que analisa, se quisermos, todo o funcionamento de uma turma que no fundo é a célula mais importante que a escola tem, todo o funcionamento de uma turma o Conselho de Turma que tem essa responsabilidade, os pais nem convocados são para os Conselhos de Turma que eles chamam Conselhos de Turma intercalares. E porquê? A lei é depois muito, a lei não é confusa as pessoas querem fazer dela confusa. A lei diz que os pais não devem estar nos Conselhos de Turma nos momentos de avaliação. Isto é um tiro nos pés, é um erro do próprio Conselho de Turma. Em muitas escolas o que se passa, não é em todas, mas em muitas o que se passa é que reúnem os Conselhos de Turma e dizem que é para fazer a avaliação do final do primeiro período, do segundo, do terceiro, é de avaliação e, por isso os pais não podem estar, não é verdade, porque o Conselho de Turma de certeza que quando reúne fala do comportamento, fala na generalidade na avaliação da turma e aí os pais deviam estar, não devem estar quando for a avaliação no final. Mas era do próprio interesse do diretor de turma e daquele Conselho ouvir os pais, concorde-se ou não se concorde vou ouvir e depois aquilo que for a decisão deles faziam a decisão. Porque é que há tanto receio de ouvir os pares? E ainda existe muito este receio no Conselho de Turma como existe noutros órgãos. Esta é também, complementando um bocadinho o que dizia no início. É um caminho que nós temos vindo a progredir, há reconhecimento, os pais têm



efetivamente demonstrado que estão lá para colaborar, cooperar e que é importante serem ouvidos, para que não haja litígios desnecessários e, portanto, ainda é um caminho que se tem que fazer, sim. Quanto mais ouvirmos as pessoas melhor e nesta questão do ouvir, não sei se me vai falar disso ou não, nós também começamos a falar muito na necessidade de ouvir os alunos. Hoje já se ouve mais, mas ainda se ouve pouco e o Conselho de turma tem alunos e as escolas têm Associações de Estudantes. Curiosamente só têm a partir do nono, décimo, não sei porque é que não têm Associações de Estudantes no Primeiro Ciclo, mas tudo bem. Tudo bem, nós temos fomentando para que haja Associações de Estudantes no Primeiro Ciclo, eu se fosse professor criava uma Associação de Estudantes e reunia com eles, numa meia horita e fazia parte da própria educação deles, porque eles têm coisas muito interessantes para nos dizer. Mas há medo, há medo de ouvir as outras pessoas porquê? Porque podem inquietar e isto ainda existe muito. As questões nomeadamente dos miúdos inquietam muito quem está de fora. Mas pronto, já compliquei um bocadinho a resposta, mas é um bocado isso, não querendo decidir, queremos fazer parte da decisão que é um bocadinho diferente. Nós não queremos decidir, mas queremos fazer parte da decisão e acho que neste momento, sendo um direito que temos, sendo um direito que temos, eu tenho falado muito com pais e quando falo com eles temos que assumir isto como um dever, portanto não vou lá só para fazer figura de corpo presente, é um dever que eu tenho, sendo um direito está estipulado é um dever que eu tenho e obviamente que quem decide também tem que considerar a importância de ouvir todas as partes para que a decisão seja a mais adequada possível, mais adequada possível.

Entrevistador: Eu ia mesmo entrar nesse sentido que era, os pais têm o direito de serem ouvidos na escola e darem a sua opinião, considera então que a escola iria beneficiar com essa intervenção?

E1: Sem dúvida. Tem beneficiado. As escolas que o fazem, as escolas que funcionam mais nesse aspeto, de forma mais transparente, mais aberta têm melhorado muito. Melhoram desde logo na tranquilidade e na estabilidade emocional e física que é tão necessária quando queremos levar um projeto. Um projeto educativo não é uma coisa de um ano, um projeto educativo é uma coisa de pelo menos três, quatro, cinco anos e, portanto, obviamente que pode ir melhorando, é uma coisa dinâmica, um projeto é isso. Mas é uma coisa que, até podemos fazer um projeto a mais longo prazo, a educação evolui assim e obviamente que aquelas escolas que têm, que têm esse princípio, uma questão de



princípio, essas escolas têm melhorado e têm evoluído muito. As escolas onde isso não acontece é claro como a água em que de facto, não acontece por várias razões, não acontece por aquilo que eu estava a dizer às vezes há receio de ouvir os pares, como também às vezes os pares não intervêm, a tal participação cívica e o exercício de cidadania que não existe em muitos meios e, portanto, isto a responsabilidade é de todos, não é só de alguns. E, onde isso não existe, onde não há participação parental, as coisas estão mais estagnadas, se calhar são mais parecidas com o que eram há vinte anos, porque não evoluiu grande coisa vão lá, dão as aulas, dão a matéria, até podem tirar boas notas, mas não fazem muito mais do que isto, depois muitas vezes os alunos saem daquela escola, vão para outra ou saem para a vida ativa e têm dificuldade em fazer uma entrevista, têm dificuldade em ter uma conversa, coisas assim. Não tenho dúvidas nenhuma que esta intervenção dos pais é positiva mesmo sendo oposição, aliás nós ouvimos muitas vezes os políticos dizer para fazer uma boa governação é preciso ter uma boa oposição e eu acho que isto é entendível por todos e portanto ninguém consegue evoluir o melhor que é capaz se não tiver quem questione cada passo que dá e para questionar cada passo que se dá, não pode ser o próprio, quer dizer, quem está de fora tem uma visão diferente, é perfeitamente natural e que nos pode ajudar a melhorar e o espírito deve ser esse, portanto não tenho dúvidas que a opinião dos pais, é por isso que eu dizia nós queremos fazer parte da decisão, mas não queremos decidir, não é esse o nosso objetivo. Questionar, é aquilo que os miúdos, os nossos filhos fazem quando são pequeninos e que nos põem a pensar, porque fazem muitas perguntas e depois a escola, infelizmente, começa a formatá-los para deixarem de fazer perguntas que é o erro, este é um erro, estamos aqui a falar da participação parental, podia ser outra se a escola não matasse os porquê logo no Primeiro Ciclo. Ou seja, nós começamos a ser formados para um crescimento sem perguntar, sem dizer porquê e, portanto, porque o dizer porquê é ofensivo. Muitas vezes numa sala de aula quando um aluno na sua irreverência natural de seis, sete, oito, nove anos pergunta, é tá calado, tá não sei quê ou depois perguntas. Eu estou a dizer isto e eu sei que não são todos, mas em muitos casos é a maior parte é assim. Isto leva a que o aluno vá crescendo com a ideia, a própria família quando o filho pergunta qualquer coisa, não sabes o que estás a dizer, cala-te não sei quê, cometi esses erros imensas, eu tenho três filhos, a gente comete esses erros, crescemos com esta ideia de que temos a verdade e quem nos questiona nos está, eu lembro-me do meu filho chegar a casa uma vez muito, e foi preciso estar ali atentos, porque ele acabou até por responder depois até à professora, porque a professora perante uma pergunta acha que o aluno está a dizer que ela que é burra e que



não sabe o que está a dizer. Eu posso questionar e diz oh não concordo com o que está a dizer, eu posso não concordar, mas posso chegar à conclusão que eu é que estou mal, mas se calhar até estou certo, não era a primeira vez. E é isto que nós fazemos, eu julgo que de facto ouvir as Associações, ouvir os Representantes de Pais, não podemos ouvir todos, as escolas têm mil, dois mil, três mil, mas podemos ouvir os Representantes e eu disse isto no início, as Associações de Pais têm que auscultar e ouvir os pais também, às vezes incomoda também, porque às vezes os pais vêm, muitas vezes de forma desinformada, e é por isso que a gente quando pergunta também deve estar informada, tirando as crianças que essas estão ainda, é a curiosidade natural, mas obviamente que a gente deve informar-se e depois perguntar, olhe desculpe a Associação de Pais fez isto, eu não concordo nada com isso, por exemplo agora nem toda a gente concordou quando eu defendi que as escolas deviam ser presenciais, porque está explicado os efeitos psicológicos, emocionais, porque obviamente procuramos acompanhar os especialistas e dizer às pessoas e alguns pronto, ficaram naquela ah mas eu tenho medo. Aceitam a opinião, tudo bem, até compreendem depois de explicada, mas têm também direito à sua posição obviamente. E é isto que é preciso respeitar, portanto questionar só nos pode ajudar a melhorar, quando se questiona de forma consciente, de forma crítica, a tal crítica não para destruir, mas construtiva. E eu acho que nós, e por isso é que isto tem evoluído de forma positiva, acho que temos feito muito isso, acho que as Associações de Pais têm procurado, como eu costumo dizer criticar, apresentar sugestões e muitas vezes pedir esclarecimentos, porquê? E aliás temos trabalhado muito, felizmente está a evoluir nomeadamente com as faculdades de psicologia, mas toda a gente está a evoluir, no sentido na formação de professores, nós não matamos a curiosidade, de perguntar porquê. Portanto, podemos dizer olha tudo bem, dá-me só um bocadinho, deixa-me acabar só isto, por exemplo aquilo que já se aprende há muito tempo nas áreas de formação, mais até na formação profissional, de projetos e que às vezes as escolas ainda não se mudou muito, mas que eu espero que os novos professores assumam esta atitude. Parece-nos o menos, mas quando a gente diz uma coisa e alguém pergunta, uma coisa é eu dizer, expliquei-me mal ou eu dizer não me fiz entender, ou perguntar ou em vez de perguntar alguém tem dúvidas? Perguntar fui claro? É completamente diferente, a pessoa faz uma pergunta então não percebeste o que eu disse? E portanto isto é muito o que ainda acontece e isto faz com que às vezes não se aceite muito bem que alguém que está de fora, nós ouvimos muitas vezes, agora já nem tanto, também fomos dando provas de que não é verdade, mas eu lembro-me quando entrei no movimento e comecei a ter reuniões com direções de escola,



com Conselhos Gerais, virarem-se para mim inclusivamente e dizer você não perceber nada disto, ou seja quem está de fora não percebia nada da escola, é a sua opinião, se calhar não percebo, mas esta atitude, que é uma atitude defensiva pela negativa, não ajuda a evoluir. Se eu acho que quem está de fora não percebe nada só eu é que percebo, nunca vou melhorar o que estou a fazer. E, portanto, mas isto obviamente que se veio alterando, as pessoas foram percebendo que não era bem assim e que provavelmente a própria escola estava em mudança e estava. A escola estava e está em mudança, ainda bem. Mas sim, eu julgo que se ganha muito, não só a escola, como todos se ganham muito em participar e em ouvir aqueles que participam independentemente de se concordar ou não e da decisão poder ser, isso depois é uma questão de liderança, a decisão pode ser ou não, eu lembro-me de um professor uma vez dizer uma coisa que achei muito interessante “ o líder é aquele que faz o que quer, convencendo aqueles que lideram que estão a fazer o que eles querem” e o facto é que é um bocado verdade, isto obviamente é exagerado, não é bem, não quer fazer o que quer, quer fazer, tenho uma ideia e quero levar avante e se a puder melhorar com o contributo dos outros, tanto melhor. Mas eu percebo a ideia disto, portanto não quero impor nada, eu quero conquistar as pessoas. Uma coisa é se eu em vez de impor, conquisto os meus alunos para a aprendizagem que eu tenho para trabalhar com eles, eu sou um líder daquela turma e de certeza absoluta que não me queixo que não consigo dominá-los como às vezes se ouve, não consigo não sei o quê, não consigo controlá-los, não tenho paciência para eles e isso significa que não se está a conseguir liderar, está-se a querer impor. Impor é mais difícil.

Entrevistador: O que é que acha que tem a melhorar nas escolas ou até mesmo junto das famílias e da própria comunidade para que a relação entre a escola e as famílias se aprofunde cada vez mais e traga ainda mais vantagens para todos os intervenientes?

E1: Olhe, tem que melhorar tudo isto que eu lhe estou a dizer que tem vindo a evoluir, mas que é preciso continuar a melhorar e que em duas ou três palavras é confiança, é o compromisso e é a participação. Eu tenho que participar, mas tenho que confiar e, portanto, se calhar também temos que ser mais humildes todos um bocadinho. Ou seja, eu posso não estar de acordo, e isto é um exercício que nós vamos fazendo e que é muito difícil e pessoas que têm experiência de vida, etc., mas se fizermos esta reflexão, se calhar não agi muito bem, ok não concordo muito com aquilo, mas até no ponto de vista daquela pessoa, aquilo até pode fazer sentido. Isto é um exercício muito difícil de fazer e que normalmente no ato para pessoas intempestivas como eu e outras não sei quê,



algumas são mais calmas, às vezes reagimos da forma menos própria e que às vezes é aquilo que nos leva até a pedir desculpa, por isso é que se diz que as desculpas se evitam, mas também pode existir. Eu acho que é muito isso, é preciso de facto acreditar que os outros também têm talento, acreditar que o outro também tem capacidades, acreditar que o outro também tem conhecimento, também sabe de alguma coisa. Portanto, no fundo, aceitar a diferença, aquilo que nós falamos uma escola inclusiva hoje que é aceitar a diferença, também tem que ser inclusiva perante a comunidade e perante os pais e isso se a escola for inclusiva, verdadeiramente inclusiva, eu costumo dizer que não há inclusão sem o envolvimento das famílias, é uma falácia dizer que a escola é inclusiva e a família não está envolvida. Inclusiva porquê? Porque está lá com a menina ou com o menino ao canto e porque fala com ele de vez em quando? Isso não é uma escola inclusiva e, portanto, inclusivo é se o menino e a menina, independentemente da condição que tiver, se sentir parte de todo aquele processo, se for para casa sentir-se bem e vier de casa e sentir-se bem e sentir que não há disrupção entre o momento que está na escola e o momento que está na família, isso é inclusão. E portanto, eu diria que é preciso de facto melhorar essa inclusão e relativamente à família, parte a parte, a família também aceitar que a escola provavelmente não está a fazer aquilo que queria, mas que está a fazer o que é melhor e eu tenho a convicção de que isso é possível se quando fazemos uma crítica, a escola aceita a crítica e explica, ou seja se eu sentir que há *feedback* do lado de lá, se há diálogo, esta confiança e este compromisso vai aumentando. Em vez de tomar aquela atitude defensiva “você não sabe o que está a dizer, não é nada disso, você só sabe criticar”, portanto as pessoas só sabem criticar porque provavelmente a cada crítica que fazem nunca têm *feedback*, nunca são esclarecidas. E, portanto, eu julgo que muitas vezes falta isso. Eu lembro-me de uma diretora, um dia, numa conversa, assim estávamos a conversar, damo-nos bem, conhecemo-nos bem e ela dizia “ai os pais isto, os pais aquilo, os pais impossíveis” e eu perguntei-lhe “Mas olhe desculpe lá, está-me a falar de quantos pais?”, ela ficou a olhar assim para mim, uma escola com quatro mil famílias, portanto oito mil pais “está-me a falar de quantos pais?”, ficou a olhar para mim e eu disse “ eu vou-lhe facilitar, cabem nos dedos de uma mão, esses pais impossíveis” e diz ela “ Ah sim” e depois disse-lhe o seguinte “ Quantos professores têm na escola?”, “Cerca de trezentos” e de certeza que não cabem nos dedos de uma mão os problemas que os professores criam, “Oh pois não, para aí metade”. Este preconceito que nós temos para com a outra parte, aquela a que pertencemos com muitos defeitos que tenha, nós aceitamos, não aceitamos o mínimo defeito da outra parte, e este é um problema, é um



dos problemas nesta relação. Portanto, para que a relação continue a evoluir e como digo tem vindo a evoluir é preciso de facto haver este compromisso e haver esta humildade, acreditar que apesar de tudo aceitar, aceitar que questionem o que nós estamos a fazer e procurar esclarecer. Portanto, compromisso, confiança e participação só existe se houver diálogo e o diálogo exige *feedback*, no fundo é um bocado isto que às vezes não existe e que leva muitas vezes a conflitos que podiam ser evitados. Repare, há conflitos que aparecem na comunicação social “Pai bateu, professor bateu, não sei quê bateu” e se formos procurar perceber o que é que aconteceu ali, muitas vezes é uma pergunta que foi feita e a resposta foi ostensiva, portanto foi hostilizar a pessoa. Eu percebo a sua pergunta, nós temos todos momentos maus, aquele caso do Carolina Michaelis em que a aluna luta com a professora por um telemóvel, quer dizer a aluna errou e a professora agiu mal, reagiu mal melhor dizendo, porque não se pode querer tirar a uma adolescente um telemóvel é como tirar uma peça de roupa. Quer dizer não é possível. Portanto, isto não é fácil, muitas vezes no calor do momento não é fácil e é por isso que temos sempre que treinar e debater e conversar muitas vezes para ir melhorando o nosso instinto reativo que é um bocado isso. Mas pronto, eu julgo que sim, que aqui precisamos, eu julgo que precisamos de acreditar um bocadinho mais no outro, compromisso, confiança e esta participação em que haja de facto comunicação de informação, muitas das questões que surgiram agora com o regresso às aulas foi falta de comunicação e informação às famílias. As famílias não sabiam, o filho ia para uma escola e o perigo de contaminação e não sei quê era só o que aparecia na comunicação social, as escolas não informaram a dizer que estavam preparadas, que havia condições. Todo este borburinho, aquele ruído, os pais à porta da escola, todas aquelas confusõeszinhas esvaneceram-se ao fim de uma semana, porquê? Porque, entretanto, os pais foram tendo informação através dos filhos e foram vendo alguma coisa. E é isso que é preciso é falarmos mais uns com os outros para aumentar esta confiança e estabelecer, de facto uma relação mais consolidada.

Entrevistador: Quais é que são os principais desafios das Associações de Pais perante as escolas?

E1: É muito um bocado aquilo que eu tinha dito. Eu não concebo uma Associação de Pais como sendo algo completamente distante ou separado do que é a escola e do que é todo o contexto escolar, de todo o contexto da comunidade. A Associação de Pais representa toda a comunidade e é obviamente uma parte integrante da escola e os desafios que têm são estes. Primeiro é porque tem um grande desafio e este é mais palpável que é



nós continuarmos a trabalhar para que as entidades patronais e o poder político perceba que nós precisamos de tempo para esta missão. As Associações de Pais só trabalham em pós-laboral, e esta também é uma dificuldade da participação, não disse no início, mas era bom que as entidades patronais e o sistema político, portanto o sistema sociopolítico percebesse que nós também precisamos de algum tempo para estudar os dossiês, para nos informarmos, para evoluirmos, precisamos desse tempo e, portanto, temos também esse desafio de continuar a trabalhar para conquistar este espaço, o espaço de tempo. Este é importante e desde logo que a escola, enquanto nós procurarmos conquistar este espaço de tempo, procura também ser flexível na conciliação do tempo da escola com o tempo da família e também não existe, quer dizer os pais têm que ir a uma reunião de manhã estão a trabalhar, os pais querem reunir, nós ouvimos agora neste tempo escolas e autarcas a dizer que os pais não iam poder reunir na escola, isso não faz sentido nenhum, nós não queríamos reunir em tempo de aulas, estamos a querer reunir em tempo fora de aulas e isso é possível com todas as condições e garantias deixando tudo higienizado, mas em vez de fechar a porta o que era preciso era dialogar e dizer “Bom, para vocês continuarem a reunir neste tempo temos aqui que combinar um conjunto de critérios e de condições”, isso era outra forma de estar e não hostilizar como se fez. E, portanto, este é o desafio que nós temos é um desafio de paciência, de resiliência, porque sabemos que somos nós que estamos num processo evolutivo de participação em defesa daquilo que se entendia ser uma responsabilidade exclusiva da escola. Portanto, nós temos que fazer com que a escola perceba que isto está em mudança e que de facto o sistema hoje está diferente e que ela tem que se abrir e temos que ter paciência e resiliência para o fazer que é o caso das escolas. Porquê? Porque o meu filho só está na escola um, dois, três ou quatro anos e quando eu consigo, o meu receio de quando isto for conseguido o meu filho já não esteja, precipita muitas vezes a nossa ação e a nossa atitude, mas eu costumo dizer a quem está no movimento Associativo que quase tudo conquistamos é para os que vêm não para os que estão e eu sou a prova viva disso havemos de conquistar a alteração ao acesso ao Ensino Superior, os meus filhos já entraram os três, conquistei muitas melhorias ao nível de jardim e ao nível de janelas, de escolas, os meus filhos nunca usufruíram delas, porque entretanto saíram. E portanto, há todo um conjunto de coisas que a gente consegue com os nossos parceiros, mas que demoram este tempo, faz parte da vida e da nossa forma de ser, somos todos muito lentos a realizar as coisas e a concretizar e às vezes não é para os nossos filhos, mas esse é o nosso espírito, estamos cá, há de ser para os filhos dos nossos filhos se Deus quiser, estamos cá para que isto evoluía e seja diferente e como eu costumo



dizer mesmo de forma, se quisermos ser um bocado mais egoístas, para eu ter confiança na minha reforma e na minha velhice, eu quero que eles cresçam de uma forma mais saudável e mais consciente. E, portanto, eu acho que este é o grande desafio, termos esta resiliência e esta paciência que as coisas vão acontecer, se calhar mais devagar do que acontecia para além de tudo o que lhe tinha dito do compromisso, da confiança. Nós, eu costumo muito dizer isto, às vezes se apontarmos o dedo à escola por isto ou por aquilo, mas não reparamos na forma como estabelecemos o contacto, como contactamos. A forma como estabelecemos ou como fizemos a pergunta ou como nos dirigimos à escola, por exemplo através do *Facebook* ou por exemplo escrever, às vezes não sabemos nem entendemos depois “Ah não percebo porque é que a escola teve aquela reação” e nós vamos descobrir que a escola apenas reagiu a uma forma um pouco ofensiva, pode ter sido sem intenção, mas temos que perceber que mesmo sem intenção podemos ter sido ofensivos. E, portanto, as Associações de Pais têm também muito este desafio como eu disse, o nosso primeiro objetivo capacitação parental, portanto envolver pais. Portanto, o grande desafio que as Associações de Pais têm é conseguir que todos os pais que tenham um filho na escola sejam associados à Associação de Pais, como é que isto se consegue? Criando confiança, compromisso, havendo diálogo, havendo comunicação e isto não se vai conseguir deste ano para o ano que vem e já vão ser todos associados, não. Portanto, está a crescer e depois vai haver sempre pais novos a entrar e isto também se consegue estabelecendo uma boa relação com a própria escola, para que a escola seja ao nosso lado um parceiro catalisador do envolvimento parental, no interesse da própria escola, este é o primeiro desafio, ter os pais todos ali, não é associados só porque pagam uma cota, ainda por cima é de para aí 5€, não interessa nada. Não é associados só por ser, é associado para que haja de facto melhor ambiente, mais estabilidade na comunicação e na relação, este é o principal desafio. Para isso, tem depois a questão do tempo, da resiliência, da paciência que é necessário ter e se isto acontecer, julgo que depois tudo mais, o compromisso com a escola, a confiança com a escola, a humildade de aceitar, de perceber, de discutir e de aceitar a diferença vai surgindo, mas passa muito por isto. Esta boa relação com a escola que é um grande desafio e o envolvimento dos pais da escola todos naquilo que são as suas reuniões, aliás ouve muitas vezes as Associações vêm “Ah eu tenho”, há Associações que se metem a fazer CAF’S, há Associações que se constituem quase como pequenas empresas, algumas delas manipuláveis por entidades externas. Mas eu diria, esse não é o nosso escombro, mas tudo bem, se entendem que os filhos não têm essa resposta e a querem dar respeitamos. De qualquer forma, as Associações às vezes dizem-me “Ah aqui



os nossos pais são todos associados.” E eu vejo logo onde é que está a questão, mas são todos associados porquê? “Ah porque nós temos a CAF, quem quiser usufruir” Ah bom! Mas quando fazem uma reunião para discutir um problema da escola, quantos pais aparecem? E muitas vezes eu digo às Associações meçam a vossa dinâmica e o vosso dinamismo e a vossa pujança pela presença dos pais e procurem aumentar isso. Porque isto não se faz contra a escola, se for contra a escola e quando digo contra a escola, contra a direção da escola, contra a organização fazer isto contra a escola, nós não conseguimos envolver pais porque a preocupação dos pais é com os filhos e não querem estar com alguém que está contra a escola quando é a escola que cuida dos filhos, portanto não vale a pena. Eu costumo dizer que nós estamos numa relação de David Golias e nós não somos seguramente o Golias, podemos ser, podemos vir a ser, porque somos quase três milhões, 1,3 milhões e até podíamos ser, mas não somos o Golias, portanto temos que nesta relação agir como o David. Mas é de facto um grande desafio ter esta consciência e perceber que isto está a crescer, que cresce devagar, conseguir condições nomeadamente de tempo, conseguir envolvimento parental e isto também se consegue muito com o aumento da confiança com a escola. E isto exige muito bom senso, muito equilíbrio, muita ponderação, muita inteligência e obviamente também muita formação e informação que é para isso que cá estou para tentar ajudar nessa perspetiva. É uma perspetiva um pouco diferente, também têm Associações de Pais que estão lá “Ah nós conseguimos não sei quanto e demos à escola um computador, demos à escola um rádio, damos à escola isto”, tudo bem, ótimo, excelente! Mas não é o mais importante na vida dos nossos filhos, quadros interativos “Ah a minha escola não tem quadro interativo”, isso não é preciso, para que é que quer um quadro interativo? O que nós precisamos é de professores interativos, com alunos interativos, isso sim, isso é o que a gente precisa, quadros interativos se tiver tudo bem, mas às vezes só estorvam, eu já fui a muitas que estão lá desligados. Mas há Associações que “Ei quadro interativo”, tudo de luxo, como se isso fosse a qualidade da Educação, eu disse não, vocês estão enganados, o que é preciso de interativo aqui é o professor e o aluno, isso é que é e os assistentes operacionais e etc. E portanto, isto também é um crescimento também na forma de ver as coisas e de estar nas coisas também é um crescimento que temos que fazer e com tempo é como eu digo. Ainda vou deixar muita coisa por fazer.

Entrevistador: Por fim, só lhe queria perguntar se tem alguma ideia a acrescentar, algo que gostaria de referir, frisar?



E1: O seu trabalho intitula-se quê? Qual é o objetivo do trabalho?

Entrevistador: O meu objetivo é analisar o papel das Associações de Pais nas escolas, identificar as dificuldades e constrangimentos dos pais a nível de intervenção e identificar o poder de decisão dos pais na escola.

E1: Ah muito bem. Quando acabar isso, depois vai-me mandar. Eu acho que já lhe disse muita coisa, mas se eu sabia que tinha essa pergunta deixaria como resposta a questão de que a Associação de Pais um dia seja tão natural como qualquer outro órgão na escola. E que os pais de facto percebam que acompanhar a vida dos filhos é muito mais do que levar e ir buscar à escola. Acompanhar a vida dos filhos na escola é sentir a escola. Sentir a escola é conhecê-la e fazer parte dela. E a Associação de Pais tem esta enorme responsabilidade, não estão todos provavelmente a trabalhar com a mesma intensidade neste objetivo, sabemos que há muitas coisas que não estão bem, mas esta é de facto importante, era bom que os pais percebessem que isto é que é fundamental. E é por aqui, não é porque eu estou numa Associação que vou defender melhor o meu filho nem é porque o meu objetivo é defender o meu filho que eu devo estar numa Associação, não é por aqui. Obviamente que estamos lá para defender os nossos filhos, claro que sim eles também são parte das escolas. Mas nós estamos lá para defender os nossos filhos defendendo o sistema escolar, defendendo todo aquele espaço de tempo e físico. E, portanto, eu julgo que isto é importante perceber, de facto esta responsabilidade. A Associação de Pais ser olhada pela sociedade como algo tão importante como as finanças, como algo tão importante como a Junta de Freguesia, tão importante como a autarquia, tão importante como a escola. A Associação de Pais tem esta importância, eu reconheço que nem sempre se dá a este respeito. Portanto, a Associação de Pais nem sempre se dá a este respeito, a esta consideração, mas tem que obviamente exigir e ter esta dignidade e é bom que a sociedade reconheça a importância, ainda por cima voluntários, pessoas que estão lá de forma voluntária a querer ajudar, podem não estar a fazê-lo da melhor maneira, vamos então ajudá-los a que eles façam melhor. Eu acho que isso era fundamental e, portanto, felizmente já se vai percebendo isso, mas só assim é que fará sentido, nós estamos lá para que de facto as coisas sejam melhores, como eu costumo dizer, não é por ser público que tem que ser pior que o privado. Em termos de serviço educativo, não estou a falar em qualidade pedagógica, porque isso depende do professor e do aluno e da relação que estabelecem, isso aí para mim é indiferente. Mas acho que era importante de facto conseguisse isso. Portanto tudo aquilo que fui dizendo ao longo da conversa e que acho



que a Associação de Pais é algo de muito digno, muito honrado e que todos devíamos ter orgulho de fazer parte e de pertencer, porque é a melhor forma de acompanharmos a vida escolar dos filhos e defender os seus interesses. Quando isto for o que estiver na consciência das famílias, é como digo se eu sabia, sabendo é repescar um pouco o que dizia há bocado. A minha preocupação matricular o meu filho numa escola em que acredito, preocupar-me com o horário, preocupar-me com tudo o que ele lá tem e também, ao mesmo tempo, preocupar-me em me associar na Associação em colaborar e a fazer parte da solução que eu quero para o meu filho. Eu acho que isto é o que nós temos que continuar a tentar construir, como cultura associativa da participação cívica dos pais nas Escolas.

Entrevistador: Quero-lhe agradecer por ter disponibilizado uma parte do seu tempo para esta conversa. Era agradecer a sua colaboração que realmente foi bastante importante para o estudo que estou a realizar. Sinto que tem umas ideias muito formadas, argumenta as suas opiniões e acho que é isto que nós precisamos nas nossas escolas, foi um gosto.

E1: Igualmente, muito obrigado.

Apêndice 7- Tabela 2: Dimensões de análise à entrevista do presidente da CONFAP

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Evidências</b>
Perceção sobre as Associações de Pais	Sustentada numa base legal	-	“Temos uma base legal jurídica que sustenta, já com muitos anos, como disse desde 90, existimos há mais, antes do 25 de abril já havia Associações de Pais.” (E1)
	Parceiro da escola	Defender os interesses dos alunos	“(…) estando juntos e debatendo em conjunto também conseguem alcançar os seus objetivos e defender os interesses dos seus filhos, (…) defender uma boa escola, uma boa organização, bons recursos, boas metodologias, bom serviço e boa pedagogia” (E1) “(…) a Associação de Pais é exatamente isto (…) esta consciência cívica para cooperar, colaborar e melhorar toda a vivência escolar dos nossos filhos (…)” (E1)
		Promover o debate entre os EE e os seus representantes	“(…) os Pais em conjunto (…) debatem sobre as questões da escola, conversam, dialogam, cooperam com a própria escola, com as direções de escola e com a aprovação da escola (…)” (E1) “(…) Associação de Pais também deve ter essa responsabilidade, de ajudar os Pais Representantes de Turma a exercerem essa função, de colaborarem com eles, com os pais do Conselho Geral (…)” (E1)
	Perspetivas no futuro	Ser um conselheiro	“(…) eu espero que seja tão natural ter uma Associação de Pais na escola como ter uma direção. Obviamente com funções apenas de colaborar, cooperar, ser um conselheiro (…)” (E1).
	Finalidades das AP	Colaborar com a escola	“Primeiro é envolver-se, fazer parte, sentir a escola, estar informado, (…)” (E1) “(…) então colaborar, estabelecer uma parceria leal, transparente, exigente, rigorosa com a própria escola e aí trabalharem em conjunto (…)” (E1)



			“O segundo ponto do objetivo é colaborar com a escola na melhoria da situação e aqui tem que haver respeito mútuo (...)” (E1)
		Comunicação com as famílias	“(...) ter os pais envolvidos no processo educativo escolar e acompanharem a vida escolar dos filhos, ou seja, nós temos que comunicar com os pais (...)” (E1) “(...) fazer estas reuniões de informação, de auscultação dos pais, auscultar também, nós estamos a representar pais e, por isso, nós temos que representar aquilo que é a opinião dos pais (...)” (E1)
		Representar os pais	“Esse é o primeiro objetivo, representar os Pais.” (E1) “Este envolvimento dos pais e a representatividade dos pais é fundamental, de forma legítima (...)” (E1)
	Benefícios das AP	Melhoria das condições físicas da escola	“A melhoria de condições com muitos pais a angariarem financiamento e a disponibilizarem mão-de-obra para melhorar condições, condições de salas, condições de recreios, condições de casas de banho.” (E1) “(...) fomos evoluindo em todo este acompanhamento do que é o sistema, das necessidades do próprio sistema, não só físicas (...)” (E1)
		Apoio alimentar aos alunos	“Fomos nós que estivemos na linha da frente na necessidade de a escola melhorar o apoio alimentar a alunos que tinham dificuldades alimentares (...)” (E1)
		Apoio na organização de horários e funcionamento da escola	“(...) própria organização da escola, discutindo aquilo que são os horários, discutindo todo um conjunto, estivemos nas discussões do currículo, etc.” (E1) “(...) o mais importante para nós de facto é acompanhar e ajudar a que a escola, todo o contexto escolar, tenha qualidade e os nossos filhos se sintam bem lá e, portanto, que é a única forma de estarem motivados para aprender (...)” (E1)



			“(…) evoluímos também para colaborar nas atividades lúdicas, nomeadamente festas de fim de ano, festas de final de período, angariar mesmo algum financiamento para alguns equipamentos de melhoria (…).” (E1)
		Atividades de Enriquecimento Curricular	“(…) também a necessidade das próprias famílias, não podiam, obviamente, estar com os filhos ou de manhã quando a escola só funcionava de manhã à tarde e, portanto, partiu-se para aquilo que são as atividades de enriquecimento curricular (…).” (E1)
		Envolvimento com a comunidade	“A escola está inserida na Comunidade, (…) é a instituição mais importante de complemento à Educação juntamente com a família, portanto são duas instituições que estão condenadas a entender-se (…) para o bem dos nossos filhos, das nossas crianças e das gerações e estão envolvidas numa comunidade que faz parte de todo o processo educativo, porque eles andam aí, na rua, nos cafés, etc., portanto estão envolvidos” (E1)
	Reconhecimento das AP	Reconhecimento social das AP	“(…) a CONFAP tem a grande responsabilidade política (…) de facilitar e de conseguir que as Associações de Pais tenham o seu espaço nas Escolas e tenham o seu reconhecimento social.” (E1)
		Reconhecimento das escolas	“Há esta preocupação de perceber, não é sempre, mas na grande maior parte dos casos de perceber o que é que nós pensamos, o que é que nós temos a sugerir (…).” (E1) “Ao nível de escola é mais fácil com as Associações de Pais, existe essa vontade própria de estarmos cá todos para o mesmo (…).” (E1)
		Reconhecimento por parte das famílias	“(…) nós temos um reconhecimento por todos os parceiros da importância da intervenção dos pais, de fazerem parte, de participarem, de discutirem, de fazer parte da solução, muito mais visível do que se calhar o reconhecimento das próprias famílias, que é um bocadinho paradoxal, mas é verdade porquê?



			(...) as famílias ainda estão um bocado afastadas daquilo que é o sistema educativo e a vida escolar (...)” (E1)
		Reconhecimento por parte dos parceiros	“E, portanto, sim tem havido ao nível do Ministério, a CONFAP é muito ouvida, depende obviamente dos governantes, há governantes que ouvem mais, outros ouvem menos (...)” (E1) “Nós temos neste momento (...) um reconhecimento muito mais visível por parte dos parceiros e os parceiros são as escolas, são as autarquias, o Ministério, outras entidades que nos contactam (...)” (E1) “Mas há esse reconhecimento da parte dos parceiros muito relevante e que é estimulante também e encorajador (...)” (E1)
	Desafios das AP	Fomentar o envolvimento parental	“Eu não concebo uma Associação de Pais como sendo algo completamente distante ou separado do que é a escola e do que é todo o contexto escolar, de todo o contexto da Comunidade.” (E1) “Esta boa relação com a escola que é um grande desafio e o envolvimento dos pais da escola todos naquilo que são as suas reuniões (...)” (E1)
		Reconhecimento político de tempo para as AP	“(…) continuarmos a trabalhar para que as entidades patronais e o poder político perceba que nós precisamos de tempo para esta missão. As Associações de Pais só trabalham em pós-laboral, (...) mas era bom que (...) o sistema sociopolítico percebesse que nós também precisamos de algum tempo para estudar os dossiês, para nos informarmos, para evoluirmos, precisamos desse tempo e, portanto, temos também esse desafio de continuar a trabalhar para conquistar este espaço, o espaço de tempo.” (E1)
		Compromisso e confiança com os EE	“E, portanto, eu acho que este é o grande desafio, termos esta resiliência e esta paciência que as coisas vão acontecer, se calhar mais devagar do que acontecia para além de tudo o que lhe tinha dito do compromisso, da confiança.” (E1)



		Os pais serem associados às AP	<p>“(…) o grande desafio que as Associações de Pais têm é conseguir que todos os pais, que tenham um filho na escola, sejam associados à Associação de Pais (…)” (E1)</p> <p>“Não é associados só por ser, é associado para que haja de facto melhor ambiente, mais estabilidade na comunicação e na relação, este é o principal desafio.” (E1)</p>
Poder de decisão dos Pais na Escola	Abstenção dos pais na decisão	-	<p>“(…) não é que nós queiramos decidir, mas que as coisas funcionem com transparência e com toda a amplitude democrática que devem ter, em que as pessoas participam de forma livre, de forma descomplexada sem receio de decisão, participam, dão opinião e depois aceita-se a decisão democrática.” (E1)</p> <p>“Nós não queremos decidir, mas queremos fazer parte da decisão e acho que neste momento, sendo um direito que temos (….) tenho falado muito com pais e quando falo com eles temos que assumir isto como um dever (….)” (E1)</p> <p>“(…) queremos, de alguma forma, influenciar a decisão, de forma fundamentada, argumentando com factos, com aquilo que sejam as opiniões e sugestões (….)” (E1)</p>
	Integração em órgãos de gestão da escola	Papel dos pais no Conselho Geral	<p>“(…) podemos lá estar, dar a nossa opinião, fica registado em ata, dizemos o que é que pensamos, estamos em acordo, estamos em desacordo, porque é que não estamos e isso influencia obviamente se não naquela numa próxima votação.” (E1)</p> <p>“(…) nesse órgão que é o Conselho Geral e que tem a responsabilidade de decidir o projeto educativo, de decidir toda a gestão estratégica do agrupamento sob proposta do Conselho Pedagógico, sob proposta da direção, sob proposta de quem for, mas é ali que deve ser decidido.” (E1)</p>



			<p>“O que acontece às vezes é que vem já uma decisão ou é apresentada ao Conselho Geral como se fosse para informar uma decisão que o Conselho Pedagógico teve quando aquela decisão devia ser do Conselho Geral.” (E1)</p>
	Papel dos pais no Conselho de Turma		<p>“(…) o Conselho de Turma que é um órgão que decide ou que analisa, se quisermos, todo o funcionamento de uma turma que no fundo é a célula mais importante que a Escola tem, (…) os pais nem convocados são para os Conselhos de Turma (…)” (E1)</p> <p>“Em muitas escolas o que se passa (…) é que reúnem os Conselhos de Turma e dizem que é para fazer a (…) avaliação e, por isso, os pais não podem estar, não é verdade, porque o Conselho de Turma de certeza que quando reúne fala do comportamento, fala na generalidade na avaliação da turma e aí os pais deviam estar, não devem estar quando for a avaliação no final.” (E1)</p> <p>“Mas era do próprio interesse do diretor de turma e daquele Conselho ouvir os pais, concorde-se ou não se concorde vou ouvir e depois aquilo que for a decisão deles faziam a decisão.” (E1)</p> <p>“(…) nós também começamos a falar muito na necessidade de ouvir os alunos. Hoje já se ouve mais, mas ainda se ouve pouco e o Conselho de Turma tem alunos e as escolas têm Associações de Estudantes.” (E1)</p>
	Benefícios do papel decisório dos pais na escola	-	<p>“Não tenho dúvidas nenhuma que esta intervenção dos pais é positiva (…)” (E1)</p> <p>“Mas sim, eu julgo que se ganha muito, não só a escola, como todos se ganham muito em participar e em ouvir aqueles que participam (…)” (E1)</p>
	Maior tranquilidade		<p>“Melhoram desde logo na tranquilidade e na estabilidade emocional e física que é tão necessária quando queremos levar um projeto.” (E1)</p>



		Auscultar as famílias	“(…) eu julgo que de facto ouvir as Associações, ouvir os Representantes de Pais, não podemos ouvir todos, as escolas têm mil, dois mil, três mil, mas podemos ouvir os representantes e eu disse isto no início, as Associações de Pais têm que auscultar e ouvir os pais (…)” (E1)
Estreitar a relação Escola-Famílias-Comunidade	Incentivar o compromisso e a participação	-	“(…) é confiança, é o compromisso e é a participação. Eu tenho que participar, mas tenho que confiar (…)” (E1) “(…) aceitar que questionem o que nós estamos a fazer e procurar esclarecer. Portanto, compromisso, confiança e participação só existe se houver diálogo e o diálogo exige <i>feedback</i> (…)” (E1)
	Aceitar a diferença	Escola inclusiva perante a comunidade e os pais	“(…) aceitar a diferença, aquilo que nós falamos uma escola inclusiva hoje que é aceitar a diferença, também tem que ser inclusiva perante a comunidade e perante os pais e isso se a escola for inclusiva, (…) eu costumo dizer que não há inclusão sem o envolvimento das famílias (…)” (E1)
		As famílias aceitarem que a escola está a fazer o melhor	“(…) é preciso de facto melhorar essa inclusão (…) a família também aceitar que a escola provavelmente não está a fazer aquilo que queria, mas que está a fazer o que é melhor e (…) se quando fazemos uma crítica, a escola aceita a crítica e explica, ou seja, se eu sentir que há <i>feedback</i> do lado de lá, se há diálogo, esta confiança e este compromisso vai aumentando.” (E1)
	Aumentar a comunicação com as famílias	Aumentar a confiança e estabelecer uma relação mais consolidada	“(…) eu julgo que precisamos de acreditar um bocadinho mais no outro, compromisso, confiança e esta participação em que haja de facto comunicação de informação (…)” (E1) “(…) é isso que é preciso é falarmos mais uns com os outros para aumentar esta confiança e estabelecer, de facto uma relação mais consolidada.” (E1)



## **Apêndice 8: Transcrição da Entrevista ao Entrevistado 2- Diretora da Instituição**

Entrevistador: Num primeiro bloco que eu denominei de Relação Escola-Famílias-Comunidade, a primeira pergunta seria: na sua opinião, qual é que é o papel da escola nesta relação.

E2: A relação Escola-Família e Família-Escola é uma relação muito complexa. É algo que exige muito da comunidade escolar ou das pessoas que vivem no [C], os professores, as direções. Exige muito, muita dedicação e muito acompanhamento. É extremamente importante, porque o individuo é um todo e, portanto, a escola não tem só a competência de instruir, mas sim a competência de educar e a questão de educar não podemos fazê-lo sozinhos, a escola não o pode fazer sozinho e tem que haver um trabalho muito articulado entre a escola e a família devido aos valores que cada área tem. Portanto, as famílias têm os seus padrões de valores e a escola também tem e cada um nós temos outros valores e tem que haver alguma congruência nesse pensamento, nessa forma de ser e de estar, em que falemos a mesma linguagem. Em princípio os pais quando escolhem uma escola escolhem um Projeto Educativo, portanto identificam-se com o Projeto Educativo, identificam-se com os valores e com a missão da escola e a escola também tem que cativar os pais a que eles se aproximem mais dos valores da escola. Portanto é uma relação complexa, não é fácil, mas é muito desafiante e nós só podemos ter um aluno feliz e que faça um crescimento completo e muito mais holístico, se realmente nós formos verdadeiros intervenientes todos de igual modo, cada um na sua função. Eu digo muitas vezes aos pais que nós não estamos a jogar em equipas diferentes, nós somos da mesma equipa e nós queremos o melhor para os alunos, os pais querem o melhor para os filhos, nós queremos o melhor para os nossos alunos. Portanto, não podemos jogar em campos opostos, mas sim na mesma equipa e fazer um trabalho de equipa mesmo, de colaboração, de cooperação, uma relação muito honesta, muito transparente, trabalhar as expectativas tanto de uns como de outros, para nós sabermos muito bem quais são as expectativas da família e qual é a expectativa da escola em relação ao aluno. E, pronto e arranjar alguma congruência, tem que haver congruência entre a família e a escola e a escola e a família.

Entrevistador: Muito obrigada. Neste sentido, considera que os pais participam ativamente nas dinâmicas que acontecem na escola? Se sim e em que momentos.

E2: Os pais participam e eu acho que cada vez mais participam, não só em festividades, como no Plano Anual de Atividades, mas eles participam muito também numa forma



muito de organização, de partilhar, às vezes, pontos de melhoria. Claro que isto tem sempre o reverso da medalha. Hoje em dia as pessoas regulam tudo e pensam que são especialistas em tudo e como muitas vezes as pessoas vão ao médico e já levam o diagnóstico pré feito, porque já regularam, aqui na escola é mais ó menos semelhante. Todos os pais acham que são professores e às vezes é um bocadinho complexo isso, mas é importante que eles façam parte desta equipa, mas no seu papel, isso é muito importante, no papel que é de família, que é importantíssimo, é importantíssimo o envolvimento deles nas aprendizagens dos filhos, na partilha, às vezes, de alguns saberes muito importante, vivenciar dias de felicidade cá dentro na escola e de partilha, para eles se sentirem membros efetivos da escola, para que depois o outro trabalho seja muito mais fluído. Os pais se forem verdadeiros parceiros depois, quando nós quisermos trabalhar com os pais de outra forma, para às vezes assuntos mais delicados, é muito mais fácil tê-los como amigos, do que como inimigos. Portanto, as festividades, os dias temáticos, as partilhas de saberes muitas vezes das suas profissões, ou outras coisas, há muita forma de participar na escola é importante isso para criar esta relação de confiança.

Entrevistador: A minha terceira pergunta ia muito nesse sentido que era: que estratégias é que o [C] mobilizava, de forma a conseguir envolver mais os pais.

E2: Há aqueles momentos formais que é muito importante, as reuniões, as reuniões presenciais, neste momento não são tão presenciais, mas *online*, por estas vias que são também eficazes. Reuniões formais, reuniões de envolvimento é muito importante quando uma criança nós conseguimos perceber que o desenvolvimento dela poderá não estar a fluir, de forma tão positiva, ter reuniões de equipas multidisciplinares juntamente com os pais é muito importante, psicólogos, terapeutas ocupacionais, professores de Educação Especial e, portanto envolvê-los sempre na tomada das decisões importantes para os seus filhos é importante ouvi-los também e dar essa oportunidade de eles darem também a sua visão como pais. E todas as estratégias que nós usamos para esta aproximação ser eficaz é realmente aquilo que eu já dizia é trazê-los muitas vezes à escola contar uma história, falar da sua vivência. Acho que isso é fundamental, para que os pais se sintam bem na escola é importante que eles se sintam bem, que se sintam bem recebidos, claro no seu papel de pais isso é importante também deixar bem claro o papel de cada um e a complementaridade desses papéis que é importantíssima, para que os meninos se sintam muito mais felizes e muito mais apoiados, porque percebem que a escola e a família têm a mesma linguagem. E portanto, todas essas estratégias de reuniões



bem planificadas, por exemplo nós a nível de 1º Ciclo, aliás Jardim de Infância, 1º Ciclo e até 2º, 3º e Secundário nós criamos momentos em que os pais podem, não só falar com o PTT, o professor titular de turma, ou o educador ou com o diretor de turma, mas também ter oportunidade, em determinados momentos formais, falar também com outros profissionais, outros professores que estão envolvidos com o filho, no processo, que é para eles conhecerem a cara, muitas vezes para criar empatia também é preciso, para criar confiança é preciso criar empatia. Muitas vezes cria-se uma imagem de um professor de que não corresponde à verdade e é a perceção que a pessoa tem de fora e, muitas vezes, conhecendo essa pessoa, e dizer assim olhe o meu filho como é que vai a matemática, como é que está, o que é que acha que ele pode melhorar? E depois chegam ao fim e às vezes dizem “ai eu tinha uma ideia do professor completamente diferente, obrigada por este bocadinho”. Portanto eu acho importante também os outros professores também terem essa possibilidade de interagir em momentos formais, momentos que uma pessoa consiga controlar, momentos formais, mas participarem também para que essa relação de confiança fique mais alicerçada, mais bem alicerçada. Pronto, tem a ver com isso com momentos formais bem planificados, bem pensados como envolver as famílias, acolher bem as famílias, haver um clima de respeito muito grande, acho que é importante e a diferenciação de papéis que também acho que é importante.

Entrevistador: A próxima questão está relacionada com as dificuldades ou constrangimentos que são encontrados entre a relação do [C] com as famílias. Que dificuldades são encontradas?

E2: Essas dificuldades geralmente têm a ver ou com o envolvimento, falta de envolvimento das famílias no processo ensino-aprendizagem, ou muitas vezes é a partilha de valores. Para mim é importante se calhar fazer com que aquela criança ou aquele jovem cresça de uma forma honesta, que saiba ser humilde e pedir desculpa quando é preciso, enquanto às vezes as famílias, os valores são outros, “Não o meu filho é que tem razão e não sei quê e não sei que mais”. Portanto, estas são as dificuldades é realmente a visão dos valores que são, às vezes, muito diferentes, é a colaboração, é a falta de envolvimento. É, às vezes, acharem que o professor devia ter uma atitude mais assim, mais assado, porem-se muito no lugar do professor e deviam estar mais no lugar de pais e são os grandes constrangimentos. Às vezes também envolvê-los, não é só envolvê-los é acompanhar o caminho que às vezes eles têm, quando o filho não está a ter um desenvolvimento expectável, fazer esse caminho com eles com muita paciência, para que



eles possam sair da negação, muitas vezes, e olharem para o problema e encarar, envolverem-se, para solucionar o problema, o mais rápido possível. Portanto, às vezes tem mais a ver com isso, por exemplo as famílias monoparentais, a falta de comunicação entre os membros da família, entre pai e mãe traz muita dificuldade à escola, muitas vezes às próprias crianças que têm, lá está, padrões diferentes de atuação e a escola exige uma maneira de estar e de aprendizagem desta maneira, depois o pai tem outra maneira, depois a mãe tem outra maneira e depois esta falta de articulação é muito complexo para a escola, mas temos que ter essa capacidade de juntá-los todos numa mesa, de conversar, de criar uma relação positiva com as famílias, com o pai, com a mãe, de forma que a criança sofra o menos possível com estas situações. E todos nós temos um papel importante e temos que dar esse contributo para isso.

Entrevistador: Entrando então num segundo bloco, o poder e tomada de decisão dos pais na escola, queria questionar se o [C] tem alguma Associação de Pais? Se existe ou se já existiu?

E2: Ela já existiu, a Associação de Pais há uns anos já existiu, mas era uma Associação de Pais que foi difícil de implementar e foi difícil eles integrarem-se no Projeto Educativo. Isto porque lá está isto tudo com padrões de valores, isto tem a ver com a promoção de atividades, eles gostavam muito de fazer promoção de atividades para os alunos, mas também só participavam quem pagava as cotas, porque depois os outros alunos não podiam participar, portanto havia um padrão de valores que não era muito aquilo que o [C] se identificava. Eu tentei o máximo envolvê-los no Plano Anual de Atividades, com atividades para todos, com Assembleias para ouvirmos onde é que poderíamos melhorar e tudo, mas realmente era um trabalho muito extenuante e difícil, porque eles estavam com outra missão que não era aquela que deveria ser. Entretanto, a Presidente da Associação de Pais saiu do [C], que era a liderança, e aquilo depois perdeu-se. Alguns pais já quiseram retomar, mas ainda não conseguiram. Contudo, o [C] organizou-se de uma forma que conseguiu dar voz aos pais e, de uma maneira diferente, mas com uma representatividade muito grande. Então, nós temos o Representante de Pais de cada turma e temos o Representante de Pais depois de cada valência, de cada ciclo. Portanto há reuniões trimestrais, portanto por períodos letivos aliás e vem sempre os Representantes, por exemplo fazemos o Pré-Escolar e Primeiro Ciclo vem o Representante dos três anos. Eu disse que era por valência, mas não é, vem os três anos, o Representante dos três, vem dos quatro, vem dos cinco, vem do 1º ano, 2º, 3º e 4º. Pronto e fazemos então, as reuniões



em que eles fazem o levantamento dos pontos fortes que veem na escola e os pontos de melhoria. Geralmente é presencial, o ano passado já não conseguimos que o fosse no terceiro período e depois há uma discussão da perspetiva da direção ou dos professores, que, entretanto, nós tivemos acesso aos pontos a serem debatidos na reunião e discutidos na escola e depois levamos as nossas conclusões até aos pais. Pronto e depois os pais difundem isso pelos restantes pais e tem funcionado muito bem, eles sentem-se envolvidos, sentem-se ouvidos que é muito importante e participam desta forma. Por isso é que eu acho que eles não têm tido muita necessidade da Associação. Acho que são coisas diferentes, poderia haver também, eu gostaria que houvesse, mas tudo a seu tempo.

Entrevistador: Mesmo não existindo essa Associação, consegue indicar algumas das suas vantagens? Que vantagens podia trazer para o [C], se existisse?

E2: Eu conhecia outras Associações e eram bons braços direitos da escola e era isso que eu tentava que eles o fizessem. Por exemplo, a escola tem muitos desafios atualmente e nós, se quisermos envolver toda a comunidade, sensibilizá-los para determinadas problemáticas, ou algumas necessidades que a escola encontre é muito difícil nós fazermos tudo. Portanto, eu apelava muitas vezes a que eles fizessem por exemplo debates com os pais, trazerem profissionais à escola da área da saúde, de diversas entidades importantes para debater algumas temáticas importantes para alertar os pais de determinadas problemáticas de que os alunos vão tendo ao longo do seu crescimento. Isso era algo que nos ajudava imenso, nós fazemos isso tudo, mas fazemos todos sozinhos, portanto é complicado, é planificar, é avaliar, é lecionar, é educar e depois ainda olhamos para a família e vemos as necessidades e fazemos *workshops* e fazemos palestras. Isso se fosse dividido com a comunidade era muito melhor, mais simples, até se calhar aquilo que nós vemos como importante trabalhar com a comunidade, eles até têm outra perspetiva e se calhar eles veem outras necessidades que nós não conseguimos ver. E mesmo que façamos questionários, “Olhem o que é que vocês gostariam de ver ser tratado”, muitas vezes fazemos essa auscultação e eles vão dando o *feedback*, mas não é a mesma coisa. Se eles se envolvessem nesse aspeto acho que seria muito, muito melhor e a Associação de Pais poderia ter um papel muito importante. Claro que numa instituição privada é diferente o papel de uma Associação de Pais. Não é diferente, há necessidades diferentes, portanto de uma escola pública de uma escola privada. Enquanto, os pais numa escola pública, muitas vezes têm que se organizar para a ocupação dos tempos livres, porque precisam de uma escola a tempo inteiro, e precisam de se envolverem e darem



condições à escola, para que possa ter esses serviços. Num privado, em princípio, isso está tudo acautelado, portanto não há essa necessidade, mas sobretudo esta envolvimento dos pais e trabalharem para um projeto de vida comum era importante que houvesse e acho que a Associação de Pais pode ser muito útil nisso.

Entrevistador: De que forma então os pais têm poder de decisão no [C]?

E2: O poder de decisão, eu para ser muito sincera acho que eles não têm poder de decisão, eles têm poder de participação, de opinião. Decisão depois tem que ser tomada por outros órgãos, agora eu acho que os pais têm que se sentir muito ouvidos e para a escola tomar as melhores decisões também tem que ouvir os pais, como também tem que ouvir os alunos, como também tem que ouvir todos outros intervenientes da escola. Muitas vezes nós fazemos, agora isto é fácil, fazer um questionário *online* e é fácil recolher as opiniões deles disto e daquilo, o grau de satisfação disto ou daquilo, o que é que poderíamos melhorar. Portanto, o grande contributo deles é dessa forma agora a tomada de decisões aí, porque se nós também deixarmos, são campos muito pantanosos, se nós também não criarmos algum limite poderá ser perigoso para a escola, portanto é como em tudo na vida, tem que haver regras, nós podemos participar sei lá na vida religiosa, podemos participar numa Eucaristia, mas depois há alguém que ao participar na vida da catequese, ou da vida da igreja e depois não somos nós que tomamos as decisões, nós damos pareceres e na escola deve ser igual. Enquanto às vezes passou-se por uma visão de escola que os pais tinham que fazer parte dos órgãos e acho que isso é preciso ter um bocadinho de cuidado, é um bocadinho complexo. Lá está, porque nós somos os especialistas da Educação, nós somos os especialistas, nós estudamos, nós investimos, o nosso dia-dia é todo este, portanto não vamos também querer que um engenheiro, que um economista, que um não sei quê tenha as mesmas competências relativamente à Educação. Portanto, acho que participação sim, tomada de decisão acho que nem tanto. É sempre muito polémico estas questões, acho que não estou aqui para estar a dizer coisas bonitas e aquilo que se gosta de ouvir, mas sim aquilo que se passa na realidade.

Entrevistador: Isso é que é o mais importante.

E2: Exato, aquilo que é possível ser real.

Entrevistador: Considera que então é importante criar espaços para ouvir as opiniões ou as sugestões da família?



E2: Sem dúvida. Sem dúvida, se eles fazem parte da equipa têm que ser ouvidos, têm que ser ouvidos, têm que ser envolvidos e têm que participar, claro com o que é normal que uma família participe numa escola.

Entrevistador: E então, de que forma é que isso acontece no [C]? Se calhar é um bocadinho aquilo que já fomos dizendo.

E2: Sim, sim. Há várias oportunidades de participar desde a elaboração do Projeto Educativo, serem ouvidos do Projeto Educativo, serem ouvidos até para a construção do Regulamento Interno, serem ouvidos no Plano Anual de Atividades, também se querem sugerir alguma atividade. Isto são as grandes áreas que eles podem e devem participar, depois na prática é participar mesmo no dia-a-dia com o seu filho. Eu sou muito apologista de juntar profissionais e construirmos objetivos, objetivos, metas para aquela família, para aquele aluno e nós todos há um compromisso nosso com a família “olhe o seu filho está com algumas dificuldades na leitura e na escrita, nós comprometemos com isto, isto e isto” e parece que não é muito importante para o professor é uma linguagem clara, transparente e os pais também dizem “ai eu vou contar uma história todos os dias à noite ao meu filho para estimular o gosto pela leitura e depois até lhe posso fazer umas perguntinhas para ver a nível de interpretação, se ele esteve atento ou se conseguiu entender”. Portanto todos nós somos úteis neste processo e a família pode participar e pode e deve e tentar perceber qual é a nossa intencionalidade pedagógica, o que é que está por trás daquilo que nós estamos a fazer, também é importante a família saber “ah eles estão a fazer isto, porque realmente para o meu filho é importante e eu comprometi-me a fazer isto”. Portanto acho que, e quando assim é, as coisas funcionam muito bem e as crianças dão logo sinais positivos deste trabalho.

Entrevistador: Então entrando noutra bloco, que é os desafios da tomada de decisão dos pais na escola, quais é que são os desafios que se colocam então às escolas, mas também aos pais, no que se refere à tomada de decisão destes na escola?

E2: Quais são os grandes desafios. Primeiro é realmente o grande desafio é conhecer o papel de cada um, de cada interveniente, isto é um grande desafio para nós, saber até onde o outro pode ir e que eu posso ir. Mesmo nós com trabalho com a família, muitas vezes já há coisas que já não dizem parte da escola, que ela deve saber, estamos a invadir às vezes a família. Portanto, tanto isto é para nós como é para eles, portanto é um grande desafio conhecer o papel de cada um e até onde vai o papel de cada um, isto é um dos



grandes desafios. Depois tem a ver com os valores que partilhamos, também é importante, também é um grande desafio. Outro, outro grande desafio, às vezes é o tempo que a família tem para poder participar na escola, também é um grande desafio para eles, muitas vezes eles querem e desdobram-se e muitas vezes é um conflito interior que eles vivem, porque acham sempre que estão aquém das expectativas e não é verdade. Pronto e é um bocado isso, são os grandes desafios. Falou dos desafios da participação é isso?

Entrevistador: Sim, da tomada de decisão.

E2: A tomada de decisão. Tem a ver é tem a ver com o papel de cada um, tem a ver com os valores e tem a ver com se calhar o tempo aí até nem faz muito sentido. Mas sobretudo com estas duas grandes áreas.

Entrevistador: Por último queria-lhe perguntar se gostaria de acrescentar alguma coisa, ou enunciar algo que não tinha sido referido, no que se refere a esta relação.

E2: Eu posso referir uma coisa que é interessante. As suas perguntas são muito inteligentes, é uma temática que muitas pessoas exploram, mas as suas perguntas foram mesmo muito interessantes, porque abarcam outras formas de ver a participação dos pais no contexto escolar e, portanto, parabéns.

Entrevistador: Muito obrigada. Então dou por terminada a nossa entrevista queria agradecer mais uma vez a sua disponibilidade. Foi ótimo ter o seu contributo, perceber como funciona um pouco o [C] nesta relação.

E2: Obrigada Ana.

Apêndice 9 - Tabela 3: Dimensões de análise da entrevista à diretora da Instituição

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Evidências
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Papel da escola na Relação Escola-Famílias-Comunidade	Relação complexa	<p>“A relação Escola-Família e Família-Escola é uma relação muito complexa. É algo que exige muito da Comunidade Escolar ou das pessoas que vivem no [C], os professores, as direções.” (E2)</p> <p>“Portanto é uma relação complexa (...) é muito desafiante e nós só podemos ter um aluno feliz e que faça um crescimento completo e muito mais holístico, se realmente nós formos verdadeiros intervenientes todos de igual modo, cada um na sua função.” (E2)</p>
		Aproximar os pais dos valores da escola	<p>“Em princípio os pais quando escolhem uma escola escolhem um Projeto Educativo, portanto identificam-se com o Projeto Educativo, identificam-se com os valores e com a missão da escola e a escola também tem que cativar os pais a que eles se aproximem mais dos valores da escola.” (E2)</p>
		Trabalho em equipa	<p>“(...) fazer um trabalho de equipa mesmo, de colaboração, de cooperação, uma relação muito honesta, muito transparente, trabalhar as expectativas tanto de uns como de outros (...)” (E2)</p> <p>“(...) a escola não tem só a competência de instruir, mas sim a competência de Educar e a questão de Educar não podemos fazê-lo sozinhos (...) e tem que haver um trabalho muito articulado entre a escola e a família devido aos valores que cada área tem.” (E2)</p>
	Participação dos pais nas dinâmicas da escola	No PAA e sugestões de melhoria	<p>“Os pais participam e eu acho que cada vez mais participam, não só em festividades, como no Plano Anual de Atividades, mas eles participam muito também numa forma muito de organização, de partilhar, às vezes, pontos de melhoria.” (E2)</p> <p>“(...) serem ouvidos no Plano Anual de Atividades, também se querem sugerir alguma atividade.” (E2)</p>



		Na partilha de saberes	“(…) é importantíssimo o envolvimento deles nas aprendizagens dos filhos, na partilha, às vezes, de alguns saberes muito importante, vivenciar dias de felicidade cá dentro na escola e de partilha, para eles se sentirem membros efetivos da escola, para que depois o outro trabalho seja muito mais fluído.” (E2)
		Festividades/Dias temáticos	“Portanto, as festividades, os dias temáticos, as partilhas de saberes muitas vezes das suas profissões, ou outras coisas, há muita forma de participar na Escola é importante isso para criar esta relação de confiança.” (E2)
		Na elaboração do PE e RI	“Há várias oportunidades de participar desde a elaboração do Projeto Educativo, serem ouvidos do Projeto Educativo, serem ouvidos até para a construção do Regulamento Interno (...)” (E2)
		Nas situações de aprendizagem do contexto educativo	“(…) depois na prática é participar mesmo no dia-a-dia com o seu filho.” (E2) “Portanto todos nós somos úteis neste processo e a família pode participar e pode e deve e tentar perceber qual é a nossa intencionalidade pedagógica, o que é que está por trás daquilo que nós estamos a fazer (...)” (E2)
	Estratégias de envolvimento parental	Momentos formais bem planificados	“Há aqueles momentos formais que é muito importante, as reuniões (...)” (E2) “(…) todas essas estratégias de reuniões bem planificadas, (...) nós criamos momentos em que os pais podem, não só falar com o PTT, o professor titular de turma, ou o educador ou com o diretor de turma, mas também ter oportunidade, em determinados momentos formais, falar também com outros profissionais (...)” (E2) “Pronto, (...) momentos formais bem planificados, bem pensados como envolver as famílias, acolher bem as famílias, haver um clima de respeito muito grande, acho que é importante e a diferenciação de papéis que também acho que é importante.” (E2)



		Partilha de experiências	“E todas as estratégias que nós usamos para esta aproximação ser eficaz é realmente aquilo que eu já dizia é trazê-los muitas vezes à Escola contar uma história, falar da sua vivência.” (E2)
	Dificuldades na relação das famílias com a instituição	Falta de envolvimento das famílias	“Essas dificuldades geralmente têm a ver (...) com o envolvimento, falta de envolvimento das famílias no processo ensino-aprendizagem (...)” (E2)
		Diferenciação de valores	“Portanto, estas são as dificuldades é realmente a visão dos valores que são, às vezes, muito diferentes, é a colaboração, é a falta de envolvimento.” (E2)
		Falta de comunicação entre os membros da família	“(…) as famílias monoparentais, a falta de comunicação entre os membros da família, entre pai e mãe traz muita dificuldade à escola, muitas vezes às próprias crianças que têm, lá está, padrões diferentes de atuação e a escola exige uma maneira de estar e de aprendizagem desta maneira, depois o pai tem outra maneira, depois a mãe tem outra maneira e depois esta falta de articulação é muito complexo para a escola (...)” (E2)
Perceção sobre as Associações de Pais	Existência da AP	Apenas Representantes de Pais	“(…) nós temos o Representante de Pais de cada turma e temos o Representante de Pais depois de cada valência, de cada ciclo. Portanto há reuniões trimestrais, portanto por períodos letivos aliás (...) Pronto e fazemos então, as reuniões em que eles fazem o levantamento dos pontos fortes que veem na Escola e os pontos de melhoria.” (E2) “(…) tem funcionado muito bem (...) Por isso é que eu acho que eles não têm tido muita necessidade da Associação. Acho que são coisas diferentes, poderia haver também, eu gostaria que houvesse, mas tudo a seu tempo.” (E2)



	Vantagens da AP	Apoio para a escola	<p>“(…) a escola tem muitos desafios atualmente e nós, se quisermos envolver toda a comunidade, sensibilizá-los para determinadas problemáticas, ou algumas necessidades que a Escola encontre é muito difícil nós fazermos tudo.” (E2)</p> <p>“(…) eu apelava muitas vezes a que eles fizessem por exemplo debates com os pais, trazerem profissionais à escola da área da saúde, de diversas entidades importantes para debater algumas temáticas importantes para alertar os pais de determinadas problemáticas de que os alunos vão tendo ao longo do seu crescimento. Isso era algo que nos ajudava imenso, nós fazemos isso tudo, mas fazemos todos sozinhos (...). Isso se fosse dividido com a comunidade era muito melhor, mais simples (...)” (E2)</p>
		Trabalhar para um fim comum	<p>“(…) sobretudo esta envolvência dos pais e trabalharem para um projeto de vida comum era importante que houvesse e acho que a Associação de Pais pode ser muito útil nisso.” (E2)</p>
Poder de decisão dos pais na instituição	Inexistência de poder de decisão	Oportunidade de participação e opinião	<p>“O poder de decisão, eu para ser muito sincera acho que eles não têm poder de decisão, eles têm poder de participação, de opinião.” (E2)</p> <p>“Decisão depois tem que ser tomada por outros órgãos, agora eu acho que os pais têm que se sentir muito ouvidos e para a escola tomar as melhores decisões também tem que ouvir os pais, como também tem que ouvir os alunos, como também tem que ouvir todos outros intervenientes da escola.” (E2)</p>
		Complexidade na participação dos pais nos órgãos	<p>“Enquanto às vezes passou-se por uma visão de escola que os pais tinham que fazer parte dos órgãos e acho que isso é preciso ter um bocadinho de cuidado, é um bocadinho complexo.” (E2)</p>



		Existência de limites para a tomada de decisão	“(…) a tomada de decisões aí, porque se nós também deixarmos, são campos muito pantanosos, se nós também não criarmos algum limite poderá ser perigoso para a Escola, portanto é como em tudo na vida, tem que haver regras.” (E2)
Desafio da tomada de decisão dos pais na escola	Desafios da escola	Conhecer o papel de cada interveniente	“Primeiro é realmente o grande desafio é conhecer o papel de cada um, de cada interveniente, isto é um grande desafio para nós, saber até onde o outro pode ir e que eu posso ir.” (E2)
		Confronto de valores entre a escola e a família	“Depois tem a ver com os valores que partilhamos, também é importante, também é um grande desafio.” (E2)
	Desafios dos pais	Tempo para participar na escola	“(…) outro grande desafio, às vezes é o tempo que a família tem para poder participar na Escola, também é um grande desafio para eles (…)” (E2)



## **Apêndice 10: Transcrição da Entrevista ao Entrevistado 3- Professora Cooperante da turma Y**

Entrevistador: A primeira questão enquadra-se num bloco Relação Escola-Famílias-Comunidade e a primeira questão era, se na sua opinião, qual é que é o papel da escola nesta relação?

E3: Ora bem, vou dividir comunidade em vários setores primeiro Escola-Comunidade/Família, Casa, Pais. Tem que ser sobretudo uma relação de confiança. Para mim a confiança é o pilar máximo das relações de equipa e a falta de confiança é o principal sabotador para que as relações se fragilizem. Portanto, os pais devem confiar na atitude e na figura que é o professor, assim como o professor também deve confiar naquilo que os pais pretendem ou querem para os filhos. Porque quer um quer outro podem não estar sempre de acordo, mas querem o melhor para a criança, os pais e o professor. Têm é que assumir papéis diferentes e respeitar os papéis e o limite dos papéis de cada um. Esta é a primeira relação. Depois temos a relação do professor com as entidades, os técnicos, os terapeutas e aí tem que ser uma relação entrelaçada mesmo, de muita confiança, de haver estratégias muito concertadas, muita continuidade, de comunicação contínua muito regular sobretudo nos alunos com muitas dificuldades e uma comunicação muito clara. Porque aquilo que eu noto também na evolução do percurso que tenho feito enquanto professora é sem formalismos, somos todos colegas, não precisamos de andar aqui com *e-mail* de meio metro, *e-mails* claros e objetivos “Este aluno precisa disto, disto e disto” e estarmos de braços dados todos, nós psicólogos, terapeutas, técnicos superiores, técnicos de terapia ocupacional, etc. Portanto, confiança e sequencialidade sobretudo e eu ia dizer concertação, no sentido de estarmos concertados em termos de linguagem. Basicamente é isso.

Entrevistador: Considera, então, importante esta relação? Porquê?

E3: Primordial, porque qualquer elemento que vá sabotar esta relação põem em causa o aluno, até porque isto anda muito à volta daquilo que é a inteligência emocional da pessoa e do próprio professor que também tem que ter maturidade. Às vezes os pais não estão de acordo ou o técnico externo não está de acordo, mas temos que desenvolver algumas competências de inteligência emocional, que nos permitam tomar também atitudes maduras e coerentes em sala de aula. Temos que ter empatia, temos que saber colocar-nos também no lugar do outro e sobretudo comunicar claramente, sem grandes rodeios.



E, por isso, esta é a relação que depois da relação professor-aluno, aluno-professor é a mais importante é professor-comunidade. Para mim é mesmo a mais importante, em segundo lugar, depois vêm professor-professores.

Entrevistador: A próxima questão já é mais referente à participação dos pais e queria-lhe perguntar se consegue eleger algumas vantagens da participação dos pais nas escolas. E desvantagens?

E3: Eu não vejo desvantagens. Vejo vantagens se for uma participação equilibrada, não é termos sempre os pais metidos na sala de aula, mas aproveitar também os saberes que os pais têm, muitas vezes nos seus campos de ação, nas suas profissões, para criar aqui alguma sinergia e algum aprofundar de alguns conceitos, que nós damos na aula e que às vezes não manuseamos tão bem ou não dominamos. Eu lembro-me de uma vez estarmos a trabalhar aproximações abusivas através da *internet* e ter um pai que era engenheiro de comunicações e de redes e que veio fazer uma apresentação muito interessante para os miúdos. E sou apologista dos pais na sala, sou apologista de mostrar aos pais o que se faz na sala e sou apologista de dar *feedback* contínuo aos pais, sobretudo de alunos que têm dificuldades, sejam elas cognitivas, sejam elas de comportamento.

Entrevistador: Como é que classifica a relação dos pais no [C]?

E3: Nós temos uma comunidade educativa/comunidade de pais extremamente exigentes. E temos que ter muito poder de encaixe também. Eu só trabalhei no [C] e hoje a minha casa desde os meus vinte e um anos, portanto tenho trinta e oito e eu sinto que também cresci como pessoa, não só como profissional. Portanto, eu tive uma vez uma pessoa que me disse, porque inicialmente eu não consigo perceber muito certas atitudes dos pais, porque nós só queremos é ajudar as crianças. E há muitos pais que têm recusa perante um diagnóstico, que nem sequer nos deixam ir para uma avaliação, porque rejeitam, veem nos filhos um talento que não existe. Às vezes há um talento para uma arte e os pais querem à força toda que o talento seja para a matemática e não existe. E eu vivia muito mal com isso, eu perdia noites, não percebia ficava revoltada e depois cheguei a um ponto em que percebi “Bem, tu não podes matar os pais, não podes fazer desaparecer os pais, tens que aprender a lidar com estes pais” e quanto mais empatia tu tiveres com eles, melhor é para a criança. Claro que isto depois se aprimora com alguma formação em comunicação, em relações positivas. Às vezes dizemos palavras amargas com um sorriso e como se soubessem a doces e é nesse sentido que eu tenho crescido muito mais,



enquanto profissional nos últimos quatro anos, quatro, cinco anos, vá seis anos. Porque efetivamente era algo que me bloqueava muitas vezes. Porque é mesmo isso, nós temos uma comunidade educativa exigente, letrada também e que acham que as suas licenciaturas equivalem, às vezes, a um curso de docência e também para isso contribui a imagem do próprio professor na sociedade. Eu acho que agora com esta pandemia também mal ou bem conseguimos dignificar um bocado a imagem do professor e louvar e enaltecer, que era o que devia ter sido sempre. Mas eu quando comecei a carreira, o professor não era praticamente nada, era alguém que tinha o dever de tomar conta, de fazer o melhor e não castigar, não isto e sinto que nestes dezassete anos houve alguma evolução e sobretudo nestes últimos dois. E então com a pandemia, vi imensos postes e recebi imensas mensagens de pais de como é que vocês conseguem.

Entrevistador: Considera que os pais participam ativamente nas dinâmicas que acontecem na escola? E em que momentos é que isso acontece?

E3: Não tanto nas dinâmicas que nós queríamos, no sentido em que por exemplo tu viste aquele convite que nós fizemos aos pais para o vídeo do Natal?

Entrevistador: Sim

E3: Não houve assim muita adesão. Pronto, os pais controlam muito as notas dos testes, correções de testes, correções de cadernos, se fazem ou não os trabalhos de casa, mas às vezes aquele acompanhamento, no sentido de os responsabilizar, de “Ah aprendeste o ciclo da água? Vamos ver um filme sobre isto. Olha está a dar o Universo? Vamos ver o ET”. Esse acompanhamento, porque é assim por exemplo nós queremos muito que os alunos sejam leitores, nós falados dos *Youtubers* e dos *influencers*, mas os maiores *influencers* da vida dos filhos são os pais. E se um menino não vir um pai a ler, o menino não vai ser leitor e eu não estou a dizer que temos que ler muito e a tempo inteiro, basta termos um livro na nossa cabeceira e pegarmos nele de vez em quando. Já por isso é que nós dizemos que filho de peixe sabe nadar. Os que são mais desportistas os pais praticam mais desporto, etc. Às vezes eu acho é que a intervenção dos pais e, sinto isso com alguns pais da minha turma, é que intervêm no sentido se o [C] estiver a falhar com alguma coisa. Agora, claro que em situação de emergência tive muitos pais a agradecer o trabalho que fizemos no ensino à distância, por exemplo. A forma como trabalhamos com os alunos quando fizemos o isolamento da turma. Não são um número tão grande, mas tem sido um crescendo deles. Agora a participação ativa de enviar atividades e de fazer, não é que



tínhamos muito. Também esta pandemia assim não o permite, porque o ano passado tínhamos o “Em família há mais saberes” e aí sim tínhamos dois momentos por período em que os pais iam à sala e faziam a atividade com os meninos. E eram atividades interessantes, não era uma intervenção em massa, mas também se fosse em massa depois tínhamos dificuldade de gerir e também era demais.

Entrevistador: A questão seguinte prende-se um bocadinho com esta questão, mas mais relacionado com o lado do [C]. Que estratégias é que o [C] mobiliza para promover o envolvimento parental?

E3: Pronto, nós temos esta modalidade “Em família há mais saberes” e temos uma dinâmica que há no Pré-Escolar em que os pais são convidados a ir ao [C] participar numa atividade com os filhos, em tempo pós-letivo. E já tivemos um sem número de atividades Ana Rita de fazer treino intensivo para os pais do décimo segundo, para orientar os pais nesta fase da vida dos meninos, na preparação para os exames. Já tivemos lá especialistas na área da psicologia e das dificuldades de aprendizagem, já fizemos palestras, um sem número de palestras e não houve uma única que tivéssemos o auditório cheio. Muitas vezes até tivemos que chamar pessoas que estavam ainda no [C] a dizer “Olha venham, pelo menos para encher um bocadinho, porque se não o palestrante veio para nada”. Só tivemos realmente o auditório cheio quando temos figuras políticas, quando foi lá a ministra do ambiente. Quando são cerimónias mais formais e mais para o foro político sim. Chamamos os pais sempre para assistirem ao nosso *Open day* e aí há uma adesão em massa que é o término do ano letivo em que há uma apresentação dos Projetos dos trabalhos feitos em Projetos [X]. É um dia inteiro aberto à comunidade.

Entrevistador: Obrigada. O bloco seguinte prende-se um pouco sobre o poder e tomada de decisão dos pais na escola. E a primeira questão é logo o Representante de Pais. A turma tem um Representante e que funções é que ele desempenha?

E3: Olha depende um bocado do Representante. Eu gosto muito do nosso Representante. É uma pessoa que está sobretudo confinante no [C], que é um Representante que também sabe representar, porque representar uma turma de pais não é expor um assunto à direção que dois ou três pais falam no *e-mail* ou no grupo do *WhatsApp* certo? Porque um assunto que é de dois, três, até seis pais não é um assunto da turma. Um assunto da turma é aquele que é uma preocupação de mais de cinquenta por cento dos pais. E, nesse sentido, o Representante, por exemplo, quando foi esta questão do ensino à distância que os pais



começaram logo a ferver, o Representante ligou-me e disse “Professora, o que é que quer que seja vinculado, o que é que quer que eu diga para tranquilizar?” e eu disse “Olhe vai ser assim, assim e assim, mas com a certeza de que pode haver erros e que nós vamos dar o nosso melhor.”. Ele é extremamente explícito, nós ouvimos os pais mesmo. Eu não sei se tu apanhaste aquela altura do ano em que no início do ano nós tínhamos que ter mesmo as janelas e as portas todas abertas em que fazia corrente. O nosso diretor andou a ver inúmeras soluções e depois acabamos por pôr aquela. Aquilo veio precisamente de um pai que até foi o nosso Representante, que é especialista em algumas questões relacionadas com as energias, e o nosso diretor estava connosco, coordenadores a falar disto e eu disse “Alguns pais, inclusive o pai do meu [X] já disse que ele é entendido na matéria” e o diretor disse “Então se ele é, eu gostava de o ouvir”. E no dia seguinte reuniram às oito e meia e fez-se as alterações necessárias. Outra questão que te posso dizer é que temos sempre uma reunião anual de Representantes de Pais com as coordenações e nós não fazemos as vontades todas. Fazemos aquelas que são exequíveis e que fazem sentido para nós. Por exemplo, este ano o professor [X] dá aulas a dois terceiros anos, o que nunca aconteceu. O que acontece, por defeito, é o que está com a professora do lado, com a professora [X], que troca diretamente com a professora de português. Neste caso, na nossa turma, não vinha o professor [X], tinha que vir a professora [X] que eu dou aulas à turma dela e ela dá a mim. Este ano não é assim, porquê? Porque a turma que está no quarto ano, ou seja, o quarto C foi uma turma que passou por alguma instabilidade na matemática, no segundo ano. Ou seja, eles tiveram a professora [X] no primeiro ano, o segundo ano foi um pouco instável e no terceiro voltaram a ter a professora [X], porque nós apanhamos as turmas de dois em dois percebes? A turma que eu vou apanhar para o ano, já apanhei no primeiro ano. Esta turma de quarto, já apanhei no segundo. E os pais queriam garantir que no quarto ano, a professora [X] se mantivesse, porque era uma professora que conhecia muito bem a turma, porque a turma tinha mudado de professor no terceiro ano, o professor titular. E de certa forma sentiam que a equipa estava bem e que não queriam mais mudanças. Nós na altura demos a volta ao juízo, porque como é que nós íamos fazer isso. E encontramos uma janela de oportunidade, houve uma professora que saiu de quarto ano, a professora [X] estava no quarto, voltou a ficar com a titularidade no quarto e nem sabes o trabalho que isso nos dá quando é para marcarmos reuniões e para organizar horários. Dá muito trabalho, porque nós não estamos em trocas diretas estamos num quarteto. Nesse caso fez-nos sentido, agora muitas outras coisas não. Por exemplo a questão das flautas. Os pais porque queriam não levar flautas,



queriam o ukulele que é uma atividade que temos extracurricular, que fosse o ukulele dado em música e não as flautas. As máscaras, o uso de máscara no primeiro ciclo, as máscaras do [C], os pais não queriam, porque não queriam usar, queriam levar as deles e a direção disse que não, que dentro do [C] só entravam as máscaras que eram da nossa confiança e que quem quisesse cirúrgicas que comprava pelo preço que estava à venda nos supermercados. Portanto, nós também não somos aquele [C] que, nós temos mil alunos já tivemos lá um grupo de pais que fez uma frente tipo ninguém renova se a direção não fizer isto e a direção não fez e todos renovaram. Portanto, nós só temos um norte que é os alunos e o bem-estar dos alunos. O que for para o bem-estar dos alunos nós articulamos, aceitamos e ouvimos os pais. O que for para o bem-estar dos pais não entra nos nossos planos. Dou-te outro exemplo muito prático, estaríamos aqui o dia inteiro. Vou-te dar o último exemplo. Houve alteração de dinâmica nesta pandemia e os pais passaram a esperar pelos filhos lá fora, porque antigamente aquela entrada tu tinhas que pedir licença para passar agora não, tens livre-trânsito. E por exemplo entregamos os miúdos com muita mais segurança, que eles saem e o auxiliar vê. Antigamente, o auxiliar estava no topo das escadas, naquelas portinhas que agora estão abertas, para eles descerem. E os pais, logo na primeira reunião, perguntaram aos professores e nós? Vamos apanhar chuva? E o engenheiro [X], por acaso estava a projetar a construção de um coberto para as entradas, para os pais ficarem abrigados. Se bem que há muitos [C] e escolas em que os pais apanham chuva. Nessa mesma altura fazemos as contas, nós abrimos mais um recreio o relvado da horta e fizemos um investimento colossal em acrílicos. Tu não vês nenhuma escola nem nenhum [C] que tenha comprado um número de acrílicos que nós compramos. E não foi possível. Ok, se fosse possível até se pensava, não sendo possível os pais apanham chuva, também não faz mal nenhum. Percebes? É um bocadinho por aí. É possível para os alunos, recreios, acrílicos, pintar o [C] todos os anos. Portanto, o [C] todos os anos tem paredes pintadas, tem sempre um espaço novo. Ou é um recreio, ou é uma sala nova, ou é placares de outra cor, ou é quadros diferentes. Este ano por exemplo, foram os cacifos com aquele verde-água, os cacifos eram todos castanhos. Portanto, tu entras em setembro lá e cheira-te a novo e é por isso que somos [C]. Sempre para os alunos percebes?

Entrevistador: Faz sentido, claro. A próxima questão é em relação ao poder e tomada de decisão dos pais na escola. Crê que os pais têm alguma oportunidade de decisão?



E3: Sim, têm sempre, sempre que a janela de oportunidade for em direção à melhoria e bem-estar do aluno. É o único [C] que eu conheço que os pais têm acesso à diretora todas as semanas. Eu andei onze anos num [C] e a minha mãe nunca conheceu sequer a figura da diretora, porque era a coordenadora que tratava de tudo com a comunidade de pais. A nossa direção tem uma manhã por semana para atender pais e atende-os a todos. Temos um [C] em que a diretora vai ao sábado de manhã fazer visitas para mostrar a instalação. Qualquer pai que ligue para o [C] para saber preçário fica com uma pré-inscrição feita e uma marcação de visita e é ela que faz questão de fazer as visitas. Não delega para ninguém. Portanto, só esta postura faz perceber qualquer um que temos uma estrutura de liderança na figura dos diretores aberta àquilo que os pais pensam. Pode não ser àquilo que os pais querem, mas aberta àquilo que os pais pensam. E depois, aquilo que eu mais aprecio na direção, é a capacidade de sonhar. Às vezes as pessoas dizem “Ah estamos sempre a mudar” ou então de ano para ano há sempre qualquer coisa que a nossa diretora não descansa. Ela é quase uma permanente insatisfeita está sempre com um sonho. Cumpriu um. Quando eu lá cheguei Ana Rita, o edifício era o edifício do Jardim de Infância, aquele pequenino, nós tínhamos setenta e cinco alunos no Primeiro Ciclo e trinta e poucos no Pré-Escolar, portanto éramos cem alunos e estava a ser construído o nosso edifício, polo II. E a diretora disse-me assim “Eu tenho que decidir se abro só Primeiro Ciclo ou se vou até ao quinto, mas eu vou até ao quinto”. E passados dois anos foi até ao décimo segundo. E não para. Ainda há pouco, o edifício que tu tens ao lado do nosso foi inaugurado o ano passado. Portanto, eu cheguei lá em dois mil e quatro, em julho de dois mil e quatro e o [C] era vinte e cinco por cento do que era agora, em termos de edifício. Mas é crescer com estrutura. E ela tem sempre esse norte de querer mais e melhor pelos alunos. Não quer dizer que seja o certo e nós já demos passos atrás, atrás não digo que nesta altura do campeonato vamos dar, porque somos um [C] com quase dezanove anos, vamos fazer vinte anos este ano e também não podemos ceder às pressões dos pais, que são imensas. São imensas, imensas e às vezes são um disparate e só nos desgastam. Portanto, também o nosso bom nome se mantém à custa de sermos firmes nas nossas decisões com a crença de que não estamos a brincar às bonecas. Nós estamos a fazer uma coisa séria e quando os pais começam a questionar muito numa reunião é isso que nós dizemos “Reparem isso é para o bem dos vossos filhos, ninguém aqui brinca aos [C]”. E não, isto é uma coisa muito séria mesmo.



Entrevistador: De que forma então os Encarregados de Educação, ou os pais participam na tomada de decisão?

E3: Olha, através dos Representantes de Pais, eles deixam-nos logo uma bateria de sugestões e algumas delas nós acolhemos sempre no ano seguinte. Em que é que nós não deixamos entrar? Na parte financeira, por exemplo. Recebemos às vezes *e-mails*, quando mandamos o preçário, agora nas renovações, e porque é que aumentou isto e porque é que aumentou aquilo. Nós somos um [C], se o pai não está satisfeito com o preço é como tu vais comprar uma camisola, se é cara escolhes outra, outra loja. Nessas questões financeiras não, em questões que por exemplo quando há alunos com comportamentos mais agressivos e que batem nos outros e os pais caem em cima desses, também nunca num Primeiro Ciclo vamos dizer aos pais para irem para outra instituição, ou que assim não há condições. Um aluno que bate é um aluno que precisa de ajuda. Tomam decisões pedagógicas, alertam-nos às vezes para questões que nós não temos acesso, porque nós não vemos o trabalho do professor a fundo, sobretudo com professores novos que iniciam o percurso no [C], nós não conseguimos estar vinte e cinco horas na sala dos colegas. Alertam-nos também para questões internas com alunos mais velhos, por exemplo os mais velhos, nós todos já fomos adolescentes, já fizemos as nossas traquinices e às vezes são os pais que nos alertam para algumas coisas e temos ali pais, por exemplo nesta questão da pandemia, temos pais que têm sido autênticos aliados, porque são médicos e têm-nos ajudado imenso na tomada de decisões. Mas depois também há o outro lado, não são os mesmos, mas há outros pais que por serem médicos dificultam imenso o trabalho da delegada de saúde. A nossa delegada de saúde diz que isola quatro ou cinco turmas noutra escola e no [C] só isola uma. Pronto e é verdade. É sempre um pau de dois bicos.

Entrevistador: Considera que a escola beneficia com esta intervenção dos pais nas decisões? Que benefícios é que acarreta?

E3: Sempre. Primeiro uma Comunidade Educativa concertada, segundo uma Comunidade Educativa em harmonia, não há costas voltadas. Se há isto, o aluno tem bem-estar emocional e permite que todos andemos bem-dispostos e felizes e não de costas voltadas. Tem pernas para andar, é o que eu acho.

Entrevistador: Quais são os desafios que se colocam à escola, mas também aos pais no que se refere à tomada de decisão?



E3: Olha, neste momento, estamos aqui num limbo muito grande em relação à, ok este ensino à distância há alunos que estão a agudizar muito as suas dificuldades, outros que estão a prolongar diagnósticos, mas por outro lado temos que atentar à saúde mental e ao bem-estar emocional deles. E neste momento é esta balança que por um lado quero muito pô-los a escrever, a ler e a contar, mas por outro tu viste a questão dos cadernos diários, eu costumo estar sempre fixada corrigir isto, faz aquilo. Este ano não estou a conseguir fazer esse trabalho. Primeiro, porque na sala de aula tenho muitos mais alunos para dar resposta e às vezes corrigem na hora, e segundo porque me pergunto se isso é fundamental mesmo. Estou também assim numa fase diferente também da profissão. Os pais, desbloquear medos dos próprios pais, os pais têm muito medo que os alunos sofram, não conseguem ver os alunos a chorar. Os alunos que às vezes chegam-nos com pouca capacidade de resiliência é porque quando choravam aos três, quatro anos, “Queres um *tablet*? Queres isto? Queres aquilo? Pega lá isto, não chores!”. Chorar faz bem, até liberta hormonas e é bom para todos. Mas neste momento é a questão do medo. Educar sem medos. Dava um bom livro, “Educar sem medos em tempo de pandemia”.

Entrevistador: Dá para pensar. A última questão que eu tenho é se gostaria de acrescentar alguma coisa ou enunciar algo sobre esta temática que ainda não tinha sido referida.

E3: Não olha, gostaria de dizer que gosto imenso de ti. Teria imenso prazer de um dia me cruzar contigo como colega. Porque acho sinceramente que este estágio não permite que vocês consigam voar da forma como nós queremos. Mas é o que é. E se os nossos caminhos não se cruzarem, sei que vais fazer um trabalho brilhante onde quer que faças.

Entrevistador: Obrigada.

E3: Não tenho mais nada a acrescentar.

Entrevistador: Muito obrigada pela disponibilidade.

Apêndice 11 - Tabela 4: Dimensões de análise da entrevista à Professora Cooperante

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Evidências
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Relação Professor-Profissionais	Relação entrelaçada	“(…) a relação do professor com as entidades, os técnicos, os terapeutas e aí tem que ser uma relação entrelaçada mesmo, de muita confiança, de haver estratégias muito concertadas, muita continuidade, de comunicação contínua muito regular sobretudo nos alunos com muitas dificuldades e uma comunicação muito clara.” (E3)
	Importância da relação Escola-Famílias-Comunidade	Aumentar a confiança	“Tem que ser sobretudo uma relação de confiança.” (E3) “(…) os pais devem confiar na atitude e na figura que é o professor, assim como o professor também deve confiar naquilo que os pais pretendem ou querem para os filhos.” (E3)
		Respeitar os papéis de cada interveniente	“Têm é que assumir papéis diferentes e respeitar os papéis e o limite dos papéis de cada um.” (E3)
		Primordial	“Primordial, porque qualquer elemento que vá sabotar esta relação põem em causa o aluno, até porque isto anda muito à volta daquilo que é a inteligência emocional da pessoa e do próprio professor que também tem que ter maturidade.” (E3)
		Saber comunicar	“Temos que ter empatia, temos que saber colocar-nos também no lugar do outro e sobretudo comunicar claramente, sem grandes rodeios.” (E3)



Desvantagens da participação dos pais nas escolas	Inexistentes	“Eu não vejo desvantagens.” (E3)
Vantagens da participação dos pais nas escolas	Partilha de saberes dos pais na sala de aula	“Vejo vantagens se for uma participação equilibrada, (...) aproveitar também os saberes que os pais têm, muitas vezes nos seus campos de ação, nas suas profissões, para criar aqui alguma sinergia e algum aprofundar de alguns conceitos, que nós damos na aula e que às vezes não manuseamos tão bem ou não dominamos.” (E3)
	<i>Feedback</i> contínuo aos pais	“E sou apologista dos pais na sala, sou apologista de mostrar aos pais o que se faz na sala e sou apologista de dar <i>feedback</i> contínuo aos pais, sobretudo de alunos que têm dificuldades, sejam elas cognitivas, sejam elas de comportamento.” (E3)
Relação Escola-Famílias-Comunidade na instituição	Famílias exigentes	“Nós temos uma Comunidade Educativa/Comunidade de Pais extremamente exigentes (...)” (E3) “(...) nós temos uma comunidade educativa exigente, letrada também e que acham que as suas licenciaturas equivalem, às vezes, a um curso de docência e também para isso contribui a imagem do próprio professor na sociedade.” (E3)
Participação dos pais nas dinâmicas da escola	Pouca participação ativa	“Não tanto nas dinâmicas que nós queríamos (...)” (E3) “Agora a participação ativa de enviar atividades e de fazer, não é que tínhamos muito.” (E3)
	Projeto “Em família há mais saberes”	“Também esta pandemia assim não o permite, porque o ano passado tínhamos o “Em família há mais saberes” e aí sim tínhamos dois momentos por período em que os pais iam à sala e faziam a atividade com os meninos.” (E3)



		Controlo do trabalho dos alunos	“(…) os pais controlam muito as notas dos testes, correções de testes, correções de cadernos, se fazem ou não os trabalhos de casa (…)” (E3)
		Intervenção quando a escola falha	“Às vezes eu acho é que a intervenção dos pais e, sinto isso com alguns pais da minha turma, é que intervêm no sentido se o [C] estiver a falhar com alguma coisa.” (E3)
	Estratégias de envolvimento parental na instituição	Projetos	“(…) nós temos esta modalidade “Em família há mais saberes” (E3) “Chamamos os pais sempre para assistirem ao nosso <i>Open day</i> e aí há uma adesão em massa que é o término do ano letivo em que há uma apresentação dos projetos (…)” (E3)
		Palestras	“Já tivemos lá especialistas na área da psicologia e das dificuldades de aprendizagem, já fizemos palestras, um sem número de palestras e não houve uma única que tivéssemos o auditório cheio.” (E3) “Só tivemos realmente o auditório cheio quando temos figuras políticas, quando foi lá a ministra do ambiente. Quando são cerimónias mais formais e mais para o foro político sim.” (E3)
Representante de Pais	Funções do RP	Representar os pais	“É uma pessoa que está sobretudo confinante no [C], que é um Representante que também sabe representar (…)” (E3)
		Facilitar a comunicação entre a escola e as famílias	“(…) quando foi esta questão do ensino à distância que os pais começaram logo a ferver, o Representante ligou-me e disse “Professora, o que é que quer que seja vinculado, o que é que quer que eu diga para tranquilizar?” e eu disse “Olhe vai ser assim, assim e assim, mas com a certeza de que pode haver erros e que nós vamos dar o nosso melhor.”. Ele é extremamente explícito, nós ouvimos os pais mesmo.” (E3)



		Participar em reuniões de RP	“(...) temos sempre uma reunião anual de Representantes de Pais com as coordenações e nós não fazemos as vontades todas. Fazemos aquelas que são exequíveis e que fazem sentido para nós.” (E3)
Poder de decisão dos pais na instituição	Oportunidade de decisão dos pais na escola	Os pais têm oportunidade de decidir	“Sim, têm sempre, sempre que a janela de oportunidade for em direção à melhoria e bem-estar do aluno.” (E3)
	Formas de participação dos pais nas tomadas de decisão	Não participam na parte financeira	“Na parte financeira, por exemplo.” (E3)
		Participação através do RP	“(…) através dos Representantes de Pais, eles deixam-nos logo uma bateria de sugestões e algumas delas nós acolhemos sempre no ano seguinte.” (E3)
		Alertar para questões pedagógicas e internas com alunos	“(…) alertam-nos às vezes para questões que nós não temos acesso, porque nós não vemos o trabalho do professor a fundo, sobretudo com professores novos que iniciam o percurso no [C] (...)” (E3) “Alertam-nos também para questões internas com alunos mais velhos, por exemplo os mais velhos, nós todos já fomos adolescentes, já fizemos as nossas traquinices e às vezes são os pais que nos alertam para algumas coisas (...)” (E3)
	Benefícios da intervenção dos pais nas decisões da escola	Benefícios para a Comunidade Educativa	“Primeiro uma Comunidade Educativa concertada (...)” (E3) “(…) segundo uma Comunidade Educativa em harmonia, não há costas voltadas.” (E3)
		Benefícios para os alunos	“(…) o aluno tem bem-estar emocional e permite que todos andemos bem-dispostos e felizes e não de costas voltadas.” (E3)



Desafios da tomada de decisão dos pais na escola	Desafios dos pais	Desbloquear medos	“Os pais, desbloquear medos dos próprios pais, os pais têm muito medo que os alunos sofram, não conseguem ver os alunos a chorar. Os alunos que às vezes chegam-nos com pouca capacidade de resiliência (...)” (E3) “Educar sem medos.” (E3)
--	-------------------	-------------------	---



## **Apêndice 12: Transcrição da Entrevista ao Entrevistado 4- Representante de Pais da turma Y**

Entrevistador: A primeira pergunta que lhe queria fazer era se considerava importante a relação que se estabelece entre a escola e as famílias e porquê.

E4: Ora bem, entre a escola e as famílias. É assim obviamente que, o papel da escola passa, obrigatoriamente, pelo ensino, nós já sabemos, mas eu creio que como as crianças, ou seja, a pergunta foi pelo menos que sim. Primeira começa que sim. E acho que tem que haver uma interação se calhar numa base diária, mas frequente para que haja um alinhamento entre as expectativas do pai inclusive do comportamento social e as condições económicas, que acho que seja fácil de prever, a escola conhece bem o que se passa em princípio. Mas a questão de evolução social e alguns problemas que às vezes possam nascer, a escola possa ir a miúdo, a miúdo não, mas por grosso e adaptando aquilo que são as necessidades não só de ensino, mas acima de tudo neste caso se calhar educativas ao contexto que se vai vivendo de forma social. No caso do [C], até acho que faz isso relativamente bem. Agora, eu acho que isso tem que ir sendo tratado e tem havido por parte do [C] também abertura nisso, a tratar desses assuntos. Como é óbvio, não tem que ser toda a gente, não tem que ser todos os responsáveis de turma, mas à medida que se vai falando sobre os assuntos as coisas podem-se ir tratando. Porque a questão da educação é uma coisa que normalmente fica de fora, há muita gente que fala que a educação tem que ficar de fora, porque na escola é para ensinar, não é para educar, que a educação é feita em casa. Obrigatoriamente, os valores e as crenças e essas coisas que as crianças vão criando está muito dependente da educação que têm em casa. Mas, muito daquilo que são os valores da sociedade e outras coisas, que muitas vezes existem lacunas na própria escola e algumas coisas que os pais querem, se não houver esta comunicação, eu acho que é difícil, estando a criança às vezes oito horas ou nove horas, por exemplo, na escola, quando os pais às vezes só estão três ou quatro horas, acho que é muito difícil tirar de parte o papel da educação. Então, resumindo, eu acho que acima de tudo, vem não pelo ensino, embora também, mas acima de tudo por causa da interação relativas às expectativas de educação. Obrigatoriamente, não numa ótica muito específica, mas mais alargada, é isso Ana.

Entrevistador: A segunda questão era se conseguia enunciar algumas vantagens da participação dos pais nas escolas e desvantagens.



E4: Se é que eu já não disse isso, não é? Pois, às vezes se quiser aproveitar de outras perguntas. Pode repetir a primeira parte? Já ouvi das vantagens e desvantagens.

Entrevistador: Sim, se consegue enunciar algumas vantagens da participação dos pais nas escolas.

E4: E também quer desvantagens, não é?

Entrevistador: E desvantagens sim, se existirem.

E4: Sim sim. Eu acho que vantagens claramente o alinhamento, alinhamento dos contextos que se vão moldando, por exemplo, neste caso do COVID, ainda mais importância, é um bom exemplo. O alinhamento e a informação para perceber se toda a gente está alinhada no que se está a passar, inclusive nesse caso gestão de expectativas, porque não só por parte dos pais, como também por parte da escola. Eu acho que poderá haver expectativas ou, como é que eu hei de dizer, ou exigências que claramente não estão alinhadas e que pode fazer com que as coisas não funcionem. Eu acho que isto ajuda bastante. No caso de ser um [C], acho que isso tem uma importância se calhar melhor, já normal, mas eu acho que isto ainda tem mais importância na escola pública, porque normalmente isso é que é negligenciado. Eu acho que nas escolas públicas, acho que é uma lacuna, tirando bons exemplos como é óbvio, será uma lacuna ainda maior. Desvantagens, a desvantagem acho que acima de tudo é, pelo mesmo motivo, as exigências que nós fazemos e as expectativas, neste caso, gorarem, quando na realidade pode não haver esse alinhamento. Significa que, a comunicação a mais, ou seja, também está muito aberto, também pode criar um problema, porque essa abertura é demasiada, se for demasiada tipo imagina se a frequência for falar com os pais uma vez por trimestre, a coisa dá, mas se começarmos a ser abertos falar todos os dias ou todos os meses afogamo-nos na própria melhoria. E as expectativas tornam-se piores, então obriga os pais a pensarem um bocadinho melhor naquilo que vão dizer e à escola também a preparar-se um bocadinho melhor. Torna a mudança se calhar mais lenta, mas acho que também torna a mudança para melhor e mais certa. A escola ou os pais acharem que devem fazer alguma coisa, isso obriga-os a juntar, a falar com a escola ou obriga a escola a pensar como é que vai juntar os pais também para fazer a mesma coisa. Ou seja, tem esta desvantagem de poder criar alguns conflitos se houver muita abertura também para depois gerir as expectativas. Acho que é só isso. Acho que na realidade não estou a ver mais. Eu não sei



se temos também aqui temos que falar na questão da nutrição e dessas coisas todas. O que é que diz Ana?

Entrevistador: Pode referir aquilo que achar no tópico da participação dos pais nas escolas. Se considerar que isso é importante.

E4: Sim, a participação é isso, acho que está. E estou a referir porque neste caso as valências não são só ensino e educação. Nesse caso também estou a deixar de fora e se calhar erroneamente, erradamente, as questões relacionadas com a alimentação, com a educação pronto já falei na questão do comportamento, mas também das atividades extraletivas e afins. Ou seja, isto acaba por na realidade, a este conjunto. A desvantagem é isso era falar constantemente, eu acho que pode criar mais problemas do que benefícios, sinceramente.

Entrevistador: A pergunta seguinte era se considerava que o [C] promovia estratégias e diferentes formas de cativas as famílias a participarem na vida escolar dos alunos. Quer referir algumas atividades que trazem os pais à escola?

E4: Eu vou-lhe dizer assim, eu caí na escola em dois mil e quinze. Portanto, eu não percebo o histórico de algumas atividades e não sei se elas foram lançadas por iniciativa na escola, se por iniciativa dos pais ou em cooperação com os dois ok? Agora, o que eu lhe posso dizer é que as iniciativas todas que a escola está a lançar, eu não vejo nenhuma, comigo pelo menos, que tenha sido feita em cooperação com os pais, nenhuma. É tudo *top down*, de cima para baixo. E acho que o facto, se isso acontecer que eu não tenho a certeza, não sei o histórico, se isso acontecer é muito mais difícil cativar os pais. Acho que, qualquer atividade que façam não tendo este trabalho por trás mínimo, às vezes através do inquérito, de preferência juntando as pessoas de vez em quando, se isso não acontece o número de pessoas que aparece, por exemplo, num evento relacionado com a nutrição, ou outras coisas que a escola faz e bem, o número de adesão é sempre muito inferior, muito em relação àquilo que pode ser. Eu posso estar muito enganado, mas acho que a primeira vez que fizerem isso de certeza que vão logo provar à primeira. Depois corre-se o risco de se andar a promover coisas numa teoria de educação inclusiva aos pais que acho que tem sentido, a escola também tem o seu programa educativo e afins, mas podemos estar a cair no erro de haver desalinhamento total e responde também como uma desvantagem à primeira ou segunda pergunta. Não tira, obrigatoriamente, não desfoca o projeto da escola, a única coisa que faz é alinhar arestas, inclusive às vezes prazos e temas,



sobre a mesma situação que obriga a participação dos pais. Ou seja, os pais estão lá, têm lá os filhos porque querem, o projeto da escola é o da escola, ponto final. O que é que se faz? Neste aspeto, para que isso acontece, porque de resto o que é que acontece? Eu acho que existem eventos que, obrigatoriamente, nunca ninguém, muitos poucos, vão conseguir ir e que até são interessantes, mas também existem eventos, eu sei que também não se pode agradar a gregos e a troianos, que eu olho para eles e digo assim “Quem é que vai ver isto?”, porque sinceramente acho que a escola até pode ter uma boa tentativa de tocar no assunto relativo, por exemplo, há assuntos que facilmente são comuns a todos tipo o *bullying*, mas, por exemplo, assuntos de nutrição, fala-se sobre o assunto, é importante, eu até percebo, maior parte das pessoas que lá estão, que vão lá ou que estão a pensar em ir lá perguntam “Para que é que eu preciso disto?”. Como não falou com ninguém, não se perguntou e depois acho que a narrativa da escola, a escola promove muito bem as coisas em termos de português e eu já falei isso nas circulares. As circulares começam a ser poluição de informação, porque em todos os artigos começasse como? Mete-se um *abstract*, mete-se um título e mete-se um resumo, depois quem quiser lê para baixo. Obrigar as pessoas a ler tudo para chegar ao fim, eu conheço muitos pais que dizem “Eu não tenho paciência”. E depois corre-se o risco da escola dizer que informou e fez isso mesmo, informou só, não criou comunicação nenhuma, porque o recetor não existiu. O recetor olhou, porque tinha obrigação, porque existe um compromisso inclusive assinamos papéis a dizer que temos que ter esse compromisso com a escola, mas sinceramente, acho que a escola até faz bem, de vez em quando, mete um poema, certas coisas para começar a escrever. Pronto, às vezes por ser esse poema no início, mas o início é só o resumo, não é um poema, uma prosa de alguém, na realidade às vezes no início, por exemplo, imagine agora esta questão do COVID. Por exemplo imagine que há uma situação de um aluno com COVID, e, por exemplo, comunicaram à turma do terceiro C que o aluno ficou em casa. O *abstract* é aluno três C foi identificado como negativo, apesar da família estar como positiva, o plano de contingência por parte da DGS foi isolar o aluno e os pais verificarem os sintomas ao longo do tempo dos seus educandos. A seguir escreve tudo o que tem escrito e aí faz a folha toda A4. Eu acho que, quando se promove um evento e até se mete o cartaz, eu nem sei porque é que se tem que promover o evento à parte, mas isso já faz o evento com o cartaz, tudo bem. E esse cartaz até fomenta bem e comunica a imagem e a cultura da própria escola, eles têm muito cuidado com isso e acho que fazem isso muito bem. Só que aqui, o que é que acontece? Voltamos atrás. Quando nós estamos a falar sobre de onde é que aquilo nasceu e como é que nasceu, acho que



existir, eu não sei se existe, mas se existe, eu creio que existe Comissão de Pais, será que esses eventos são debatidos com os pais e são levantados para que isso aconteça? Sei que isso parece uma massada, ainda por cima hoje com a nova tecnologia de informação, podem ser levantados uma série de temas, as pessoas só votam e eles veem logo quem é que pode. Se não arriscamo-nos, por exemplo, às vezes mesmo uma pessoa que seja convidada que até se disponibiliza o que é que acontece? Imagine que a escola fala comigo ou com outra pessoa que tenha a possibilidade de fazer de uma determinada área desde o desporto à nutrição, às empresas ou à química, à física ou algum docente da Paula Frassinetti, não interessa uma coisa qualquer. E a pessoa diz tenho disponibilidade, combinam um tema e vão lá, o que é que falhou aqui? Se calhar a pessoa que vai falar até pode falar de outros temas, só que não falou com os pais é só isso. Não se vai perder a oportunidade dessa pessoa até poder ir lá e haver essa possibilidade de fazer uma coisa desse género, que é uma mais-valia para todos, e se calhar nem vai ser muito flexível o horário que a pessoa possa ir, o que é que faltou aqui? Faltou o tema. E alguns pais, se calhar até imagine não podem ir, mas ficavam contentes se pudessem, pelo menos, gravar o áudio ou o vídeo e até gostavam de ver isso depois e ficar gravado no *Youtube* ou no *Facebook* como o [C] já faz algumas coisas. E hoje em dia, claramente que o [C] vai deixar a sua marca, não vai promover aquilo num artigo que melhor ou pior não tenha a marca de qualidade do [C], não vai fazer isso como se fosse uma câmara de filmar de telemóvel e vamos para a frente, não vai fazer isso. Isso tem custos. Mas pronto, está a perceber o caminho, acho que aqui esta questão da comunicação, sinceramente não acontece, mas é o que eu lhe digo consegue-me levar e a muitos pais a assuntos relacionados com a nutrição ou assuntos relacionados com, como é que eu hei de dizer, com o *bullying*. Mas o que eu quero dizer é que levam, mas depois o anfiteatro, por exemplo, numa questão do *bullying*, eu fui e o anfiteatro da escola estava nem a um terço, estava para aí a um quarto. Num tema que acho que, por aquilo que se fala devia estar mais gente. E nem acho que é por causa dos prazos, agora se as pessoas receberem vinte e cinco circulares de tudo e mais alguma coisa e hoje em dia existem canais de comunicação diferentes e a geração que já existe, hoje em dia os pais já são pessoas que usam o *Messenger* e coisas desse género, o que se torna difícil apesar da boa intenção do [C] de manter informado, mas depois partimos só disto, começa a ser só informação e a informação não é comunicação. E eu acho que aí funciona, agora um exemplo claro é esse o *bullying*, por exemplo, eu posso-lhe dizer que queria ir a mais dois ou três ou quatro e não pude, mas há muitos que eu olho para aquilo e passam-me completamente ao lado



e eu não sei até que ponto é que aquilo acaba por ser assim tão falado com os pais. Porque eu não sei até que ponto é que as pessoas depois vão promover aquilo e vão à escola, ficam por ir ao [C], tudo bem, [C], fui lá e tal, tudo muito bem. Aqui a questão é que se as pessoas também veem a sala vazia, como é que se sentem? Porque no meio disto tudo é o [C] depois também há uma série de, depois até podem arranjar maneira de ok vamos chamar os alunos e criam ali uma dinâmica, mas é um bocado artificial, já não é por iniciativa própria. Em relação aos pais eu acho que é isso que falha, tentar usar, se calhar para não ter trabalho, usar as tecnologias de comunicação, às vezes, por exemplo, o orador que vai lá perguntar-lhe “Olha, podemos falar sobre este tema, este e aquele? Tens aí três ou quatro temas para falar, a ver se sondamos, não tem que sondar os pais todos, mas sondar, por exemplo, a Associação de Pais ou o grupo de pais, o que for, e eles votam e o que der, em princípio, ver se ele consegue falar sobre o assunto. E às vezes isso até pode chegar a estupidez, às vezes o tema é o mesmo, vai falar sobre a mesma coisa, só mudou foi o título. Mas é isso.

Entrevistador: Falando um pouquinho sobre o seu papel como Representante de Pais do [X] que funções é que desempenha?

E4: Olhe, acima de tudo eu acho, eu este ano não queria ser, este ano é para dar tiros nos pés. Nunca se consegue agradar a gregos e a troianos, com este contexto eu até acho que está a correr bem. Nós temos um grupo de *WhatsApp* em que todos os pais quase participam, alguns não estão lá. Eu acho que o grupo de *WhatsApp* não é tão agressivo, como aquele que muitos pais podem ter ou muitos grupos podem ter, porque nós temos uma professora do [C] que faz parte do grupo e eu acho que isso ajuda a nivelar muito o teor de muitas coisas. Embora nota-se que alguns esquecem-se quando começam a falar, a escrever. Tenho essa sorte, eu estou protegido apesar de tudo de estar neste papel, porque tenho essa sorte. No entanto, por causa disso também as pessoas entram em conversa comigo e vão-me sondando sobre uma série de coisas, qual é o meu papel? Eu tenho que perceber, eu sei mais ó menos o projeto da escola inclusive se for uma coisa grave eu posso ter que ir ver. Mas antes disso tudo, eu tenho que perceber se aquilo é um caso isolado ok? Ou se é um caso que representa a turma. Mas se for um caso isolado e for importante, eu posso ter que levantar o assunto, ou seja não é por ser uma pessoa, se for grave eu tenho que ver o que é que se passa. E muitas das vezes o que eu faço, no caso do *WhatsApp*, ainda não fugi para outras coisas, neste momento a comunicação está muito virtual, mas eu vou falar, por exemplo, do ano passado também. O que é que acontece?



Neste sentido, eu tenho que tentar sondar as pessoas e perguntar e pôr os pratos em cima da mesa, porque existem muitos tipos de personalidades e normalmente, o que eu pergunto é se existe alguma coisa que não está a ser cumprida, alguma expectativa que não existe inclusive tento dar uma ideia do que é que acontece nas outras escolas e noutras turmas, com outros pais. Já perguntou a mesma coisa a outros pais. O que devia ser uma questão individualizada, se for uma questão que eu note que até é um problema que sou eu a lançar no grupo, já aconteceu por causa de umas máscaras, eu lanço no grupo, porque no grupo são vinte e cinco pais, lá estão vinte e três. Portanto, faltam dois. Os dois se for importante sabem que podem sempre comunicar comigo por *e-mail* ou por telefone. O que significa que não estão excluídos nunca, só que se eu quero tomar uma decisão, para falar por exemplo com a professora [X] ou com a escola, eu tenho que ter no mínimo uma boa maioria dos pais, se for uma decisão que não seja grave. Aconteceu, por exemplo, a questão da pandemia, a questão das salas estarem com frio, as crianças e etc. Eu comecei a ver a professora [X] a receber *e-mails* de pessoas a queixarem-se e ninguém pensou, eu acho que sinceramente andava ali muita gente a ferver, de sangue quente e ninguém pensou que os professores melhor do que ninguém estão na sala e também sentem frio. E mesmo que sigam regras podem perfeitamente estar na escola e perguntar as coisas sem andar a fazer um trinta e um. Escreveram lá e eu tentei saber o que é que se passava, perguntei depois às pessoas se o sentimento era mútuo. Mas nós temos sempre pessoas lá que eu tenho que evocar, porque são mais caladas, eu tenho que dizer eu preciso da resposta de todos e em último caso digo mesmo de forma pessoal, ou à parte para eu perceber se temos uma maioria ou não para falarmos das coisas, ou pelo menos uma boa percentagem. Ajuda nisso. Agora, quando algum pai, isto normalmente ninguém mete de forma pública, é de forma pessoal ou por telefone. Quando notas dúvidas do funcionamento do [C], que acontece, perguntam-me e eu digo “Olhe vá falar com a professora, isto é mesmo um assunto que tem que falar com ela, porque é grave, ou então tem que ir à secretaria”. Também tento encaminhar as pessoas e no caso de ser grave inclusive dou importância no tempo, ou seja, existe a secretaria quando não é grave ou alguma coisa simples vá amanhã ou depois vê-se, mas tem que tratar. Quando é grave “Olhe você tem que telefonar ou já ou pelo menos amanhã de manhã, a primeira coisa que você faz manda já um *e-mail* à professora e tenta falar com ela amanhã e de preferência manda mensagem urgente a dizer que quer marcar uma reunião com a professora”. Acima de tudo quando são casos, por exemplo, quando algum menino espanca outro e muitas vezes não se sabe, ele escondeu-se ou há *bullying* entre as meninas,



aquelas cenas que as meninas às vezes fazem umas às outras que às vezes um bocadinho mazinhas e depois a menina fica lá encostada num canto. Pronto, e atenção eu estou a falar nisto, mas os rapazes, não estou a ser sexista aqui, isto acontece dos dois lados, é uma questão de percentagem, a maioria é mais nas meninas e os homens têm sempre aquela vantagem, se houver barraca aparecem espancados. Dá para ver as nódoas negras. As meninas mesmo que arranquem os cabelos, não dá para perceber muito bem. Ou seja, eu tenho um filho tenho essa desvantagem e vantagem, tenho sempre ali alguma coisa. E tento encaminhar. Claro que para mim é sempre uma coisa grave, por exemplo, uma criança que se está a sentir mal, há problemas de doença e às vezes relembro, também já levei nas orelhas e já paguei por isso e paguei bem, porque esqueci-me de dizer que a medicação tem que ser dada, que os professores depois tentam gerir isso. Agora com o COVID, o que se nota é que o pessoal anda todo, inclusive na escola tentam promover as coisas, mas toda a gente anda com o, já está mais calmo um pouco, e se calhar é por isso que temos catorze mil casos. Mas nota-se muito mais coração quente e as pessoas reagem muito in tempestuosamente e torna-se difícil, no meu caso, tentar manter, que é outra posição, que é meter um bocado de água na fervura. O pessoal está a ferver muito, de vez em quando até telefonam, ou até mandei uma mensagem a outra pessoa paralela que eu sei que já foi, que tem outros filhos na escola, noutras turmas etc., já foram Encarregados de Turma, dos pais e telefono-lhes e pergunto-lhes coisas que neste caso, por exemplo, eu este ano estou sozinho, ninguém quis mais nada. E também não quero chatear a Professora [X], mas de vez em quando consulto pessoas que estão nas outras turmas e têm essa experiência, para saber também o que é que se passa no outro lado, porque se não pode haver ali um foco local que não tem sentido e que leva, se calhar a perder recursos não só da professora, como das próprias pessoas e da própria escola e dos próprios pais no geral, porque depois não é só um, são vários desnecessariamente. Agora, qual é o meu problema? Tenho um problema grande que é meter a calda na fervura, como é que eu vou fazer isso com um pai? Porque está alguém a ferver e quer ser satisfeito. E eu tenho normalmente, tento tocar no assunto comparativamente com situações equiparadas no [C] se já viu ou deixou de ver, às vezes isso resolver, as pessoas percebem isso. No entanto, deixo sempre à vontade, como o [C] não fecha as portas a ninguém, se não for um assunto relativo aos pais, for o assunto de um pai, obrigatoriamente, o pai se sentir necessidade tem que ele próprio falar ao [C]. A única coisa que diz é “Isto não vai ser a representação da turma que pode fazer uma coisa desse género, nem uma representação de vários pais, de forma individual eu posso representar”, mas como é uma



situação pontual e específica, eu posso encaminhar e até falar, mas é numa forma individual e, para isso, você também o pode fazer. É só isso, porque torna-se difícil saber gerir as expectativas de alguns pais que inclusive pedem uma coisa e fazem outra. Atenção que eu também às vezes faço isso, apanho-me sem querer a fazer asneiras, só que depois tenho que pedir desculpa, ou esqueço-me que tinha feito uma coisa que não tinha sentido. Mas acontece poucas vezes e normalmente tento pedir opinião, como a maior parte dos envolvidos são mães, eu tento pedir uma opinião a mães. Porque eu acho que o [C] anda muito a favor daquilo que muitas das mães pensam, porque quase todos os Encarregados de Educação, embora possam ser os pais, na realidade o que se vê é que são as mães. E isto cria um contexto em que eu para me alinhar e perceber muito bem, eu tenho que me pôr na cabeça de uma senhora. Como é difícil, tenho que telefonar a alguém ou falar com alguém e que tenha experiência também e que me ajude a perceber isto. O ano passado tinha a [X], eu estava a ajudar a [X] e acho que era positivo, que ela alinhava facilmente, porque, por exemplo, para mim um homem é muito mais consistente e acaba por querer fazer as coisas, nem todos, mas no meu caso acabo por ser mais consistente e querer fazer as coisas com lógica ao longo do tempo. O ano passado, por exemplo, a [X] cortou rapidamente isto no final do ano, porque nenhuma das mães estava alinhada em fazer uma coisa no final do ano, fruto do COVID. E eu para mim tinha a força de vontade de continuar, mas não ia ter sentido se eu não tivesse a [X] ardeu. Ou seja, pensar só um não adianta, também essa questão de serem dois é importante. Eu agora estou sozinho, não estou a telefonar à [X], porque ela está ocupada, mas obriga-me a telefonar a outras mães para tentar perceber. E depois também tenho que regular isto, porque é uma treta. Agora, por exemplo, eu vou-lhe dar um exemplo, houve aí umas coisas que nós preparamos, as pessoas até ajudaram e depois começam a mandar vir porque as pessoas dizem que podem ajudar, mas depois sabem que não têm tempo e depois não ajudam. Depois quem está a ajudar fica frustrada e eu digo “Olha, nós não podemos falar sobre isto. Porque isso não adianta para nada e cada um ajuda e faz o que acha e cada um é livre de fazer aquilo que quiser”. E as pessoas que nos vão ajudando vão começando a perceber que muitas das pessoas que estão com elas, acho que nem chegam a perceber que elas são assim e estão a criticar, mas depois quando é para fazer não fazem. E depois ficam chateadas e é triste, porque, por exemplo, nós o ano passado inclusive a Representante de Pais que foi a [X], ficou com dinheiro a ver de certas coisas que fizemos, porque houve pais que nem sequer pagaram. E na altura até se prontificaram a fazer tudo, até dão ideias e não sei quê, depois acontece qualquer coisa e chega a uma altura que até começa a ser



antipático e desgastante chamar à atenção, nem tem sentido chamar à atenção as pessoas. As pessoas não querem, não querem não vai ser agora por isso. Nós só pecamos porque não tínhamos fundo de maneiio. A única coisa que para o ano o que é que eu vou fazer? Vou criar um fundo de maneiio e nestas coisas, depois, entretanto daqueles que pagaram devolve-se o dinheiro que sobrou de fundo de maneiio. É só isso. Porque não tem sentido depois ficar o custo em cima de nós, além da gestão toda e depois ainda dizem que é barato. “Ah, mas até está muito barato”, pois, mas nós temos pessoas que nem sequer pagaram essas coisas. Aconteceu o ano passado, este ano nem tanto. E da mesma maneira acontece noutras coisas e torna-se difícil fazer as decisões certas inclusive no contexto e eu de vez em quando, quando são decisões mais chatas tenho que telefonar a outras pessoas. E isto às vezes chego a casa, estou a chegar às onze da noite, as pessoas estão a dizer não tenho tempo, não tenho tempo e eu estou, também me pus a jeito, estou eu à uma da manhã a mandar *e-mails* à professora ou ao pai, ou à mãe. Não é que eu não goste de fazer isso, as pessoas sabem que eu gosto, só que no meio disto tudo também não me tira vitalidade, mas cria desgaste de alguma maneira. Aqui gerir as expectativas, depois quando são casos individuais, muitas das vezes, eu em caso de igualdade despacho para os pais, despacho para o pai especificamente, no caso de não ser grave. Mas dou apoio sempre, isso toda a gente sabe. Mas tento sempre telefonar a uma mãe, se puder. Eu preciso de ter alguém já com experiência e de preferência uma senhora a quem os filhos já tenham crescido lá, passado por lá, que já conhece a cultura da escola e tudo para perceber se aquilo tem sentido ou não.

Entrevistador: A próxima questão era se na sua ótica considerava que os pais têm algum poder de decisão na escola e de que forma é que o fazem.

E4: Ui. Quantas perguntas é que são para eu não a atrasar muito?

Entrevistador: Esta e mais duas.

E4: Ah ok. Sim, os pais têm poder na escola. Só que os pais chegam a um ponto e pensam que se calhar têm mais poder do que o que têm. O [C] como tem mais procura do que oferta está sempre numa posição privilegiada para pôr em questão muita coisa em relação ao que os pais querem. Inclusive o [C] pode aumentar ou diminuir e continuar a manter esse rácio de procura e oferta, para ter um controlo sobre o que faz. Acho que os pais têm poder de decisão a partir do momento que o grupo de pais é suficientemente grande para o fazer. E isso significa que percentualmente não pode ser cinco ou dez por cento tem que



ser mais. Claramente, nem sequer tem sentido, quando isto é normalmente, tem mais peso, quando se começa a evocar, acima de tudo, questões monetárias, quando a função do [C] é educação. E já sabem mais ó menos, todos os pais já fizeram e como todo o [C] já fez, já fez um *benchmarking* em relação a todas as escolas de quanto é que pagam e quais são as condições que cada um tem. Portanto, quando os pais de alguma maneira, alguns esquecem isso, e começam a fazer as contas à maneira deles, das primeiras coisas que têm que pensar é que primeiro tiveram que concorrer para o [C] e eles têm que aceitar ou não. Agora, isto não implica que não haja decisões que saiam completamente fora do esférico. Significa que, lembro-me perfeitamente de ter havido várias chatices no *WhatsApp*, no grupo, em que realmente notou-se que há pessoas que percebem de finanças e contabilidade e notou-se que havia, provavelmente, durante um determinado tempo, um abuso sucessivo ou pareceu, que fez parte de um período que até não tive muito atento, mas as pessoas que têm lá dois ou três filhos e assim pareceu-me que houve ali um acréscimo sucessivo em que a mais-valia não encaixava com aquilo que as pessoas sentiam. As pessoas sentiam uma perda de qualidade dos serviços e mais uma série de coisas e o [C] estava a subir os preços. Obrigatoriamente, muitos pais começaram a juntar-se nesta questão. Eu tentei que as pessoas pensassem duas vezes, porque num ano, aquilo aconteceu vários anos, a falar tudo de uma vez só também, por aquilo que eu percebi e acho que o [C] também não tem nada a perder em saber estas coisas. Eu acho que aqui sim, acho que sentir, o [C] também estar aberto a fazer isso, mas as pessoas também não se podem esquecer que o [C] é uma empresa e que tem que fazer dinheiro, ponto final e é para os donos. Aqui a questão é, se as pessoas também chegam a uma altura, estão insatisfeitas também podem mudar. Como é uma escola que tem um Projeto Educativo, não é como ir ao supermercado, não pode ir aí ao lado e fazer as coisas diferente. Acho que inclusive a escola trabalha com o Ministério da Educação, tem uma série, tem inclusive dinheiros que recebe do Ministério da Educação pela função educativa que tem, obrigatoriamente, há aqui uma série de coisas que não se podem fazer. Nós estamos aqui a falar de um equilíbrio. O [C] tem tido uma tendência, obviamente se o [C] tiver mais procura, tem uma tendência para subir os preços. Mas a qualidade do serviço está a perder-se? É que o [C] não sei se fica satisfeito. Nós estarmos num [C] que acreditamos que não só os diretores têm, normalmente, uma ideia que tentam passar, que a imagem que passam tem que bater certo com aquilo que estão a disponibilizar. E quando existe este desfasamento é um problema. Eu não sei até que ponto às vezes os pais, o *benchmarking* eu sei que eles fazem, por isso é que eles sabem que podem subir e esticam.



E muitas vezes têm que subir os custos sobem, porque querem criar umas valências e os pais, muitas vezes, não estão dispostos a pagar e podem ter que pôr isso dos custos mais à frente. Aqui a questão é a questão de envolver os pais, voltamos ao mesmo, à mesma pergunta se essa decisão que foi tomada é importante e é unanime para os pais, sem nunca fugir ao Projeto Educativo da escola. A escola pode dizer que é neste sentido, pode haver aqui algumas coisas para limar, mas não significa que a escola vai mudar. Porque o [C] é o que é por aquilo que as pessoas que estão à frente dele decidem fazer, são os diretores e todas as pessoas que dão suporte na área educativa e pedagógica e todas as pessoas inclusive que dão em termos de consultoria. Ou seja, no final deste conjunto não vão ser os pais que agora vão dizer, quem é o especialista na área da educação ou ensino? São vocês, não são os pais. Podemos limar aqui algumas coisas, acho que é isto.

Entrevistador: Considera que a escola beneficia com a intervenção dos pais nessas decisões? Que tipo de benefícios acarreta?

E4: A primeira coisa, minimiza o número de reclamações, logo. Isso é logo. Porque uma pessoa que diz uma coisa, não vai depois poder dizer o contrário, pelo menos a maioria, não vai ter a coragem. Eu tenho um compromisso, assumi um compromisso e agora vai dizer o que é o contrário. O que é que pode acontecer? Uma coisa como o COVID que pode fazer mudar coisas, mas isso muda o mundo todo. Isso minimiza logo essa questão das reclamações. Depois há claramente a questão do alinhamento com o Projeto Educativo, não vai decidir o Projeto Educativo, mas vai ajudar a limar algumas coisas. No final, quem vai tomar a decisão vão ser os diretores, mas vai tomar a decisão mais informada. Provavelmente aqui o truque é ter uma boa amostragem daquilo que é a Comunidade Educativa, porque se nós formos usar só aqueles que são os doutores e engenheiros da zona, não vai funcionar. Porque vamos ter pessoas que têm muita capacidade monetária para ter lá os filhos e se calhar têm a quarta classe. E se calhar, a amostragem no caso dos filhos, embora esteja lá as mães, se calhar também tem que ter lá os pais. Porque os pais por trás, também estão a dizer umas coisas. Se calhar a amostragem ser mais das mães, nem tanto dos pais, mas pronto. Na realidade ter uma amostragem que seja significativa, não muito grande se não é impossível gerir, mas que seja a voz daquilo que acontece na escola. E acho que isto também ajuda não só para a questão de não haver problemas e do alinhamento, mas também na questão de fazerem inclusive, criarem um compromisso para até que as coisas andem mais rápido. Pode repetir a pergunta outra vez a ver se me esqueci de alguma coisa?



Entrevistador: Se considerava que a escola podia beneficiar com o papel decisório dos pais e que vantagens ou benefícios poderia isso trazer.

E4: É esses dois, mais? A Escola provavelmente pode estar a gastar dinheiro em recursos que os pais não estão a valorizar nas crianças. E tempo. Eu acho, quando se faz a oferta formativa, por exemplo das atividades extra letivas, acho que é um caso específico, se criar uma sondagem a todos, se calhar vai haver algumas que nem são escolhidas. Mas por exemplo, a escola pode ter o programa que quer que algumas áreas sejam promovidas, isso é outro assunto. Mas se calhar em várias foca-se naquilo que realmente tem mais tendência, acho que isso tem todo o sentido. Eu, por exemplo, posso dizer que não chateei muito sobre isso, mas por exemplo no caso específico, eu já ando para aí há cinco anos, a escola tem uma *bland* que é *International School*, fala toda a gente inglês, *english*, *english*, o *english* era há vinte anos, hoje em dia é programar, programar, programar, a linguagem do futuro é programação, é inglês e programação. No programa educativo já está entrar na matemática isto agora, inclusive a forma de o fazer, não estamos a falar em ensinar a programar, mas criarem metodologias às crianças para elas perceberem, que no futuro, a linguagem são os computadores, é o Haiti, aquilo que hoje em dia, “Ah o engenheiro de Haiti”, não no futuro toda a gente vai ser engenheiro de Haiti, porque isso vai fazer parte do nossos dia-dia. O carro vai ser Haiti nos vidros, em todo o lado vai ser uma cena impressionante. Até nos óculos, onde for. Você usa óculos, por exemplo, há muita gente que agora não quer, no futuro vai querer, porque os óculos vão fazer muita coisa. E eu acho que, por exemplo a minha voz não era representativa dos pais, mas o mundo está a acontecer e eu acho que este é um exemplo claro em que não era a maioria dos pais, mas que à medida que se fosse tocando no assunto, a escola podia decidir meter ou não meter. E eu acredito que, acima de tudo os professores de outros anos, iam andar a falar isso. A partir do momento que houvesse uns pais a dizer isso ao mesmo tempo, eu acho que havia alinhamento. Não falam com os pais, não sabem. Depois, há uma escola que neste momento está a participar com o [C] que é uma atividade interessante. Eu sei de muitos pais que os querem lá meter, mas os únicos que os querem lá meter, não são os pais que têm capacidade monetária, porque a escola não é barata e os custos são muito grandes, muito altos. Se calhar alguns pais não se importavam de o ter em certas coisas, mas não naquele modelo. E o modelo que tem cria alguns problemas, nem todos os pais por exemplo, no caso do futebol, são como eu que sou benfiquista e deixam o filho andar na *Dragon Force*, isso é outra. Mas pronto, acho que a escola tem a ganhar nesse aspeto,



lá está aqui há sempre e rematando isto, a questão da amostragem para minimizar os recursos que são gastos nisto, ou seja aqui o truque é escolher uma boa amostragem que tente refletir, não são quem se propõem a fazer. A escola tem que ter uma ideia daquilo que é importante e que representa a escola, porque a escola tem esses dados. A escola tem as profissões das pessoas, as idades dos pais, tem a formação dos pais, tem uma série de coisas e consegue com um programa informático, com as pessoas que trabalham com a escola conseguem aleatoriamente, ele escolhe uma série de pessoas. E depois daquelas que escolhe pode perguntar quem está ou não está disponível e durante quanto tempo e é o suficiente. Acho que tem a ganhar bastante com isso. Mas lá está, eu estou cá desde dois mil e quinze, o [C] tem praticamente vinte, ou quinze, já nem sei. Mas já tem aqui um histórico grande, que eu possa estar aqui a cometer a heresia de andar aqui a pôr em questão muitas coisas que têm sido bem-feitas ao longo do tempo.

Entrevistador: Que desafios são colocados às escolas, mas também aos pais no que se refere à tomada de decisão destes na escola?

E4: É, essa pergunta é uma pergunta que tem uma resposta que eu vou ser sucinto, mas que nunca mais acaba. Ou seja, o mundo está sempre a mudar e cada vez mais rápido. Os ciclos económicos são mais rápidos, vocês com vinte e tal anos isto muda facilmente. Eu para ir para Lisboa, antigamente era um problema, os meus irmãos têm quinze anos de diferença de mim já pensam numa ótica não de Portugal, mas da Europa, porque com as viagens já se está em qualquer lado. Da maneira que eu ia antigamente para Lisboa era para deslocar tanto estou ali como estou aqui. O COVID fez repensar um bocadinho nisto, mas acho que se vai voltar ao mesmo. E tenho pessoas inclusive que já pensam ir para a Coreia do Sul ou para o Japão ou para a Argentina, vou para qualquer lado. E, ao mesmo tempo, toda a evolução tecnológica, a *internet* a pôr tudo na palma da mão, que antigamente havia uma fronteira, havia as questões da distância, agora a *internet* põem tudo na mão das pessoas, inclusive cria guerras e afins. Sempre as novas surpresas, inclusive pessoas que começam a transmitir aquela questão de a cada conto se acrescenta um ponto, sente-se isso no *WhatsApp*, sente-se isso no *Messenger*, as pessoas começam a exagerar. Tipo alguém na escola disse uma coisa, a seguir já vai fechar. Tudo é maior, mais rápido, mais incerto e obriga, cada vez mais, é difícil perceber o que se passa. Às vezes dou um exemplo de um professor meu que dizia que quando estiver num computador disseram-lhe que ele ia ficar com menos trabalho. E ele disse “Menos trabalho o caraças, agora levo o computador para todo o lado, até no avião estou a



trabalhar”. Mas somos nós que fazemos isso. E acho que esta é a realidade, ou seja, sinceramente é volátil, é incerto e a única maneira de ser incerto, nós temos que ter um plano obrigatoriamente como a escola tem um ano, cinco anos, um Plano Pedagógico e etc., mas tem que navegar à vista no contexto e envolver todos os decisores. Estamos a falar, neste caso, no caso dos pais, obrigatoriamente, mas eu tenho a certeza de que a escola envolve os decisores políticos, políticos locais, do Ministério e afins. E percebo que também poderá haver aí alguma dificuldade a gerir influências do próprio Ministério da Educação, expectativas, inclusive dos próprios professores, da comunidade docente e não docente. Está tudo a mexer e os pais, alguns, estão no *Facebook* hoje em dia e muitos dos *Facebooks* também são amigos dos que trabalham na escola ou já trabalharam e agora até se chatearam e estão a dizer coisas mal da escola, outros saíram ou vieram e estão a dizer maravilhas e depois a cada conto se acrescenta um ponto. Acho que manter a proximidade, um plano sim e navegar à vista, mas sem stress, percebendo que a questão da amostragem poderá ser uma vantagem. A pergunta era já agora para ver se não me escapou nada.

Entrevistador: Quais é que eram os desafios que eram colocados às escolas com o poder de decisão dos pais.

E4: É isso, eu acho que, os pais depois são influenciados por isto tudo. Em relação aos pais é isto, ou seja, os pais pela negativa ou pela positiva até podem, a escola só tem a ganhar em manter esta questão, porque depois os pais também podem estar a tomar decisões malucas, como não há, por exemplo, uma reunião mês a mês ou até não há tipo um Conselho onde por exemplo a Dr. [X] possa telefonar, ou peça uma reunião com este número de pessoas, e está feito. Não estamos aqui a falar numa teoria de criar um sindicato, porque isso tem um peso às vezes não tão positivo, porque a própria escola tem esta figura do Representante de Pais que é positiva, que já por sua vez a ideia é dar voz. Só que nós às vezes temos que ter a noção que acontece uma coisa, eu costumo chamar os leões indomados. Por exemplo nós temos uma coisa na EDP que leões domados sabe o que é que é? Ou seja, você dá a entender que tem um leão, tem poder, é representante, mas depois não faz nada, porque está domado. Vou dar um exemplo, a entidade reguladora dos serviços energéticos é um leão domado do governo, para quê? Para dar a entender ao consumidor que alguma coisa que regula, que não é verdade que não regula, que na realidade continua a ser o estado e a EDP. Só que, como as pessoas ficam com a ideia que existe uma entidade reguladora, pensam que estão protegidos e não estão nada.



E nós criamos a entidade representante e sub representante, mas se realmente não acontecer nada é um leão domado, que toda a gente pensa que existe, mas não existe. É muito condicionado em relação àquilo que a escola quer. Não sinto isso muito do [C], sinceramente. Mas sinto que, às vezes, quando o faz fico sem a certeza se na realidade já estão calejados de situações passadas dos pais exagerarem, como eu às vezes sinto. E eu próprio às vezes imagino que cometo esse erro e exagero. Eu acho que no final, estando todos juntos, ou a representação ser junta, ter um conselho acho que ajuda em relação a isso nos pais e no poder que eles têm em relação à escola e os desafios que existem na Educação, na *internet*, na segurança das crianças, que nós complicamos isto para caramba. Eu às vezes digo, por exemplo na Dinamarca as crianças dormem ao frio, tem um espigueiro, tem pessoas a viver na mesma arca, tem um espigueiro o ar entra por lá dentro, elas dormem à tarde na creche ao frio. E nós aqui ar condicionado e “Ai o menino que não sei quê”. Como agora no COVID, “Ai o menino pah.” Eles não podem, a escola tem que ter a janelas fechadas, ligar o aquecimento, sei lá porque tem a mania que é privado ou coisa parecida. E podem exigir algumas coisas, mas depois virem com as filhas virem para a escola de minissaia e soquetes é assim, isso é gozo. “Ah, mas a minha filha quer”, oh pah a sério. Mas a escola tem o papel de educar só até um ponto. E depois aí a minha resposta é evasiva ou até passiva, não dou a resposta. Sinceramente, se for importante, vão tocar no assunto outra vez. E isso claramente não é um assunto grave. E às vezes esta volatilidade, porque esta informação, o que faz com as tecnologias de informação acontecerem isto e o facto de vocês crescerem cada vez mais e nós próprios como pais estamos a fazer com que isto aconteça, porque o mundo tem que andar para a frente é um problema. E temos um desafio muito grande que a minha geração já está a falhar e acho que estão todos a falhar, espero que a vossa ajude, mas se formos como nós, vão fazer pior ainda que é a questão ambiental. Os desafios do ambiente, os desafios do planeta. Porque o aquecimento global, nós até podemos achar que até pode haver ciclos que possam subir e descer, mas ninguém pode dizer que não lixo nos oceanos ao pontapé e plástico por todo o lado, isto está evidente a todos. Há factos que não são para esconder. Ninguém pode dizer os recifes de corais estão a morrer, mas quando o recife de coral todo da América do Sul está a ir todo com o carago, é preciso as pessoas têm que entender o que é que se está aqui a passar. É preciso então que, por exemplo também que temos que gerir menos egoísmo, porque cada vez mais somos mais individualistas e as nossas crianças vivem à distância, estão assim como eu, vivem isto à distância, estamos aqui com um problema social em que eu não tenho a certeza se é bom ou é mau. Muita gente



diz que é mau, mas a evolução da humanidade tem levado a muita coisa. O que é que é mau? Eu hoje em dia, as pessoas dizem-me assim “As crianças hoje em dia nem sabem o prazer de ler um livro” e vocês já lhes perguntaram se elas querem ler? Elas se calhar vão poder ver o Harry Potter a três D, como se vivessem na sala quase holográfica, sentirem a história de princípio até ao fundo e viver, nunca na vida vão querer um livro. Aliás, se vocês só conhecessem isto, nunca queriam depois pegar num livro. Ou seja, eu acho que nós não somos capazes de perceber isso. Mas isso acrescentam-nos desafios. E a escola vai tomando decisões também em função disto e os pais também podem influenciar certas coisas, mas claramente o mundo é muito incerto, é aquela cena, voltamos ao mesmo. E manter a proximidade, neste sentido é difícil, a segurança da *internet*. Quer dizer, agora as crianças têm acesso a pornografia. Eu tenho um exemplo claro, eu tenho conta de criança do *Google*, tenho *anti cookies*, tive que esvaziar aquela cena e tive uma cena com o meu filho que carregou, partilhou o computador com alguém, isso qualquer pessoa faz, qualquer pessoa diz que é não sei quem, que é o [X] da turma dele, roubou-lhe o perfil diz que é o [X], eles põem-se a falar com ele, combinam e ele sai de casa. E isso assustame muito, porque nunca foi tão fácil. E por exemplo ser capaz, eu por exemplo sou capaz de não ter muita influência na sociedade, mas facilmente se consegue predar, fazer predador de uma criança que os pais são muito influentes, como nunca. E eu tipo, sem querer o meu filho carregou num link que foi parar a um site que é de cinema e de crianças, sem querer houve um erro e houve uma notificação, a minha esposa chamou-me e tinha lá, por acaso ele não viu, mas uma notificação de pornografia. Olhe eu falei com alguns pais e sabe o que é que aconteceu? Muitos pais dizem que não, têm tudo bloqueado e eu disse para eles irem ver certas coisas e encontraram os filhos a ver aquilo. A sorte é que como só têm sete ou oito aninhos neste caso, para eles aquilo era uma seca, queriam era desligar aquilo e olhar para o jogo. Mas eles viram, viram as raparigas a dançar, nuas em cima dos homens, essas coisas todas. A mãe viu isso teve uma reunião com o filho, roubou-lhe o computador e obrigou-o a ir para casa da avó, por exemplo neste caso. Mas isso cria desafios à Educação, por exemplo na área sexual, como é que a escola e o sistema de educação vão abordar um assunto destes? As crianças não estão preparadas para isso. Como é que vai fazer com que os pais, melhor ou pior, porque estamos a meter as novas tecnologias de informação na escola, cada vez estão melhor não podemos fugir, mas como é que estamos a criar isto? Eu sei que a professora [X], por exemplo, fez ações espetaculares à pouco tempo com isto. É o suficiente? Está longe de ser suficiente, cada vez está pior isto. Ou seja, a velocidade com que nós tomamos decisões aqui. Eu por



exemplo fiquei chateado, porque a escola usa vídeos em *Youtube* e não usa no *Youtube Kids*. Ou seja, para facilitar o trabalho aos professores, obrigam-nos a nós a libertar o *Youtube* para eles verem. O que é que acontece? Nós em casa temos que andar a controlar todos os conteúdos que eles usam. Como é que nós vamos fazer isso? É quase impossível. Nós podemos educá-los para eles não verem, como é que vamos fazer isso? Quando eles sem querer aparecem-lhes coisas à frente. Imagine no *Browser*, eu tenho as notificações na conta do meu filho todas desligadas do *Windows*. Porque o que é que acontece? Essa notificação veio à volta pelo *Windows*. E quando o *Windows* atualiza sem querer pode ter um erro e pôr aquilo visível outra vez. Como é que eu faço? No *Browser*, escondi o *browser* do *Etch*. Quem é que tem literacia como eu, quantos pais têm literacia como eu para saber onde é que está o *Etch* para lhe mudar o nome, de maneira que quando o *Windows* arranca não o vá buscar? E quando ele atualiza e corrige o *Etch* para voltar a usar, a criança não perceba que pode ir buscar o *Etch*. Porque eu não consigo desinstalar o *Etch*, porque eu tenho o *Chrome*, tenho conta para crianças, tenho conta do *Gmail* para crianças imagina da *Google*, consigo-lhe autorizar as aplicações que ele instala ou deixa de instalar, tem uma questão que quando ele sai do *Browser*, ele limpa as *cookies* todas, pelo menos sem ser as *super cookies* todas limpas, tenho um filtro *anti phishing* inclusive para armas e outras coisas assim. Quantos pais é que têm isto tudo? Porque depois o que é que acontece? Quando eu limpo as *cookies*, a seguir tem que meter as passes e depois ele queixa-se “Oh papá eu tenho que meter as passes e muitos amigos não têm”, então significa que os amigos estão neste momento, sem querer, estão desprotegidos em relação a isto. Está a ver o que significa? Ele tem que configurar o *teams* sempre para pôr preto como ele gosta, o fundo, agora na escola não estou a fazer isto no *tablet*, porque a própria professora até pediu a passe. Isto em termos de segurança começa a fugir às meadas. Porque você imagine na idade que você tinha, o [X] com sete anos apanhei-o a partilhar o ecrã e a ter controlo sob o computador do amigo, ele tinha bloqueado *Youtube*, estava a jogar e a fazer *Youtube* no computador do amigo e em grupo, eles todos, com sete anos. Ou seja, eu acho que os pais têm que ter influência nisto, os pais têm que ter poder de decisão e a escola tem que perceber isso, porque há muitos pais, como eu lhe estou a dizer, inclusive com todo o devido respeito, inclusive nota-se que a escola é ponderada nisto. Porque há médicos, o pessoal para ser médico não sabe tudo, eu por exemplo soube de coisas que “Ai o médico disse que para você, como são uma escola verde inclusive para não meter *sprays*, porque até gasta, basta as crianças meterem a mochila cá fora”. Eu pergunto quantos pais sequer é que têm a paciência de com três filhos para se lembrar



que têm que meter a mochila cá fora. Segundo, se não chover, terceiro que passe ar, quarto que seja uma zona que não tenha o COVID, porque também se for de transição anda lá o COVID, que anda para trás e para a frente de alguém. O médico que disse isso não tem sentido, isso nunca na vida funciona. O [C] nunca se vai sentir salvaguardado, se quiser fazer as coisas em condições, com uma ação deste género e é médico. Não sei quem é que disse, mas isso é uma estupidez berrante que não percebe nada de excelência operacional e ousa do comportamento humano no geral. Foi bom aluno e foi para médico, pronto e percebe umas coisas e anda desligado do tempo. Se o [C] falar com dois ou três médicos, de certeza que nem todos vão dizer a mesma coisa. De certeza, para falar só com um, aí até é médico para que é que isso serve? Se fosse assim também o diretor do hospital era médico e não é, de propósito. Ou seja, eu agora estou a perder muito tempo nesta conversa, que eu disse que isto não vai acabar e, portanto, é para fechar esta pergunta. Mas os pais têm poder e têm que ter poder sobre isto, porque muitos são especialistas em muitas áreas e neste momento, o mundo muda tão rápido e até é uma vantagem para o [C] ter pessoas, neste caso, o [C] tenho a certeza, porque a qualidade de muitos dos pais do [C] ou são doutores ou são engenheiros ou são donos de empresas xpto. Isso significa que pode tirar partido deles como consultores também e não pode desprezar isso, inclusive se quiser marcar a diferença ao longo do tempo no Projeto Educativo. Acho que até é bom, inclusive com a escola, com a Paula Frassinetti e etc. que também tem não só em Lisboa como no Porto e que tem a sua marca também no mundo e no país. Eu acho que só temos a ganhar com isto.

Entrevistador: A última pergunta era se gostaria de acrescentar alguma coisa ou enunciar algo referente a este tema que não tenha sido referido?

E4: Você acredita que não acha que já falei demais? Acho que já falei muito. Não, acho que não. Estou aqui a pensar. Em relação aos pais, até já abordei outros assuntos que não têm muito a ver com isto. Eu acho que, na realidade, o que falei já cobre todas as situações que possam aparecer. Posso reforçar aquela questão da informação versus comunicação e nisto, o *e-mail* só por si só, provavelmente não nos interessa ter muitas plataformas, mas provavelmente, porque nós já temos o *High School*, temos muita coisa que está digitalizada, a *ClassDojo* e depois os pais perdem-se e dispersam-se. Não vale a pena criar muitos meios de comunicação, o meio oficial é o *e-mail*, mas obrigatoriamente o *High Shcool* ou a *ClassDojo* ou alguma coisa que conjugue. Quando existe uma circular eles agrupam por exemplo por temas e os pais podem ver aquilo que realmente é



importante. Imagine um pai com três filhos na escola a receber *e-mails* de um ou vários anos, parece a caixa de correio de uma empresa. Eu acho que, eles vão ter que perceber claramente que há *e-mails* que são informativos, há *e-mail* que têm a ver com eventos que a escola pode fazer. Olhar para eles e dar a entender, recebemos todos sequencialmente, têm todos a mesma ordem de importância, sinceramente parece-me que não tem sentido. Acho que uma informação que uma criança tem COVID na minha turma, tem muito mais importância do que por exemplo a do décimo segundo ano. E qualquer uma delas vai ter muito mais importância do que por exemplo um evento cultural da escola que vai acontecer. Por exemplo, ou um evento qualquer que uma turma está a recolher alimentos ou coisa parecida. Obrigatoriamente, eu trato dos primeiros, maltrate dos primeiros vou tratar dos outros todos. E agora o que é que acontece? Se estiver no *ClassDojo*, por exemplo ou no *High School*, andar aqui a criar mais treta é complicado. Eu sei que dá trabalho, mas por exemplo eu sei que por outras plataformas, a escola consegue automatizar esses fluxos de *e-mail* para mandar informação diretamente, não sei se existe essa informação para o *ClassDojo*, mas se calhar com um robô consegue criar isso. Eu acredito que isso, pondo essa questão ao Haiti poderá ser fácil, sem dar mais trabalho aos professores. Aqui a questão é que também é preciso decidir aquilo que é prioridade há *e-mails* que, eu recebo não sei quantas circulares, então com o COVID, a minha esposa desliga, ah o [X] é que trata. Mas há questões que temos que ser os dois, se eu me esqueço, já aconteceu, eu há pouco tempo, eu sou uma pessoa que raramente se esquece das coisas, e por isso é que normalmente é grave, a minha esposa até me dá nas orelhas sempre que eu me esqueço. E esqueço-me porquê? Porque houve um dia ou dois que tinha tantos *e-mails* para ler, dei as prioridades erradas, tenho *e-mails* de trabalho, tenho *e-mails* da escola, é *WhatsApp*, eu também tenho as minhas coisas todas e a minha vida pessoal e andava a trabalhar bastante, andava num período mais chato. Dei a prioridade errada, ainda por cima chateei a escola porque a escola pôs as coisas avulso, a alimentação cortou porque ele foi para casa, depois disse que pôs avulso a alimentação. O [X] come todas as semanas lá imaginemos, todos os dias, come sempre, pôs avulso. E eu tantos *e-mails* por alto li avulso, realmente chamei à atenção da escola. Nunca me fui lembrar que avulso tinha que ir marcar ao portal, pimba levei uma multa todos os meses. E eu até sou a favor da multa, porque os pais que estão avulso têm que marcar a alimentação, eu sou a favor disso, tem que haver responsabilidade. Só que eu digo assim, “Mas o meu filho come todos os dias, porque é que agora é avulso e tenho que marcar eu, quando ele come todos os dias quando vai para a escola?”. Já podem contar com ele, se vai para a escola come lá



todos os dias, porque é que agora vou ter que marcar? Estão a passar esse trabalho para o lado dos pais? Então qual é o objetivo? É pagar isto porque há um custo e falta de operacionalidade ou então é passar o trabalho para o lado dos pais e tirar a responsabilidade da escola? É que depois eu fico na dúvida do que é que é. Mas, esta questão da comunicação acho que podia ajudar em relação aos pais para tratar prioridades. O que é importante é saber que é importante, ele aleijou-se ou está a correr alguma coisa mal, ou há um caso de COVID como está a acontecer agora, isto é urgente. Os eventos não são urgentes, mas fazem parte da comunicação geral da escola. Por exemplo basta se calhar dois níveis, o que é para já, à semelhança do que a escola faz, porque a escola faz isso, a escola exige isso, comunicações mandem por *e-mail*, caso contrário vá ao [C] urgente. Mas não faz isto para os pais. Está a ver a ideia? Mas sinceramente eu já falei sobre tantas coisas e acho que não vale a pena falar sobre muito, porque Roma e Pavia não se fizeram num dia e aquilo que estou a dizer agora é para ir vendo à medida, porque daqui a seis ou nove meses já é diferente. Portanto, a ideia é manter a comunicação, ter um plano, mas ir navegando à vista e mantendo isto minimamente vivo e interagindo, porque acho que o [C] tem bastante a ganhar com isto.

Entrevistador: Esta foi a última questão. Queria então agradecer, mais uma vez, a sua colaboração, o seu contributo.

E4: Boa.



Apêndice 13 - Tabela 5: Dimensões de análise da entrevista ao Representante de Pais

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Evidências
Relação Escola-Famílias-Comunidade	Importância da Relação Escola-Famílias-Comunidade	Comunicação entre escola e famílias	<p>“(…) acho que tem que haver uma interação se calhar numa base diária, mas frequente para que haja um alinhamento entre as expectativas do pai inclusive do comportamento social e as condições económicas, que acho que seja fácil de prever (…)” (E4)</p> <p>“(…) os valores e as crenças e essas coisas que as crianças vão criando está muito dependente da educação que têm em casa. Mas, muito daquilo que são os valores da sociedade e outras coisas, que muitas vezes existem lacunas na própria escola e algumas coisas que os pais querem, se não houver esta comunicação, eu acho que é difícil, estando a criança às vezes oito horas ou nove horas por exemplo na escola, quando os pais às vezes só estão três ou quatro horas, acho que é muito difícil tirar de parte o papel da educação.” (E4)</p>
		Adaptação das necessidades ao contexto educativo	<p>“(…) a escola possa ir (….) por grosso e adaptando aquilo que são as necessidades não só de ensino, mas acima de tudo neste caso se calhar educativas ao contexto que se vai vivendo de forma social.” (E4)</p>



Vantagens da participação dos pais na escola	Alinhamento e informação	<p>“Eu acho que vantagens claramente o alinhamento, alinhamento dos contextos que se vão moldando (...)” (E4)</p> <p>“O alinhamento e a informação para perceber se toda a gente está alinhada no que se está a passar, inclusive nesse caso gestão de expectativas, porque não só por parte dos pais, como também por parte da escola.” (E4)</p>
Desvantagens da participação dos pais nas escolas	Comunicação excessiva	<p>“(...) a comunicação a mais, ou seja, também está muito aberto, também pode criar um problema, porque essa abertura é demasiada, (...) se a frequência for falar com os pais uma vez por trimestre, a coisa dá, mas se começarmos a ser abertos falar todos os dias ou todos os meses afogamo-nos na própria melhoria.” (E4)</p>
	Exigências dos pais	<p>“(...) a desvantagem acho que acima de tudo é, pelo mesmo motivo, as exigências que nós fazemos e as expectativas, neste caso, gorarem, quando na realidade pode não haver esse alinhamento.” (E4)</p>
Estratégias de envolvimento parental na instituição	Participação em eventos	<p>“Acho que, qualquer atividade que façam não tendo este trabalho por trás mínimo, às vezes através do inquérito, de preferência juntando as pessoas de vez em quando, se isso não acontece o número de pessoas que aparece, por exemplo num evento relacionado com a nutrição, ou outras coisas que a escola faz e bem, o número de adesão é sempre muito inferior, muito em relação àquilo que pode ser.” (E4)</p> <p>“Eu acho que existem eventos que obrigatoriamente nunca ninguém, muitos poucos vão conseguir ir e que até são interessantes (...)” (E4)</p>



		Falta de comunicação entre a escola e as famílias	<p>“(…) as iniciativas todas que a escola está a lançar, eu não vejo nenhuma, comigo pelo menos, que tenha sido feita em cooperação com os pais, nenhuma (…) E acho que o facto (…) se isso acontecer é muito mais difícil cativar os pais.” (E4)</p> <p>“(…) acho que aqui esta questão da comunicação, sinceramente não acontece, mas é o que eu lhe digo consegue-me levar e a muitos pais a assuntos relacionados com a nutrição ou assuntos relacionados com (…) com o <i>bullying</i>. Mas o que eu quero dizer é que levam, mas depois o anfiteatro, por exemplo numa questão do <i>bullying</i>, eu fui e o anfiteatro da Escola estava nem a um terço, estava para aí a um quarto.” (E4)</p>
Representante de Pais	Funções do RP	Facilitar a comunicação da escola com os pais	<p>“Tenho um problema grande que é meter a calda na fervura, como é que eu vou fazer isso com um Pai? Porque está alguém a ferver e quer ser satisfeito.” (E4)</p> <p>“Também tento encaminhar as pessoas e no caso de ser grave inclusive dou importância no tempo, ou seja, existe a secretaria quando não é grave ou alguma coisa simples vá amanhã ou depois vê-se, mas tem que tratar.” (E4)</p>
		Representar os pais	<p>“Eu tenho que perceber, eu sei mais ó menos o projeto da Escola inclusive se for uma coisa grave eu posso ter que ir ver. Mas antes disso tudo, eu tenho que perceber se aquilo é um caso isolado (…) Ou se é um caso que representa a turma.” (E4)</p>
Poder de decisão dos pais na instituição	Oportunidade de decisão dos pais na escola	Os pais têm oportunidade de decidir	<p>“Sim, os pais têm poder na escola. Só que os pais chegam a um ponto pensam que se calhar têm mais poder do que o que têm.” (E4)</p> <p>“Acho que os pais têm poder de decisão a partir do momento que o grupo de pais é suficientemente grande para o fazer.” (E4)</p>



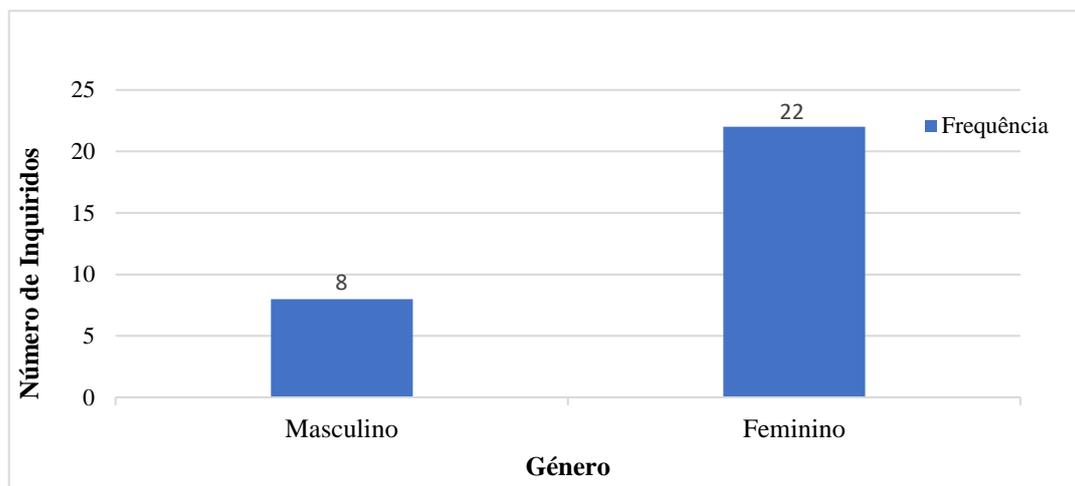
			“(…) se essa decisão que foi tomada é importante e é unanime para os pais, sem nunca fugir ao Projeto Educativo da escola.” (E4)
	Benefícios da intervenção dos pais nas decisões da escola	Minimiza o número de reclamações	“A primeira coisa, minimiza o número de reclamações, logo. Isso é logo. Porque uma pessoa que diz uma coisa, não vai depois poder dizer o contrário, pelo menos a maioria, não vai ter a coragem.” (E4)
		Alinhamento com o Projeto Educativo	“Depois há claramente a questão do alinhamento com o Projeto Educativo, não vai decidir o Projeto Educativo, mas vai ajudar a limar algumas coisas. No final, quem vai tomar a decisão vão ser os diretores, mas vai tomar a decisão mais informada.” (E4)
		Compromisso entre a escola e as famílias	“Na realidade ter uma amostragem que seja significativa, não muito grande se não é impossível gerir, mas que seja a voz daquilo que acontece na escola. E acho que isto também ajuda não só para a questão de não haver problemas e do alinhamento, mas também na questão de fazerem inclusive, criarem um compromisso para até que as coisas andem mais rápido.” (E4)
Desafios da tomada de decisão dos pais na escola	Desafios da escola	Envolver todos os decisores	“(…), nós temos que ter um plano obrigatoriamente como a escola (...) um Plano Pedagógico e etc., mas tem que navegar à vista no contexto e envolver todos os decisores. Estamos a falar, neste caso, no caso dos pais, obrigatoriamente, mas eu tenho a certeza que a escola envolve os decisores políticos, políticos locais, do Ministério e afins.” (E4) “(…) muitos são especialistas em muitas áreas e neste momento, o mundo muda tão rápido e até é uma vantagem para o [C] ter pessoas (...) Isso significa que pode tirar partido deles como consultores também e não pode desprezar isso, inclusive se quiser marcar a diferença ao longo do tempo no Projeto Educativo.” (E4)



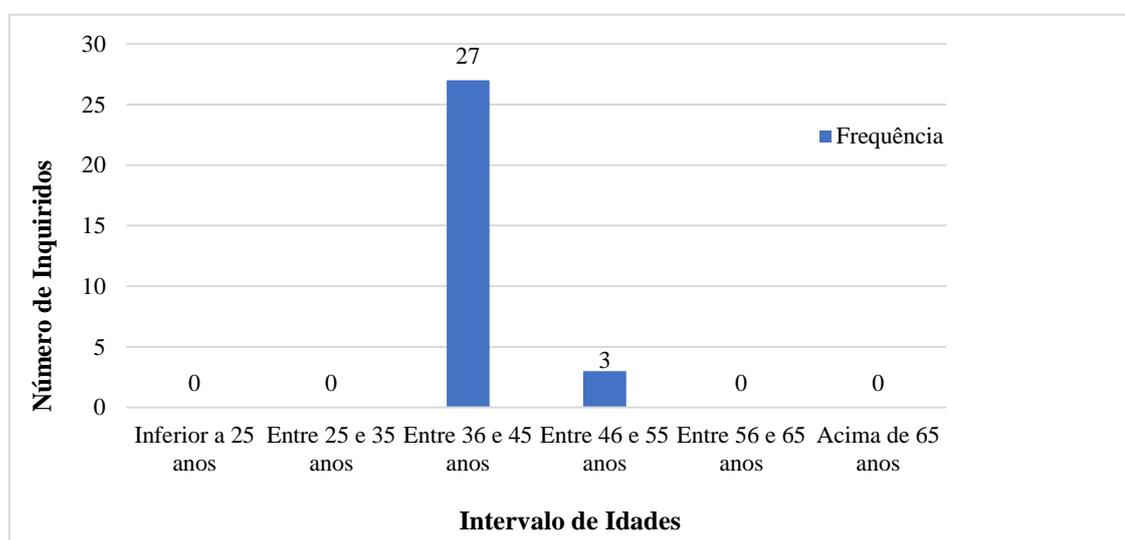
Desafios das novas  
tecnologias/*Internet*

“Eu acho que no final, estando todos juntos, ou a representação ser junta, ter um conselho acho que ajuda em relação a isso nos pais e no poder que eles têm em relação à escola e os desafios que existem na Educação, na *internet*, na segurança das crianças.” (E4)

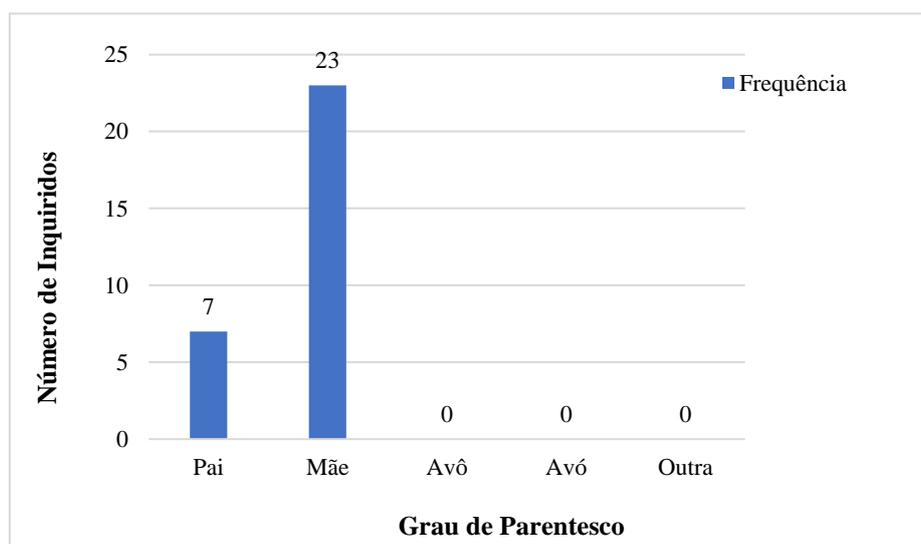
Apêndice 14 - Gráfico 3: Género dos inquiridos



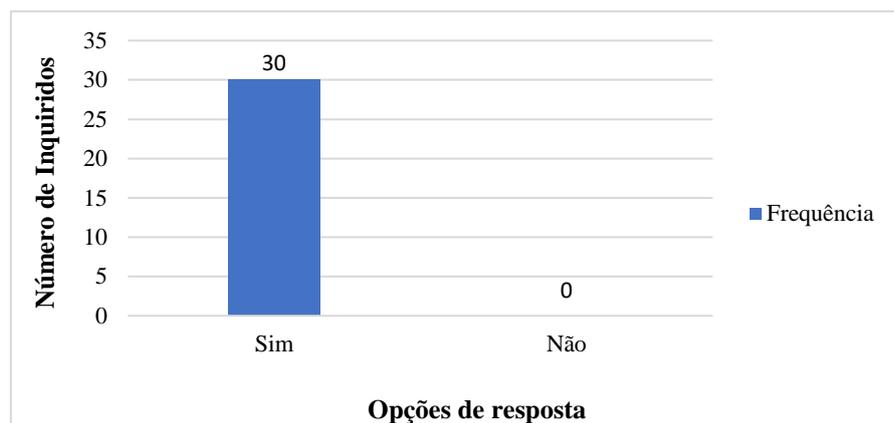
Apêndice 15 - Gráfico 4: Idade dos inquiridos



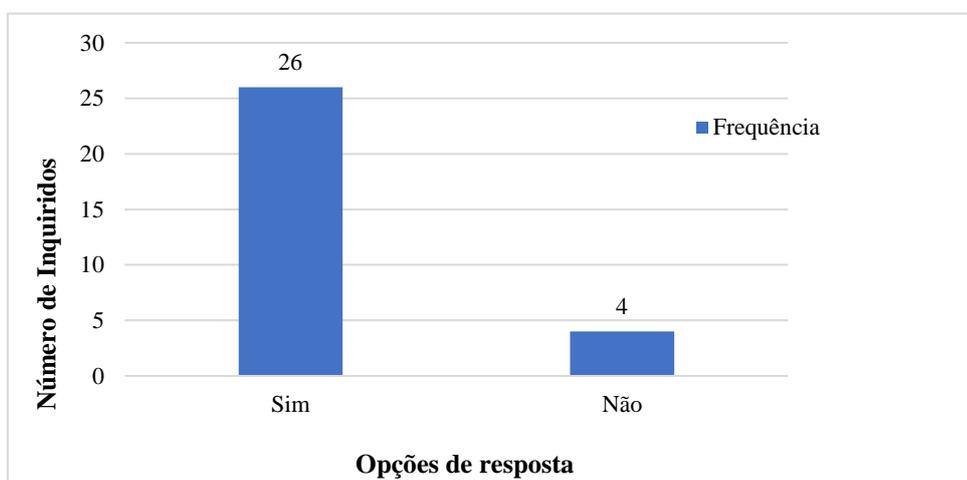
Apêndice 16 - Gráfico 5: Grau de parentesco em relação ao aluno



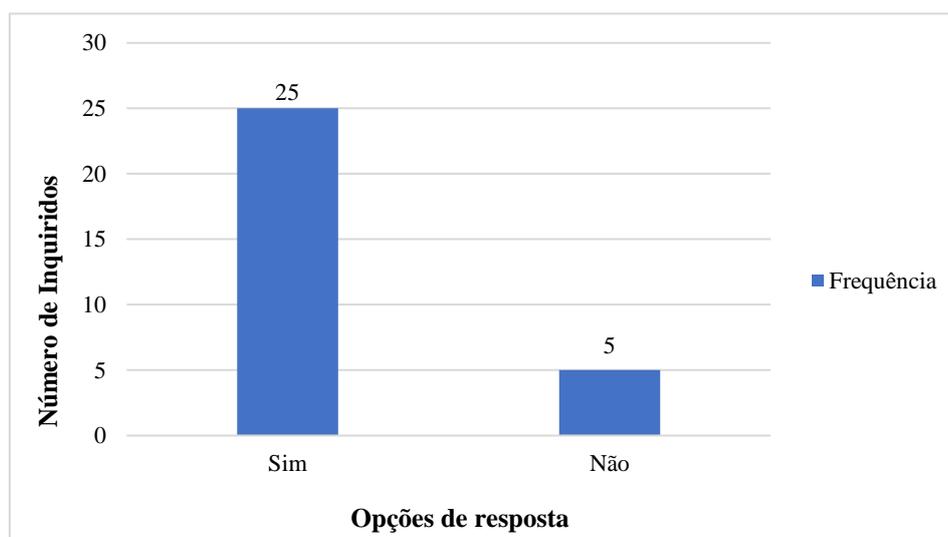
Apêndice 17 - Gráfico 6: Existência de vantagens no envolvimento parental



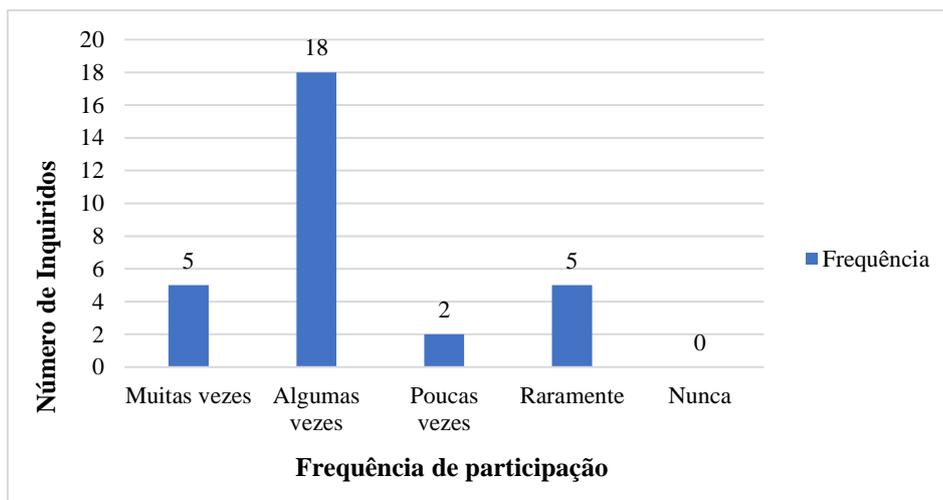
Apêndice 18 - Gráfico 7: Existência de um papel ativo dos EE na instituição



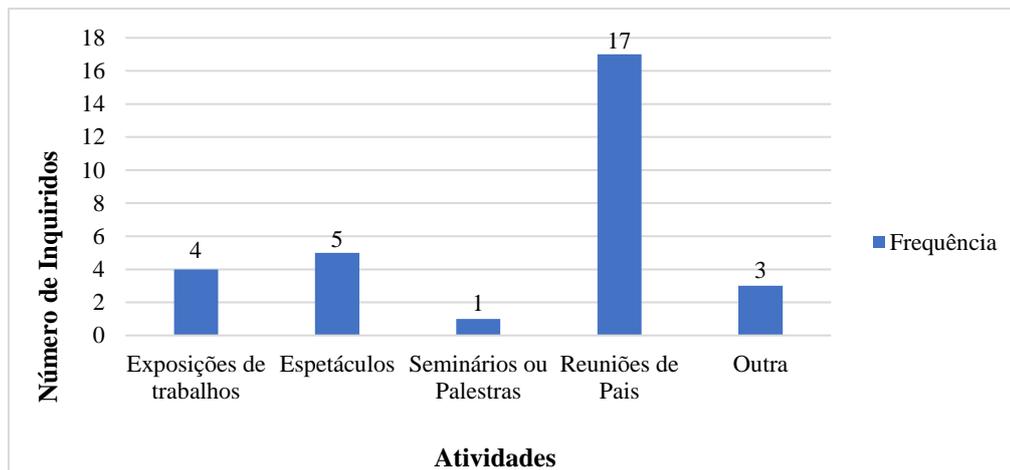
Apêndice 19 - Gráfico 8: Promoção da participação das famílias na instituição



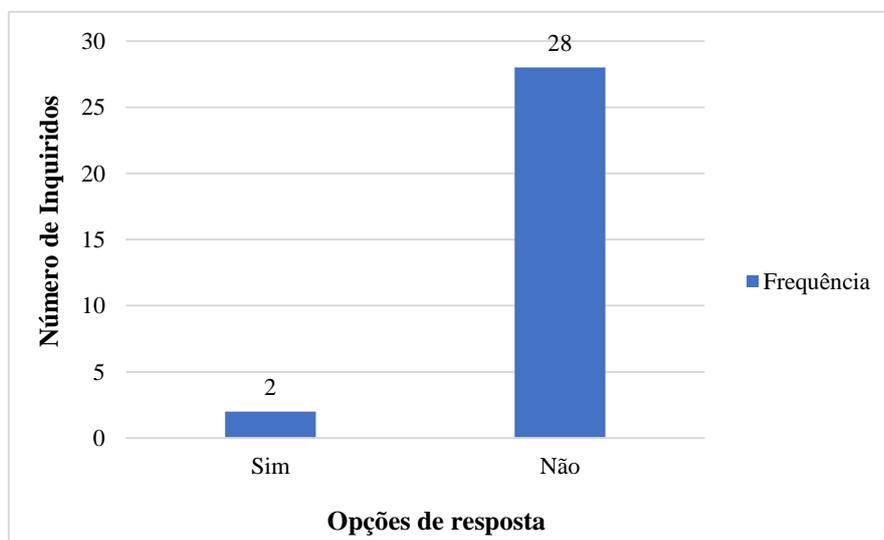
Apêndice 20 - Gráfico 9: Frequência da participação das famílias na instituição



Apêndice 21 - Gráfico 10: Atividades em que os EE participam

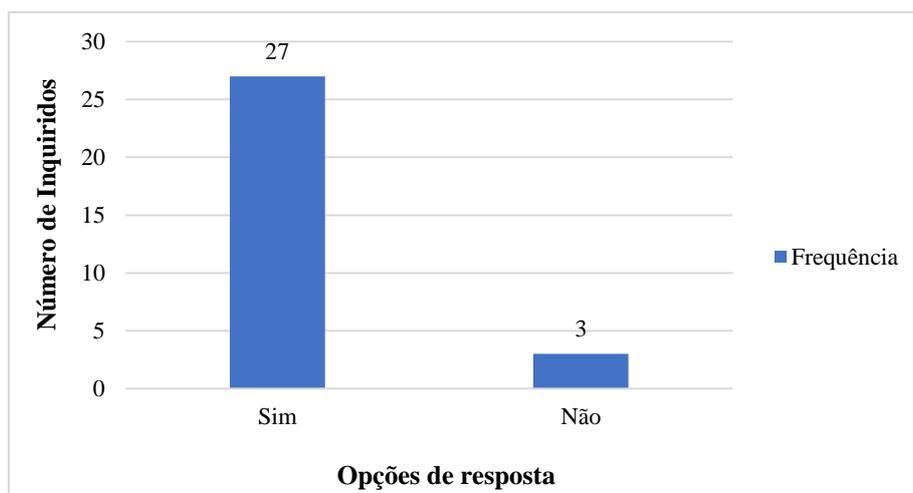


Apêndice 22 - Gráfico 11: Existência de constrangimentos na relação Escola-Famílias

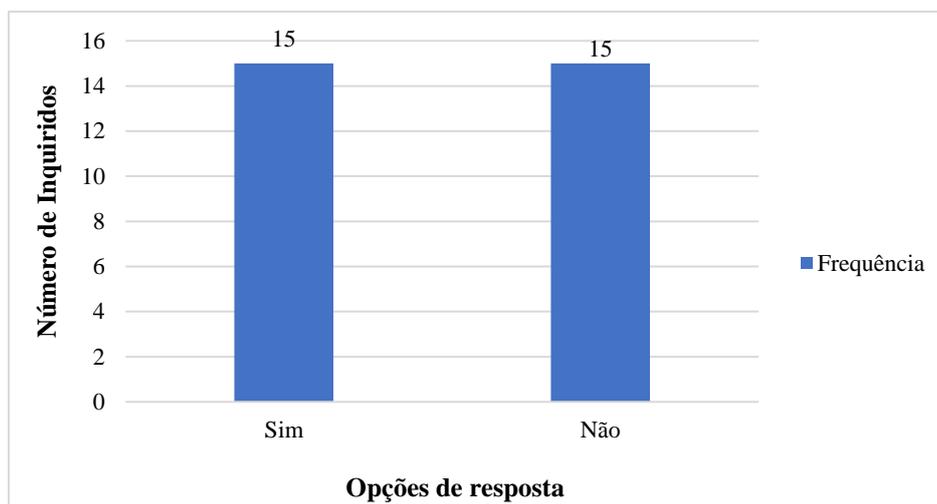




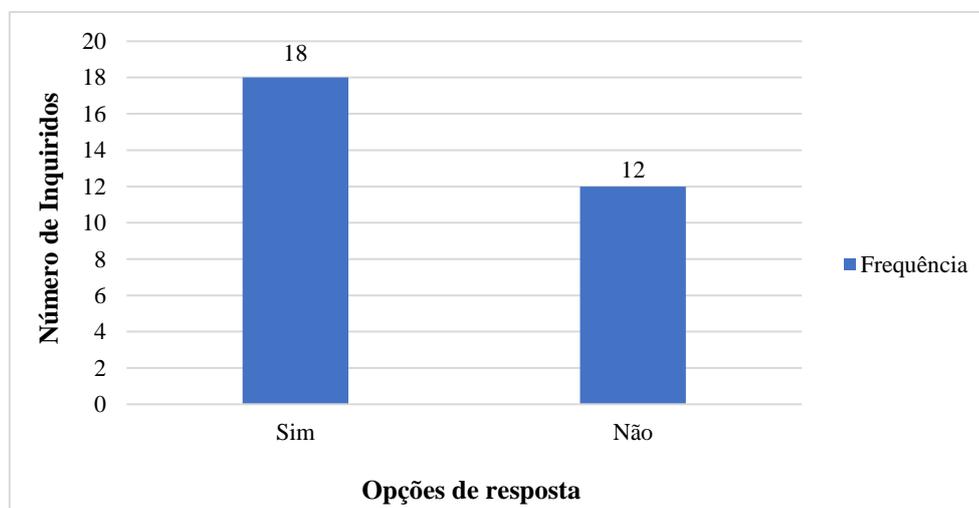
Apêndice 23 - Gráfico 12: Importância da eleição de um Representante de Pais na escola



Apêndice 24 - Gráfico 13: Existência de uma AP na instituição

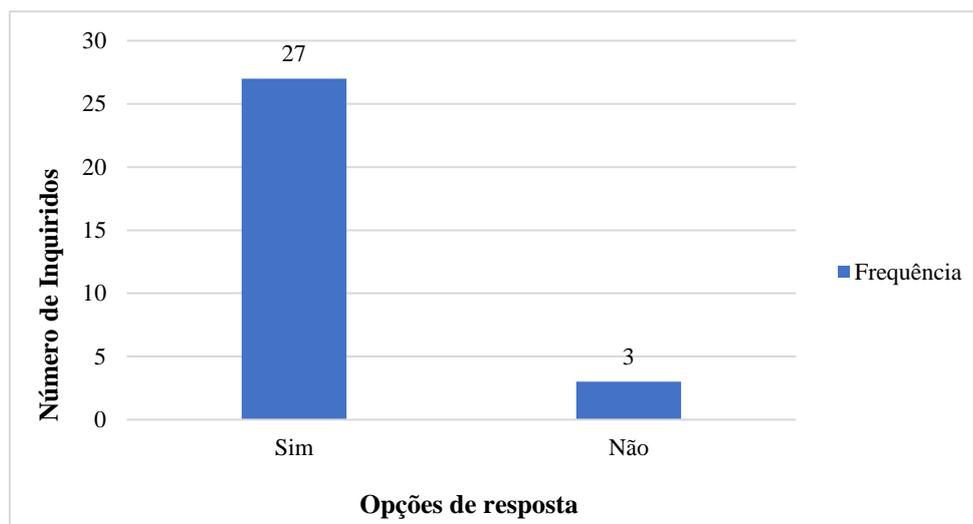


Apêndice 25 - Gráfico 14: Existência de poder de decisão na instituição





Apêndice 26 - Gráfico 15: Existência de benefícios na tomada de decisão dos pais na escola



Apêndice 27 - Tabela 6: Dimensões de análise do Inquérito por Questionário aos EE

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Evidências
Relação Escola- Famílias- Comunidade	Vantagens do envolvimento parental	Desenvolvimento e aprendizagens das crianças	<p>“É dos aspetos mais fundamentais, para que os educandos atinjam os patamares mais elevados na aprendizagem das matérias curriculares.” (I1)</p> <p>“Sim, estabelece um vínculo e uma relação de confiança extremamente importante para o sucesso escolar e uma ação de melhoria contínua.” (I4)</p> <p>“Maior desenvolvimento.” (I8; I16; I19; I27)</p> <p>“Se os pais estiverem envolvidos há uma maior ligação entre as aprendizagens/experiências que acontecem em ambos os meios, tornando a formação pessoal, académica e social mais completa.” (I21)</p> <p>“O envolvimento parental é fundamental para o correto desenvolvimento do processo educativo do aluno/educando. Os pais devem acompanhar, auxiliar e apoiar ativamente todos os processos formativos dos seus filhos/educandos. Só assim haverá harmonia entre a vida escolar e familiar e só assim é que a criança terá um desenvolvimento completo e saudável.” (I22)</p> <p>“A educação dos alunos é resultado de uma parceria escola-casa pelo que o envolvimento e compromisso de ambos os lados só potencia melhores resultados (...)” (I30)</p> <p>“Quanto mais próximo for o contacto entre os intervenientes na educação, melhor para a criança.” (I11)</p>



	Desenvolvimento emocional das crianças	“(…) é na escola que os miúdos passam mais tempo e onde estabelecem importantes relações interpessoais, quer com colegas, quer com docentes e outros funcionários. Relações essas que serão fulcrais para o seu desenvolvimento emocional.” (I17)
	Sinalização de dificuldades dos alunos	“(…) é na minha opinião a única forma de podermos atuar de forma atempada e assertiva nas necessidades do educando.” (I18; I20) “(…) ajuda a sinalizar dificuldades dos alunos.” (I25)
	Estreita a relação Escola-Famílias	“Proporciona conhecimento e ligação dos agentes em questão, pelo que serve como facilitador na resolução de problemas e na vinculação e articulação de mensagens importantes.” (I2) “Aproxima a escola da família.” (I28) “Partilha de experiências, de saberes e até de sentimentos entre escola e Encarregados de Educação contribui para uma aproximação, que traz com certeza uma mais-valia para todos.” (I7; I10) “É essencial o trabalho continuado e coerente entre a casa e a escola, que só se consegue com uma participação ativa com os pais na escola e sendo necessário que a mesma tenha abertura para tal.” (I3) “(…) havendo esta participação é importante para saber o que se passa no [C] e vice-versa.” (I5) “Permite influenciar as decisões da escola em relação ao futuro.” (I12)



		<p>Integração e adaptação na Relação Escola-Famílias</p>	<p>“Os Encarregados de Educação, pais, são parte integrante do processo ensino-aprendizagem.” (I15)</p> <p>“A educação tem de ser totalmente integrada entre escolas e pais para ser bem-sucedida.” (I24)</p> <p>“(…) os pais são parte fundamental da educação dos seus filhos.” (I26)</p> <p>“Adaptação e alinhamento de necessidades num mundo em constante e cada vez mais rápida mudança.” (I9)</p>
		<p>Acompanhamento/ Continuidade em casa por parte dos pais</p>	<p>“Estar ao corrente do dia-a-dia e da vida dos nossos filhos no [C] é essencial para eles se sentirem acompanhados e amados.” (I6)</p> <p>“Porque há um maior conhecimento e proximidade do aluno.” (I13; I14)</p> <p>“Sim, pois os nossos educandos sentem-se apoiados na sua viagem escolar e a escola também pode ouvir as nossas opiniões sendo elas válidas ou não.” (I20).</p> <p>“Para poder dar continuidade em casa ao que se faz na escola.” (I23)</p>
<p>Papel dos EE na instituição</p>	<p>Ouvidos pela escola</p>	<p>Valorização da opinião das famílias</p>	<p>“São informados atempadamente do que se passa na comunidade educativa, são ouvidos com frequência sobre a sua opinião sobre determinados assuntos e é lhes permitido apresentar soluções que permita a melhoria dos aspetos negativos. São também ouvidos sobre formas inovadoras que possam ser implementadas no estabelecimento de ensino.” (I1)</p> <p>“Damos a nossa opinião em diversos temas e somos também chamados a intervir.” (I4)</p> <p>“Partilha de opiniões, sugestões.” (I15)</p>



Envolvimento e participação			<p>“Os EE colaboram em algumas iniciativas proposta pelo [C] e a opinião dos EE é tida em conta pela direção (...)” (I18)</p> <p>“Pedem opinião e após análise implementam o que é melhor para o [C].” (I23)</p> <p>“Sempre que temos feitos pedidos de dúvidas em relação a acontecimentos escolares, eles pensam no caso e dão nos sempre a opinião deles.” (I20).</p> <p>“Não existem qualquer barreiras entre o [C] e os EE. Sempre que é oportuno o [C] está disponível para nos receber e auxiliar na resolução de quaisquer problemas.” (I17)</p>
		Participação através da Representação de Pais	“Seja diretamente ou indiretamente através dos seus representantes.” (I9)
		Colaborar nos trabalhos	“Todos os pais têm a possibilidade de se “fazer ouvir” junto do [C] pelos canais criados para o efeito. Além disso a participação das famílias é encorajada pelo [C], nomeadamente através da participação com atividades nas salas, ou elaboração de atividades/trabalhos em casa (...)” (I21)
		Nas atividades e projetos da instituição	<p>“Somos várias vezes envolvidos, quer no âmbito mais geral por exemplo a nível do projeto [X], como a nível mais individual na colaboração e partilha de experiências na turma.” (I7)</p> <p>“Participamos sempre que quisermos.” (I8)</p> <p>“Os pais participam ativamente na vida escolar dos seus filhos.” (I11; I13; I22)</p> <p>“Das experiências que tive, prevalecem sempre as premissas do [C], não sendo a mais favorável a nível familiar, por vezes.” (I14)</p>



			<p>“A pandemia trouxe condicionantes, mas poderiam existir mais oportunidades de participação dos pais nos projetos.” (I24)</p> <p>“Somos envolvidos em atividades.” (I6; I28)</p> <p>“É prática do [C] ter em conta os <i>inputs</i> dos pais na melhoria das condições, atividades e qualidade do ensino, bem como a promoção de dinâmicas que permitam a sua participação.” (I30)</p> <p>“Um papel ativo no desenvolvimento do aluno e não tanto do [C].” (I10)</p>
		Contacto/Relação com a instituição	<p>“Temos contacto regular com o [C] e com a professora titular.” (I2)</p> <p>“Há uma grande proximidade às famílias.” (I19)</p> <p>“Existe um acompanhamento adequado ao que se passa na escola.” (I26)</p> <p>“Agora devido à conjuntura atual apenas através da <i>Classdojo</i>.” (I16)</p> <p>“Temos reuniões frequentes com os professores titulares, nalguns casos serviço de psicologia e direção. Estão por norma acessíveis.” (I3)</p>
	Pouca relação Escola-Famílias	Desvalorização da opinião das famílias	<p>“Poucas ou nenhuma ideias ou sugestões acabam por serem implementadas.” (I12)</p>
		Poucas reuniões	<p>“Poucas reuniões.” (I27)</p>
	Constrangimentos na relação Escola-Famílias na instituição	Relação unilateral	<p>“Uma relação muito unilateral da parte da direção.” (I14)</p> <p>“Algumas questões que a direção considera delicadas são ignoradas (...)” (I3)</p>



Importância da AP na instituição	Muito importante	-	“Máxima.” (I1) “É muito importante para tratamento de questões de interesse comum tanto para o [C] como para os pais.” (I4) “Das mais altas.” (I9) “Muita.” (I15)
		Comunicação Escola-Famílias	“(…) já existiu essa associação, mas actualmente já não está operacional. Seria importante, nomeadamente agora com esta situação actual de pandemia em que vivemos uma vez que facilitaria a comunicação dos pais e o [C].” (I17) “Transmitir ao [C] as preocupações ou sugestões dos pais, com vista a um perfeito entendimento.” (I11) “Como interlocutor para os problemas de índole geral.” (I25)
	Pouca	-	“Pouca, acho que não tem expressão na vida ativa do [C].” (I14)
	Desconhecida	-	“Desconheço.” (I3; I10)
Poder de decisão das famílias na instituição	Ouvir as opiniões das famílias	-	“Penso que muitas decisões relativamente aos educandos são discutidas com os pais, fazendo-os sentir à vontade para decidirem por si.” (I2) “O [C] procura perceber através da constante informação enviadas das necessidades das famílias e procura dar a melhor resposta.” (I4; I11) “Quando existe algum assunto que os pais querem esclarecido, há abertura para se dialogar e tentar ultrapassar ou melhorar.” (I6)



			<p>“Não é propriamente poder de decisão, mas sim poder de influência uma vez que todos os anos existem reuniões de pais com os responsáveis do [C], onde são alertados aspetos evidenciados pelos pais e que a direção leva em conta.” (I17; I18)</p> <p>“Podemos expor as nossas opiniões/sugestões/preocupações e em algumas circunstâncias já vimos as mesmas serem levadas em consideração.” (I8; I21; I30)</p> <p>“O [C] tem a preocupação de ouvir as famílias para tomar decisões importantes.” (I28)</p> <p>“Através da participação nas reuniões de EE, expondo os seus pontos de vista e chegando a concebais, sempre que possível, com a direção do [C].” (I22)</p>
		Através do representante dos EE	<p>“Através do representante dos Encarregados de Educação.” (I1)</p> <p>“Participando em vários projectos e também sendo ouvidos através dos representantes dos pais.” (I7)</p>
	Relação/Contacto das famílias com a escola	Corpo docente	<p>“Decisão no corpo docente a longo prazo.” (I10)</p> <p>“Através dos contactos com os docentes e a direção.” (I25)</p> <p>“Cooperativo.” (I9)</p>
		Direção	<p>“Quando algo corre mal a direção toma medidas.” (I23)</p>
Benefícios do poder e tomada de decisão para as famílias	Garantir os direitos dos alunos	Aprendizagem dos alunos	<p>“O mecanismo de ensino aprendizagem ser realizados nos patamares mais elevados.” (I1)</p> <p>“Verem garantidos os direitos dos seus educandos.” (I15)</p> <p>“Têm o apoio necessário para, em conjunto com a escola, ajudarem os filhos da melhor forma.” (I19)</p> <p>“A melhoria da educação dos nossos filhos.” (I20)</p>



			<p>“Juntos podem criar uma “escola” à imagem de cada um, mas também há imagem da comunidade em que se insere, repercutindo-se na formação/educação dos alunos.” (I21)</p> <p>“Melhorar na aprendizagem e na construção dos valores dos educandos.” (I24)</p> <p>“Beneficiam na medida em que conseguem influenciar a melhoria das condições e ensino dos seus filhos.” (I30)</p>
		Adequação do ensino	<p>“Ensino adequado.” (I3)</p> <p>“Alinhamento, compreensão, melhoria dos processos, da educação e do ensino assim como a gestão das expectativas de ambas as partes.” (I9)</p>
	Envolvimento das famílias com a escola	-	<p>“Ficam mais tranquilas e envolvidas.” (I6)</p> <p>“Envolvem-se na educação do filho.” (I10)</p> <p>“Quanto mais próximas, mais correctamente é possível corrigir alguma situação ocorrida menos satisfatória.” (I11)</p> <p>“Conhecemos a vida escolar dos nossos filhos mais de perto.” (I13)</p> <p>“Um melhor corelacionamento de pais e alunos, com o [C].” (I14)</p> <p>“Sente-se parte da instituição, e sentem que participam ativamente na educação dos filhos.” (I17)</p> <p>“Ao participarem as famílias têm um maior contacto com o [C] podendo sempre contribuir para uma melhoria contínua, quer do aproveitamento do educando, quer das atividades que são desenvolvidas, quer das condições existentes no [C] e até mesmo da própria relação entre os elementos da família.” (I18)</p>



		<p>“Os benefícios mais importantes são o debate de várias opiniões e a tomada de decisão, sempre que é permitida, de forma democrática. O contacto e comunicação permanente com o [C] permite aos pais conhecer melhor o método de ensino, a equipa do [C], os momentos importantes do dia dos seus filhos e as atividades que se levam a cabo todas as semanas. Considero este contacto fundamental pois permite, em casa, dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo [C].” (I22)</p> <p>“Perceção de melhoria do bem comum.” (I25)</p> <p>“Melhor desenvolvimento com a escola.” (I27)</p>
	Reciprocidade	<p>“Havendo reciprocidade ambos beneficiam.” (I5)</p> <p>“Sim, pois ficam alinhadas as duas realidades.” (I28)</p>
	Controlo/ Pressão sobre os membros	<p>“A participação dos pais deve ser controlada.” (I16)</p> <p>“Sim se for de comum acordo sem prejudicar ninguém. Tomar medidas corretivas.” (I23)</p> <p>“Têm o poder de exercer maior pressão sobre a direção.” (I26)</p>